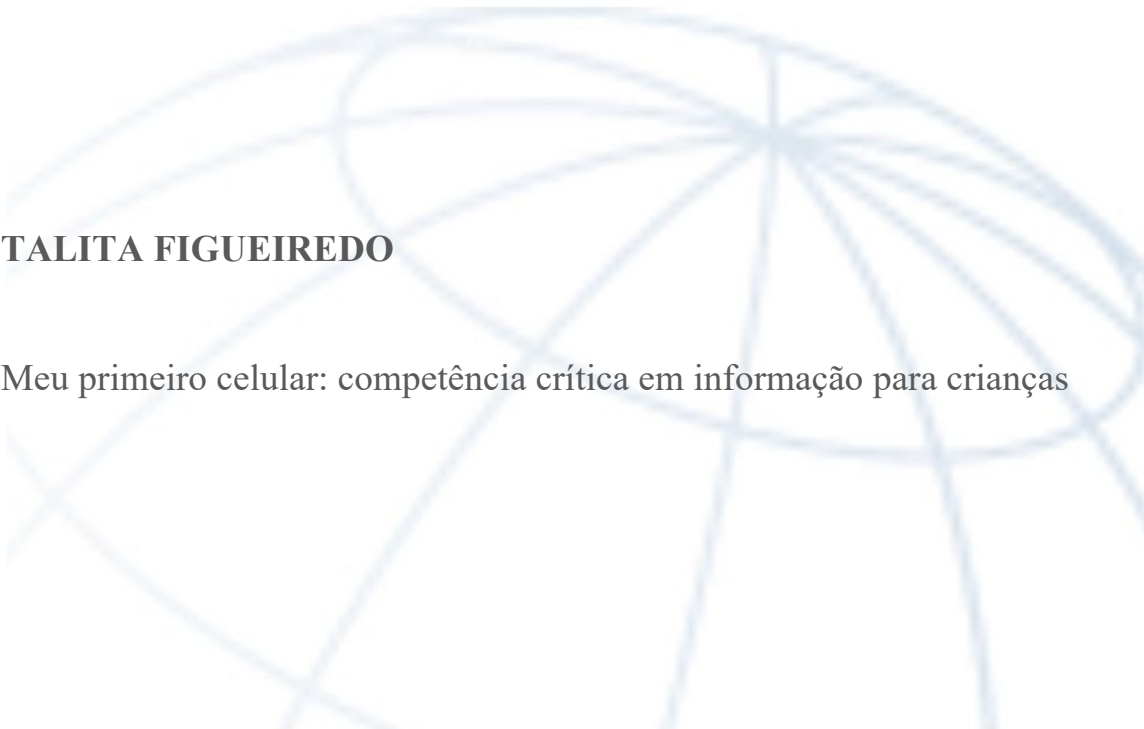




TALITA FIGUEIREDO

Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças

Dissertação de mestrado
abril de 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA -
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

TALITA FIGUEIREDO

Meu primeiro celular:
competência crítica em informação para crianças

RIO DE JANEIRO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA -
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

TALITA FIGUEIREDO

Meu primeiro celular:
competência crítica em informação para crianças

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra

RIO DE JANEIRO

2021

TALITA FIGUEIREDO

Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em 6 de abril de 2021.

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra – orientador

Prof. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (suplente)

Para Tiago, por quem me
mantenho em constante
(r)evolução.

AGRADECIMENTOS

Tiago, por possibilitar que eu voltasse a ver o mundo por olhos infantis, curiosos e científicos; por me fazer não apenas acreditar, mas me instigar a agir em prol de um futuro melhor por mim, por você, pelos outros, por nós. Tudo, no fim das contas, é por você, meu filho. Inclusive esta dissertação, fruto da minha eterna tentativa de melhor maternar. Seus beijos e abraços, seu companheirismo constante e os bilhetinhos de “boa sorte”, “vai dar certo” e “eu te amo” me deram força para enfrentar esses dois anos.

Papi, por ter sido um exemplo de amor e dedicação aos filhos. Tenho certeza de que, do outro plano, você celebra comigo esta conquista.

Mami, por fazer de mim uma mulher independente e me dar asas para que pudesse alçar meus próprios voos. E por ser a melhor vovó que meu Tiago poderia ter!

Peps, meu PhD favorito, cientista desde que usava meus perfumes para poções e criava aranhas e gafanhotos para avaliar a evolução das espécies.

Tasso, obrigada por compreender as horas de estudo, por segurar a onda do moleque e ser um pai tão carinhoso com nosso menino.

Minha irmã de vida Tici, baiana arretada, amiga leal. Obrigada por estar sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e nos mais felizes nestes quase 20 anos de amizade. Sassá, mulher guerreira, minha amiga de conversas infindáveis. Duda, furacão de pessoa com um coração gigantesco. Amigas, obrigada pelo amor, pelo colo, pelas centenas de dezenas de milhares de brindes com risos e choros. E mais, obrigada por amarem tanto meu Tiago e por permitirem a ele ter as primas (Clara e Catarina) e primos (Felipinho e Dani) do coração, que ele ama como irmãs e irmãos. E eu, por tudo isso, amo muito vocês.

Ana Lúcia, amiga querida, que me acompanhou de perto nestes dois anos de mestrado, parceira de produção acadêmica, de centenas (ou milhares) de áudios no Zap, de dúvidas científicas, existenciais e maternas. Gata, certamente este período, e o próximo que se inicia, são muito melhores porque tenho você caminhando comigo.

Teacher querido, Arthur Bezerra, por ter abraçado o tema desta dissertação. Obrigada pelo apoio acadêmico, por ouvir os áudios gigantes (*sorry!*, prometo melhorar), pelas figurinhas engraçadas no Zap e pelo convívio tão divertido e instigante nas aulas e nos almoços no pré-pandemia. Aguenta mais quatro anos? (☺)

Aos professores participantes da banca examinadora, Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante e Marco Schneider, muito obrigada pela disponibilidade e pelas ricas contribuições.

Aos colegas ingressantes em 2019 no PPGCI/IBICT-UFRJ, do mestrado e doutorado, com quem desfrutei momentos deliciosos de debates acadêmicos e étlicos (pré-pandemia). E ainda aos caros mestres e funcionários deste programa, que tanto contribuíram nesta minha retomada acadêmica.

Agradeço ainda as 154 pessoas que dispuseram de tempo para responder o questionário online que tornou possível esta pesquisa, especialmente aos 15 que participaram da entrevista virtual.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Quanto mais crítico um grupo humano,
tanto mais democrático e permeável, em regra.
Tanto mais democrático,
quanto mais ligado às condições de sua circunstância.
Tanto menos experiências democráticas
que exigem dele o conhecimento crítico de sua realidade,
pela participação nela, pela sua intimidade com ela,
quanto mais superposto a essa realidade
e inclinado a formas ingênuas de encará-la.
A formas ingênuas de percebê-las.
A formas verbosas de representá-la.
Quanto menos criticidade em nós,
tanto mais ingenuamente tratamos os problemas
e discutimos superficialmente os assuntos.*

(Paulo Freire)

RESUMO

FIGUEIREDO, Talita. **Meu primeiro celular**: competência crítica em informação para crianças. 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

O ingresso, precoce e prolongado, das crianças ao universo *online* chama a atenção para a necessidade de desenvolvimento de capacidades para lidar com as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital, bem como para se proteger dos riscos inerentes a ele. A pandemia do novo coronavírus, e o consequente isolamento social, alterou hábitos das crianças no uso das TICs, ampliando tipos de uso e, principalmente, o tempo que dispendem no manuseio do celular. Este trabalho pretende, primeiramente, desconstruir a noção aparentemente consagrada pelo senso comum de que estes “nativos digitais” nascem preparados para usar equipamentos eletrônicos porque demonstram competência instrumental no manusear cotidiano das telas, sendo o *smartphone* a principal delas. Dessa forma, nos baseamos no conceito de competência crítica em informação (CCI) para argumentar pela necessidade de crianças desenvolverem uma atitude crítica para lidarem de forma segura, ética e saudável com uma série de fenômenos a que são expostas no momento em que se tornam consumidoras e produtoras de informação. Nosso objetivo geral é investigar e analisar as estratégias que pais e mães de crianças entre 8 e 12 anos usam para estimular a competência crítica em informação dos filhos e filhas no uso de celulares. No que concerne a metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa que inclui, além do levantamento bibliográfico perpassando os campos da Ciência da Informação, Comunicação Social, Filosofia e Pedagogia, a análise de dados empíricos obtidos por meio da aplicação de 154 questionários digitais e da realização de 15 entrevistas semidirigidas em profundidade, ambos por meio virtual. As respostas foram avaliadas a partir de categorias propostas para tratar dos tipos de uso que as crianças fazem do celular, do tempo de uso dedicado ao dispositivo e da forma de condução da mediação parental. Apuramos que, embora algumas estratégias estejam mais voltadas para a restrição de forma a evitar os riscos do uso do celular, alguns responsáveis se pautam no diálogo como forma de conscientizar a criança, aproximando-se da CCI e da pedagogia crítica.

Palavras-chave: Competência Crítica em Informação; Crianças; Celular; TICs; Pedagogia Crítica.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, TALITA. **Meu primeiro celular**: competência crítica em informação para crianças. 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

The early and prolonged access of children into the online universe draws attention to the importance of the development of skills so they enjoy the opportunities offered by the digital environment, as well as protect themselves from the risks. The pandemic of the new coronavirus, and the consequent social isolation, changed the habits of children in the use of the ICTs, mainly the time they spend online. This work aims, first, to deconstruct the common sense that reverberates that the “digital natives” are born ready to use electronic equipment because they demonstrate instrumental skills in the daily handling of screens, the mobile being the most common one. For this, we base ourselves in the concept of critical information literacy to advocate the need for children to develop a critical attitude to deal in safe, ethical and healthy ways with a series of phenomena to which they are exposed when they become consumers and producers of information. The general objective of this work is to investigate and analyze the strategies that fathers and mothers of children between 8 years old and 12 years old use to promote the critical information literacy of sons and daughters in the use of smartphones. Regarding the methodology, this is a qualitative research that included, in addition to the bibliographical review covering the fields of Information Science, Social Communication, Philosophy and Pedagogy, the analysis of the empirical data obtained through the application of 154 questionnaires and the realization of 15 in-depth semi-structured interviews, both digitally accomplished. The responses were evaluated based on categories that cover the types of use of the mobile, the time children spend using the device and the way in which parental mediation is conducted. We found that, although some strategies are more focused on restricting the use of the smartphone to avoid its risks, some parents establish a dialogue to raise awareness on ICTs use, approaching the fundamentals of critical information literacy and critical pedagogy.

Keywords: Critical Information Literacy; Kids; Mobile, ICTs; Critical Pedagogy

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meme extraído do Facebook	37
Figura 2 – A escada para a participação <i>online</i>	57
Figura 3 – Gênero das crianças	78
Figura 4 – Idade das crianças	79
Figura 5 – Crianças com celular próprio	79
Figura 6 – Idade que ganhou o celular	80
Figura 7 – Idade que os pais planejam dar um <i>smartphone</i> para a criança	82
Figura 8 – Principais tipos de uso do celular	83
Figura 9 – Mudanças no tipo de uso do celular durante a pandemia	83
Figura 10 – Redes sociais nas quais a criança está inscrita	84
Figura 11 – Pais gostariam de passar menos tempo conectados	85
Figura 12 – Idade das crianças filhas dos entrevistados individualmente	86
Figura 13 – Pais orientam os filhos no uso da internet	95
Figura 14 – Pais consideram que a criança faz uso responsável do celular	102
Figura 15 – Crianças têm mais habilidade técnica que os responsáveis	104
Figura 16 – Cartilha ensina sobre discurso de ódio	107
Figura 17 – Cartilhas ensinam sobre o uso seguro da internet	108
Figura 18 – Cartilha ensina sobre <i>nudes</i>	109
Figura 19 – Inclinação da cabeça pressiona a coluna cervical	110
Figura 20 – Tempo de uso do celular por crianças	110
Figura 21 – Avaliação quanto ao tempo de uso do celular pela criança	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alguns Riscos do Ambiente Digital	55
Quadro 2 – Algumas Oportunidades do Ambiente Digital	57
Quadro 3 – Dimensões das Tecnologias e Computação da BNCC	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crianças têm dificuldade em controlar seu tempo de uso do celular.....	116
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL – Association of College & Research Libraries
ALA – American Library Association
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
BRAPCI – Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CCI – Competência Crítica em Informação
CI – Ciência da Informação
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil
CoInfo – Competência em Informação
CNS - Conselho Nacional de Saúde
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
FGV – Fundação Getúlio Vargas
GKO – Global Kids *Online*
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
MEC – Ministério da Educação
NIC.br – Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
PPGCI - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
TIC(s) – Tecnologia(s) de Informação e Comunicação
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 NATIVOS DIGITAIS, METÁFORA A SER DESNATURALIZADA.....	19
1.2 COINFO E CCI.....	23
1.3 JUSTIFICATIVA	27
1.4 OBJETIVOS.....	29
 2 VOCÊ ESTÁ CONECTADO: SOBRE RISCOS E OPORTUNIDADES.....	32
2.1 AUTONOMIA E ÉTICA.....	41
2.2 RISCOS DO AMBIENTE DIGITAL.....	47
2.3 OPORTUNIDADES DE PARTICIPAÇÃO ATIVA.....	56
2.4 POLÍTICAS PÚBLICAS.....	65
 3 METODOLOGIA E ANÁLISES PRELIMINARES	73
3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	78
3.1.1 Celular próprio.....	79
3.1.2 Tipos de uso.....	82
3.2 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....	85
3.2.1 Meu primeiro celular.....	86
 4 MEDIAÇÃO PARENTAL E ATITUDE CRÍTICA.....	88
4.1 OPORTUNIDADES.....	88
4.2 RISCOS.....	91
4.3 ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PARENTAL	93
4.4 ATITUDE CRÍTICA	105
4.4.1 Uso seguro	106
4.4.2 Uso ético	108
4.1.2 Uso saudável	109
4.5 ESTE CELULAR ESTÁ FORA DA ÁREA DE COBERTURA	112
 5 CONCLUSÃO	123

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
7 APÊNDICES.....	139
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
APÊNDICE B – Questionário <i>online</i>	
APÊNDICE C – Guia para as entrevistas semidirigidas	
APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas individuais	

1 INTRODUÇÃO

*Lápis, caderno, chiclete, pião
Sol, bicicleta, skate, calção
Esconderijo, avião, correria, tambor
Gritaria, jardim, confusão
Bola, pelúcia, merenda, crayon
Banho de rio, banho de mar, pula-cela, bombom
Tanque de areia, gnomos, sereia
Pirata, baleia, manteiga no pão
Giz, merthiolate, band-aid, sabão
Tênis, cadarço, almofada, colchão
Quebra-cabeça, boneca, peteca
Botão, pega-pega, papel, papelão*

(Criança não trabalha - Arnaldo Antunes / Paulo Tatit)

Crianças estão usando, cada vez mais cedo, e por cada vez mais tempo, dispositivos móveis conectados à internet. A cena é comum em parques, restaurantes, no pátio da escola, na festinha, no sofá de casa, no carrinho de bebê e até no berço. Há crianças pequenas com tanto apego ao dispositivo que o batizam com apelidos especiais. Quem tem filho sabe. “Mãe, me empresta o celular?” é indagação diuturna, entremeada apenas, e estrategicamente, com “mãe, quando vou ganhar o meu?”.

Apesar de não ser um brinquedo, a criança tem hoje no dispositivo um objeto de desejo que substitui presentes tradicionais. A pressão desse público para ganhar um *smartphone* próprio começa antes mesmo de saber ler e escrever: 35% das crianças até 3 anos de idade já pediram um celular de presente – dos 4 aos 6 são 75%, dos 7 aos 9, 92% e dos 10 a 12, 93%. Os dados são da Pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box (2020)¹, feita com 1.982 brasileiros que acessam a internet, possuem *smartphone* e são pais e mães de crianças de 0 a 12 anos, respeitando as proporções de gênero, idade, renda mensal e distribuição geográfica desse grupo. O levantamento registra ainda o crescimento de 23% para 32%, entre 2018 e 2020, do número de crianças entre 4 e 6 anos que já possuem um aparelho para chamar de seu - o índice aumentou de 44% para 52% na faixa etária que vai dos 7 aos 9 anos e manteve-se estável na faixa etária que vai dos 10 a 12 (de 74% para 76%).

Mesmo as crianças que não têm aparelho próprio fazem uso da tecnologia. A pesquisa TIC Kids Online 2019 (CGI.br, 2020) revela que a população entre 9 a 17 anos é usuária mais intensa (89%) de internet do que a média da população geral brasileira

¹ Disponível em: <https://panoramamobiletime.com.br/criancas-e-smartphones-no-brasil-outubro-de-2020/>
Acesso em: 23 nov. 2020

(70%) – cinco anos atrás, o índice de uso das crianças resumia-se a 21%. Entre os mais novos, 9 e 10 anos, 79% já são usuários. De acordo com o estudo, 95% das crianças e jovens usam preferencialmente o *smartphone*, e um número relevante (58%) usa exclusivamente o dispositivo para se conectar à rede mundial de computadores.² Levantamento do Google (2019) aponta que nove anos é a idade média em que as crianças ganham seu dispositivo próprio para acessar internet e se comunicar – um ano antes a idade média era 10 anos. A tendência, como faz crer a pesquisa Mobile Time/Opinion Box, é de uma redução acelerada dessa idade em poucos anos.

O grande problema apontado pelos estudos é a falta de preparo, de habilidades específicas das crianças e adolescentes para lidar com as incompatibilidades e inconsistências da rede mundial. A sobrecarga informacional da rede é uma realidade que muitas vezes produz sentimentos de frustração, irritação, ansiedade, confusão e estresse (...). É necessário que as crianças e adolescentes desenvolvam habilidades específicas que os capacitem a lidar de forma bem-sucedida com a informação disponível na internet (...). Ao acessarem as informações, crianças e adolescentes precisam estar preparados para trabalhá-las apropriadamente e serem capacitados para discernir em que informações confiar, quais rejeitar, o que é pertinente ou não (FIALHO; ANDRADE, 2007, p.32).

Nos últimos anos, o debate em torno da proibição e do controle no acesso à rede, rotineiramente feito de forma autônoma e indiscriminada, se insere lentamente no contexto familiar e escolar. Pode-se assumir que, até março de 2020, para muitas mães e pais brasileiros, ainda era possível prologar o tempo *offline* da vida de seus filhos e filhas – ainda que a partir de um esforço, por vezes, hercúleo. De uma hora para outra, a permanência *online* tornou-se inevitável. A partir da pandemia do novo coronavírus, diante da imposição legal do isolamento social, quase a totalidade das interações pedagógicas, sociais e de entretenimento da população foram transportadas para o ambiente virtual. Nesse contexto, a preparação das crianças em direção a uma atitude crítica, baseada no uso seguro, ético e saudável destes equipamentos, tornou-se ainda mais premente.

Quem tinha dúvidas ou preferia um discurso mais catastrófico ao se referir ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelos mais novos precisou se render ao chamado “novo normal” global. A pandemia da covid-19 fez do celular um aliado, seja para acessar o ambiente virtual construído pelas escolas, seja para oferecer entretenimento em meio ao isolamento social. Mas, principalmente, para se comunicar

² É importante ressaltar, principalmente no contexto da pandemia do novo coronavírus, que a pesquisa *TIC Kids Online* mostra também que, apesar do grande número de jovens conectados (23 milhões de brasileiros entre 9 e 17 anos), há uma parcela relevante de 1,8 milhões de indivíduos desta faixa etária que não são usuários de internet. Destes, 1,6 milhão relatou morar em domicílios sem acesso à rede.

virtualmente com amigos e parentes, amenizando um pouco da saudade, ansiedade e angústia de um tempo tão difícil para todos, incluindo as crianças.

Mudança de perspectiva ou paradigma? Talvez não. O determinismo, mais do que nunca, precisa ser deixado de lado, bem como a noção de que a tecnologia, por si só, tem impacto (positivo ou negativo). A tecnologia não é tampouco neutra, já que seus usos refletem os objetivos de quem está por trás de sua criação e da cultura da sociedade onde está inserida. “Por trás das técnicas, no meio delas, agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, o espectro inteiro dos jogos humanos em sociedade”, lembra o sociólogo Piérre Levy, em artigo na Folha de São Paulo (1997)³. Fato é que, se as TICs já eram consideradas centrais nas sociedades desenvolvidas do século XXI, adquiriram protagonismo ainda mais relevante em tempos de pandemia. Mesmo os pais e mães mais refratários precisaram se render ao uso de uma série de tecnologias e o celular conectado à internet tornou-se ferramenta útil na hora de educar, entreter e socializar.

Na nova situação que experimentamos em 2020 e que permanece neste começo de 2021, e na medida em que parece ter se tornado irreversível o ingresso precoce e prolongado ao mundo digital, por meio de um aparelho que cabe na palma da mão e que pode ser sorrateiramente “guardado” até embaixo do travesseiro, argumenta-se mais do que nunca pelo desenvolvimento da competência crítica em informação (doravante denominada CCI) das crianças no uso dos equipamentos eletrônicos, personificado pelo mais usado por eles: o aparelho celular. Cabe ressaltar que o termo “crítica”, incorporado ao conceito da competência em informação (*information literacy*), torna-o novo conceito que busca criticar as definições institucionais do primeiro, que por muito tempo priorizaram as habilidades instrumentais de localizar, avaliar e suprir suas necessidades informacionais com eficiência e eficácia.

No caso desta pesquisa, nosso intuito é desconstruir em termos científicos a noção consagrada pelo senso comum de que as crianças nascem preparadas no uso dos equipamentos eletrônicos porque demonstram competência instrumental no manusear cotidiano das telas. E, ao mesmo tempo, priorizar a perspectiva da avaliação crítica e do uso ético destes equipamentos, mirando o ganho progressivo de autonomia, de forma que seus usuários sejam capazes de colher as inúmeras oportunidades que essas ferramentas podem oferecer, não apenas para o entretenimento, para o estudo e para o contato

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170803.htm> Acesso em: 01/08/2020.

com os amigos, mas também para a formação pedagógica orientada à futura participação ética e cidadã na sociedade. Destacamos que, neste trabalho, adotamos os fundamentos da teoria crítica e a perspectiva da pedagogia crítica freiriana, na qual a criança é protagonista em seu educar. A CCI é usada nesse forjar, tendo como objetivo conduzi-la a minimizar os riscos oferecidos nos ambientes digitais e melhor aproveitar as oportunidades disponíveis no mundo virtual.

1.1 NATIVOS DIGITAIS, METÁFORA A SER DESNATURALIZADA

Uma criança de dois anos que mal sabe falar é capaz de aprender rapidamente a destravar a tela do celular e escolher, no YouTube, por exemplo, o canal que mais gosta. Aos três ou quatro já telefona sozinha para parentes e manda mensagens por redes sociais como o WhatsApp. Aos seis, já grava vídeos e aos oito está ensinando aos pais os atalhos dos dispositivos tecnológicos. Impressiona a agilidade das crianças no aprendizado das maneiras de tentar informar o que pensam e sentem a partir de cliques no celular. Sem saber ler ou escrever, por meio de voz ou de *emojis*, são perfeitamente capazes de interagir com amigos ou parentes em redes sociais. A desenvoltura técnica e instrumental com que lidam com dispositivos tecnológicos não deve, no entanto, ser confundida com a competência crítica, ética, e até emocional para fazer uso cotidiano e desassistido destes aparatos.

Por desespero ou comodidade – destaco que aqui não há juízo de valor – na sociedade contemporânea, tornou-se natural que pais e mães entreguem *smartphones* às crianças, independentemente de quão novas sejam, para que tenham algum tempo livre. Seja para trabalhar, estudar, ler um livro ou simplesmente lavar a louça. Nos tempos de *home office* imposto pela pandemia, o recurso tornou-se ainda mais usual. E a criança, como esperado, fica quietinha, absorta.

Confesso que não foram poucos os momentos em que me vi tentada, eu mesma, a lançar mão deste artifício durante a elaboração deste texto, em meio à pandemia, com um saudavelmente inquieto e falante menino de nove anos – exatamente como deve ser uma criança. O percurso, atesto, tornou-se mais desafiador pelas convicções pessoais de que este não é um caminho a ser mantido ininterruptamente e sem controle. Sim, meu filho usa o celular, joga com os amigos, pesquisa, conversa com parentes. Mas há limites – maiores do que os que ele gostaria, e menores do que eu vislumbro como ideais, em condições perfeitas de temperatura e pressão.

Como alerta Buckingham, é preciso ter cautela com a “retórica fácil da chamada ‘geração digital’, ou seja, a ideia de que os jovens estão ativamente se comunicando e criando *online*, já que possuem uma espontânea afinidade com a tecnologia que os mais velhos não têm” (2007, p. 9). Nesse sentido, faz-se necessário pensar na apropriação infantil das tecnologias, muito além do uso instrumental ou técnico de aplicativos e dispositivos e ampliar a discussão sobre o comportamento *online*, a responsabilidade e o discernimento necessários para o uso cotidiano desses equipamentos.

Pelo que se pôde averiguar, a expressão nativo digital foi usada pela primeira vez em 1996, quando o ciberativista John Perry Barlow, um dos fundadores da Electronic Frontier Foundation, lançou “A Declaração da Independência do Ciberespaço no Fórum Econômico Mundial de Davos”⁴, na Suíça. O documento era inspirado na declaração da independência norte-americana e criticava a regulação da internet. Barlow defendia que o ciberespaço era um ambiente autônomo e que não deveria ser submetido à autoridade de nenhum governo. O manifesto tinha um quê de idealismo, de utopia. Um dos pioneiros da internet, ele previa à época que o ciberespaço seria um mundo

[...] em que todos podem entrar sem privilégios ou preconceitos de raça, poder econômico, força militar ou lugar de nascimento; onde qualquer pessoa, em qualquer lugar, poderá expressar suas crenças, independentemente de quão particulares elas sejam, sem medo de ser coagido ao silêncio ou a conformidade. (BARLOW, s/p, tradução nossa)⁵.

Em um dado momento do texto, o ciberativista contrapôs as expressões nativo digital e imigrante digital ao afirmar que os pais não se sentem à vontade num mundo permeado pelas tecnologias, diferentemente dos filhos. “Vocês estão aterrorizados com seus próprios filhos, por eles serem nativos em um mundo onde vocês sempre serão imigrantes” (BARLOW, 1996, s/p, tradução nossa)⁶.

No entanto, a metáfora se popularizou mundialmente a partir de um artigo escrito pelo consultor educacional Marc Prensky, em 2001⁷, no qual dissertava sobre a diferença entre um aluno daquela época, início do século 21, que cresceu no mundo cercado de computadores, máquinas digitais e acesso à internet, e seus professores, nascidos em décadas analógicas. Prensky argumentava que havia uma dificuldade de diálogo entre

⁴ Disponível em: <https://www.eff.org/cyberspace-independence> Acesso em 11 de out. 2020.

⁵ “... all may enter without privilege or prejudice accorded by race, economic power, military force, or station of birth. We are creating a world where anyone, anywhere may express his or her beliefs, no matter how singular, without fear of being coerced into silence or conformity.”

⁶ “You are terrified of your own children, since they are natives in a world where you will always be immigrants.”

⁷ Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 01 out. 2020.

essas gerações advinda das mudanças tecnológicas e que ensejavam modificações também no sistema educacional. Em um trecho, o consultor pondera que a melhor denominação para os jovens de então era “nativos digitais”, pela familiaridade com a linguagem digital. Isso faria do resto de nós, a pesquisadora aqui incluída, imigrantes neste novo mundo cibernético.

Os imigrantes digitais são os *baby-boomers* (pós-segunda guerra mundial), a geração X (décadas de 1960 e 1970) e os *early millenials* (que abarca as pessoas da geração Y nascidas na década de 1980). Os nativos são os *millenials* da década de 1990 e a geração Z do século. Essa diferenciação, apontam Arthur Coelho Bezerra e Talita Figueiredo (2020), reforça a tese de que, nos últimos 20 a 25 anos,

[...] vivemos em um novo regime de informação, demarcado por uma divisão entre as gerações que foram educadas e socializadas em ambientes permeados pelas tecnologias digitais e aquelas que viveram a transição dos tempos analógicos para a chamada “sociedade da informação”. (BEZERRA; FIGUEIREDO, 2020)⁸.

O aumento do alcance da digitalização, principalmente a partir dos anos 1990, permitiu que novos canais e novos agentes passassem a participar do regime de mediação da informação, para o qual Bezerra (2017) propõe o termo “novo regime global de mediação da informação” para abordar as mudanças nas práticas de mediação da informação que ocorrem nas redes digitais. Uma mediação que acontece por meio dos algoritmos, uma mediação tecnológica.

Cabe lembrar, como destaca o teórico da cultura da convergência Henry Jenkins (2007), que inserir todos os jovens na categoria dos nativos digitais mascara a desigualdade digital, por nos fazer inferir que todos têm os mesmos graus de acesso e conforto com as tecnologias. Em um país desigual como o Brasil em todos os aspectos, aqui incluído o acesso à infraestrutura tecnológica, atentar para este fato alcança relevância ainda maior.

Falar de nativos digitais pode tornar mais difícil que prestemos atenção à exclusão digital (...). Falar sobre os jovens como nativos digitais faz crer que existe um mundo compartilhado por todos esses jovens e um corpo de conhecimento que todos eles dominam. (JENKINS, 2007, s/p, tradução nossa)⁹.

⁸ Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/8ulepiccbr/trabalho/136424> Acesso em: 10 nov. 2020.

⁹ *Talk of digital natives may make it harder for us to pay attention to the digital divide (...) Talking about youth as digital natives implies that there is a world which these young people all share and a body of knowledge, they have all mastered, rather than seeing the online world as unfamiliar and uncertain for all of us.*

Na atualidade, toma-se literalmente a metáfora proposta por Barlow e Prensky. Quem nunca ouviu alguém repetir que “as crianças de hoje” têm habilidades especiais, que já “nasceram conectadas”, que já “nasceram sabendo” usar a tecnologia. Mas é aí onde mora o perigo. Jenkins (2007) pontua que, ao contrapor nativos e imigrantes digitais, há ainda uma tendência em se exagerar as lacunas entre os pais, vistos como desastrados e quase débeis, e os jovens, vistos como magistrais. “Neste processo, enfraquece-se os adultos, encorajando-os a se sentirem desamparados e, assim, justificando sua decisão de não saber e de não se importar com o que acontece aos jovens conforme eles entram no mundo *online*” (JENKINS, 2007, s/p, tradução nossa)¹⁰.

Nesse sentido, chamamos a atenção para o fato de que a desenvoltura técnica com que crianças lidam com dispositivos tecnológicos não deve ser confundida com a competência crítica, ética e emocional para fazer uso destes aparatos sem o preparo adequado. Voltando a Barlow, não acreditamos que os pais devam se assustar com as habilidades instrumentais para que, como apontou Jenkins, a responsabilidade e a necessidade de forjar neles uma competência crítica para o uso dos apetrechos tecnológicos não seja ofuscada.

Isto posto, este trabalho convida pais, mães e educadores à reflexão. Primeiro, pretende instigá-los a rechaçar e desnaturalizar o discurso de que as crianças do século XXI têm competências especiais por serem nativos digitais. Não é porque nasceram em uma época na qual as TICs estão entranhadas no nosso cotidiano, 24 horas por dia, sete dias na semana, que são capazes de “se virar”. Por mais que nos tenhamos habituado a ver o celular como uma extensão do corpo humano, tanto de adultos, quanto de crianças, é necessário sair do automático. Perceber que o celular na mão de uma criança, por mais costumeiro que seja, sem a mediação (parental num primeiro momento, posteriormente estendida ao universo escolar), oferece inúmeros riscos.

Também é uma tentativa de buscar a mediania na avaliação sobre a tecnologia e seu uso. Devo admitir que, ao iniciar meu percurso neste mestrado, tendenciosamente focava mais nos riscos oferecidos pela tecnologia. Em meio à pandemia, e por causa do supracitado moleque de 9 anos em casa, fui forçada não somente a admitir a gama de oportunidades oferecidas pelas TICs, mas a abraçá-las. Chamadas de vídeo para os parentes, jogos *online*, por meio dos quais as estratégias em parceria trouxeram amigos

¹⁰ *In the process, it disempowers adults, encouraging them to feel helpless, and thus justifying their decision not to know and not to care what happens to young people as they move into the on-line world.mastered, rather than seeing the online world as unfamiliar and uncertain for all of us.*

quase que para “dentro de casa”, bem como o uso de aplicativos que dão margem à expansão da imaginação, têm sido ferramentas fundamentais na vida não só dos adultos, mas também das crianças.

Num momento em que o isolamento social se fez imprescindível para a saúde pública no país, o universo *online* se mostrou a única forma de manter contato com aqueles que amamos. E é justamente o uso mais intenso da tecnologia por todos que nos dá a certeza de que ela, nem de longe, substitui o contato real do mundo *offline*. Pouco mais de um ano depois do início da pandemia, a vida não voltou ao normal, a perspectiva é de que o ensino remoto se mantenha por muitos meses¹¹, mesmo que de forma híbrida, o contato social não foi plenamente reestabelecido e é desencorajado pelas autoridades sanitárias em todas as partes do mundo. Se, por um lado, em hipótese nenhuma devemos perder de vista os malefícios do uso prolongado das TICs, também não devemos perder de vista que a tecnologia em si não é problema, e sim o uso que se faz dela.

1.2 COINFO E CCI

A Ciência da Informação está inexoravelmente ligada à tecnologia e é participante ativa na sociedade da informação, nos afirma Tefko Saracevic (1996). Ao mesmo tempo, "a CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia" (SARACEVIC, 1996, p.42). Com os desafios que se impunham no enfrentamento dos problemas que emergiam da explosão informacional (era o pós-2ª Guerra Mundial e em meio à Guerra Fria), nos anos de 1970 começaram a nascer estratégias que visavam a preparar os cidadãos para aprender a usar os recursos necessários (tecnológicos e humanos) para lidar com a informação. Uma delas foi a *information literacy*, em português competência em informação (CoInfo).

O conceito de *information literacy*, em inglês, apareceu pela primeira vez em 1974 no documento *The Information Service Environment Relationships and Priorities*¹², encomendado pela Comissão Nacional de Bibliotecas e de Ciência da Informação (NCLIS, na sigla em inglês) ao bibliotecário Paul Zurkowski. O estudioso sugeria ao

¹¹ O Ministério da Educação (MEC) homologou resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) de outubro de 2020 que permitiu que as escolas públicas e particulares ofereçam o ensino remoto enquanto durar a pandemia. A continuidade das aulas e atividades online em 2021 é dada como certa, ao menos parcialmente, em todo o território nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/o-ministro-da-educacao-milton-ribeiro-homologou-o-parecer-no-19-do-conselho-nacional-de-educacao> Acesso em: 19 dez. 2020.

¹² Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED100391> Acesso em 15 dez. 2020.

governo estadunidense, como estratégia para enfrentar o excesso de informação, um grande programa nacional que objetivava atingir a *information literacy* universal em dez anos (até 1984). Nesse sentido, a competência em informação era algo bastante voltado para a técnica: como fazer para encontrar a informação certa que possibilitasse a tomada de decisão ideal. Eficiência e eficácia eram o mote.

Como aponta Elisabeth Dudziak (2016) em sua historiografia do termo, o contexto da Era da Informação impulsionou a ALA (American Library Association) a estabelecer um comitê, o Presidential Committee on Information Literacy (PCIL), para definir o conceito e sua relevância (1), desenhar modelos para o desenvolvimento dessas competências (2) e alinhá-lo à necessidade de uma educação continuada (3). Na introdução do relatório final, a comissão aponta que uma pessoa competente em informação “deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (1989, s/p, tradução nossa)¹³. Havia no conceito, ainda, um foco bastante instrumental.

Ao longo dos anos, o termo tem sido traduzido de diferentes maneiras na literatura brasileira: competência em informação (ou informacional), habilidade informacional, literacia informacional (encontrado habitualmente em Portugal), letramento informacional e alfabetização informacional (mais frequente em países de língua espanhola). Há algumas diferenças entre eles, fartamente relatados pela academia. Na CI, “competência em informação” (doravante CoInfo) tem sido, nos últimos anos, o termo usado na maior parte das publicações, eventos acadêmicos, grupos e linhas de pesquisa sobre o tema (BEZERRA; BELONI, 2019).

A CoInfo guarda semelhanças com os pressupostos da educação midiática (*media literacy*), conceito usado principalmente na Comunicação Social, mas também na Pedagogia. A discussão é encontrada em achados acadêmicos, em alguma medida, em todo século passado (em estudos sobre o rádio, sobre o cinema, sobre a mídia impressa, televisão e, mais recentemente, mídias digitais). A exemplo da *information literacy*, o tema ganhou força também na década de 1970, quando passou a fazer parte do currículo escolar de países da Europa, como Reino Unido e França, bem como dos EUA. Foi também nesta época que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) colocaram o assunto na lista de suas prioridades para as décadas

¹³ (...) must be able to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the needed information. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential> Acesso em 15 dez. 2020.

seguintes. Grosso modo, a educação midiática quer ensinar o indivíduo a diferenciar os inúmeros tipos de mídia e capacitá-los a entender suas mensagens.

O filósofo e teórico da comunicação canadense Marshall McLuhan, autor das célebres expressões “aldeia global” e “o meio é a mensagem”, teve importante papel na construção das ideias de educação midiática ao se debruçar sobre as transformações que o uso das diversas mídias (cada uma com sua própria forma de comunicar) tinham sobre os seres humanos e sobre a nossa cultura. Ele próprio atuou em prol da educação para o uso das mídias (bem antes da digitalização). Em 1960, ele publicou o relatório *Report on Project in Understanding Media*, a pedido do governo americano, e que tinha como propósito “oferecer uma abordagem e um programa de estudos para o ensino da natureza e dos efeitos da mídia no Ensino Médio” (MCLUHAN, 1960, p. 1, tradução nossa)¹⁴.

Com a digitalização das mídias e o uso cada vez mais frequente das TICs, a Unesco juntou os estudos da mídia e da informação no que chama de alfabetização midiática e informacional (englobando as mídias impressa e digital).

A Unesco imagina a combinação de todas as competências abrangidas pela AM [alfabetização midiática] e AI [alfabetização informacional], fundindo, assim, essas duas áreas anteriormente distintas sob um único termo: alfabetização midiática e informacional (AMI). Portanto, é fundamental que, conforme buscamos empoderar as crianças, os jovens e os cidadãos em geral, a AMI seja considerada um conceito composto, incluindo as competências midiáticas e informacionais inter-relacionadas (conhecimento, habilidades e atitudes). (UNESCO, 2016, p. 53).

Na mesma época, a ALA, por meio da ACRL (Association of College and Research Libraries), atualiza a definição de competência em informação, incorporando o que poderíamos chamar de uma dimensão mais social e política. A partir de então, *information literacy* passou a ser

o conjunto de capacidades integradas que englobam a descoberta reflexiva da informação, o entendimento de como a informação é produzida e valorada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem. (ALA/ACRL, 2015, p.11, tradução nossa)¹⁵.

¹⁴ (...) to provide an approach to media and a syllabus for teaching the nature and effects of media in secondary schools. Disponível em: <http://blogs.ubc.ca/nfriesen/files/2014/11/McLuhansRoPiUNM.pdf> Acesso em 24 de jan. 2021

¹⁵ Information literacy is the set of integrated abilities encompassing the reflective discovery of information, the understanding of how information is produced and valued, and the use of information in creating new knowledge and participating ethically in communities of learning. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework> Acesso em 22 de jan. 2021.

Também no início do século XXI, pesquisadores e pesquisadoras que questionam a definição institucional de CoInfo incluem no termo a palavra “crítica” (*critical information literacy*), criando, na verdade, um novo conceito. A ideia era servir como crítica, efetivamente, ao foco instrumental priorizado pela CoInfo. Nessa medida, questionam a necessidade de ser eficaz e eficiente e no uso da informação, altamente valorizada no contexto atual, destacando a importância dos compostos ético e criativo, bem como a capacidade de se construir um conhecimento libertador (sob os preceitos da pedagogia crítica do educador Paulo Freire), contribuindo para a autonomia do cidadão. No Brasil, os estudos de competência crítica em informação (doravante CCI) bebem na fonte da teoria crítica da Escola de Frankfurt e, nessa medida, preocupam-se com os contextos sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos que interferem nas práticas informacionais.

Neste trabalho, queremos chamar a atenção para a necessidade de despertar a consciência crítica das crianças no uso do celular de maneira que sejam capazes de, paulatinamente, ganhar autonomia para proteger dos riscos e aproveitar as oportunidades oferecidas pela imensa gama de funcionalidades que o dispositivo pode oferecer. O objetivo é preparar a criança, por meio da CCI, a observar as informações (tanto as consumidas, quanto as produzidas) de forma crítica tornando-a capaz de avaliar a relevância dos conteúdos e encontrar fontes seguras de informação para melhor usá-las, bem como poder criar novas informações, sempre baseadas com responsabilidade e ética. A intenção então é que, por meio da CCI, elas “tomem o controle de suas vidas e seu aprendizado para tornarem-se agentes ativos, perguntando e respondendo questões importantes para elas e para o mundo que as cerca” (ELMBORG, 2006, p. 193, tradução nossa).¹⁶

No Brasil, pelo que pudemos verificar, o termo aparece pela primeira vez como tema de trabalho acadêmico em Bezerra (2015), que aponta para as contribuições da teoria crítica da Escola de Frankfurt, da pedagogia crítica freiriana e ainda do regime de informação nos estudos da competência crítica em informação (CCI). Mais recentemente, Bezerra e Aneli Beloni (2019) afirmam que

O sentido crítico aliado à competência em informação deve apresentar mais do que formulações teóricas gerais, indicando critérios e propondo ferramentas e estratégias para tal avaliação crítica. Para tanto, importa a produção de diagnósticos a respeito das formas e canais pelos quais a

¹⁶ *take control of their lives and their own learning to become active agents, asking and answering questions that matter to them and to the world around them*

informação circula, seus condicionantes sociais (econômicos, culturais e políticos) e os obstáculos que se impõem contra a autonomia dos indivíduos no regime de informação vigente. É desse modo que a perspectiva de uma competência crítica em informação pode impulsionar a reflexão teórica e a práxis emancipatória que lhe conferem sentido (BEZERRA, BELONI, 2019, p.223).

Ao escolhermos a competência crítica em informação entendemos que este pode se tornar um profícuo caminho em direção à práxis emancipatória dos indivíduos. Salientamos que o tema não se esgota nestes breves parágrafos, já que CCI e seus pressupostos são a linha que amarra os capítulos desta dissertação.

1.3 JUSTIFICATIVA

Se há pouco mais de 20 anos havia fila para comprar linha de telefone móvel, que à época servia apenas para fazer ligações, em 2020 havia no país mais *smarthphones* do que habitantes¹⁷, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O uso original do aparelho celular, que se resumia à comunicação interpessoal, foi largamente extrapolado a partir da conexão destes dispositivos móveis à internet, quando eles passaram a ser instrumentos de consumo, produção e disseminação de informação (e desinformação), transformando o cenário informacional, bem como a realidade e as relações socioculturais contemporâneas.

Mencionamos ainda que os dados produzidos a partir de pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que faz mapeamento nacional dos indicadores do uso da internet por crianças e adolescentes desde 2012, por meio da pesquisa quantitativa *TIC Kids Online*, apontam para um crescimento progressivo do uso das tecnologias por crianças.

Observamos que os hábitos de consumo e o uso que jovens fazem de plataformas conectadas à internet vem sendo pesquisados por universidades do país, no entanto majoritariamente ainda voltadas para os adolescentes. Apesar de o uso destes aparelhos estar disseminado a uma população cada vez mais jovem e economicamente diversa,

¹⁷ A 31ª Pesquisa Anual do FGVcia (Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da Fundação Getúlio Vargas), divulgada em junho de 2020, revela que há no país 234 milhões de smartphones, ou seja, mais de 1 por habitante em uso no Brasil. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia> Acesso em: 10 jun. 2020.

Estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que, em de 1º de julho de 2020, havia no país 211,8 milhões de habitantes. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28668-ibge-divulga-estimativa-da-populacao-dos-municipios-para-2020> Acesso em: 29 set. 2020.

ainda são poucas as pesquisas no campo da Ciência da Informação (CI) que se debruçam a estudar o uso destes dispositivos por crianças de faixas etárias menores.

Consulta na Web of Science realizada em 10 de dezembro de 2020 revela que, para a busca do termo “*mobile use*” havia 1.867 citações. Ao incluir o termo “*child**”¹⁸ (criança, em inglês) o número de citações caía para 61. Ao observar pela leitura dos títulos que a maior parte dos resultados tratava de assuntos diferentes dos que interessam esta pesquisa – eram prioritariamente ligados à área da saúde – refinamos a busca ao inserir a expressão “*information literacy*”, encontrando apenas quatro textos.

Já na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), para a estratégia de busca “uso AND celular” havia, em 10 de dezembro de 2020, 8.905 documentos publicados entre 2000 e 2020. Ao inserir o termo “criança*” encontramos 186 textos. Aqui também optamos por refinar a busca, ao observar, pela leitura dos títulos, a profusão de documentos ligados à área da saúde. Ao incluir a expressão “competência AND informação”, foi recuperado apenas um texto, que, no entanto, trata do uso das TICs no ensino superior.

Na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), principal referência de artigos científicos na área da CI, a busca pelo termo “uso AND celular” recuperou 14 resultados, na busca de artigos entre 2000 e 2020. Ao incluir o termo “criança”, havia, em 10 de dezembro de 2020, apenas um artigo (FIGUEIREDO; BEZERRA, 2019).

Dessa forma, avalia-se que o tema é relevante para a CI contemporânea, especialmente por se inserir no contexto de uma de suas subáreas, a Competência Crítica em Informação (CCI). Entendemos que os dados que comprovam o rápido crescimento do número de crianças cada vez mais novas conectadas corroboram a necessidade de lançar um olhar para um público mais novo.

Outro ponto a ser salientado diz respeito ao fato de que a competência crítica em informação é conceito relacionado tanto com uma leitura crítica, quanto com uma produção responsável e ética da informação, tema que se encontra em plena discussão no Brasil e no mundo, mas ainda embrionário quando diz respeito às crianças, sendo campo fértil para a área de pesquisa que contemple a realidade nacional.

¹⁸ A truncagem, feita por meio do uso do asterisco nas buscas realizadas com as palavras “*child*” e “criança”, permite recuperar variações de singular e plural ou diferenças na grafia e terminações das palavras, ampliando a possibilidade de obtenção de mais resultados. Agradeço aqui a gentileza e presteza da colega Aneli Beloni, bibliotecária e mestrande deste mesmo PPGCI-IBICT/UFRJ, no auxílio ao uso das bases.

Desde seu surgimento, meio século atrás, a CI se debruça a pesquisar, entre outras coisas, o avanço e os efeitos das tecnologias de informação.

O desenvolvimento de novas tecnologias solucionou uma série de problemas, mas trouxe outros, relativos às questões humanas (sociais, culturais, políticas, econômicas, jurídicas) de como nós, seres humanos, no século XXI, produzimos, fazemos circular, disseminamos, organizamos, preservamos, usamos e nos apropriamos dos registros de conhecimento produzidos, bem como intervimos, criando instituições, serviços e produtos, nos fluxos informacionais. (ARAÚJO, 2018, p.6).

Outros temas que perpassam esta pesquisa também fazem parte do escopo da CI. Entre eles podemos destacar o regime de informação, a produção de informação e o capitalismo de vigilância. Nessa medida, consideramos ser de suma relevância voltar um olhar atento à capacidade de as crianças desenvolverem uma atitude crítica para lidarem de forma segura, ética e saudável com uma série de fenômenos a que são expostas no momento em que se tornam consumidoras e produtoras de informação, a partir de sua entrada precoce no universo das redes digitais.

1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é investigar e analisar quais as estratégias que pais e mães de crianças entre 8 e 12 anos usam para estimular a competência crítica em informação dos filhos e filhas no uso de celulares.

Nessa medida, buscaremos:

1) fundamentar teoricamente a pesquisa a partir de conceitos ligados ao tema (CCI e outros termos conceituais como letramento digital, alfabetização midiática e informacional, literacia midiática; ética; teoria crítica; pedagogia crítica, passando, principalmente, pelos campos da Ciência da Informação, Comunicação Social, Filosofia, Psicologia e Educação).

2) apresentar os contextos político e econômico que permeiam os ambientes *online* e *offline* na atualidade;

3) descrever os riscos e oportunidades do uso do celular por crianças;

4) enunciar e analisar algumas das estratégias de mediação parental bem como expor suas visões sobre o tema.

Para atingir esses objetivos, desenvolvemos pesquisa qualitativa baseada em levantamento bibliográfico e em análise de material empírico, colhido através da aplicação *online* de 154 questionários e da realização de 15 entrevistas semidirigidas em profundidade, todas mediadas por plataformas digitais. Mencionamos ainda o fato de que alguns trechos das entrevistas serão encontrados no capítulo 2, nosso capítulo teórico, de forma a ilustrar alguns pontos debatidos pelos autores. A metodologia será mais bem detalhada no capítulo 3 desta dissertação, no qual constarão, ainda, análises preliminares do material empírico destrinchando os tipos de uso de celular por crianças.

No capítulo 4, apresentaremos as oportunidades e riscos do uso do dispositivo na avaliação dos respondentes, mapeados e categorizados a partir da análise dos dados, bem como as estratégias de mediação parental colhidas tanto nos questionários, quanto nas entrevistas individuais. Também apresentaremos o conjunto de atitudes sugerido que, combinadas, levam à atitude de uso crítico do celular por crianças. No capítulo 5, tratamos do tópico que mais inquietou os pais e mães ouvidos pela pesquisadora: o tempo de uso do celular e a importância dos momentos *offline*.

Finalizando esta pesquisa, apresentamos nossas conclusões, demonstrando que o trabalho cumpriu os objetivos traçados anteriormente. Apontaremos, ainda, algumas limitações encontradas em nosso caminho e deixaremos registradas algumas sugestões para pesquisas futuras deste tema, que tanto nos move e sobre o qual ainda vemos tantas possibilidades de investigação.

Certamente o ciclo nunca se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior. A ideia do ciclo se solidifica não em etapas estanques, mas em planos que se complementam. Porém, ela suscita também a delimitação do trabalho no tempo, através de um cronograma. Ao mesmo tempo, portanto, trabalhamos com um movimento de valorização das partes e da integração no todo; e com a visão de um produto provisório integrando a historicidade do processo social e da construção teórica. (MINAYO, 2001, p.27).

Admito o interesse pessoal no assunto. Foi por meio das minhas próprias inquietações que cheguei a este objeto de pesquisa. Tendo uma criança na faixa etária de interesse da pesquisa, questões como a liberação *versus* proibição do uso, tempo de tela, avaliação de conteúdo e necessidade de mediação parental no uso do dispositivo móvel fazem parte do universo em que estou inserida, desde antes mesmo de a criança saber falar. Estes são temas de incontáveis momentos de conversas com outros pais e mães, bem como de dúvidas, culpas, combinados que nem sempre funcionam e pesquisas, muitas pesquisas.

A pandemia e o consequente isolamento social mostraram, em certa medida, o quanto o tema é importante, atual e urgente, a partir do forçado prolongamento do uso das TICs pelas crianças, a começar pela imposição de a escola ser frequentada de maneira virtual. A hipótese que levo comigo no decorrer desta dissertação é a de que a solução para estes questionamentos está no empenho de se forjar nelas uma atitude crítica, baseada no uso seguro, ético e saudável de equipamentos que já fazem parte da realidade contemporânea. Dar conhecimento a essas crianças é dar poder, ou empoderar, para usar o verbo da moda. Mas vamos além, conscientizemos as crianças, pois como nos orienta o professor Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 2019a, p.47).

2 VOCÊ ESTÁ CONECTADO: SOBRE RISCOS E OPORTUNIDADES

*Há um pequeno telefone muito popular
Uns chamam de smartphone, outros de celular
Meu papai tem um que eu gosto sim
E a mamãe tem outro que faz Clim Clim
(...) Agora que sou grande e muito cresci
Por que não ganho um todinho só para mim*

O Pequeno Telefone, Eduardo Alberto Marceillac e
Cecilia Maria Teresa Rogier

Atrelado ao avanço das TICs, o capitalismo contemporâneo vem sofrendo mudanças que, ao longo dos anos, afetam as relações de trabalho, a subjetividade e a estrutura do setor de serviços, de consumo e os relacionamentos interpessoais. Neste sentido, nos inquieta observar, nos mais diversos ambientes públicos e privados, o aumento do número de crianças que, cada vez mais precocemente, fazem uso livre e contínuo destes dispositivos.

Os números comprovam a afirmação. Há no país 24,3 milhões de crianças e adolescentes conectados, ou seja, 89% da população entre 9 e 17 anos é usuária de internet no Brasil, revela a pesquisa TIC Kids Online (CGI.br), lançada em junho de 2020. E o telefone celular é o principal meio de acesso à internet deste público, transformando-se num dos principais mediadores dele com a realidade e com os processos informativos, passando pela socialização, as práticas de entretenimento e aquisição de conhecimento.

Nesse cenário, amplia-se o que Buckingham (2007) chama de “infâncias midiáticas”, ou seja, as experiências diárias das crianças são repletas das narrativas, imagens e mercadorias produzidas pelas grandes corporações de mídia da atualidade. O uso dos dispositivos móveis e conectados em rede é ainda vetor da socialização das crianças nas suas práticas informacionais cotidianas, mais ainda neste momento de pandemia, mas também no espaço urbano, com repercussão nas relações sociais e afetivo-cognitivas.

A presença marcante que, desde muito cedo, temos dos *media* e das novas tecnologias em nossas vidas, não apenas influencia a nossa percepção do mundo, como altera a relação que estabelecemos com outros sujeitos e com a noção de espaço e tempo (PINTO E PARENTE, 2015, p.230).

Tomás Durán Becerra (2019), pesquisador em estudos para a União Europeia sobre educação midiática avalia que o espraiamento das TICs, bem como de seus aplicativos e redes sociais, tem reforçado a necessidade de se ensinar às pessoas sobre a

importância de saber como se relacionar com esses equipamentos, que vão muito além dos modos mais tradicionais de informação e da comunicação e incluem lidar “com a quantidade de dados que os aplicativos reúnem (localização, contatos, fotos), com a proteção desses dados, privacidade, entre outros temas. É um direito estendido ao da alfabetização, que concede acesso ao debate democrático”¹⁹.

Em que pese a distância da realidade educacional brasileira em relação à da Finlândia, destacamos que este país possui um bem-sucedido programa, lançado em 2014, que enfatiza o pensamento crítico no currículo escolar e tem nos professores a linha de frente na batalha contra *fake news*, outro mal a ser enfrentado desde cedo, porque ampliam a possibilidade do contato com o discurso de ódio e de todo tipo de desinformação. A eficiente experiência estatal finlandesa pode, de alguma forma, servir como base para que escolas no Brasil comecem a desenhar as ferramentas e estratégias adequadas à realidade de sua comunidade escolar.²⁰ Argumento semelhante traz Buckingham, quando afirma que as escolas “podem desempenhar um papel pró-ativo, ao apresentar tanto perspectivas críticas quanto oportunidades de participação em relação à nova mídia” (2010, p.37).

Algumas escolas brasileiras já trabalham alguns aspectos do uso da internet, como foi possível verificar a partir da participação da pesquisadora no 4º Simpósio – Crianças e Adolescentes na Internet, em 17 de setembro de 2019, que teve como objetivo discutir o uso da internet de forma segura e responsável por crianças e adolescentes. É importante destacar, no entanto, que as experiências são particulares, sem que haja um protocolo ou orientação como forma de política pública.

A consolidação das redes sociais na última década tem trazido desafios ainda maiores. De início, mencionamos o fato de que muitas crianças se cadastram nestas plataformas informacionais, trocam mensagens, compartilham fotos e opiniões bem antes da idade mínima recomendada pelas empresas de tecnologia, que é de 13 anos. Com isso, têm acesso, imediato e contínuo, a uma série de conteúdos que nem sempre são próprios e, que, pela instantaneidade e velocidade, nem sempre passam pela curadoria dos pais.

Cabe lembrar que qualquer tipo de informação postada por uma pessoa numa rede social gera o que se convencionou chamar de pegada digital, ou ainda rastro digital, e pode denunciar algo sobre o internauta. Mensagens escritas, fotos, memes, o simples

¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/08/contra-fake-news-sociedade-tem-que-ser-alfabetizada-para-a-midia-diz-pesquisador.shtml> Acesso em 19 ago. 2019.

²⁰ Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2019/05/europe/finland-fake-news-intl/> Acesso em: 15 jul. 2019

compartilhamento de uma notícia, ou a confirmação de presença num evento (político, de samba, religioso etc.) ajudam os algoritmos das gigantes de tecnologia a conhecer um pouco mais sobre o internauta. Nas redes pode-se descobrir, por exemplo, se o dono do perfil exagera no álcool, se é vegano, se se alimenta bem e faz esportes, se prefere as noites ou os dias, se faz maratonas de seriado na Netflix ou ultramaratonas de montanha.

Por meio das postagens também é possível conhecer suas preferências políticas e sexuais, gostos musicais e culturais de uma forma geral, hobbies e estado de espírito diante de situações cotidianas – o Facebook oferece nada menos que 120 *emojicons* para o usuário expressar seu “sentimento” em cada *post*, a fim de que ele forneça aos algoritmos detalhes bem precisos sobre sua personalidade. A partir da coleta de todos esses dados, como aponta Bezerra, também a mediação dos processos informacionais passa a ser feita por meio de empresas de tecnologia, que “definem não apenas que tipo de informação será disponibilizada para cada usuário, mas ainda promovem a constante vigilância de todos os nossos passos virtuais e a personalização da experiência da navegação digital” (BEZERRA, 2017, p.79).

Mesmo quem publica pouco, mas interage nas redes por meio de “meros” cliques nas postagens de amigos (perfis de pessoas) ou empresas (perfis comerciais), dá pistas sobre um ou muitos aspectos de sua individualidade. Atualmente, o Facebook, por exemplo, tem sete diferentes *reactions*, ou seja, botões que permitem a um usuário reagir na rede social: curtir, amar, rir, ficar triste, ficar bravo, surpreender-se (uau) e demonstrar empatia (força) – este último lançado durante a pandemia do novo coronavírus. Cada clique em uma destas reações emocionais revela algo sobre a personalidade ou o estado mental do indivíduo, naquele momento.

Os grandes conglomerados de comunicação usam esses dados comportamentais, fornecidos gratuitamente pelos internautas, para, confrontando-os com os dados pessoais (gênero, idade, renda, etc), direcionar anúncios bastante específicos para cada consumidor (*microtargeting*) – seja para fins políticos, como aconteceu nas campanhas em favor de Donald Trump, em 2016, nos Estados Unidos, e do Brexit, no mesmo ano, no Reino Unido, ou para fins puramente comerciais de consumo de mercadorias e/ou serviços. Para além da discussão de se tratar de um trabalho gratuito do usuário ou não²¹, o fato é que a produção de milhares de dados (produzidos por técnicas de persuasão que mantêm o usuário interessado, conectado e interagindo) gera valor ou é insumo para a geração de

²¹ Não há consenso na academia sobre o tema, amplamente debatido na Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura (EPICC).

valor que é apropriado pelo capital financeiro dentro do contexto da sociedade do espetáculo debordiana, como pontua Dantas (2019).

As plataformas sociais digitais da Internet, como Google, Facebook, Amazon e Airbnb, funcionam de acordo com a lógica exposta por Marx, gerando lucros extraordinários para o capital financeiro. Além disso, devido a essa lógica marxista, **a principal fonte de lucros dessas enormes plataformas é o trabalho informativo** realizado por milhões de pessoas que acessam esses sites para se envolver em atividades recreativas ou para atender às demandas por bens e serviços em uma Sociedade do Espetáculo (Debord) subsumida ao fetichismo de mercadorias. (DANTAS, 2019, p. 132, *tradução nossa, grifo nosso*)²².

Nos *Grundrisse*, escritos entre 1857-1858, em dado momento, o filósofo alemão Karl Marx (2015) trata de forma clara sobre como a força de trabalho é explorada para a riqueza de poucos. Como Marx alertara à época, o capital está sempre buscando reduzir o tempo de produção e circulação ao mínimo. Na contemporaneidade, pontua Harvey (1992), as formas de experimentar o tempo e espaço mudaram, alterando ainda a maneira como experimentamos as práticas culturais e político-econômicas. Segundo ele, o início das mudanças, no início dos anos 1970, se deu com as transformações das tecnologias produtivas. No cenário atual, a produção de informação é cada vez mais usada para ampliar a produção excedente e tornar ricos um punhado de “burgueses”, as *big techs*.

Dessa forma, podemos admitir que a fase informacional deste capitalismo pós-fordista dá sustentação e amplia a veloz evolução das TICs, chamado por uns de capitalismo cognitivo, por outros de capitalismo informacional ou capital-informação, entre as várias nomenclaturas para designar o sistema econômico vigente. Ou seja, diante dessa lógica algorítmica de manutenção das pessoas nas redes, somos transformados em produtores ininterruptos de dados para a geração de riqueza aos já bilionários donos das plataformas digitais.

A atração dos indivíduos para que se mantenham constantemente na produção de cliques e *posts* faz com que nos tornemos alvo cada vez mais certo dos anúncios que vão gerar o consumo de produtos ou serviços. Produzimos dados em nosso tempo de lazer e contribuimos para fazer crescer o valor das grandes empresas de mídia, em troca de

²² *The Internet's social-digital platforms, such as Google, Facebook, Amazon and Airbnb, work according to the logic expounded by Marx, thus generating extraordinary profits for financial capital. Also, because of this Marxian logic, the main source of these huge platforms' profits is the informational work done by millions of people who access these websites to engage in recreational activities or to meet the demands for goods and services in a Society of the Spectacle (Debord) subsumed into commodity fetishism.*

(alguma) diversão. Tudo para a manutenção do capitalismo, descrito por Marx século e meio atrás.

O capital dá o seu aporte aumentando o tempo de trabalho excedente da massa por todos os meios da arte e da ciência, porque a sua riqueza consiste diretamente na apropriação de tempo de trabalho excedente; uma vez que sua finalidade *é diretamente o valor*, não o valor de uso (MARX, 2015, p. 945).

Para além da transformação dos sujeitos em produtor de dados numa perspectiva 24/7²³, Sibilia (2008) observa que há também uma modificação de nossa subjetividade, a partir do convívio com as (mas também nas) redes sociais. Mudam os tipos de corpo, as formas de ser e estar no mundo. Vivemos tempos narcísicos, sentença, em que o indivíduo (eu, você e todos, seja individualmente, mas também coletivamente) é levado a se mostrar nas redes, como numa espécie de show, no qual “a criatividade bem-sucedida é transformada velozmente em mercadoria (SIBILIA, 2008, p.19)”.

Nas mídias sociais, as vidas privadas são ofertadas aos olhares do mundo inteiro e a imagem pessoal é o principal valor de troca” (SIBILIA, 2008, p.235). Se Guy Debord vislumbrou o início dessas mudanças na subjetividade nos anos 1960, “é neste mundo globalizado e intensamente audiovisual do século XX que o mercado das aparências e o culto à personalidade atingem dimensões jamais imaginadas” (SIBILIA, 2008, p.256). Dessa forma, o fetichismo da mercadoria se estende até a personalidade e os modos de ser também se transformam em mercadoria, continua a autora.

O corpo e o modo de ser se constituem em superfícies lisas nas quais todos os sujeitos devem exercer sua arte. Todos e qualquer um, desde que sejam convenientemente estilizados como artistas de si, para poder se transformar num personagem o mais aurático possível. Um personagem capaz de atrair os olhares alheios. Por isso é necessário ficcionalizar o próprio eu como se estivesse sendo constantemente filmado (SIBILIA, 2008, p.258).

O conteúdo exposto nas redes sociais, principalmente pelo YouTube, Instagram e a onda de *youtubers* e *influencers*, preocupam os responsáveis entrevistados pela pesquisadora. Segundo alguns, as crianças podem ficar com uma distorção do que é o mundo real e serem levadas a reproduzir opiniões que elas próprios não têm maturidade para alcançar.

²³ Jonathan Crary (2016) considera que vivemos um momento onde não há mais limites entre tempo e espaço. O capitalismo teria colonizado todas as esferas da vida do sujeito contemporâneo, até mesmo o sono: a hiperconexão acontece 24 horas por dia, sete dias na semana, ou 24/7.

A principal desvantagem [no uso das TICs] é a distorção do que é o mundo lá fora, pelo pelos *youtubers*, *influencers*. Eles ficam com opiniões formadas sobre tudo o que existe e que, claramente, não são próprias. Isso me incomoda muito. E é uma consequência do primeiro ponto, que é isso, de não ter curiosidade. A gente lia livro, era onde o nosso universo se expandia. A gente ouvia música, a gente criava enredos, histórias. Hoje, é uma dificuldade enorme, de fazer isso, porque é tudo pronto. O universo do jogo é pronto, num ambiente controlado. Quer ver um filme, a oferta é enorme. Essa coisa de reproduzir discursos inseridos nesses ambientes me incomoda bastante. (C.S. mãe do I., 11)

Ponderamos que num “show do eu” mais atualizado (o livro de Sibilía data de 2008), vislumbramos ainda uma modificação mais gritante, uma espécie de incentivo ao “se vender” ou de “querer ser”, ante as mudanças no trabalho e na economia globalizados. Os dispositivos tecnológicos e suas ferramentas mais recentes permitem que, com poucos ajustes de edição, você escolha “o personagem” que prefere exibir para o “público” (que pode ser apenas a sua rede de amigos) num “show do eu” feliz (e sempre belo).

Figura 1



Fonte: Meme extraído do Facebook

Nesse contexto, cabe mencionar o surgimento dos filtros de imagem que mudam a aparência das pessoas e que se tornaram febre nas redes sociais Instagram e Snapchat. Se alguns são divertidos, colocando orelhas de animais e de caras de frutas, aqui queremos chamar a atenção para os filtros embelezadores. As crianças e os adolescentes, que ainda estão formando sua percepção sobre si mesmo, que passam pelas (às vezes cruéis) mudanças hormonais típicas do amadurecimento físico, podem ser ainda mais afetados pelo uso excessivo da ferramenta.

A antropóloga do consumo Hilaine Yaccoub (2020) pondera que, da mesma forma que tudo é passível de venda, em uma rede social que preza a imagem, a estética se torna *commodity*. "Tudo se modificou de acordo com esse espelho que está em nossas mãos quase 24 horas por dia (...) Muitas pessoas perseguem a sua própria imagem do perfil do Instagram como se fosse uma versão 'melhorada' de si mesmas", aponta.²⁴

O médico britânico e especialista em estética Tijion Esho, cunhou o termo “dismorfia do Snapchat” três anos atrás, ao observar o surgimento de um tipo de cirurgia solicitado por muitos pacientes. Segundo ele, se antigamente as pessoas chegavam ao consultório buscando parecer-se com uma celebridade, os mais jovens passaram a pedir versões "filtradas" de si mesmo.

A atual geração não escapa 'do efeito Truman' porque já nasceu na era das plataformas sociais, nas quais seu sentimento de autoestima pode ser baseado puramente no número de curtidas e seguidores que tem e que está ligado a quão bom ela se parece ou quão boas são essas imagens. Nós nos vemos diariamente através de plataformas sociais, tornando-nos mais críticos de nós mesmos (2018, s/p)²⁵.

O tema preocupa alguns dos pais que entrevistamos para esta dissertação. É o caso de J.L, mãe da H. de 9 anos. Ela nos relatou que entre os riscos com os quais mais se preocupa é a exposição do corpo, a sexualização precoce e a valorização das curtidas e do consumismo, que ela observa muito presentes nos contextos das redes sociais. A filha usa o TikTok e J. acha que muito do que aparece na rede, nos curtos vídeos que mudam incessantemente, a menina não tem ainda maturidade para entender.

Tem coisas que ela não tem ainda maturidade para entender, como achar que é bonitinho fazer determinadas danças, a exposição de um corpo que não está pronto. Agora estou começando a conversar com ela sobre essas coisas. O que me incomoda mesmo é a questão de as pessoas valorizarem muito essa coisa das curtidas. ‘Ai, mãe, fulano tem tantas curtidas’, ela me diz. É ruim achar que isso é importante, de ter como meta de vida ter um iPhone, umas coisas muito superficiais. **Essa superficialidade dessas mídias é muito ruim.** E elas [as mídias] chegam rápido e dominam rápido. Como ela é muito nova, eu tenho medo que ela acabe sucumbindo a isso. Eu faço minha parte de dizer que acho isso uma grande besteira. Eu sei que agora ela ainda me ouve, mas, e na adolescência? Eu tenho medo que ela ache isso muito importante, de se preocupar com o que [as pessoas] acham dos vídeos que ela posta, quantas curtidas ela teve. Isso acontece no mundo todo, com adultos também. Na idade dela é pior, porque ela não tem maturidade para entender isso. (2021, J.L em depoimento à pesquisadora, grifo nosso).

²⁴ Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais> Acesso em: 15 jan. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/cosmetic-surgery-snapchat-instagram-filters-demand-celebrities-doctor-dr-escho-london-a8197001.html> Acesso em: 15 jan. 2021.

Aqui cabe lembrar Debord (2003), que em sua tese 4 cravou que o espetáculo não é apenas um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. Para ele, o espetáculo é a sociedade, faz parte da sociedade e está entranhada nos sujeitos desta sociedade capitalista. O espetáculo, entendemos, seria, pois, resultado e projeto do modo de produção capitalista que serve ao consumo e que substitui o *ser* pelo *ter* e, mais recentemente, pelo *parecer*. É interessante mencionar que, na atual sociedade espetacular da extimidade²⁶, o excesso de postagens de fotos pessoais (*selfies*) já é considerada condição mental considerada vício (“*selfities*”) pela Associação Americana de Psiquiatria²⁷.

Eagleton (1993) nos lembra que Marx, nos *Manuscritos econômicos e filosóficos*, pensa a história da sociedade através do corpo.

A história que o marxismo tem para contar é um relato classicamente hubristico de como o *corpo humano, através de suas extensões que nós chamamos de sociedade e tecnologia, chega a superar a si mesmo e a levar a si mesmo até o nada, reduzindo sua própria riqueza sensível a uma cifra* no ato de converter o mundo em um órgão de seu corpo. Que essa *tragédia* deva ocorrer não é, naturalmente, uma mera questão de arrogância tecnológica, mas das *condições sociais nas quais o desenvolvimento tecnológico se dá*. (EAGLETON, 1993, p.147, grifo nosso).

Segundo o filósofo, “o objetivo do marxismo é restaurar para o corpo os seus poderes pilhados” (EAGLETON, 1993, p.150) e a estética se justifica em si mesma por meio do que seria uma espécie de emancipação sensorial. Assim, o “estético” e o “prático” estão indissolivelmente unidos. “Para Marx, não é o uso de um objeto que viola o seu ser estético, mas a sua transformação num receptáculo vazio, que se segue ao domínio do valor de troca e à desumanização da necessidade. (EAGLETON, 1993, p.152)”.

Eagleton também cita Marx nos *Grundrisse*, quando o filósofo alemão afirma ser o capital uma contradição em movimento, porque de um lado pressiona para reduzir o tempo de trabalho ao mínimo, mas, por outro, coloca o tempo de trabalho como a única

²⁶ Segundo Sibilia (2008), a espetacularização do próprio ‘eu’ nas redes sociais criou o que seria o oposto da intimidade e pode ser melhor definido como “extimidade”, onde não haveria mais separação entre os espaços público e privado.

²⁷ Selfities: um desejo obsessivo compulsivo de tirar fotos de si mesmo e postá-las nas mídias sociais como forma de maquiagem a falta de autoestima e, com isso, preencher o espaço, através da exposição da intimidade pessoal. Disponível em: <https://www.fasdapsicanalise.com.br/selfities-o-lado-patologico-das-selfies/> Acesso em: 13 fev. 2020.

medida e a fonte da riqueza. É ao menos curioso observar que, na atualidade, apesar da automação das máquinas nas indústrias, o desemprego, também fruto deste capitalismo selvagem, leva os indivíduos a tornarem-se “empreendedores de si”, discurso calcado nas cruéis defesas da meritocracia, e do aprendizado contínuo como condição para o sucesso, principalmente quando se trata de sociedades desiguais como a do Brasil.

Uma das mães entrevistadas para esta pesquisa revela-se preocupada com discurso que o filho A, de 9 anos, encontra ao assistir por horas a fio os *gamers*, como são chamados os jogadores de videogame que se tornaram influenciadores no YouTube.

A internet é um mundo para a criança. Tudo está acessível lá. [Me preocupo] tanto por uma questão de segurança, quanto pelo excesso e o tipo de informação [que tem lá]. Você pode não saber lidar, por não ter maturidade para entender como aquilo está batendo em você, psicologicamente. Se aquilo está moldando a sua visão de mundo, sem ter o contraponto. É uma visão de mundo que é dominante e com a qual eu não concordo. Essa coisa da meritocracia crua dá agonia, dá arrepios. Então ele vai ficar ouvindo que o *gamer* fala que quem não conseguiu é porque não se esforçou direito. É uma visão de mundo, é uma construção. Isso acontece no YouTube com muita diversidade, mas com discursos parecidos. E aí fica parecendo que é uma única visão de mundo. Eu acho que isso é super prejudicial. (T.P. mãe de A., 9 anos).

T.P. nos contou um episódio que proporcionou um momento de conversa com o filho, também fruto de um discurso que ela escutou na boca de um *youtuber*, cujo nome ela não se lembra.

Uma vez eu passei perto dele e escutei um *youtuber* fazendo piada de gordo. Eu parei na mesma hora e falei com ele: ‘meu filho, você tem gente gorda na família. O seu tio é obeso, você ama o seu tio e sei que você jamaisalaria um negócio desse do seu tio.’. Eu não sei se ele está internalizando esse tipo [de discurso]. Ele é uma criança que não fala muito o que está sentindo, não troca muito. (...) Então quanto mais tempo ele está [conectado], mais tempo ele fica vulnerável a um conteúdo que eu não tenho certeza do que é. Embora eu tente ouvir, não é o tempo todo que dá. (T.P., mãe do A., 9 anos)

Presentes nas mídias sociais, crianças se inserem, muitas vezes antes de saber ler e escrever, no contexto descrito nesta seção: de valorização excessiva da imagem, de um discurso que incentiva a competição e a meritocracia, vendido pelo que já foi chamado de *ubercapitalismo*, diante de um mercado de trabalho escasso, disputado e cruel, que empurra os sujeitos para a “servidão voluntária” (ANTUNES, 2019) e subtrai deles tempo de abstração e pensamento crítico. Na era da hipervelocidade e da (falsa) percepção de que é necessário se atualizar ininterruptamente, estes sujeitos da sociedade do

desempenho e do excesso de positividade (HAN, 2015) são vítimas precoces de patologias psicológicas, que produzem, segundo o filósofo, uma massa de deprimidos e fracassados.

Neste cenário, crianças e jovens são ainda pressionadas a usar as ferramentas das gigantes globais de comunicação e informação por meio de ações de marketing como faz o Google, que viaja o mundo com o evento Google Day, no qual publiciza suas ferramentas a plateias que superam mil pessoas por apresentação, para oferecer “gratuitamente” o uso de seus aplicativos que podem levar “empreendedores” ao sucesso. No entanto, a criança que “compra” a ideia, instala os aplicativos e oferece *likes* e informações pessoais, acaba se tornando mais uma fornecedora de dados que são monetizados por meio da publicidade direcionada.

O crescimento (e enriquecimento) dessas empresas vem a reboque da importância que a comunicação ganhou na sociedade contemporânea. Mas, ao mesmo tempo em que a comunicação e a informação têm papel relevante, não necessariamente forja-se uma geração preparada para lidar com elas.

Pense em como, no decorrer de apenas duas décadas, bilhões de pessoas passaram a confiar no algoritmo de busca no Google em uma das tarefas mais importantes: buscar informação relevante e confiável. Já não buscamos mais informação. Em vez disso nós *googlamos*. E, quanto mais confiamos no Google para obter respostas, tanto mais diminui nossa aptidão para buscar informação por nós mesmos (HARARI, 2018, p.80)

Admitindo que as tecnologias fazem parte do mundo social das crianças do século XXI e que tornar-se-á cada vez mais difícil postergar e até controlar o uso desacompanhado das tecnologias digitais, principalmente a partir da pandemia do novo coronavírus, iniciada em 2020 e que ainda assola o país e vários cantos do mundo, argumentamos em nossa pesquisa pela necessidade de capacitá-las para uso seguro, ético e saudável das tecnologias por meio da competência crítica em informação que, para nós, tem como fim contribuir “para a emancipação social dos indivíduos no bojo dos regimes informacionais dominantes” (BEZERRA; SCHNEIDER; SALDANHA, 2019, p.6).

2.1 AUTONOMIA E ÉTICA

Com a pandemia, a discussão rasa entre sim e não saiu de cena. É pela tela do celular que a criança se conecta com o mundo fora das paredes de sua casa. Até o conteúdo nocivo pode aduzir a debates e ensinamentos profícuos, a respeito por exemplo do

racismo, misoginia, *ciberbullying*, gordofobia, como vimos no caso de T.P e seu filho A., entre outros. Mesmo em tempos de *home office*, pais e mães nem sempre conseguem estar ao lado dos filhos em todos os momentos. Por isso, trabalhar a autonomia é o foco defendido por especialistas e, para nós, o objetivo final do investimento em CCI.

Tanto a Organização das Nações Unidas (ONU) quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirmam como fundamentais o direito à liberdade de expressão da criança. Considerada sujeito de direito, ela tem garantida a liberdade de procurar, receber e propagar informações e ideias. No entanto, lembramos que a criança pode desenvolver-se num jovem diferente e transformar-se num adulto com ideias até opostas às de sua criação, mas o que postou nas redes ou compartilhou ficará registrado para buscas posteriores (pegadas digitais).

O termo ética é destacado nos documentos e orientações mencionados. Como nos lembra Adolfo Sánchez Vázquez (1999), ética se adquire não no nascimento, mas por meio dos costumes, hábitos e do contexto histórico em que se vive. Por meio do pensamento crítico e do “pensar certo” freiriano é possível abordar com a criança, seja em casa ou na escola, o ensino da moral sob o aspecto normativo/jurídico (*ciberbullying* é considerado crime contra a honra e passível de sanções disciplinares ao menor infrator) e também social, com foco nas relações entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade.

O “pensar certo”, nos explica Freire, “é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade” e transita da ingenuidade para a curiosidade epistemológica (2019a). A ampliação da esfera moral, na qual o indivíduo faz o bem por vontade própria e não por coação, é parte da realização do progresso moral dentro de uma sociedade, onde a liberdade individual não fere a liberdade universal.

Responsabilidade e consciência são aspectos preponderantes para o estabelecimento deste progresso onde há liberdade de agir (moralmente). Nesse sentido, a liberdade acarreta, “em primeiro lugar, uma consciência das possibilidades de agir em uma ou outra direção. Contém também uma consciência dos fins ou das consequências do ato que se pretende realizar” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999, p.131). Para ele, “a responsabilidade moral pressupõe necessariamente certo grau de liberdade” (1999, p.132).

Em perspectiva semelhante, Kant (2019) nos fala sobre a necessidade de ser livre para agir corretamente, mas conforme a razão. Sem liberdade para fazer escolhas, não há nem ética, nem moralidade. “A liberdade precisa ser pressuposta como uma propriedade da vontade de todos os seres racionais” (KANT, 2019, p. 90). Nessa abordagem, Kant

não defende que o indivíduo faça o que tem vontade, mas que tenha vontade intrínseca de agir de forma ética, conforme as leis e a moral, tendo em mente seu imperativo categórico: “nunca devo agir de outro modo a não ser querendo que minha máxima também se torne uma lei geral” (KANT, 2019, p.66).

Segundo o filósofo, “se prestarmos atenção em nós mesmos, em cada infração que cometemos em relação a um dever, descobriremos que realmente não queremos que a nossa máxima se torne uma lei universal” (KANT, 2019, p. 66). Dessa forma, o homem é regido pelo princípio da autonomia. Sánchez Vásquez pondera que “por conceber o comportamento moral a um sujeito autônomo e livre, ativo e criador, Kant é o ponto de partida de uma filosofia e de uma ética na qual o homem se define antes de tudo como ser ativo, produtor ou criador” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999, p.283).

Ao defender que qualquer ser humano, por meio da razão, chegaria a mesma conclusão ao decidir sobre um ato, Kant vislumbra a autonomia do ser racional. Apesar de o “dever” estar em pauta em seu tratado, não é por meio da coação que o homem age de forma ética. Age com vontade, preservando sua liberdade. No trato com crianças, Freire menciona a atenção que o professor deve dispensar à “difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia” (FREIRE, 2019a, p.68 e p.69).

A pedagogia crítica freiriana, dialética e diametralmente oposta à educação bancária, é um projeto que posiciona a educação como catalisadora da justiça social. Nesse diapasão, temas abrangentes relacionados à ética podem ser incluídos na introdução a um pensamento crítico infantil nos mais variados assuntos, inclusive no comportamento no universo digital. Interpretações sobre felicidade, sabedoria, virtude, justiça, coragem, prazeres, poder, solidariedade, em suas visões particulares e universais podem servir de base para a discussão de conteúdo que aborde as vicissitudes do mundo digital, mantendo em mente o “pensar certo” e a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2019a).

Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro... Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. (...) É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos, em nossas relações com eles. (FREIRE, 2019b, p.17 e p.18).

Ao debate filosófico de Kant e Sánchez Vázquez, insere-se ainda a abordagem da Ética da informação como campo disciplinar. Nascida nos anos 1980, sob a tutela da Biblioteconomia, a disciplina tornou-se um importante agente global em áreas diversas como tecnologia, mídia, humanismo global e filosofia da informação (BIELBY, 2014). Como nota Bielby, a necessidade de uma Ética da informação advém

[...] de uma preocupação reconhecida e crescente em toda a sociedade da informação. O fato é este: a natureza e o uso da informação através de tecnologias virais e nossa interação com ela, agora comumente referida no campo das TICs (tecnologias de informação e comunicação), está à beira de superar a capacidade de seus usuários de entendê-la e controlá-la (BIELBY, 2014, s/p, tradução nossa²⁸).

No percurso histórico que Elizete Vitorino e Daniela Piantola (2009) fazem para conceituar competência informacional, as pesquisadoras destacam o entendimento que engloba desde

[...] saber como usar os computadores e acessar a informação **até a reflexão crítica** sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e **o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico**, o que permitiria uma percepção mais abrangente de como nossas vidas são moldadas pela informação que recebemos cotidianamente (VITORINO; PIANTOLA; 2009, p. 138, grifo nosso).

Avaliamos que vivemos num tempo no qual não podemos nos abster de pensar nos aspectos políticos e econômicos das comunicações, diante da velocidade das transformações das práticas comunicacionais e da própria indústria midiática, como aponta Hardy.

Nossa dependência dos recursos comunicacionais, vivenciados no teclar e nas conexões da nossa vida diária, é acompanhada pelo aumento do interesse e preocupação em como esses recursos são controlados e organizados. Nunca foi tão grande a necessidade de se reconhecer a importância da organização política e econômica da mídia (HARDY, 2014, p. 3, tradução nossa)²⁹.

No entanto, diante dos desafios da contemporaneidade, ele chama a atenção para algo que nos é muito caro: a incorporação do termo “crítica” a este estudo. De acordo com Hardy (2014), os estudos incluídos nesse campo consideram aspectos da economia

²⁸ “...a recognized and growing concern across an information society. The fact is this: the nature and use of information through viral technologies and our interaction with it, now commonly referred to in the field as Information and Communication Technologies, or ICT’s, is on the cusp of outgrowing the ability of its users to understand and control it.”

²⁹ Our dependance on communication resources, vividly realised across the keystrokes and connections of daily life, is accompanied by increasing interest and concern in how these resources and economic organisation (“political economy”) of media has never been greater.

política da comunicação (EPC) que são críticos em relação à maneira com a qual as relações de poder são mantidas.

A ênfase na inclusão do termo “crítica” ao estudo baseia-se, pois, na desigualdade de distribuição do poder e, conseqüentemente, na manutenção da desigualdade social. Calcada em Marx e também na Teoria Crítica frankfurtiana, “a economia política crítica (das comunicações) descreve uma tradição de análise que está preocupada com entender como os arranjos das mídias se relacionam com os objetivos da justiça social e da emancipação” (HARDY, 2014, p. 3, *tradução nossa*)³⁰.

Também inspirada em Marx e na Escola de Frankfurt, a competência crítica em informação (CCI) quer se diferenciar do conceito de competência em informação (*information literacy*), que teria como principal foco a capacitação meramente instrumental dos indivíduos para lidar com o excesso de informação, convertendo “o aprendizado relacionado à aquisição da dita competência em algo maquínico, pouco reflexivo, muito operacional e, em última análise, subordinado ao mercado”. (BEZERRA, SCHNEIDER, SALDANHA, 2019, p. 14).

De acordo com os autores, a filosofia da competência em informação, sem crítica, reverbera o discurso neoliberal ao transformar o cidadão no que mencionamos na sessão anterior: um empreendedor de si. Para Eamon Tewell, que se debruçou sobre uma revisão de literatura ao longo de uma década sobre a CCI, a *information literacy* se furta de incluir a postura de engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem. Por outro lado, a

[...] competência crítica em informação, como expressada em sua literatura, examina a construção social e as dimensões políticas da informação, e problematiza o desenvolvimento, o uso e os propósitos da informação, com o intuito de estimular os estudantes a pensar criticamente sobre tais forças e agir de acordo com esse conhecimento. (TEWELL, 2015, p. 36, *tradução nossa*)³¹.

Competência crítica em informação, competência midiática, multiletramento, literacia midiática ou alfabetização midiática são conceitos com certas particularidades, mas que convergem para o entendimento da construção de habilidades que facilitem o exercício do pensamento crítico para o consumo e produção de conteúdo por meio de dispositivos tecnológicos. Segundo a Unesco, o conceito de alfabetização

³⁰ *Critical political economy describes a tradition of analysis that is concern with how communications arrangements relate to goals of social justice and emancipation.*

³¹ *Critical information literacy, as expressed by its literature, examines the social construction and political dimensions of information, and problematizes information's development, use, and purposes with the intent of prompting students to think critically about such forces and act upon this knowledge.*

[...] foi expandido para *incluir a compreensão crítica* associada às características de formatos e sistemas particulares das informações e das mídias, além dos processos, dos conhecimentos, das atitudes e das habilidades cognitivas necessárias para o engajamento com a mídia e outros provedores de informação, como bibliotecas, acervos e aqueles na internet, bem como domínios de conhecimento particulares. (UNESCO, 2013, p.45, grifo nosso).

Para Fantin (2015), as competências digitais e informacionais propostas pela Unesco relacionam-se com as midiáticas, pois estas lhe dão contextos de usos sociais e culturais. As competências passam a ser entendidas como “saber de ação” que enfatiza a ideia culturalista de competência e não a ideia comportamentalista relacionada à lógica do mercado.

As mídias eletrônicas têm um papel cada vez mais significativo na definição das experiências culturais da infância contemporânea. Não há mais como excluir as crianças dessas mídias e das coisas que elas representam, nem como confiná-las a materiais que adultos julguem bons para elas. A tentativa de *proteger* as crianças restringindo o acesso às mídias está destinada ao fracasso. Ao contrário, precisamos prestar muito mais atenção em como *preparar* as crianças para lidar com estas experiências, e ao fazê-lo, temos de parar de defini-las simplesmente em termos do que lhes falta. (BUCKINGHAM, 2007, p.32).

Nessa perspectiva, Livingstone e os outros autores mencionados defendem a necessidade de se pesquisar o relacionamento das crianças com o mundo da internet principalmente pela forma como a internet medeia a relação das crianças com o mundo. Em outras palavras, a agenda de pesquisas mais recentes não se refere mais à relação das crianças com a internet enquanto meio, mas, mais profundamente, diz respeito à sua relação com o mundo mediado pela internet.

Isso significa que, potencialmente, qualquer e todos os elementos deste modelo – por exemplo, família, educadores, cultura e desigualdade – podem ser eles próprios reconfigurados na era digital. (LIVINGSTONE; MASCHERONI, G. e STAKSRUD; 2018, p.11; *tradução nossa*)³².

O uso de ferramentas digitais gera saberes e habilidades de conhecimento na construção das competências desse cidadão em formação. Aprender a enxergar com olhos críticos tem implicações na educação e (boas) perspectivas e consequências para o futuro. Forjar a autonomia é o caminho proposto para que as crianças possam aprender a estar, na hora certa, sozinhas neste ambiente digital, mas com postura crítica. De se saber ativo

³² This means that, potentially, any and all elements in the model – consider, for example, family, educators, culture, and inequality – may themselves be reconfigured in the digital age.

em sua relação com as mídias, e, desta forma, (re)conhecer as responsabilidades de seus atos, de seu curtir, postar, compartilhar. Ninguém mais é apenas um consumidor passivo.

2.2 RISCOS DO AMBIENTE DIGITAL

“É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”. “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.” As duas primeiras afirmações são garantias constitucionais (incisos IV e IX do artigo 5º da Constituição Federal). A terceira consta do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Art. 16 da Lei 8069/1990). Destacamos as três frases com o intuito de problematizá-las. No ecossistema informacional contemporâneo, aliado à compressão da relação espaço-tempo (HARVEY, 1992) e à rapidez com que as TICs possibilitam a divulgação dos mais diferentes tipos de dados (inclusive falsos ou com vieses), parece interessante confrontar a questão da liberdade de expressão, com o permanente arquivamento das pegadas digitais.

Se deixamos rastros em cada interação ou publicação nas redes sociais, como argumentado anteriormente, cabe trazer à discussão alguns prejuízos que o cidadão pode enfrentar ao não avaliar cuidadosamente o tipo de informação que produz ou compartilha. Uma delas, importante a ser levada em consideração na conjuntura econômica que enfrentamos no país, é a futura empregabilidade. Cada vez mais, os recrutadores vasculham as redes sociais dos candidatos a uma vaga de emprego a fim de descobrir quem ele efetivamente é. Diferentemente do que se “vende” em uma entrevista de emprego, a avaliação de *head hunters* e gerentes de Recursos Humanos é de que, nas redes, o candidato mostra sua essência. Por isso, examinam-nas a fundo, e muito além do *LinkedIn*, voltada para os contatos profissionais.

Em relação às imagens, a *coach* de carreira Hallie Crawford diz que os recrutadores estarão olhando “como você representa você mesmo (...) Por exemplo, se você está em uma festa, você se representa de uma maneira digna ou posta coisas que os

outros podem considerar inapropriadas?”³³ Pesquisa da consultoria Robert Half mostra que 44% dos recrutadores avaliam que aspectos negativos nas redes seriam suficientes para desclassificar um candidato num processo de seleção. Outro estudo (Jobvita), revela que um a cada três empregadores elimina candidatos com base no que postam *online*³⁴. Há também casos de demissão de funcionários e perda de patrocínio de artistas e atletas por declarações inapropriadas nas redes.

Ao mesmo tempo, dizem os recrutadores, quem não está nas redes leva desvantagem, porque não ganha notoriedade (ou seja, não promove seu “show do eu” ou não é capaz de se tornar um empreendedor de si). A internet oferece, inclusive, diversos sites de dicas para que o candidato a uma vaga de emprego gerencie suas redes de acordo com a vaga que quer preencher, ou seja, como “parecer” ser quem a empresa quer que você seja. Dessa forma, questionamos: até que ponto as redes são realmente ambientes de liberdade? Será que muitos não se privam de dizer o que pensam, de postar uma foto numa festa com medo da repercussão? Vamos além: será que não se furtam de usar a liberdade de expressão garantida constitucionalmente preocupados com os efeitos de suas opiniões no ambiente pedagógico ou profissional?

A inserção precoce das crianças nestas redes pode influenciar que elas internalizem a cultura e filosofia do capitalismo informacional, repetindo os comportamentos e discursos deste sistema econômico vigente – que inclui a questão do corpo e a da imagem que têm de si, como mencionamos anteriormente, mas também uma autocensura com medo das implicações futuras. Ou pior, fazer com que criem um personagem para “parecer ser” algo que ela não é, mas que acha que pode influenciar positivamente sua avaliação por outrem. Aqui cabe chamar a atenção para a alta proporção de crianças de 9 e 10 anos (58%) e de 11 e 12 anos (70%) com perfis em redes sociais, onde essa cultura da imagem é perpetuada, apesar de a abertura de contas nas principais delas ser de permitida apenas a partir dos 13 anos. Ou seja, quando uma criança de faixa etária inferior cria um perfil nas redes, ela precisa mentir a idade para fazer seu cadastro.

Em 2018, o Facebook e Instagram informaram que designariam equipes de profissionais específicas para identificar e excluir páginas criados e usadas por crianças

³³ Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2018/04/o-que-os-recrutadores-analisam-em-suas-redes-sociais.html> Acesso em 13 fev. 2020.

³⁴ Disponível em: <https://cyberh.com.br/levantamento-analise-perfis-colaboradores-funcionarios-candidatos-recrutamento-midias-redes-sociais/> Acesso em 13 fev. 2020

menores de 13 anos. Em setembro de 2019, o Google foi multado em US\$ 170 milhões pela Comissão Federal de Comércio dos EUA (FTC, na sigla em inglês) por violação da privacidade. De acordo com a acusação, o Google coletaria dados de crianças e adolescentes, sem o consentimento dos pais, com o intuito de direcionar propaganda para elas. Em dezembro do mesmo ano, foi a vez do governo brasileiro notificar o Google por suspeita de outras violações de privacidade. No Brasil, a Secretaria Nacional do Consumidor, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, investiga uma "possível captura indevida de dados de usuários sobre geolocalização".

O aplicativo TikTok, que em julho de 2020 atingiu a marca de dois bilhões de downloads e mais 800 milhões de usuários ativos, também já foi alvo da Justiça em razão de suposta coleta de dados de menores de idade e em 2019 concordou em pagar US\$ 5,7 milhões ao FTC e em apagar os vídeos públicos de menores de 13 anos. Só em janeiro deste ano de 2021, a rede mudou as regras de privacidade, na tentativa de aumentar a segurança para os menores de idade que utilizam a plataforma. A partir de agora, todas as contas de usuários que tenham de 13 a 15 anos serão privadas, o que significa que só poderão ser vistas por pessoas autorizadas. Além disso, o número de pessoas que podem comentar em vídeos de contas de pessoas com até 16 anos também será restrito apenas a amigos, e downloads de vídeos só serão permitidos para usuários acima dessa idade. No entanto, como mencionamos antes, crianças até mais novas mentem a idade para fazer parte da rede ou mesmo usam a conta de sua mãe ou de seu pai, cujo acesso não terá o controle agora disponível.

Além da coleta de dados pessoais, as redes sociais são palco de alguns desafios que têm tirado o sono de muitos pais e frequentado páginas de jornal. Em janeiro deste ano, o governo italiano ordenou o bloqueio do TikTok depois que uma menina de 10 anos morreu após amarrar um cinto no pescoço, enquanto fazia um vídeo para o aplicativo. A Promotoria daquele país investiga possível incitação ao suicídio por meio do desafio chamado de “Blackout Challenge” (desafio do apagão).

No Brasil, um desafio que ficou bastante conhecido foi o Momo, em 2019, pelo qual haveria estímulo à automutilação e até ao suicídio. Pais desesperados passaram a trocar mensagens nos grupos de escola no WhatsApp, gerando aumento exponencial de buscas pelo assunto e ampliando a propagação do tema, que figurou nos *trending topics* do Google.

Rodrigo Nejm, diretor de Educação do Safernet, associação civil de direito privado que atua na promoção da defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil,

alerta que as buscas dos pais aumentam a chance de as crianças se depararem com a imagem de Momo. Para ele, a internet é "a maior praça pública do mundo" e, tal qual na vida real, a criança não pode passear por ela desacompanhada e precisa ser preparada à medida que ganha maturidade.

Destaco ser preciso ter uma relação de confiança com a criança, pedindo para que, caso tenha acesso a algo assustador ou estranho, possa contar aos pais. Isso deve ser feito independentemente do desafio Momo. Os pais não podem achar que a criança no *tablet* está protegida, porque está longe dos perigos da rua (FIGUEIREDO, 2019 s/p)³⁵.

Como lembra Nejm, não se pode perder de vista que a internet é fonte de todo tipo de conteúdo, inclusive impróprio. Logo depois de responder ao questionário digital que faz parte da etapa empírica desta dissertação, A.B., mãe do P., 11, procurou a pesquisadora para relatar um caso que aconteceu com o menino, quando ele contava 8 anos. Na época, ele possuía um *tablet* para acessar jogos de raciocínio, junto com a avó, e acessar algum conteúdo de vídeo, quando estava no banheiro, momento que não era acompanhado pelos pais, que não imaginavam que ele corresse ali algum risco.

Certo dia, quando ele estava já no banho, chamou a mãe, que o encontrou pálido, chorando assustado. "Mãe, estou passando mal, estou passando mal". Ele pedia desculpas, chorava sem parar. Depois de muita conversa, tentando acalmá-lo, A.B. conseguiu descobrir que ele estava acessando o site pornográfico Xvideos. Segundo P., foram os amigos mais velhos do futebol, que falavam o tempo todo sobre o site e o ensinaram a entrar.

Alguma coisa, naquele dia, ele viu e se assustou. Ele ficou descontrolado, ficou muito nervoso. Até hoje nós não sabemos o que foi exatamente. Eu fiquei me sentindo muito culpada, fiquei muito nervosa, me perguntando como isso pode ter acontecido. Peguei o *tablet*, tentando ver se conseguia descobrir o que era. Só descobri no histórico que era esse site, mas não descobri exatamente o que ele viu. Depois fui fuçar e vi que tem desde vídeos caseiros, outros fingindo que são caseiros, pornô de vingança, sexo com animais. Eu não sei o que ele viu, tentei descobrir com calma, mas ele não respondeu. Ele começou a ter dificuldade para dormir, acordava no meio da noite, pedia desculpas, chorava desesperado. Enfim, foi algum conteúdo impróprio para a idade dele, que ele acessou por conta de comentário dos amigos. (A.B., mãe do P., 11).

Depois de muitos dias em sequência com problemas para dormir e pedidos de desculpas, o próprio menino disse a ela e ao pai que não estava conseguindo tirar da

³⁵ Disponível em: <http://escritos.ibict.br/desafio-momo-alerta-para-os-perigos-na-maior-praca-publica-do-mundo/> Acesso em: 25 jul. 2020

cabeça o que vira e que precisava de ajuda. P. teve apoio psicológico e, aos poucos, parou de ter pesadelos e de tocar no assunto. “Até hoje eu não sei o que ele viu, se foi algo muito violento, nem há quanto tempo ele já acessava o site. Mas ele ficou traumatizado realmente. Ficou muito tempo sem acessar nada. Só com 10 anos ele começou a pedir celular e ganhou com 11”, contou a mãe.

As recomendações de especialistas para enfrentar os riscos variam de acordo com a idade da criança. Segundo Nejm, cada faixa etária merece uma atenção diferente. Para os menores, ele sugere que, caso o responsável não tenha tempo de estar ao lado da criança até que ela ganhe autonomia para estar na rede sozinha, que faça o *download* de um conteúdo educativo e adequado para a faixa etária em uma *playlist*. Dessa forma, será possível assistir *offline* aos vídeos previamente aprovado, criando uma espécie de “pracinha digital”. “Temos que trazer para a internet os cuidados que temos no acesso da criança ao mundo real. A gente supõe que elas dominam as tecnologias. Mas elas não dominam o mais importante: a capacidade crítica, o discernimento e a maturidade”, resume.

A metáfora da praça pública é comumente usada também pelos responsáveis. F.L., mãe da menina A., 11 anos, pondera que, pela idade, a filha “não tem senso crítico formado sobre tudo”, apesar de ela ter maturidade para alguns assuntos.

Eu acho que é como se ela estivesse numa rua e está vendo tudo o que está acontecendo ali, para o bem e para o mal. Tem outras coisas que eu acho que podem tocar ela [emocionalmente]. (...) Mas não dá tempo de acompanhar tudo e também não dá para ficar olhando os sites que ela entrou, não tenho nem tempo. É impossível. Eu faço o que é possível dentro do que eu conheço, mas tenho consciência de que há coisas que me escapam e que ela vai ter que aprender como se estivesse saindo numa rua sozinha pela primeira vez, vai ter que aprender a olhar para os lados. Aprender por ela. (F.L, mãe da A., 11).

Outra mãe que conversou com a pesquisadora, S.C enfrenta os desafios de ponderar os riscos plausíveis a duas crianças em fases diferentes. Enquanto a A. tem 9 anos e, segundo a mãe, é “mais manipulável por ser mais nova”, o H., 13, tem que enfrentar outros perigos. “Tenho medo da troca de imagens. Meu filho está adolescente, não sei se ele pode ir para o quarto, tirar foto pelado e mandar para alguém. E para onde vai essa foto?”, se questiona. Com A., ela disse que já tomou um “susto” ao descobrir que a garota estava acessando sites pornográficos.

Eu não esperava, mas acabei pegando. Fico tentando entender onde ela aprendeu isso, como achou o link desses sites. Tenho medo de pedofilia, porque ela é manipulável, muito mais do que ele. Ela é muito mais frágil. Tenho medo de alguém fazer uma ameaça e ela se submeter a

chantagens, achando que está nos protegendo. A internet é um mundo sem dono, entre aspas. A gente vai bloqueando o que dá, mas toda hora tem uma coisa nova que a gente vai descobrindo. Ela disse que foi uma propaganda que ela acessou e levou ela pra esse site. Eu mesmo recebo no meu notebook, então eu acho que pode ser verdade. (S.C, mãe da A., 9, e do H., 13).

Acesso a conteúdos impróprios é fartamente relatado por pais e mães. Já as mortes oriundas da participação no desafio do Momo, ou de seu predecessor Baleia Azul, que também induziria a criança a se machucar, nunca foram comprovadas nas investigações policiais.

Outro tema recorrente de mau uso da internet pode oferecer riscos de a criança (e seu responsável) responder a processos criminais. *Cyberbullying* e racismo, por exemplo são crimes, bem como enviar imagens de terceiros sem consentimento. No caso de o ato ser cometido por uma criança ou adolescente, ele (a) está sujeito (a) a medidas socioeducativas previstas no ECA e não são tão incomuns. A TIC Kids Online 2019 apontou que, nos 12 meses anteriores à coleta de dados, 43% das crianças e adolescentes viram alguém ser discriminado na internet, enquanto 7% se sentiram discriminados.

Sobre seu filho P., de 11, que já sofreu dano depois de acessar conteúdo impróprio, A.B. diz que agora se preocupa muito com o *bullying* e que ensina ao filho que, mesmo que ele não seja o autor do ataque, se ele se manifestar, por exemplo, com risos numa mensagem, significa que ele está sendo conivente. Esta é uma das preocupações que ela enuncia, no uso constante do *smartphone* por seu filho.

Quem me garante que o que vai atrair ele, não vai levar ele para algo impróprio, ou errado ou ilegal. Eu não posso ter essa certeza. Eu acho que ele já percebe os discursos em relação à publicidade e também à questão de ridicularizar o outro, das minorias, de saber se o conteúdo é desrespeitoso às minorias. A gente fala muito sobre isso com ele. Eu falo muito que as meninas nesses grupos de WhatsApp da escola ficam se comparando muito. Quem é mais legal, a mais bonita, mais não sei o quê. Eu falo: P., não emita opinião, não aplauda esse tipo de coisa, não fale sobre o outro, não permita que o outro seja motivo de conversa de terceiros. (...) Tenho muito medo do *bullying* virtual. É uma fase muito adolescente. (A.B., mãe de P. 11).

Argumentamos que a falta de reflexão e discernimento das crianças, incluída aí a falta de maturidade linguística – até os 12 anos, de acordo com a teoria piagetiana, as crianças ainda estão na fase do operatório-concreto e não têm capacidade plena de entender abstrações –, as tornam ainda mais suscetíveis (ou vulneráveis, para usar o termo jurídico) a serem cooptadas pela mentalidade vigente e reproduzirem comportamentos contrários até ao de sua família. Ou seja, não possuem ainda a capacidade crítica de

entender o que está por trás de uma mensagem. O caso ocorre até mesmo com adolescentes.

A título de ilustração, mencionamos pesquisa recente da Faculdade de Educação da Universidade de Stanford (2016) que mostrou que 82% dos adolescentes do ensino médio americano (14 a 17 anos) não conseguem identificar a diferença entre conteúdo jornalístico e publicitário nas mídias sociais³⁶. Nas redes sociais, mistura-se notícias (verdadeiras e falsas), opiniões e publicidade de tal forma, que é mais difícil discernir sobre o teor do que está ali exposto.

A ubiquidade das TICs, e a ampliação da necessidade de uso destas ferramentas frente à pandemia do novo coronavírus, nos leva a afirmar que o uso (precoce e prolongado) destas tecnologias é irreversível no cotidiano infantil. Mesmo que inicialmente os pais consigam controlar o tempo de uso e/ou o tipo de conteúdo acessado, a tarefa tornar-se-á cada vez mais difícil com a contínua antecipação do uso de dispositivos eletrônicos próprios. Se a idade média das crianças quando ganham seu primeiro celular para acessar a internet atualmente é de 9 anos³⁷, já é possível observar em ambientes escolares e sociais a antecipação desta realidade. O fato é relatado por todos os 15 responsáveis entrevistados individualmente nesta pesquisa: é mais difícil o monitoramento tanto do tempo, quanto do conteúdo acessado por estas crianças, que passaram a fazer uso contínuo, e muitas vezes, ininterrupto, das tecnologias.

Há 20 anos, tendo em vista as potencialidades de uma utopia tecnoliberal (celebrada por autores como Pierre Lévy, Dan Gillmor e Henry Jenkins), pensávamos que a internet finalmente nos traria uma comunicação livre e global, apta a promover o ideal habermasiano no ambiente digital. Hoje, vemos que as coisas não são bem assim: a suposta “liberdade” que as TICs trazem para a produção, distribuição e consumo de informação, na verdade se insere em um panorama de um controle cada vez maior, com as redes de espionagem colocando em risco a privacidade de indivíduos, a proteção de segredos comerciais de setores econômicos e a própria soberania de nações (BEZERRA; SCHNEIDER; SALDANHA, 2013).

Nos questionamos então sobre os efeitos dos precoces atos de postar, compartilhar, clicar, produzir informação e “imprimir” suas pegadas digitais na rede por

³⁶ Disponível em: <https://ed.stanford.edu/news/stanford-researchers-find-students-have-trouble-judging-credibility-information-online> Acesso em 13 fev. 2020.

³⁷ A informação é de Rafaela Nicolazzi, analista sênior de Relações Governamentais e Políticas Públicas do Google, a partir da pesquisa feita pela empresa em 2017 intitulada “Como os pais mantêm os filhos seguros na internet”. O dado foi divulgado durante o 4º Simpósio - Crianças e Adolescentes na Internet, realizado em 17 de setembro de 2019 em São Paulo por meio de uma parceria do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

anos e anos, antes mesmo de serem capazes de entender quem são. A criança que está com o caráter em formação, ainda experimentando vivências diferentes e passível de mudar de opinião, pode enfrentar uma série de problemas ante os milhares de dados produzidos em sua vida socio-virtual. Ainda mais difícil será quando, como prevê o filósofo israelense Yuval Harari (2018), os serviços de escolha de candidatos se der de forma automatizada, sem que o indivíduo tenha ao menos a chance de dizer, pessoalmente numa entrevista, que não pensa mais daquela forma.

Devemos mencionar o caráter permanente do que é postado na rede e como isso pode afetar a trajetória de indivíduos, passadas as fases da infância e adolescência. As pegadas digitais deixadas pelo usuário quando criança, de forma mais ou menos consciente, podem influenciar seu futuro como cidadão e profissional? No caso de cometimento de atos infracionais, por exemplo, o ECA dispõe que o adolescente, ao completar 18 anos, deve ter seu histórico no sistema socioeducativo apagado, justamente porque a passagem dessa fase da vida altera também o seu lugar no mundo das relações sociais e jurídicas. No caso das TICs, ainda não existem dados de pesquisas sobre o impacto da exposição indevida na rede para a vida futura desses indivíduos. Considerando, porém, que o desenvolvimento humano é uma constante, a proteção desses indivíduos – ou sua ausência – pode acarretar consequências permanentes, numa fase da vida na qual eles ainda não podem ser responsabilizados por todas as suas escolhas. (EGAS, 2016, p. 34).

Contamos aqui um caso que repercutiu amplamente tanto nas redes sociais, quanto na imprensa, para ilustrar o que vimos descrevendo. Em agosto de 2015, uma reportagem da extinta TV Manchete, publicada no YouTube, foi compartilhada em um perfil do Facebook e atingiu a marca de 2,2 milhões de visualizações, teve 37,7 mil compartilhamentos e ganhou 4,3 mil comentários em apenas três dias. Intitulada "Os Pobres Vão à Praia", ela foi gravada no início dos anos 1990 e trazia declarações racistas de adolescentes que frequentavam a Barra da Tijuca e se posicionavam contrários à ida de “pobres suburbanos” à praia, o que fora facilitado à época a partir do acesso de novas linhas de ônibus à região.

Uma das adolescentes do vídeo, hoje advogada Ângela Moss, disse à época ter "horror de olhar para estas pessoas", os pobres, que eles "não eram brasileiros", mas uma "sub-raça". Diante das milhares de replicações, o vídeo chegou à rede social da própria advogada, que se posicionou também no Facebook: “Mesmo culta, era uma alienada (...) muita coisa mudou (...) tenho orgulho de ter podido evoluir”.

À BBC Brasil, ela contou: “era de fato muito conservadora, egoísta e idiota. Fui criada em um ambiente privilegiado. Nunca tinha andado de ônibus. Via a galera fazendo

confusão na praia e não entendia. Foi só depois que minha vida mudou, fui trabalhar como garçom e me aprofundei nos estudos que tive outra visão”³⁸. Uma ocorrência de aproximadamente 30 anos gerou *buzz* (para usar termo próprio deste ambiente).

É importante destacar que nem todo risco converte-se em um dano efetivo. O uso excessivo não necessariamente tornar-se-á vício, nem todo acesso à conteúdo impróprio levará a trauma ou a comportamentos inseguros, irresponsáveis ou mesmo ilegais. No entanto, como vimos destacando e que corrobora com os principais aspectos que norteiam essa pesquisa, destacamos a necessidade de que as crianças estejam conscientes destes riscos, os conheçam para que possam reconhecê-los e evitá-los.

Quadro 1 – Alguns Riscos do Ambiente Digital

Pegadas digitais	Os rastros deixados voluntariamente nas interações de uma pessoa na internet são compartilhados com empresas que usam estes dados para publicidade direcionada (<i>microtargeting</i>). Dados que se enviam a qualquer um tem caráter permanente e praticamente eternos. Ou seja, mesmo que se apague algo do qual nos arrependemos, há grande chance de ser ele ser recuperado.
Segurança	A privacidade da criança e da família podem ser colocadas em risco a partir da divulgação, por exemplo, de imagens da escola onde a criança estuda ou do prédio onde mora. Este tópico engloba ainda a segurança dos dados pessoais. O celular pode ser facilmente infectado com códigos maliciosos que roubam dados sensíveis, senhas e outras informações pessoais.
<i>Cyberbullying</i> ; racismo, discriminação	A criança pode ser vítima de ataques por colegas ou mesmo desconhecidos. Pode também tornar-se perpetradora deste ato ao postar, curtir ou compartilhar mensagens que humilhem outra pessoa. O <i>cyberbullying</i> é considerado crime contra a honra.
Conteúdos pornográficos, Sextorção e <i>Grooming</i>	Crianças e adolescentes, ainda descobrindo sua sexualidade, podem se tornar vítimas por não terem ainda a maturidade para lidar com conteúdos pornográficos. Podem ainda ser vítimas de pedófilos que se fingem de crianças e usam uma série de técnicas de sedução para aliciar os menores. Também está incluído neste item a sextorção, que nada mais é do que utilizar práticas de extorsão para não divulgar fotos, vídeos e trocas de mensagens de conteúdo sexual. A sextorção normalmente acontece quando um criminoso consegue dados de <i>sexting</i> (envio de mensagens com conteúdo sexual) e/ou <i>nudes</i> (fotos e/ou vídeos em poses sensuais ou nuas).
Desafios Perigosos	Trata da incitação a comportamentos perigosos, como automutilação e o suicídio. Alguns registrados recentemente estão o de inalar pelo maior tempo possível o aerosol de um

³⁸Disponível

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150923_angela_moss_video_internet_rb Acesso em 13 fev. 2020

	desodorante, o desafio da rasteira (quando duas pessoas dão uma rasteira no integrante no meio deles), jogo do enforcamento (para provocar desmaio), desafio do sal (engolir a maior quantidade de sal possível).
Conteúdos impróprios	A internet oferece conteúdos para todas as idades e nem sempre a criança que faz buscas sem mediação vai ter capacidade de lidar com o que encontra, sejam por serem violentos, pornográficos, linguagem forte, ou que estimulem o comportamento perigoso.
Desinformação	Na era da pós verdade, a criança pode receber e compartilhar informação falsas, ou que induzem ao erro. A desinformação é criada com técnicas de comunicação específicas para enganar e difíceis até mesmo de serem percebidas por muitos adultos.
Incentivo ao consumismo	Diferentemente do ambiente da televisão, que tem regras claras sobre oferta de produtos a crianças, a rede não é regulada. Campanhas na internet também são construídas de forma a dificultar que o consumidor perceba que aquele conteúdo é uma peça publicitária. O fato de as redes serem monetizadas por meio de publicidade direcionada, a partir das buscas feitas pelas próprias crianças, isso as deixa ainda mais vulneráveis ao apelo ao consumo.
Superexposição	Uma foto ou um vídeo podem “viralizar”, tornando a criança conhecida rapidamente ou até ridicularizada. É importante destacar que muitas crianças e adolescentes ainda não têm maturidade para lidar com esse tipo de situação.

Fonte: Elaboração Própria

2.3 OPORTUNIDADES DE PARTICIPAÇÃO ATIVA

Sem cair no discurso tecnófilo, não se pode negar que os dispositivos móveis conectados à internet oferecem uma gama de oportunidades a crianças e adolescentes. Quando se pensa no contexto da pandemia, os ganhos e benefícios do uso do celular ficam ainda mais evidentes. A socialização foi apenas uma das dimensões da vida facilitada a partir de mensagens instantâneas de texto e chamadas de voz e vídeo, ajudando a amenizar a solidão e a saudade.

Na cidade do Rio de Janeiro, as aulas foram suspensas em 13 de março de 2020 e tão logo o ensino remoto foi estabelecido, o celular passou a ser um dispositivo usado por parte das crianças que não dispunham de um notebook ou PC para acessar o ambiente virtual pedagógico, fazer as tarefas e enviá-las aos professores, participar das aulas (fossem *online* ou gravadas). De acordo com a 3ª edição do Painel TIC covid-19 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), o celular foi o principal dispositivo usado por estudantes para acompanhar aulas remotas de alunos a partir dos 16 anos – a pesquisa não incluiu crianças, mas, diante do grande uso do dispositivo já mapeado pelo CGI.br é

possível inferir que o dispositivo tenha sido pelo menos um dos equipamentos usados. É importante ainda acrescentar que as pesquisas TIC têm mostrado constantemente que, quanto menor o poder aquisitivo, maior a chance de a criança ter apenas este dispositivo de acesso à internet.

O entretenimento é outro aspecto muito relatado sobre o uso do celular por crianças – jogos *online*, acesso a aplicativos de *streaming* de vídeos e música para citar alguns. E a possibilidade de criar, de ser ativo e criativo nas redes depende, logicamente, de estar nelas, fazer uso de suas ferramentas. Ao relatarem os achados de pesquisa feita em 11 países no projeto Global Kids *Online* (GKO), Sonia Livingstone, Daniel Kardefelt Winther e Marium Saeed (2019) tratam do incremento da presença das crianças no mundo digital por meio do que chamam de escada da participação *online* (Figura 2). “Algumas atividades que os adultos consideram ‘apenas entretenimento’ podem servir de porta de entrada para atividades mais criativas e cívicas, pois ajudam a desenvolver confiança e habilidades digitais. (LIVINGSTONE, 2020, p.122, tradução nossa)³⁹.

Figura 2– A escada da participação *online*



Fonte: Global Kids *Online* (GKO)

³⁹ (...) algunas de las actividades que los adultos consideran que son “solo entretenición” pueden ser útiles como una entrada a actividades más creativas y cívicas, ya que ayudan a adquirir confianza y habilidades digitales.

As crianças mais novas, informam os pesquisadores, iniciam o uso da internet normalmente por meio de jogos e, à medida em que vão navegando mais e mais, “sobem os degraus” e passam a realizar atividades mais complexas, que culminam com o uso cívico dessas ferramentas. Nessa medida, segundo autora e autor, quanto maior a proibição ao uso dos dispositivos, menos as crianças participam de atividades *online* e, conseqüentemente, menos aprimoram suas habilidades digitais (instrumentais e críticas).

Análises estatísticas sugeriram não apenas que crianças e adolescentes mais velhos realizam mais atividades *online*, mas também que mais acesso está associado a um maior número de atividades; quanto mais as crianças e adolescentes realizam uma atividade, mais elas realizam outras atividades e, talvez o fator mais revelador, quanto menos seus pais restringem suas atividades digitais, maior o número de atividades realizadas – incluindo atividades mais criativas. (LIVINGSTONE; KARDEFELT-WINTHER, 2019, p.94).

Magdalena Claro, Amaranta Alfaro, Amalia Palma e Juan Manuel Ochoa (2020), em estudo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) que compara os resultados das pesquisas TIC Kids Online do Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai, descrevem diferentes abordagens em torno da participação *online* de crianças e jovens, tendo como foco a cidadania digital. Num contexto mais amplo, são incluídas todas as atividades positivas possíveis, desde o acesso à informação pelas TICs à capacidade de ganhos financeiros. Em contextos mais particulares, outros pesquisadores se debruçam sobre as dimensões sociais e de comunicação. Numa terceira via, dizem autoras e autor, existe ainda a perspectiva da participação política tradicional via internet.

Do ponto de vista formativo, vários autores consideram a importância de preparar as novas gerações para serem participantes digitais informados e educados, dotados de capacidades para serem ativos na interpretação do mundo que os rodeia (Choi, 2016; Gleason e von Gillern, 2018; Ribble, 2011). Mais especificamente, as tecnologias oferecem oportunidades para que participem de novos tipos de atividades sociais, cívicas, de aprendizagem e de trabalho, e para isso é importante que o façam de forma crítica (Hague e Williamson, 2009). Da mesma forma, **os usos da internet têm sido investigados como indicadores de participação de meninas, meninos e adolescentes na sociedade digital e como sinônimo de oportunidades, assumindo que quanto maior o número de atividades, maior a inclusão e o acesso às oportunidades *online*** (Livingstone e Haddon, 2009). Alguns também sugerem que é possível construir uma escala de participação colocando práticas mais simples e generalizadas, como busca de informações ou jogos, na parte inferior da escala e outras atividades mais complexas e menos frequentes, como a criação de conteúdo, em direção ao topo da escala. (O'Neill e Dinh, 2012; Livingstone e outros, 2019). Embora não haja consenso sobre quais são as atividades mais desejáveis para meninas, meninos e adolescentes e em que idade é mais positiva para que isso ocorra, pensar sobre a participação *online* desta

forma ajuda os tomadores de decisão a definir as prioridades de uma perspectiva de inclusão (CLARO et al., 2020, p. 79, grifo nosso, tradução nossa)⁴⁰.

Nessa medida, aprender a usar as TICs, forjar uma atitude crítica ao preparar-se para os usos seguro, ético e saudável, pode levar as crianças à participação cidadã no mundo digital, onde elas consigam exercer seus direitos e engajar-se em causas que lhe são caras. Exemplos já existem e podem ser citados, dos mais simples, aos mais complexos. Em 8 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher, alunas do tradicional colégio católico carioca Santo Inácio protestaram contra a proibição do uso de bermuda por meninas. Divulgado nas redes, elas obtiveram apoio, também nas redes, de outras escolas como o Colégio Cruzeiro e conseguiram mudar uma regra que durava décadas na instituição de ensino.

No também tradicional Colégio Santo Agostinho, em outubro do mesmo ano, crianças do 6º ano do Ensino Fundamental se organizaram via mídias sociais para protestar contra pais de seus próprios colegas que solicitaram que a escola retirasse um livro da lista de leitura daquela turma alegando doutrinação com ideologia comunista. Na manifestação, os jovens contaram que o ato foi organizado pelas redes sociais e que era um movimento pela liberdade de expressão. "A censura de informação é perigosa. E não podemos aceitar essa decisão da escola assim, sem mais nem menos. Queremos o debate de ideias", disse ao jornal O Globo a estudante Ligia Bahia, que participou do ato. Se a escola não voltou atrás, destacamos a importância que as mídias ofereceram para dar voz à luta deste grupo que tinha, em média, 12 anos. Liberdade de expressão é direito garantido também às crianças, lembramos.

⁴⁰ Desde un punto de vista formativo, diversos autores se plantean la importancia de preparar a las nuevas generaciones para ser participantes digitales informados y educados, equipados con las capacidades para ser activos en la interpretación del mundo que los rodea (Choi, 2016; Gleason y von Gillern, 2018; Ribble, 2011). Más específicamente, las tecnologías ofrecen oportunidades para que participen en nuevos tipos de actividades sociales, cívicas, de aprendizaje y trabajo, y en ello es importante que lo hagan de manera crítica (Hague y Williamson, 2009). Así también, los usos de Internet se han investigado como indicadores de participación de niñas, niños y adolescentes en la sociedad digital y como sinónimo de oportunidades, suponiendo que a mayor número de actividades mayor inclusión y acceso a las oportunidades en línea (Livingstone y Haddon, 2009). Algunos también sugieren que es posible construir una escala de participación situando prácticas más simples y generalizadas, como buscar información o jugar, en la parte inferior de la escala y otras actividades más complejas y menos frecuentes, como crear contenidos, hacia la parte superior de la escala (O'Neill y Dinh, 2012; Livingstone y otros, 2019). Si bien no hay consenso sobre cuáles son las actividades más deseables que realicen niñas, niños y adolescentes y a qué edad es más positivo que ello ocurra, pensar en la participación en línea de esta manera ayuda a que los tomadores de decisión definan prioridades desde una perspectiva de inclusión.

Segundo a pesquisa TIC Kids Online 2019, que também mede a participação em atividades de cidadania de crianças e adolescentes no mundo digital, apenas 15% das crianças e dos adolescentes conversaram na internet sobre política ou problemas da sua cidade ou seu país e 6% participaram de uma campanha ou protesto na internet em 2019.

Nesse pequeno grupo está Raíssa Luara de Oliveira, que usou as redes para dar voz a suas demandas. Aos 12 anos, postou um vídeo no Facebook pedindo doações de livros para fazer uma biblioteca na comunidade dos Tabajaras, no bairro de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro, onde mora. Dias antes, já havia entrado em contato com a associação de moradores pleiteando um espaço para montar a iniciativa. "Nem tinha muitos seguidores, mas alguém gostou do que viu e minha gravação viralizou. Em pouco tempo, minha caixa começou a encher de mensagem. Era um monte de gente querendo doar, além de palavras lindas de solidariedade e amor. Quando uma senhora me falou por telefone que queria ter sido como eu, 'alguém que faz a diferença', segundo suas próprias palavras, meu coração transbordou de esperança", contou a menina à revista Marie Claire⁴¹.

Foram 25 mil livros recebidos, dos quais ela doou 15 mil para a criação de outras seis salas de leitura em distintas comunidades da cidade. A história dela inspirou outras crianças no Piauí, Bahia, Rondônia e Espírito Santo que, depois de usarem as redes para entrar em contato com Raíssa, receberam dicas valiosas e já iniciaram seus próprios projetos.

Extrapolando o contexto nacional, cabe lembrar que as mídias sociais tiveram papel preponderante para ecoar a voz da ativista ambiental sueca Greta Thunberg, uma “pirralha” de 16 anos eleita (a mais jovem) Personalidade do Ano de 2019 pela revista Time. Ativista ambiental, ela é a criadora do movimento *Fridays For Future* (Sextas-feiras pelo Futuro), que de um ato solitário reverberou nas redes sociais e levou estudantes do mundo todo a fazerem “greves” pelo clima às sextas-feiras – ou seja, não frequentar as aulas. Em 20 de setembro de 2019, ela conseguiu reunir manifestantes de mais de 150 países em marcha pela defesa do meio ambiente.

Antes disso, a onda de protestos chamada Primavera Árabe, em 2011, foi possível a partir do papel decisivo das redes sociais e “pela evolução nas tecnologias acompanhadas para coordenar ou provocar manifestações” (LEMOS, 2019, s/p) no que já vem sendo chamado de plataformas de protesto.

⁴¹ Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2020/09/adolescente-que-montou-7-bibliotecas-este-ano-sonha-com-criancas-munidas-de-livros.html> Acesso em: 28 jan. 2021.

Aplicativos que permitem esse tipo de organização, como o Tsunami Democràtic, surgido na Catalunha, pode ser inserido dentro do contexto das plataformas de cooperação (SCHOLZ, 2016). Lançado em outubro de 2019, ele é um software de código aberto que funciona como uma plataforma de comunicação anônima para organização de protestos. “As tecnologias de protesto estão evoluindo de forma constante. Os resultados estão atualmente em exibição nas ruas dos mais diversos países para quem quiser conferir” (LEMOS, 2019). Nessa medida, a tecnologia pode exercer influência, por vezes bastante positiva, nos modos de vida e afetos da contemporaneidade.

Essas tecnologias teriam o potencial de propiciar um sistema de comunicação descentralizado (...) favorecendo a atividade, o movimento coletivo que possibilita a criatividade, abrindo a possibilidade de novos tipos de relações de poder. (ALBAGLI; MACIEL, 2011, p.20).

O movimento coletivo descrito pelas autoras pode ser exemplificado pelo cooperativismo de plataforma proposto por Scholz, que o define em três partes. Em primeiro lugar, se baseia no uso (clonado) do “coração tecnológico” das gigantes de tecnologia, mas com um modelo de propriedade distinto, a fim de beneficiar o maior número de pessoas possível. Em seguida, ele trata de solidariedade, de forma que as plataformas podem pertencer e ser operadas pelos mais diversos *stakeholders*. Por fim, é “construído na resignificação de conceitos como inovação e eficiência, tendo em vista o benefício de todos, e não a sucção de lucros para poucos” (SCHOLZ, 2016, p. 60-61).

A defesa de ter em mente o benefício de todos, nos remete à ideia de comum e de comunidade, sustentada por Parra (2019). Em seu diagnóstico da atualidade, o professor se esquia da análise tecnoeconômica para abordar algumas das consequências da tecnopolítica, a partir da “*crescente mediação técnica da vida social*” (2019, p. 111, grifo do autor). Em seu ensaio, levando em consideração os arranjos sociotécnicos, Parra nos convida a refletir sobre “como inventar novas composições, novas armas, novas táticas e estratégias à altura dos novos problemas”, mas sem abandonar “as organizações e as formas de luta existentes” (PARRA, 2019, p. 111).

Inspirado nos coletivos tecnoativistas e nos laboratórios cidadãos, ele traz a ideia do “prototipar”, que resume como um modo de conhecer e, ao mesmo tempo, de intervir politicamente no mundo – observando menos o futuro e voltando mais atenção para a construção do aqui-agora, tendo consciência das forças em jogo.

Ao prototipar colocamos em movimento o problema que está sob investigação. Ao fazer isso, criam-se novos problemas pelos quais somos responsáveis. (...) Mas a noção de protótipo também pode indicar

uma outra topografia entre diferentes atores envolvidos num processo de investigação. (...) Produtores, pesquisadores, usuários, leigos e experts participam de formas distintas da trajetória do protótipo. (...) Promover as condições de sua contínua apropriação e modificações implica, portanto, num outro regime de propriedade sobre o conhecimento produzido e sobre o processo: deve-se tratá-lo como um comum (*commons*). Por fim, essa abertura implica no reconhecimento do caráter sempre inacabado e transitório de todo processo de investigação e aprendizado (PARRA, 2019, p.118).

A articulação política prototípica de Parra pode ser experimentada em doses pequenas, como num bairro, ou numa escola, onde podem ser criadas redes de diagnóstico de problemas que alimentarão propostas para gerar uma vida melhor à comunidade daquele território, atendendo às suas peculiaridades. Dessa forma, o grupo (de atores/agentes diversos) é convidado a se associar em rede a fim de pensar e implementar formas alternativas que representem resistência ao pensamento vigente, o que nos remete à busca pela práxis em contraposição ao *status quo* vigente.

Para levar a cabo a iniciativa, o professor sugere juntar problemas teóricos com outros do campo da política para examinar as alternativas que tragam como resultado a transformação social. O esforço, ressalta Parra, deve ser o de aproximar os dois campos, avaliando avanços sociotécnicos de forma mais ampla, considerando também as tecnologias que dão suporte aos modos de vida que queremos fazer prosperar. Parra destaca, em seu estudo, a necessidade de conectar pessoas no mundo real, e não apenas virtual, da escuta cuidadosa aos problemas relatados e do uso consciente, criativo e inovador de ferramentas tecnológicas.

Calcado em Simondon, o pesquisador fala na construção de experiências em reticulação (formação de redes para criar novas realidades que podem se transformar a todo instante) e transdução (que dá forma a novos processos de individuação). Aqui, cabe ainda lembrar Albagli, que observa o comum constituído não pela diferença em si, mas pela atividade, ou movimento, que permite a criação de coisas. Segundo ela, o comum é constituído e enriquecido pela produção de singularidades a partir da dádiva e da receptividade, mas também dos conflitos e da resistência (2013, p.116-117).

Focando na construção de um comum podemos, quem sabe, apostar “no imenso potencial das novas mídias digitais (transformadas em mídias sociais) como instrumentos privilegiados de mobilização e participação política e cidadã, tanto em movimentos estruturados (como os do software livre), como pela simples ação individual tornada coletiva, bem como de produção colaborativa” (ALBAGLI; MACIEL, 2011, p.19).

Esse ambiente rico, de colaboração, de resistência e de engajamento político também está ao alcance das crianças em seu uso cotidiano das ferramentas tecnológicas. No entanto, destacamos, para que o uso dito irrelevante das TICs se transforme em potencialidade para ação transformatória é fundamental que elas desenvolvam a competência crítica em informação.

Quadro 2 – Algumas oportunidades do ambiente digital

Comunicação	Mensagens instantâneas, chamadas de voz e de vídeo são possíveis com um celular conectado à internet.
Desenvolvimento de habilidades tecnológicas	Acessar sites, enviar mensagens, fotografar, gravar e editar um vídeo, escrever textos e enviar para a plataforma escolar; fazer download de aplicativos e jogos, conhecer as interfaces das redes e saber usá-las. Saber alterar as configurações de privacidade e segurança para se proteger <i>online</i> .
Entretenimento	Vídeos e música em <i>streaming</i> , jogos, plataformas digitais, redes sociais, aplicativos de gravação de música ou vídeo em que ela própria é o protagonista, aplicativos de edição de livros/e-books para criar e ilustrar histórias são alguns dos exemplos.
Informação	Na palma da mão a criança tem acesso a inúmeras informações que podem servir de estímulo para pesquisas escolares ou mesmo de interesse próprio. Acessar as notícias do país onde vive e de outros cantos do mundo. Ela é consumidora de conteúdo criativo e pode também tornar-se produtora de conteúdo criativo.
Engajamento ou criação de atos em prol de causas sociais / Participação cidadã	Criar ou participar do midiativismo é uma das faces positivas do uso das tecnologias. Bem como a participação de audiências públicas, colaboração na elaboração de leis, acesso aos aplicativos e sites do governo. Antes de chegar lá, a criança pode experimentar um blog ou canal do YouTube ou página numa rede social para debater as questões do grêmio escolar, por exemplo, para criar uma biblioteca pública em sua região, cobrar das autoridades a limpeza e proteção da pracinha ou gramado onde joga futebol com os amigos e amigas.

Fonte: Elaboração Própria

Reconhecendo o tamanho da desigualdade do país em que vivemos, não podemos nos furtar de apontar que as oportunidades da internet não estão disponíveis para 4,8

milhões de crianças entre 9 e 17 anos (18% desta população), que moram em casas onde não há rede disponível. São crianças e jovens que, durante toda a (ainda vigente) pandemia do novo coronavírus tiveram maiores dificuldades de acesso à educação, à informação e ao conhecimento, frente à necessidade do isolamento social. “Em um período em que praticamente a totalidade das escolas está fechada, a falta de acesso à internet amplifica esta desigualdade existente e é um fator limitador ao acesso a conteúdos educacionais, cultura e também habilidades digitais” (BARBOSA, 2020, s/p).

Segundo Floridi (2001) são duas as lacunas na desigualdade digital: uma é vertical, e trata da questão geracional e da evolução dos tempos. A segunda é horizontal, que divide os que estão dentro dela (*insiders*) e os que estão fora (*outsiders*).

Parece mais correto dizer que a desigualdade digital remodela o mapa social porque ocorre entre indivíduos e não entre países ou sociedades inteiras, entre os alfabetizados em informática e os analfabetos em informática, entre os ricos e os pobres em informação, seja qual for sua nacionalidade ou regionalidade. A desigualdade digital elimina as restrições de espaço e tempo, mas cria novas barreiras tecnológicas entre os que estão dentro dela e os que estão fora (FLORIDI, 2001. s/p, tradução nossa).

Falar de exclusão digital inclui ainda a parcela relevante da população que acessa a internet de forma precária ou que não consegue tirar dela todos as potenciais oportunidades, por causa, por exemplo, do limite de memória no aparelho celular ou de terem condições financeiras para pagar apenas um plano pré-pago em uma das operadoras de telefonia móvel. Redes fracas ou falta de dados para navegar também diminuem a chance que as crianças teriam de desfrutar das oportunidades *online*.

“A exclusão digital exacerba as desigualdades no acesso à informação e ao conhecimento, o que dificulta a socialização e limita a capacidade de usar ferramentas básicas para a vida em sociedade” (TRUCCO, 2020, p.118). Segundo a autora, é necessário implementar um conjunto de medidas para melhorar o acesso à tecnologia e às oportunidades de educação, fechando as brechas históricas de desigualdades de forma a igualar as oportunidades. Por sua vez, o filósofo Rafael Capurro (2009) observa que, a desigualdade digital tem dimensões econômicas, políticas, culturais e educacionais.

“A desigualdade digital, não deve ser considerada apenas um problema de acesso técnico à internet, mas uma questão de como as pessoas podem gerenciar melhor suas vidas usando novas mídias digitais interativas, evitando os perigos da exploração cultural, homogeneização, colonialismo e discriminação. (2009, CAPURRO, s/p, tradução nossa).

A declaração de Capurro nos remete ao tema principal desta pesquisa, a competência crítica em informação. Iniciada a terceira década do século 21, é possível assumir que as habilidades digitais (instrumentais e críticas) têm papel fundamental na formação das crianças para exercerem uma cidadania plena no futuro próximo, seja para fazer as pesquisas informacionais de forma eficiente e eficaz, seja para participar de uma audiência pública virtual ou debate em torno da criação de uma legislação. Incluímos, como não poderia deixar de ser, a administração da privacidade de seus dados e a segurança com que opera nas redes e ainda a importante avaliação da importância também de se desconectar.

3.6 POLÍTICAS PÚBLICAS

A produção e consumo de informação e desinformação na era da pós-verdade são temas que precisam fazer parte do cotidiano escolar e familiar das crianças que fazem uso das tecnologias. A criação de políticas públicas com esse objetivo deve fazer parte do plano pedagógico das instituições de todas as esferas que façam frente ao regime de informação vigente.

Há mais de uma década, o documento “Padrões de competência em TIC para professores: diretrizes de implementação”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), já recomendava que o professor deve “estar preparado para utilizar a tecnologia e saber como ela pode dar suporte ao aprendizado” e ainda “para ofertar autonomia a seus alunos com as vantagens que a tecnologia pode trazer” (UNESCO, 2008, p. 1).

Nesse sentido, muitas nações já incorporaram no currículo escolar a educação de crianças e jovens para o uso das mídias digitais, de forma que eles sejam capazes de vivenciar a cultura digital de forma ética, crítica e segura, ampliando suas oportunidades e minimizando os riscos. O desafio se impõe aos professores de todas as escolas brasileiras: em 2020, entrou em vigor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que define o conjunto de dez competências essenciais que o estudante deve desenvolver ao longo da escolaridade básica.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p.8).

Partimos da premissa de que, ao destacar aspectos como “atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”, a visão da BNCC alija-se de uma perspectiva puramente mecanicista e funcionalista, com foco em habilidades meramente técnicas, aproximando-se de uma abordagem mais crítica, centrada nas particularidades de cada indivíduo e voltada para a construção de uma cidadania digital ativa.

Referência obrigatória para a construção curricular do primeiro ano do ensino infantil até a conclusão do ensino médio, a Base é “orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”⁴². O documento propõe o ensino da tecnologia em três eixos, que abordam tanto conhecimentos e habilidades instrumentais, quanto a atitudes e valores (Quadro 3).

Quadro 3 - Dimensões das Tecnologias e Computação na BNCC

Pensamento Computacional	envolve as capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos;
Mundo digital	envolve as aprendizagens relativas às formas de processar, transmitir e distribuir a informação de maneira segura e confiável em diferentes artefatos digitais – tanto físicos (computadores, celulares, <i>tablets</i> etc.) como virtuais (internet, redes sociais e nuvens de dados, entre outros) –, compreendendo a importância contemporânea de codificar, armazenar e proteger a informação;
Cultura Digital	envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica.

Fonte: Brasil (2018).

⁴² Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de dez. 2019.

Pensar em políticas públicas voltadas para o ensino do uso das tecnologias, seja por alunos ou professores, pressupõe entender o regime de informação vigente. Conceito em debate há anos por autoras e autores como González de Gómez, Braman e Ekbis, o regime de informação tratado neste trabalho se referencia ao proposto por Frohmann: “qualquer sistema ou rede, mais ou menos estável, na qual a informação flui através de determinados canais de produtores específicos, através de estruturas organizacionais específicas, para consumidores específicos ou usuários específicos” (FROHMANN, 1995, s/p, tradução nossa)⁴³.

Este regime é configurado por um conjunto de elementos (humanos e não humanos) que se associam em redes, interagem e assim operacionalizam práticas sociais. Frohmann aponta que os estudos das políticas de informação não podem ser restritos à técnica e critica a falta de percepção de que há um elo entre poder e informação. Para o filósofo, o regime de informação reconhece que “a política de informação é feita e desfeita cotidianamente em práticas de interação sociais complexas” (FROHMANN, 1995, s/p, tradução nossa)⁴⁴ e em rede, como apontado anteriormente.

Um quarto de século depois de Frohmann ter escrito o texto supracitado, pode-se dizer que vivenciamos, na atualidade, a ampliação e complexificação destas interações, diante do espraio das TICs que, por meio de aplicativos digitais e redes sociais, são acessados facilmente por dispositivos móveis numa lógica ininterrupta. Aumentam os atores, os nós e as redes em que fluem e se armazenam informações de todo tipo, sem que haja simetria de poder entre estes atores.

Nesse cenário, a BNCC dá um passo importante ao inserir no contexto escolar a apropriação técnica e crítica das tecnologias de informação e comunicação no currículo acadêmico de crianças e jovens. Por outro lado, uma série de desafios se impõem na implementação das diretrizes preconizadas no documento. A capacitação dos professores é uma dessas questões.

A presença da tecnologia nas escolas não é novidade. Pelo menos desde o início do século XXI é possível encontrar laboratórios de informática em muitas unidades, sejam públicas ou privadas, em que pese a informática não seja disciplina obrigatória no país.

⁴³ (...) any more-or-less stable system or network in which information flows through determinable channels from specific producers, via specific organizational structures, to specific consumers or users a régime of information.

⁴⁴ (...) information policy is made and unmade every day in complex, interacting social practices (...).

No entanto, é a capacitação para o uso das tecnologias, de forma crítica e ética, seja nos laboratórios ou não, que precisa ser avaliada, no que tange às novas diretrizes traçadas pela BNCC.

A pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras - TIC Educação 2018 (CGI.br, 2018) dá pistas sobre algumas das lacunas que devem ser preenchidas para que a política de educação desenhada pela BNCC possa ser levada a cabo. Dos professores entrevistados, de escolas públicas e privadas, 57% não tiveram disciplina na graduação sobre o uso do computador e da internet em atividades de ensino. Um dos motivos pode estar no tempo de atuação profissional dos respondentes: 27% deles têm mais de 21 anos de magistério e 21%, mais de 16 anos.

Destacamos que 76% dos docentes declararam ter utilizado a internet para desenvolver e aprimorar seus conhecimentos sobre o uso das tecnologias nos processos de ensino e de aprendizagem. Destes, por outro lado, (apenas) 34% fizeram cursos específicos sobre o uso do computador e internet; 90% aprenderam novas habilidades sozinhos; 85% o fizeram por meio de vídeos e tutoriais *online*, e 59% solicitaram ajuda de outros professores. Observamos ainda que 40% dos professores recorreram à ajuda de alunos para aprender sobre uso da tecnologia (as respostas não são excludentes, um mesmo professor pode aprender por vários modos).

Se a maior parte dos professores usa pedagogicamente material obtido na internet (96%), fazendo alterações nos conteúdos copiados (88%) e até criando novos conteúdos ao combinar vários materiais (83%), poucos são os que compartilham suas criações (24%). Falta de conhecimento sobre onde publicar (34%), de como publicar (30%) ou de como utilizar programas de criação e produção de conteúdos (33%) foram algumas das justificativas mapeadas pela pesquisa.

Em relação ao uso de internet em atividades com alunos, 15% dos docentes nunca acessaram a rede com discentes (nas instituições públicas este número sobe para 24%); 18% o fizeram pelo menos uma vez por mês; 22%, uma vez na semana e 11% pelo menos uma vez por dia. Os docentes, em sua maioria, já utilizaram *smartphone* (60%) próprio para atividades com alunos. “A ausência de competências para uso das tecnologias pode ser um dos motivos para o baixo percentual de docentes que fizeram uso dos recursos em atividades pedagógicas com os alunos” (CGI.br, 2018).

Salientamos que há uma série de outros aspectos que poderão se apresentar como obstáculos ao cumprimento das diretrizes da Base, como, por exemplo, a falta da infraestrutura adequada, tanto no que diz respeito à obsolescência dos dispositivos

tecnológicos, quanto à conectividade da internet em velocidade suficiente para abarcar o uso de todo o corpo discente e docente. Já que em muitos casos, mesmo quando há infraestrutura adequada, nem sempre os professores sabem utilizá-la para alcançar seus objetivos, nos debruçamos neste texto em apontar, com auxílio da pesquisa TIC Educação, algumas das dificuldades que serão enfrentadas pelos professores, linha de frente no cumprimento da missão de preparar as crianças e jovens para se tornar cidadãos (digitais) numa sociedade em que a tecnologia avança muito mais rápido do que as políticas públicas são capazes de serem criadas e implementadas.

Num país extenso, desigual e diverso culturalmente como o Brasil, uma metodologia pedagógica fechada, em qualquer disciplina, pode não ser implementada de forma equânime. Talvez nem mesmo faça sentido. Dessa forma, cumprindo orientação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a BNCC destaca que a escola e seu corpo docente têm autonomia para definir as metodologias e abordagens que levem à construção do conhecimento e das competências previstas a partir da realidade em que (a escola) está inserida e do público que atende.

Mesmo sem citar o educador Paulo Freire em nenhuma de suas 596 páginas, a BNCC aponta caminhos que se aproximam da pedagogia freiriana: que resumimos como uma orientação metodológica de aprendizado para a emancipação da sociedade. Freire condena a educação bancária – que perpetua a opressão. A educação bancária, dos corpos dóceis, serve à dominação, é antidialógica, implica anestesia e inibe o poder criador do educando, que sem ser sujeito, torna-se um objeto onde algum conteúdo é apenas depositado.

O pensador então advoga pela educação problematizadora (ou libertadora), na qual há superação de qualquer relação de hierarquia entre educando e educador: enquanto um é educador-educando, o outro é educando-educador. Por meio do diálogo, ambos são sujeitos e compartilham mutuamente e criticamente suas experiências. Dessa forma, tem-se na educação um “*quefazer* permanente”, nas palavras de Freire (2019). O conteúdo da educação libertadora não é narrado, mas proposto depois de se levar em conta as particularidades da realidade e do contexto social em que o educando está inserido, de forma que possa ampliar a possibilidade de apreensão do conhecimento, como propõe a BNCC.

A escritora bell hooks defende também uma pedagogia libertária, chamando a atenção ainda para a necessidade de se levar entusiasmo, nunca tédio, aos alunos. Para ela, como as salas de aula são diferentes, “as estratégias têm de ser constantemente

modificadas, inventadas, reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino” (2019, p.21). Asseverando inspiração em Freire, hooks propõe uma pedagogia engajada, crítica, progressista e voltada ao bem-estar, que valoriza a expressão do aluno, mas também fortalece e faz crescer o professor.

Em perspectiva semelhante, o mexicano Miguel Ángel Pérez Álvarez escreve que “a educação não pode ser pensada para formar sujeitos dóceis” (PÉREZ ÁLVAREZ, 2017, p.67, tradução nossa)⁴⁵, nem de confinamento ou de controle social, mas deve se converter num espaço voltado para a liberdade e a criação. Como nos lembra Freire, a libertação não chega por acaso, mas pela práxis de sua busca, pela formação da consciência da necessidade de se lutar por ela. “A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2019, p.52).

O pensamento da educação libertadora freiriano converge ainda com a proposta da “ecologia dos saberes” do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, que afirma ser a emancipação social um “conceito central na modernidade ocidental” (SANTOS, 2007, p.17). Para ele, é preciso expandir o presente a fim de incluir nele mais experiências. A intenção do autor é tornar relevantes os diversos saberes que existem nas mais diferentes sociedades, mas que se encontram “ausentes”, escondidos atrás das cortinas do poder das elites, que promovem um epistemicídio dos saberes que não são os dominantes. O “saber científico pode dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações marginais, com o saber camponês” (SANTOS, 2007, p.33).

Como aponta hooks, um objetivo central da educação é unir a teoria e a prática em prol da transformação da sociedade:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para este fim (HOOKS, 2019, p.85).

Nessa perspectiva, levando em conta os aspectos sociais, econômicos e culturais diversos, cada escola e cada professor pode escolher a forma mais adequada contextualmente para tratar dos temas definidos como imprescindíveis para formar as

⁴⁵ *La educación no puede ser pensada para formar sujetos dóciles. Es el espacio y el tiempo que debemos transformar para convertirlo en el espacio para la libertad y la creación humana.*

competências, reconhecendo que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana e socialmente justa” (BRASIL, 2018, p.8).

A pedagogia crítica freiriana junta ação e reflexão destacando que os homens são seres da práxis, do “*quefazer*”. Teoria e prática, portanto, andam juntas, mas dialeticamente e mediadas pela crítica. Lembramos que teoria crítica foi uma linha de pensamento desenvolvida na Alemanha por integrantes do que ficou conhecido como Escola de Frankfurt no início do século XX. Diferentemente da teoria tradicional positivista, o enfoque deste método interdisciplinar não é apenas descrever o mundo como ele é, mas entender o motivo pelo qual ele não é de outra forma, ciente de seu contexto social de origem e de seu contexto de aplicação prática. Como explica Douglas Kellner na introdução do livro *O Homem Unidimensional*, do frankfurtiano Herbert Marcuse:

Os teóricos da Escola de Frankfurt estavam entre os primeiros a analisar as novas configurações do Estado e da economia nas sociedades capitalistas contemporâneas, a criticar os papéis-chave da cultura e das comunicações de massa, a analisar as novas formas de tecnologia e de controle social, a discutir novos modos de socialização e o declínio do indivíduo na sociedade de massas e – face a face com o marxismo clássico – a analisar e confrontar as consequências da integração das classes trabalhadoras e a estabilização do capitalismo para o projeto de mudança social radical (KELLNER in MARCUSE, 2015, p.15).

Max Horkheimer, o primeiro dos filósofos de Frankfurt a escrever sobre teoria crítica, argumenta que “para a teoria crítica não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades” (HORKHEIMER, 1980, p.156) que dependem de lutas históricas. Nesse sentido, continua, ela não funciona para manter o sistema, o *status quo*, mas quer criar um mundo que satisfaça as necessidades e forças do homem. “A teoria crítica não almeja de forma nenhuma apenas uma mera ampliação do saber, ela intenciona emancipar o homem de sua situação escravizadora” (HORKHEIMER, 1980, p.156).

Marcuse já alertara para os riscos da falta de crítica (pensamento unidimensional), que é amplamente reverberada pela expansão da tecnologia. A sociedade contemporânea, diz ele, ampliou suas capacidades (intelectuais e materiais), aumentando também a possibilidade de dominação do indivíduo. Segundo o sociólogo, uma das pretensões da teoria crítica é justamente investigar as raízes do desenvolvimento da sociedade e examinar suas alternativas históricas.

Nossos meios de comunicação têm pouca dificuldade de inculcar interesses particulares como se fossem os interesses de todos os homens

de bom senso. As necessidades políticas da sociedade tornaram-se necessidades e aspirações individuais, sua satisfação promove os negócios e o bem comum e o todo parece ser a própria concretização da Razão (MARCUSE, 2015, p.31).

A teoria crítica deve então, de acordo com Marcuse, observar as alternativas históricas existentes, “enquanto tendências e forças subversivas”: “Os valores ligados às alternativas tornam-se fatos quando são traduzidos em realidade pela prática histórica. Os conceitos teóricos culminam com a transformação social” (2015, p.33). Tanto Horkheimer e Marcuse, na teoria crítica, quanto Freire, na pedagogia crítica, têm como objetivo a transformação social por meio da emancipação do ser humano, e pautam parte de seus escritos nas ideias do filósofo alemão Karl Marx. Na tese 3 sobre Feuerbach, Marx já indicara a necessidade de educar o educador: “Seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, (...) as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e o educador tem ele próprio de ser educado” (MARX, 2001, p.100).

As políticas públicas devem responder às mudanças sociais. Argumentamos que o assunto deve entrar em pauta por meio da pedagogia crítica, em que se respeitem as diferenças regionais, sociais e econômicas de um país tão desigual como o Brasil, levando em consideração os anseios, possibilidades e dificuldades de cada grupo de alunos.

É alentador observar que a proposta brasileira de educação para o uso das tecnologias não preconiza apenas a apropriação instrumental, mas reverbera a necessidade de orientação dos alunos para o uso crítico, ético e seguro desses recursos. “Dotar de uma dimensão ética nossa determinação de dar sentido à nossa própria existência já é uma forma de existir. A atuação diante das redes digitais não pode ser uma exceção. Atuar nas redes digitais implica efeitos em todas as áreas da existência”. (PÉREZ ALVAREZ, 2018, p.6).

A competência crítica em informação, incluída no currículo escolar desde a mais tenra idade, pode ser um caminho para habilitar estes jovens a exercerem uma cidadania digital, de forma que possam não apenas entender os riscos e oportunidades de mergulhar na cultura digital, mas para que sejam capazes de contribuir, no futuro, por exemplo, para a criação das políticas de informação que fujam do uso instrumental focado apenas em eficiência e eficácia. Ganhando consciência crítica, estarão mais bem equipados para se engajar nas mudanças necessárias, exercendo sua cidadania.

3 METODOLOGIA E ANÁLISES PRELIMINARES

Para investigar e analisar as estratégias que pais e mães de crianças entre 8 e 12 anos usam para estimular a competência crítica em informação dos filhos e filhas no uso de celulares desenvolvemos pesquisa qualitativa que incluiu, além do levantamento bibliográfico, a análise dos dados empíricos obtidos por meio da aplicação de 154 questionários digitais e da realização de 15 entrevistas semidirigidas em profundidade por meio virtual.

O ponto de partida para o percurso metodológico iniciou na busca de textos que nos permitiram um aprofundamento nos conceitos basilares do campo teórico por meio de pesquisa em bases de dados como a Web of Science e Google Acadêmico, bem como do uso de referencial teórico das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI/IBICT-UFRJ) que englobam temas como CCI, teoria crítica, ética, pedagogia crítica, economia política da informação e comunicação, capitalismo de vigilância, capitalismo de plataforma. A experiência prévia da pesquisadora no campo da comunicação social e no jornalismo propriamente dito também teve relevância na seleção de autores, bem como na pesquisa documental feita no noticiário nacional e internacional dos temas que perpassam essa dissertação.

A partir das pesquisas teóricas pudemos nos beneficiar dos achados de autores que pavimentaram solidamente o caminho que antes de começarmos a traçar o nosso. Segundo Cecília Minayo (2001), “a teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos” (p.19), no entanto, como a própria autora nos afirma

(...) nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-los, buscando interconexão sistemática entre eles. Teorias, portanto, são explicações parciais da realidade (MINAYO, 2001, p.18).

Fez também parte deste caminho a interpretação dos dados quantitativos de fonte secundária – a pesquisa TIC Kids Online Brasil (CGI.br). Feita anualmente desde 2012, o levantamento tem como objetivo central mapear possíveis riscos e oportunidades *online*, ao gerar indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos de idade fazem da internet.

Antes mesmo da etapa empírica, foi realizada pesquisa exploratória, como indicam Quivy e Campenhoundt (1998), a partir de conversas com pais e mães de crianças na faixa etária de interesse da pesquisa (8 a 12 anos), a fim de entender como se dá o acesso de seus filhos e filhas aos aparelhos celulares, se há controle e mediação parental para este uso e ainda qual a percepção dos pais e mães quanto à competência (instrumental e crítica) dos filhos para lidar com os riscos e oportunidades oferecidos pela rede.

Durante a elaboração desta dissertação, estive em seminários e eventos que versam sobre o tema e pude me beneficiar da apresentação de pesquisas e iniciativas de educadores no primeiro ano do mestrado, ainda em uma tentativa de me aprofundar no campo. Entre eles estiveram o Curso de Capacitação, Uso Consciente e Responsável da Internet (NIC.br e CGI.br) e a Formação em Educação Midiática para Educadores (Instituto Palavra Aberta). Voltados para professores da rede pública, ambos tiveram por objetivo discutir maneiras de orientar e assegurar que crianças e adolescentes utilizem a rede com segurança e responsabilidade, bem como tratar da cidadania digital.

O ponto mais difícil para chegar à fase empírica foi a demorada aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), fundamental para iniciarmos o processo empírico. Por envolverem seres humanos, há exigência da análise e parecer de um CEP, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Aguardamos três meses entre a solicitação inicial, o cumprimento das exigências e a aprovação final.

A elevada burocracia e a dificuldade em preencher a plataforma do governo federal foram entraves que levaram a pesquisa a cair em exigências e prejudicaram o procedimento e atrasaram o início da coleta dos dados. O fato de as reuniões do CEP que avaliam os projetos acontecerem apenas uma vez por mês contribuíram para a demora da aprovação. O estudo foi finalmente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) em 17 de dezembro.⁴⁶

Para selecionar o grupo de responsáveis que seria entrevistado optamos pela amostragem intencional que, segundo Alan Bryman (2012) é, essencialmente, buscar as unidades (no nosso caso de pessoas) que têm ligação direta com nossa pesquisa.

A amostragem intencional é uma forma de amostragem não probabilística. O pesquisador não busca os participantes da pesquisa de forma aleatória, mas de forma estratégica, de forma que a amostragem seja relevante para as questões de pesquisa que estão sendo colocadas. (...). Porque é uma abordagem de amostragem não probabilística, a

⁴⁶ Parecer n. 4.472.009 e CAAE: 39063520.0.0000.5286.

amostragem intencional não permite ao pesquisador generalizar [os resultados] para uma população. (BRYMAN, 2012, p.418)⁴⁷.

Ainda calcados em Bryman, destacamos que esta pesquisa de amostragem intencional é do tipo genérica por: 1) usar um questionário com base no qual procedemos com a seleção dos respondentes das entrevistas individuais, cujas características foram definidas *a priori* (pais e mães de crianças entre 8 e 12 anos que usam o celular), 2) pretender explicar como as pessoas entendem um fenômeno (o uso do dispositivo por seus filhos), 3) ter como foco final a abordagem qualitativa, 4) realizar a coleta de dados por meio de entrevistas semidirigidas.

O questionário foi elaborado usando formulário eletrônico Google Forms e trazia perguntas a respeito de crianças que tinham celular próprio e também as que não tinham, mas que usavam o dispositivo de alguém. O instrumento⁴⁸ foi elaborado com perguntas que pudessem avaliar como os pais e mães avaliam riscos, oportunidades, tempo de uso, tipo de uso dos filhos no uso do celular, se eles têm algum tipo de estratégia para preparar os filhos para lidar com o celular e se os consideram preparados para o uso do dispositivo.

Usamos como recurso algumas perguntas de múltipla escolha, mais objetivas, e outras abertas, mais subjetivas. Em que pese sejam mais dispendiosas em termos do tempo usado tanto para o respondente, quanto para a pesquisadora que vai analisá-las, entendemos que há vantagens nas perguntas abertas. Entre os pontos positivos estão a possibilidade de os respondentes usarem seu próprio vocabulário, a redução do sugestionamento/enviesamento da resposta e ainda a chance de obtermos respostas inesperadas, tornando mais rico o material de análise (BRYMAN, 2012).

O questionário teve ainda por objetivo fazer a seleção daqueles que participariam das entrevistas individuais. É importante mencionar que, antes do envio do link com o formulário para esta etapa, o mesmo foi testado com oito responsáveis que fazem parte da população do estudo (têm filhos entre 8 e 12 anos que usam o celular) para que pudessem avaliar o entendimento das perguntas e tornar possível, caso necessário, proceder com as correções necessárias, avaliar o tempo de resposta, entre outras coisas. “Este estudo prévio permite muitas vezes detectar as questões deficientes, os

⁴⁷ *Purposive sampling is a non-probability form of sampling. The researcher does not seek to sample research participants on a random basis. The goal of purposive sampling is to sample cases/participants in a strategic way, so that those sampled are relevant to the research questions that are being posed. (...) Because it is a non-probability sampling approach, purposive sampling does not allow the researcher to generalize to a population.*

⁴⁸ O questionário quantitativo consta do Anexo A.

esquecimentos, as ambiguidades e todos os problemas que as respostas levantam” (QUIVY; CAMPENHOUNDT, 1998, p. 172).

Feitos os ajustes necessários, em 22 de dezembro de 2020 o questionário com 34 perguntas foi enviado em um grupo secreto de mães do Facebook (Saaanta Mãe), do qual constam 2,1 mil mulheres de diferentes classes sociais, com filhos de diferentes faixas etárias. Diante da sugestão recebida, quando da qualificação, entendemos que seria interessante também enviar o questionário em outros grupos que permitissem também a participação de pais nas respostas. Dessa forma, o questionário também foi enviado individualmente a seis pais e seis mães com filhos na faixa etária desejada, tanto de escolas públicas quanto privadas, com a solicitação de que o link do formulário fosse compartilhado com outros grupos de pais e mães no WhatsApp (escolas, família, cursos extras, condomínio etc.) a fim de obtermos o maior número de respostas possíveis.

Como mencionamos anteriormente, nossa principal intenção ao lançar o questionário era selecionar os participantes da segunda etapa da pesquisa, que se restringiu aos pais de crianças que possuem um *smarthphone* próprio. O convite a esta etapa da pesquisa foi feito na última pergunta do questionário, por meio da qual os pais e mães poderiam deixar um contato de telefone e/ou e-mail para que fossem acionados em momento posterior⁴⁹.

Vinte dias depois de distribuirmos o *link* do questionário, atingimos 154 respondentes e decidimos fechar o questionário para respostas por meio de uma opção oferecida pela própria ferramenta. A decisão aconteceu ao avaliar que 78 pessoas se disponibilizaram para a etapa seguinte, das entrevistas individuais. Entendemos que, com este quantitativo, haveria chance de obter unidades suficientes para atingir o objetivo do trabalho, mesmo que grande parte deles não se concretizasse, por falta de tempo ou mesmo interesse posterior. Havia ainda a importante questão do prazo a ser cumprido, que deveria levar em consideração o tempo necessário para realizar as entrevistas individuais, transcrição das conversas, análise dos dados de ambas as coletas e finalização desta dissertação.

Das 78 pessoas que informaram seus contatos para a segunda etapa, 48 eram responsáveis por crianças com aparelho celular pessoal e foram convidadas para entrevistas individuais, que aconteceram por meio virtual, em razão da pandemia do novo

⁴⁹ O convite foi feito da seguinte forma: Gostaríamos de conversar rapidamente com você sobre o tema, no horário que for mais conveniente. Se puder participar desta próxima etapa, por favor deixe o seu e-mail e/ou celular e entraremos em contato para agendar uma entrevista virtual.

coronavírus. O primeiro convite, feito por e-mail e pelo WhatsApp, foi enviado em 21 de janeiro de 2021 para os 48 responsáveis.

Nos 20 dias que se seguiram, foram conduzidas 15 entrevistas semidirigidas com base num guia⁵⁰ do qual constavam perguntas elaboradas a fim de construir um encadeamento possível dos temas a serem abordados, mas que não fosse rígido demais para permitir que a entrevista seguisse dinâmica própria (COMBESSIE, 2004, p.41) permitindo ao (a) entrevistado(a) a liberdade de fornecer seu ponto de vista. As conversas foram feitas por chamada de vídeo usando a ferramenta Google Meet, tendo apenas uma sido feita por ligação telefônica, a pedido da entrevistada. Apenas o áudio das conversas⁵¹, que duraram em média entre 30 minutos e 40 minutos, foi gravado, em duas mídias diferentes: no computador e no celular da pesquisadora, para evitar falhas de equipamento. O conteúdo foi transcrito pela pesquisadora e, em seguida, feita a tabulação dos dados por meio da criação de categorias e posterior análise.

Como nos lembram Quivy e Campenhoudt, “em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo” (1998, p.195). Dessa forma, a partir do tratamento dos dados dos questionários e da transcrição das entrevistas individuais, levamos a cabo a análise dos conteúdos das entrevistas, contrastando aos pressupostos teóricos antes descritos. Os dados de cada etapa são reportados em separado: primeiro, os questionários; em seguida, as entrevistas, que foram feitas apenas com mães pais de crianças que têm o celular próprio. Mencionamos ainda o fato de que alguns trechos das entrevistas estão nos capítulos teóricos. Entendemos que esta estratégia ajuda a ilustrar alguns pontos.

Avaliamos que o fato de termos elaborado um questionário e feito, posteriormente, entrevistas individuais, apesar de muito mais trabalhoso, não prejudica a pesquisa. “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (Minayo, 2001, p.21).

Como a pesquisa envolve dois tipos de coleta – o questionário e as entrevistas individuais – dividiremos a apresentação dos resultados. Neste capítulo, apresentaremos os achados gerais extraídos na análise dos questionários e apresentaremos as narrativas

⁵⁰ O guia consta do Apêndice C.

⁵¹ O recurso da gravação do vídeo com o Google Meet funciona apenas para contas empresariais. Como não vimos prejuízo em gravar apenas o áudio, mantivemos a ferramenta com a qual já estamos habituadas a usar.

sobre o motivo pelo qual a criança ganhou o primeiro celular. Relataremos primeiramente os achados do questionário digital.

3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

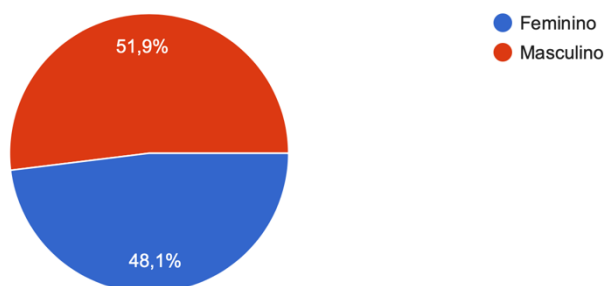
Para tratar a pluralidade de informações heterogêneas, reunidas nas respostas dos questionários, precisamos ordená-las (COMBESSIE, 2004), de maneira que seja possível analisá-las. Antes mesmo da obtenção das respostas, é importante dizer que já havíamos estabelecido uma pré-seleção de temas macro que norteariam as perguntas do questionário e nos possibilitariam atingir o objetivo desta pesquisa, como o **tipo de uso e tempo de uso**, bem como as formas de **mediação parental**. O primeiro tema foi subdividido em diferentes categorias que apareceram tanto nas perguntas múltipla escolha, quanto nas respostas abertas: “comunicação”, “entretenimento” e “educação”.

O questionário, como informamos anteriormente, alcançou 154 responsável de crianças entre 8 e 12 anos que fazem uso do celular. Do total de respondentes, 138 são mães e 15 são pais. Na maior parte das casas (76,6%), moram dois adultos e no maior número de lares (55,2%) há duas crianças, seguida de uma criança (39%). Os respondentes foram solicitados a se basear em apenas uma das crianças da casa, na faixa etária alvo. Não foi relevante a diferença entre o número de responsáveis que escolheu meninos (51,9%) ou meninas (48,1%) para responder ao questionário (Figura 3).

Figura 3 – Gênero das crianças

Escolha uma das crianças dentro da faixa etária entre 8 e 12 anos para responder as próximas questões. Qual o sexo da criança?

154 respostas



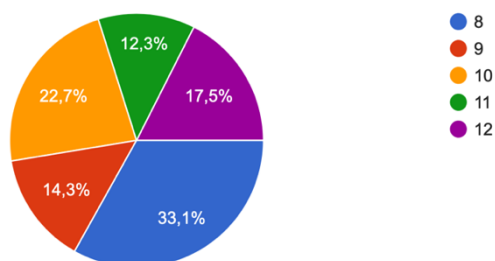
Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

A idade das crianças, por outro lado, variou bastante, como podemos observar na (Figura 4).

Figura 4 – Idade das Crianças

Quantos anos tem a criança?

154 respostas



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

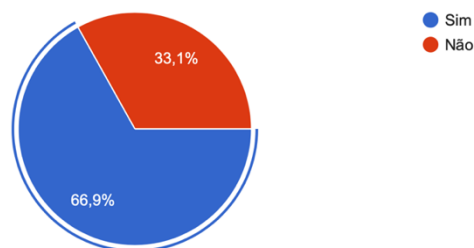
3.1.1 Celular próprio

A maior parte das crianças cujos pais responderam ao questionário tem celular próprio (66,9%), como podemos observar na Figura 5. A maioria das crianças que tem o dispositivo (23,3%, ou 103 em números absolutos) ganhou-o aos 8 anos e nenhuma delas aos 12 (Figura 6). Apenas duas ganharam antes dos 5 (1,9%) e seis crianças, aos 6 anos (5,8%) A predominância é de quem já havia adquirido o celular próprio antes mesmo da pandemia (65%), corroborando a percepção de que o dispositivo faz parte da vida dessa geração. A maior parte delas (87%) usa o aparelho sozinha.

Figura 5 – Crianças com celular próprio

A criança tem celular próprio?

154 respostas

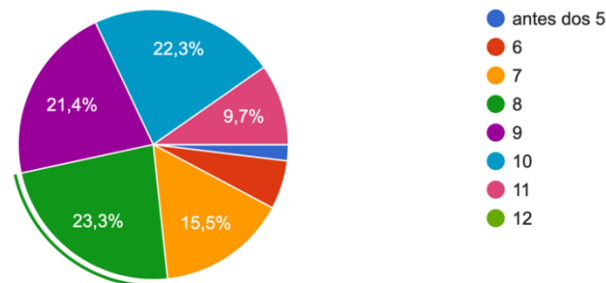


Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

Figura 6 – Idade que ganhou o celular

Com quantos anos a criança ganhou o celular?

103 respostas



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

Perguntados sobre o motivo de a criança ter adquirido o dispositivo, as respostas são mais semelhantes no grupo de pais de crianças que ganhou o aparelho depois da pandemia: entretenimento (jogos, vídeos, músicas), comunicação (entre pares e com parentes) e educação (acompanhar as aulas, fazer pesquisas) se repetem com frequência. Uma outra resposta comum para esta pergunta inclui o fato de que a criança “ganhou de presente” (parentes externos à casa), às vezes sem maiores detalhes, outras demonstrando opinião formada e negativa sobre o fato, como no caso do pai que disse: “sou separado e a mãe deu, mesmo com a minha discordância”. Destacamos abaixo algumas das 36 respostas de responsáveis por crianças que ganharam o aparelho durante a pandemia.

Demanda de vídeos, jogos e conversa com amigos no WhatsApp.

Para interagir mais com os amigos, facilitar sua autonomia com as demandas das aulas à distância e porque sabíamos que seria um presente que ele gostaria de ganhar.

Porque usava o dos pais para jogos e os pais ficavam sem o celular.

Porque estávamos na pandemia e ele queria falar com os amigos. Para isso usava o meu celular. Mas eu me sentia a interferir nas conversas [dele], uma vez que era eu quem recebia as mensagens de WhatsApp. Para além disso, existia um grupo de WhatsApp da turma, do qual ele não podia participar. Achei importante ele ter o seu espaço com os amigos e ter a sua autonomia.

Entre as crianças que ganharam o telefone antes da pandemia (filhos e filhas de 67 dos respondentes) os motivos variam muito mais. Observamos que não foi citado, por

nenhum deles, o acesso a plataformas escolares, mas o tema educação esteve presente nas respostas que tratavam da possibilidade da criança, por exemplo, “estudar inglês”, “fazer pesquisas”, “ter acesso à informação”. Antes da pandemia, ambientes escolares virtuais não eram comuns no país.

Comunicação com os pais e/ou com os amigos foi citado por 24 pais e mães, tendo sido a resposta que mais se repetiu. Nessa categoria, estão incluídas, pelas respostas abertas, questões de segurança da criança, como podemos observar em algumas das citações abaixo:

Para facilitar a comunicação quando descia no condomínio para brincar.

Somos pais separados, ela começou a fazer deslocamentos pela cidade sozinha, de ônibus, e achamos positivo que ela tivesse um celular para caso de emergência e também para contato com as amigas.

Pelo fato de sair para trabalhar e ela poder se comunicar quando fosse preciso.

Entretenimento (jogos, vídeos de *streaming*, ouvir música) vem em seguida, com 16 respostas. O fato de ter sido um presente (avós, madrinha, tio ou mesmo de aniversário) também teve relevância no grupo, com 11 respostas, bem como o fato de haver um aparelho disponível extra na casa, quando alguém adquiriu outro mais moderno (obsolescência programada), com sete respostas. Destacamos abaixo outras justificativas dadas pelos respondentes.

Acabamos por ceder aos apelos da criança.

Importante estar próxima da tecnologia.

Pressão social.

Sempre pediu e com 10 anos resolvemos dar porque os amigos já tinham há muito tempo.

Porque todas as amigas já tinham.

Entre as crianças que **não têm** celular próprio, há grande variação nas idades que os pais e mães planejam dar o dispositivo (Figura 8). Os que não pretendem dar são 7,8%. É curioso observar a grande quantidade de pais e mães que dizem que as crianças só ganharão o dispositivo aos 12 (25,5%) ou a partir dos 13 (também 25,5%),

porque vai na contramão do que temos percebido, que é da antecipação etária. Em números absolutos são 13 responsáveis em cada categoria. Ao observar algumas respostas posteriores, é interessante destacar que parte destes pais disse não ver “nenhum benefício” no uso do celular ou reduzem as oportunidades do uso do aparelho à categoria da comunicação, como vemos nesta seleção de respostas sobre os possíveis benefícios:

Apenas as videochamadas com familiares, que não pode estar vendo pela pandemia.

Perda de tempo, poderia ler um livro.

Acho desnecessário, mas o pai permite.

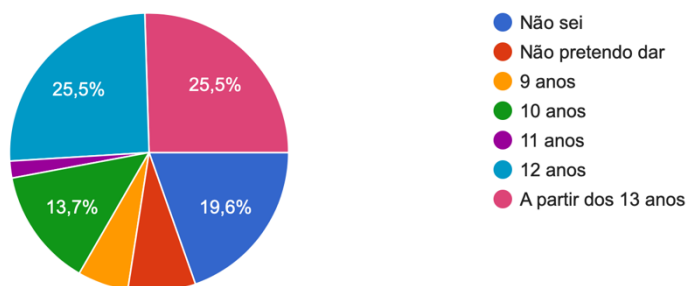
Durante a pandemia, contato com amigos.

Nenhum. Odeio.

Figura 7 – Idade que os pais planejam dar um *smartphone* para a criança

Com que idade você pretende dar um celular próprio para a criança?

51 respostas

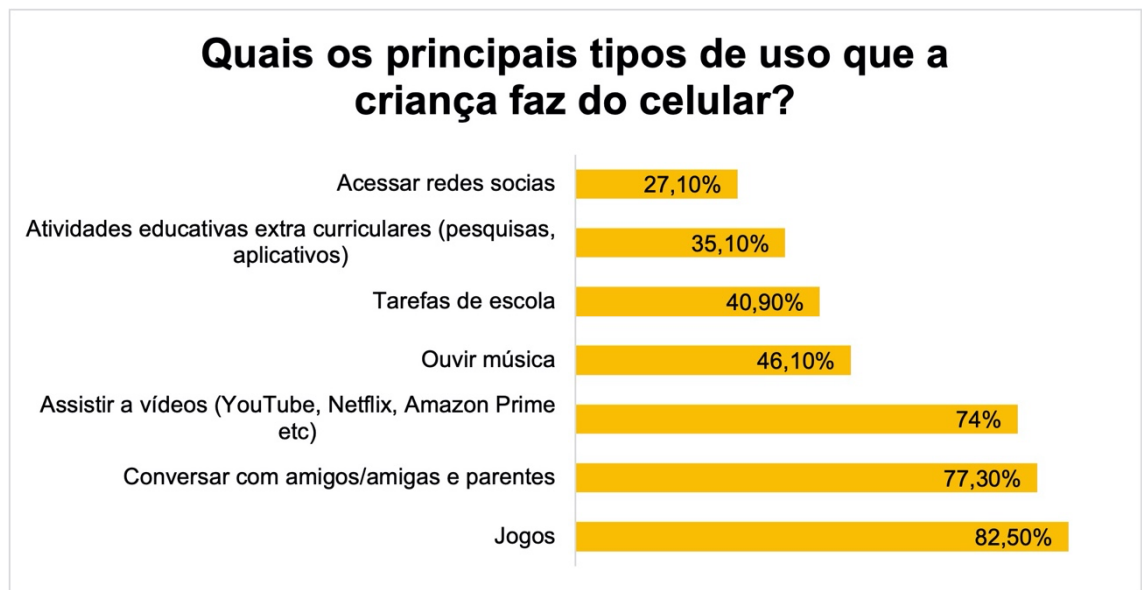


Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

3..1.2 Tipos de uso

O principal tipo de uso feito pelas crianças, informaram os responsáveis, é ligado ao **entretenimento**, englobando atividades como jogos (82,5%), assistir a vídeos (74%), ouvir música (46,1%). Em segundo lugar aparece a **comunicação** – conversar com amigos e parentes (77,3%) e, por fim, a **educação** – fazer tarefas da escola (40,9%), como podemos observar na Figura 8. Esta pergunta possibilitava mais uma resposta.

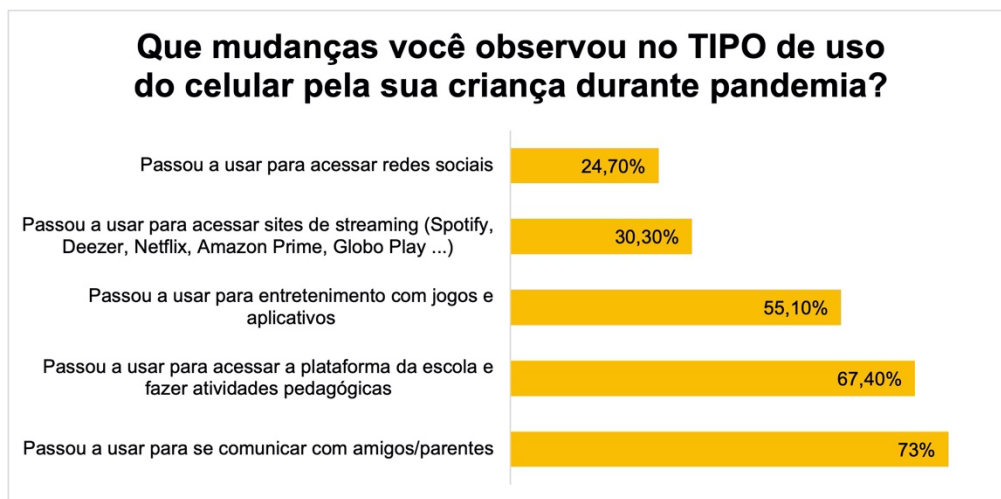
Figura 8 – Principais tipos de uso do celular



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

Na pandemia, houve mudança no tipo de uso do celular pelas crianças, apontaram os respondentes, sendo a principal delas o uso mais frequente para se conectar com amigos e parentes (73%) e para acessar a plataforma da escola (67,4%), como vemos na Figura 9. Na categoria outros, apareceram apenas duas respostas diferentes: “passou a usar para aprender a tocar um instrumento” e “passou a usar para aprender a desenhar”. Não surpreende o fato de as crianças ampliarem o uso do celular para comunicação, em um período de isolamento social.

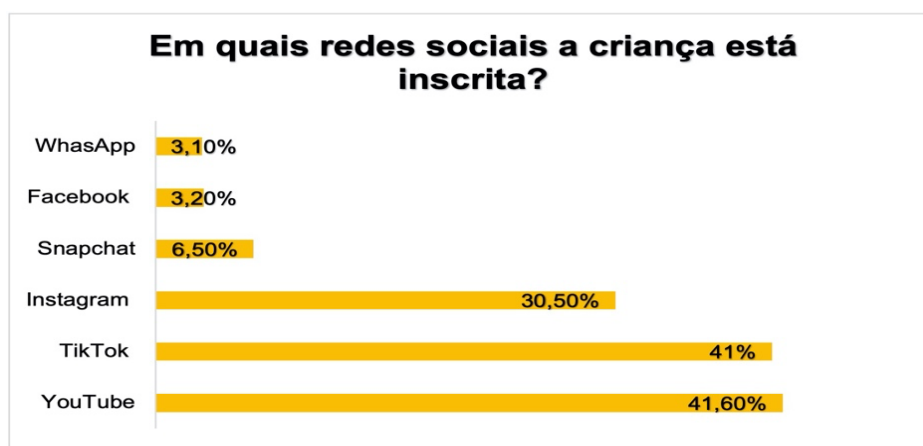
Figura 9 – Mudanças no tipo de uso do celular durante a pandemia



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

Em que pese a faixa etária alvo da pesquisa seja de crianças abaixo da idade recomendada pelas próprias plataformas para participar das redes sociais – de 13 anos –, boa parte está nelas. A maioria está inscrita no YouTube (41,6%), seguida de TikTok (40,9%) e Instagram (30,5%). São 33,1%, ou um terço, as crianças que não têm perfil em nenhuma das redes.

Figura 10 – Redes sociais nas quais a criança está inscrita



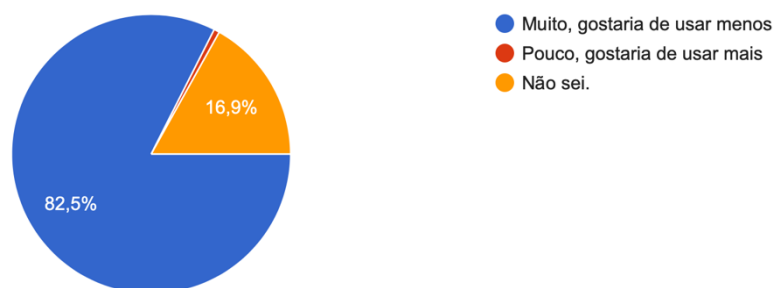
Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

A fim de traçar um pequeno perfil dos respondentes quanto ao uso pessoal do equipamento, perguntamos a média de tempo que o próprio responsável passa por dia no celular. A maior parte afirmou ficar entre 2 e 4 horas (33,8%), seguido de 4 a 6 horas (31,2%), 6 a 8 horas (13,6%), até 2 horas (10,4%) e mais de 8 horas (10,4%). Foi alta a percepção de que gostariam de passar menos tempo conectados, como observamos abaixo (Figura 11). Também a maior parte dos pais se considerou preparado para ensinar o filho a obter as melhores oportunidades *online* (81,2%) e também reduzir os riscos (81,8%).

Figura 11 – Pais gostariam de passar menos tempo conectados

Você considera muito ou pouco, o tempo que você usa o celular?

154 respostas



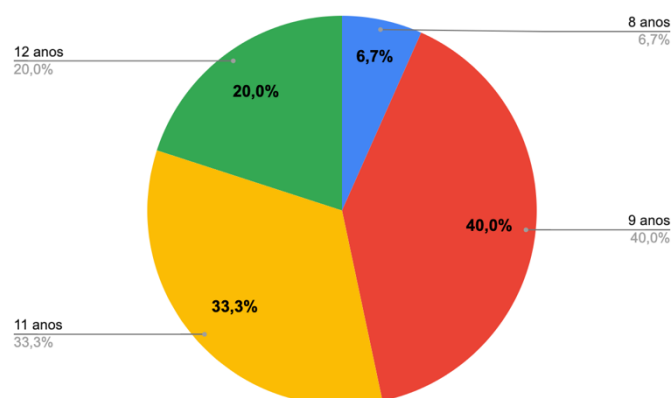
Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

3.2 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Nossa principal intenção ao lançar o questionário digital, como exposto anteriormente, era selecionar os participantes da segunda etapa da pesquisa, que se restringiu aos pais de crianças que possuem um *smarthphone* próprio. O convite a esta fase foi feito na última pergunta do questionário, por meio da qual os pais e mães poderiam deixar um contato de telefone e/ou e-mail para que fossem acionados em momento posterior.

Assim, entre os dias 22 de janeiro e 8 de fevereiro foram conduzidas 15 entrevistas semidirigidas com base em um guia, que consta do Apêndice C. Os entrevistados foram 13 mães e dois pais. Aqui cabe fazer duas observações: 1) foram convidados todos os 48 responsáveis cujos filhos têm celular próprio em três datas diferentes: quinta-feira, 21 de janeiro de 2021, segunda-feira, 25 de janeiro de 2021 e segunda-feira, 01 de fevereiro de 2021. 2) Dos 48 responsáveis que deixaram contatos, cinco eram homens, mas apenas dois responderam ao chamado da pesquisadora. As entrevistas foram sobre oito meninas e sete meninos e as idades foram 8 anos (uma criança), 9 anos (seis crianças), 11 anos (seis crianças), 12 anos (três crianças).

Figura 12 – Idade das crianças filhas dos entrevistados individualmente



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

As conversas aconteceram por chamada de vídeo usando a ferramenta Google Meet, tendo apenas uma sido feita por ligação telefônica, a pedido da entrevistada. A partir do tratamento dos dados dos questionários e da transcrição das entrevistas individuais, procedemos com a análise dos conteúdos das entrevistas, contrastando aos pressupostos teóricos antes descritos. Foi interessante notar, como em alguma medida já era esperado, que nos relatos os pais contaram muito das suas próprias experiências e aflições, em relação ao tempo e ao tipo de uso que eles mesmo fazem.

3.2.1 Meu primeiro celular

A obsolescência programada desempenhou um importante papel para que as crianças ganhassem um aparelho de telefone, com a história já conhecida de que, na hora de um dos responsáveis trocar o aparelho por um mais novo, a criança herda o mais antigo. Houve casos, no entanto, em que o presente surpreendeu até pais e mães, já que a decisão de oferecer o dispositivo para a criança não passou pelo crivo deles. Abaixo transcrevemos alguns trechos das diferentes narrativas sobre o primeiro celular.

Foi um presente, uma surpresa. Minha mãe comprou um celular novo e deu pra ela o antigo. Foi até uma surpresa pra gente, porque a gente não esperava. A gente não foi consultado para saber se era bom, era ruim, era a idade certa, não era. Simplesmente ela ganhou o celular e a gente não tinha como dizer não. Como não tinha chip, ela usava basicamente só para jogo. Foi no aniversário de 9 anos, ou seja, tem um ano, porque ela faz 10 na semana que vem. Eu achava que era cedo demais, mas não tive liberdade de escolha não (risos). (A.M, pai da L., 9 anos).

*A gente inicialmente tinha concordado que ele só teria um celular quando fosse mais velho, com 11, 12 anos. Só que agora, **por livre e espontânea vontade, a mãe pegou o dela e deu pra ele**, porque ganhou um novo da empresa onde ela trabalha. Num primeiro momento, ela disse que era só para WhatsApp, para a gente se falar entre a gente, eu com ele e ela com ele, mas a coisa está tomando uma proporção muito maior e eu efetivamente estou muito contrariado. (F.C., pai do H., 8 anos.)*

*Não lembro exatamente quando ela ganhou o primeiro. Ela devia ter 7 para 8 anos, o que eu considere cedo demais, **foi uma decisão unilateral do pai** e eu só fiquei sabendo depois que ele já tinha dado. Já tinha essa vontade dela, tinha esse pedido, que eu acho que tinha relação com a mídia, que produziu esse desejo nela. O pai ouviu e, inadvertidamente, ofereceu aquele objeto de desejo. E assim foi. (P.G., mãe da J., 11).*

*Ela ganhou aos 10 anos. Ela é a terceira de três filhos e os dois mais velhos já tinham. Aí começava uma necessidade de se comunicar com a gente quando ia no clube, saía com amiguinhos. Mas era o celular de alguém, que comprou um novo, e **ela foi herdando**. (G.M., mãe da A., 12).*

*Já tem alguns anos que ela ganhou o primeiro, com 8 ou 9. A prima, seis meses mais velha, trocou o que tinha e passou para ela esse antigo. Foi um presente da prima. (...) Quando ela ganhou, eu não me opus. **Achei que, num primeiro momento, minha prima podia ter me perguntado, me consultado antes de a filha dela dar esse presente, mas isso não aconteceu e eu não recusei**. Não proibi. (F.L., mãe da A., 11)*

Na pandemia a gente deu. É aquela velha história: o antigo de um dos pais foi para o filho. (A.B., mãe do P., 11).

Na minha casa os celulares dos mais velhos foram sendo repassados pros mais novos. Acho que com uns 7 ou 8 ela recebeu o primeiro celular, de doação minha. (A.J., mãe da A., 12).

Há uns anos, a gente pegou um celular antigo e deu para os dois filhos dividirem [tem um de 11 e um de 13]. Há dois anos, eles dois pegaram o dinheiro que eles ganham de aniversário, de Natal, de parentes, juntaram ‘os dois dinheiros’ e compraram numa promoção dois celulares. Um para cada um. (C.S., mãe do I., 11).

No próximo capítulo, detalharemos os tipos de uso e as formas de mediação parental relatadas pelos responsáveis. A pandemia, como não poderia deixar de ser, também influenciou na decisão de alguns respondentes de antecipar o presente, que preferiam deixar para mais tarde.

4 MEDIAÇÃO PARENTAL E ATITUDE CRÍTICA

A partir de nossas pesquisas exploratórias e do aprofundamento na literatura específica sobre o tema do uso de celulares por crianças, definimos, de antemão, duas macrocategorias para guiar a elaboração do questionário *online* e também das perguntas que conduziram as conversas individuais: **tipo de uso**, para entender o que a criança faz com o dispositivo, e **tempo de uso**. Como o objetivo deste trabalho é colher e analisar as estratégias da formação da CCI das crianças no uso do dispositivo, outra categoria fez-se imprescindível: **estratégias de mediação parental**.

As mediações, aprendemos por meio das conversas, baseiam-se diretamente na avaliação que os responsáveis fazem sobre as **oportunidades** e os **riscos** do ambiente digital, conforme discutido no capítulo 2. À medida que procedíamos com a análise das respostas dos questionários, bem como das entrevistas individuais, outras subcategorias foram surgindo, baseados nestes tópicos, de forma a melhor organizar todo o extenso material. Nesse sentido, cabe destacar as **atitudes críticas** que queremos fomentar nas crianças, por meio do desenvolvimento da competência crítica em informação. “Atitudes” porque, como vimos afirmando nesta dissertação, a CCI une a reflexão, através da conscientização crítica, à práxis. Assim, as três atitudes relevantes para a criança no uso do celular e que culminam na atitude crítica são: **de uso seguro, de uso ético, de uso saudável**. Elas serão explicadas ao longo deste capítulo.

No capítulo anterior demonstramos os principais tipos de uso que as crianças fazem do celular. No próximo, nos debruçaremos sobre o tempo de uso, que tanto inquieta pais e mães. Agora, passaremos a tratar de como os responsáveis observam as oportunidades e riscos do uso do celular por seus filhos e filhas. Neste momento, apresentaremos os relatos obtidos por meio das respostas abertas dos questionários, bem como as narrativas mais aprofundadas relatadas nas entrevistas individuais.

4.1 OPORTUNIDADES

Como expusemos anteriormente, os questionários digitais contavam com uma série de perguntas abertas, na intenção de obter espontaneamente as respostas dos pais e das mães. Entre esses questionamentos estava a percepção sobre quais as principais oportunidades oferecidas às crianças pelo uso do *smarthphone*. Tanto nas respostas dos questionários quanto das entrevistas individuais, como não poderia deixar de ser, em

razão da pandemia que ainda nos assola, está a **comunicação**, a possibilidade de “trazer para perto os amigos, os avós, a escola”, “interagir durante a reclusão”, “diminuir a solidão de ser filho único” estão entre as respostas. Nas entrevistas individuais, três mães também citaram como oportunidades o fato de as conversas com a pesquisadora serem possíveis pela mediação tecnológica: “este benefício está aqui, estamos em conexão, em diálogo”.

É interessante observar nos relatos das entrevistas individuais o fato de que muitas crianças passaram a usar o celular para isso apenas depois da pandemia. O dispositivo, em muitos casos, era prioritariamente usado para entretenimento (jogos, *streaming*) e para se comunicar apenas com os responsáveis, tanto no caso de crianças com pais separados, quanto no caso da locomoção da criança da casa para a escola, ou para a casa dos amigos. É curioso observar que, só a partir da pandemia, alguns passaram a usar com frequência o celular para ligações telefônicas.

Nesse caso, claro, elas usam os recursos mais modernos: chamadas de vídeo para amigos e fazem uso massivo do WhatsApp para troca de mensagens. “Achei boa essa coisa de eles aprenderem a se virar com os grupos de WhatsApp. Eles mesmos vão bloqueando, desbloqueando, se estapeando, criando suas regras”, conta J.L., mãe da H., de 9. Outra mãe revela que precisou ensinar o filho a se comunicar por meio do aplicativo, já que há muitas possibilidades de a comunicação não ser bem entendida por quem está do outro lado da tela.

Alguns responsáveis também mencionaram a relevância de fomentar neles as **habilidades instrumentais/técnicas**, o que demonstra a importância que estes pais dão à tecnologia como parte do mundo contemporâneo e à necessidade de introduzir a educação tecnológica no rol de atividades fundamentais para que a criança seja capaz de lidar com essas ferramentas: “desenvolvimento das habilidades tecnológicas”, “domínio de plataformas”, “manter-se atualizado com os dispositivos disponíveis”, “se auto incluir na vida digital” e “ser digitalmente independente e saber manejar dispositivos sem necessidade de ajuda” são algumas das oportunidades mencionadas por estes responsáveis.

Um moleque de oito anos pega o celular e pergunta: ‘Google o que é não sei o quê?’ Isso é bárbaro. (...) Essa semana eu vi o H. fazer uma coisa que eu fiquei orgulhoso. Ele queria aprender a dar um drible, no [jogo] Fifa. Achou o tutorial, botou os vídeos, ficou assistindo, depois treinou e quando a gente foi jogar e ele conseguiu fazer. Todo o processo foi demais: pesquisou, baixou, treinou, teve perseverança e

conseguiu. Foi magnífico, ainda mais pra uma criança de 8 anos. (F.C., pai do H., 8).

Tem um aplicativo de fãs clubes, o Vine, no qual eles montam vídeos, edições de fotos, vão fazendo efeitos. Aí montam perfis no Instagram que são só para colocar essas edições de vídeos, que vão viralizando. E são muito bonitas as imagens. Ela com 11 anos já sabe mexer num programa de edição de imagens, sabe procurar tutorial no YouTube e vai se aprimorando. (P.G., mãe da J., 11).

Nas respostas também encontramos relatos que, em alguma medida, podem ser categorizados como estímulo a **atitudes críticas** no uso da tecnologia. Para estes pais, o uso do dispositivo pode gerar competências que vão auxiliar a criança a entender, por si só, as oportunidades, levando-a a ter autonomia para usar em benefício próprio os recursos oferecidos pelo dispositivo, como destacamos abaixo algumas respostas abertas do questionário digital.

*Eu vejo como uma maneira de ela aprender coisas novas e se entreter sozinha nas suas horas vagas. Fico satisfeita em ver que ela está cada dia mais familiarizada com o uso do aparelho em si, e que **ela não se sente intimidada pela tecnologia**.*

*A interação com as comunidades de interesse comum e fãs (Harry Potter, IT) levam ao desenvolvimento de habilidades artísticas com aplicativos de edição de imagem e desenho, além do **desenvolvimento de autonomia no mundo digital**.*

*É o mundo de hoje e ela deve **aprender a observar o que ele traz de benefício ou não**.*

A **educação** foi outro tema recorrente, desta vez na avaliação do grupo de entrevistados individualmente. Além do “uso facilitado à plataforma da escola”, “o acesso a milhares e milhares de livros”, “acesso ao noticiário de jornais e informações sobre o que está acontecendo no Brasil e no mundo” aparecem ao lado das oportunidades de usar o *smartphone* para atividades extracurriculares, como “curso de desenho”, “aula de violão”, “acesso aos vídeos educativos para complementar ou tirar dúvidas sobre o que aprende na escola”. O respeito à necessidade de **entretenimento** é relatado por todos os pais. Jogar *online*, assistir aos filmes e ouvir as músicas que interessa às crianças fazem parte da cultura digital e da infância contemporânea.

Por outro lado, alguns responsáveis têm grande dificuldade de vislumbrar os pontos positivos do uso da tecnologia e parecem deixar a criança usar o dispositivo apenas porque se renderam à pressão da criança ou de parentes. Declarações como: “não vejo

nenhum ponto positivo, mas o pai permite”, “odeio que use celular”, “chupeta virtual”, “perda de tempo, deveria ler um livro” estiveram presentes nos questionários. Há também aqueles que reduzem o potencial positivo a “apenas entretenimento” ou “apenas para socializar durante a pandemia”, algo usado “só para gastar o tempo”.

Por fim, também encontramos nos relatos declarações dos pais que atribuem o uso do celular a algo em benefício próprio (para o adulto), relegando como maiores oportunidades o “*entretenimento para a criança em programas de adultos*”, como é possível observar em restaurantes e bares da cidade, bem como permitir tempo para os afazeres de casa: “*deixar a mãe fazer o jantar, enquanto conversa com alguns amigos e avós*”, “*deixar a mãe estudar*”, “*deixar a mãe cuidar de bebê*”.

4.2 RISCOS

É interessante observar que a maior parte dos responsáveis atribui muito mais riscos do que oportunidades no uso do celular por crianças. Entre os riscos apontados estão os **malefícios à saúde física e à saúde mental**. No caso do primeiro, os pais destacam principalmente “alterações da visão”, “dores de cabeça”, “má postura”. No caso do segundo, há relatos de preocupações em torno da “falta de atenção, falta de interesse em atividades ao ar livre”, “depressão, ansiedade, *bullying*, baixa autoestima”, “vício tecnológico e deslumbre em redes sociais”, “excesso de introspecção”, “perder a capacidade de se divertir sem tela”, “a dependência e preguiça em descobrir outras formas de entretenimento, em especial, a leitura”, o fato de se permitirem “menos atividades contemplativas” e até mesmo “alienação por excesso de uso” foram citados pelos responsáveis.

O celular está atrapalhando o processo de crescimento das crianças e eu tenho muito, não é medo, mas eu tenho muita preocupação com pessoas próximas do meu filho. Ele tem amigos que você vê que não conseguem mais socializar, tem alguns pais que vão pensar muito com essa situação. Isso tá começando agora, com 7, ou 8, mas tem até menores. Tem um moleque que mora aqui no condomínio, de 3, 4 anos que ia da creche até em casa [aproximadamente 2 km] no carrinho só no celular. O moleque não fala com ninguém até hoje, ele tem uns 5 e no play também, fica no celular. E tem vários aqui assim, não são pouco não. Aquilo ali vai dar dor de cabeça para os pais. (F.C. pai do H., 8).

O acesso a **conteúdos impróprios** para a idade das crianças, bem como a conteúdos que, se não são impróprios, são considerados inadequados, por estimularem o consumismo e a meritocracia ou por incentivarem comportamentos que não estão de acordo com os valores daquela família, também faz parte da preocupação dos pais. A maior angústia refere-se ao que aos acessos ao YouTube e ao TikTok, as plataformas mais acessadas pelas crianças, como observamos no capítulo anterior. No caso do primeiro, os chamados *influencers*, principalmente os *gamers*, causa mais preocupação. Todos admitem, no entanto, a dificuldade de ter controle sobre tudo o que a criança acessa, por não terem possibilidade de estar sempre ao lado.

Ela fica muito no TikTok, o que me dá uma certa angústia. É angustiante como mãe, ver o quanto ela é fissurada nisso, o quanto ela fica ali horas. Eu fico com muito medo principalmente da sexualização precoce. Ela é novinha pra isso, mas dependendo do que ela vê... Mas o que me incomoda mesmo é a questão das pessoas valorizarem muito essa coisa das curtidas. Ai, mãe, fulano tem tantas curtidas.’ Ela fica assim. É ruim achar que isso é importante, de ter como meta de vida ter um iPhone, umas coisas muito superficiais. (...) No TikTok tem muita brincadeira de traição, de pegar o celular do marido para ver o que ele está vendo. E ela acha engraçadíssimo. Eu acho que isso não tem nada a ver com a idade dela, mas não tem muito como filtrar né. (J.L., mãe da H., 9).

No rol dos riscos citados pelas mães e pais está também os perigos à **segurança** das crianças. O “contato com estranhos” ou “pessoas mal-intencionadas” e a possibilidade de “se envolver com um adulto sem saber”, o “medo da pedofilia”, “do abuso moral” e o receio pelo “roubo de informações e dados”, bem como o fornecimento inadvertido de “fotos e informações pessoais”. “Estou em pânico com os jogos de Free Fire. Ontem cheguei em casa e vi que ele pesquisa sobre armas e funks proibidos que falam sobre sexo e drogas”, escreveu uma mãe em resposta ao questionário digital. Abaixo destacamos dois relatos das entrevistas individuais.

Isso até já até aconteceu com ela. Apareceu no WhastApp a foto de um cara bonitão num barco. Ele perguntou como ela estava, mas ela veio mostrar para gente. Quando eu olhei, até achei que era um ex-amorado da tia dela, mas não era. Temos medo de ela ter contato com um agressor virtual que pode se tornar pessoal, de ela dar acesso da vida dela para uma outra pessoa. Além disso é nos preocupamos de acessarem os dados dela. A gente sabe que pode ter uma invasão no WhastApp, pode ter uma invasão no e-mail. Ela não tinha e-mail, agora tem por causa da escola” (C.F. mãe da I., 12).

Tenho medo do risco da exposição dele e do risco do que chega para ele, se é próprio ou não. Uma menina da turma dele começou a mandar mensagem dizendo que ele é bonito, que gostava dele. Ela mandou fotos dela para ele, dizendo eu te amo. Para mim esse é um risco e tem que estar atento para poder conversar. Ele vivenciando uma situação e saber se ele tem maturidade para viver. [Mostrei pra ele que] ela tirou e mandou uma foto do quarto dela. Ela tinha 10 anos. (A.B. mãe do E., 11).

Da mesma forma como apontamos que havia pais que não vislumbravam oportunidades no uso do celular, obtivemos uma resposta, no questionário digitais, de um responsável que avaliou não haver riscos relevantes no uso da tecnologia: *"não vejo riscos, pois isso é a evolução natural"*.

Perguntados se seus filhos estão preparados para lidar com os riscos do uso do dispositivo, apenas uma minoria (17 dos 154) respondeu que sim. A maior parte, no entanto, disse acreditar que a criança não tem preparo para lidar com os perigos das redes acessadas pelo celular, como podemos ver abaixo.

Não. Ela não tem maturidade emocional.

Ela é imatura para lidar com essas situações. Penso que é uma questão neurológica também. Crianças são crianças. Nem adolescentes estão prontos. Estão em construção.

Não, por isso acesso o histórico das conversas.

A imaturidade não lhe dá o alcance dos riscos a médio prazo.

Na realidade ninguém está preparado. Estamos aprendendo juntas a lidar com esses riscos.

Não tem malícia para ver os perigos.

4.3 ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PARENTAL

A mediação parental no uso das telas é a recomendação recorrente de especialistas na área, não apenas para garantir o uso seguro e ético, mas para ajudar a estimular o uso saudável e o uso crítico de forma geral. A pandemia da covid-19 levantou questões novas. Se antes, o foco de muitos pais e mães se limitava ao tempo de tela, no momento em que milhões de crianças e jovens eram obrigados a assistir aulas e fazer tarefas por tempos

superiores ao recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria⁵², os próprios especialistas passaram a ponderar que, neste momento, é mais importante entender o uso (conteúdo e finalidade), do que o tempo em si.

A qualidade, portanto, supera (neste momento específico) a quantidade. Jogos que estimulam o raciocínio, o brincar, as pesquisas que levam a viajar sem sair de casa, o desenvolvimento de habilidades motoras e, principalmente, a interação com os pares são exemplos a serem incentivados. Asseveram, principalmente, para a necessidade de ouvir as crianças e entender como elas próprias constroem suas narrativas de uso. Outra medida é avaliar se o tempo de tela impede que a criança realize atividades básicas como dormir, se alimentar, brincar, interagir com outras pessoas e, até mesmo, não fazer nada (ócio).

Pesquisadora do Instituto Alana, Maria Isabel Amando de Barros alerta que, nesta situação, os responsáveis devem seguir o caminho do diálogo. Segundo ela, o tempo de tela não é a única variável a ser considerada, “afinal de contas, passar uma hora assistindo sozinho filmes violentos, permeados por mensagens publicitárias, é completamente diferente de assistir em família a um documentário sobre música ou vida selvagem”, pondera a pesquisadora.⁵³ É também importante, aponta, mediar o entendimento sobre o conteúdo que está sendo consumido e produzido.

O mais recomendado é que a criança ou o adolescente possa ser escutado sobre a exposição que faz de si na rede, que tipo de contatos realiza, com quem conversa, que conteúdos acessa e que sentimentos demonstra nessa relação com a vida virtual. É preciso ter habilidade para falar sobre assuntos que envolvem sentimentos de vergonha ou talvez coisas que, para eles, ainda estejam confusas. Construir um vínculo de confiança é a chave para proteger os filhos de alguns perigos, existentes também nos ambientes digitais (SAFERNET, s/p).

A mediação parental serve ainda para que os responsáveis e seus filhos entrem em acordo sobre o que é permitido e o que não é, quando se está *online*. Um dado interessante da pesquisa TIC Kids Online 2019 aponta que nem sempre o que as crianças acreditam ser permitido, na verdade o é.

Pela perspectiva de crianças e adolescentes sobre o que poderiam fazer quando estavam sozinhas, 80% acreditava possuir permissão para baixar músicas ou filmes; no entanto, entre seus pais ou responsáveis, a

⁵² Manual lançado em fevereiro de 2020 (#MenosTelas #Mais Saúde), do Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital) indica para as crianças de 6 a 10 anos o máximo de duas horas de tela por dia (incluído aí a televisão). Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf Acesso em: 07 jul. 2020

⁵³Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/familias-tem-papel-fundamental-na-relacao-da-crianca-com-mundo-digital> Acesso em 07 jul. 2020

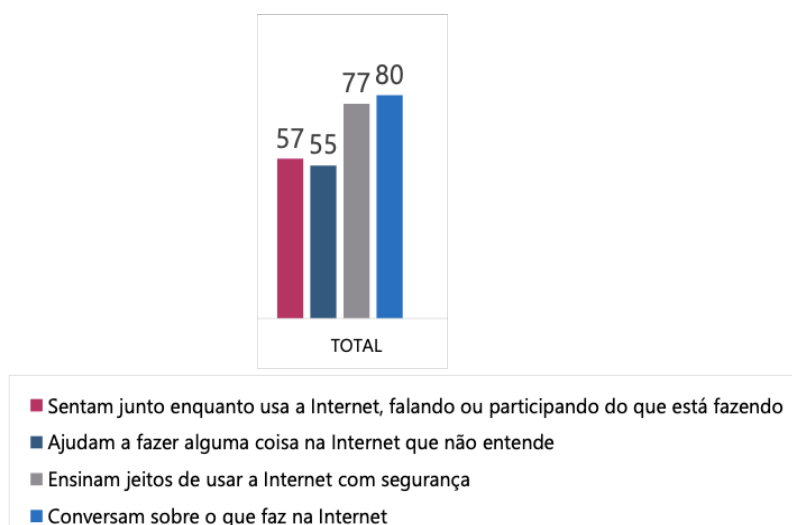
proporção foi de 61%. Também foram observadas variações das percepções sobre permissões para assistir a vídeos, programas, filmes e séries (78% das crianças e adolescentes e 58% segundo seus pais ou responsáveis), postar fotos e vídeos em que aparecem (60% entre crianças e 39% segundo pais ou responsáveis), dar informações pessoais (18% entre crianças e 7% segundo pais ou responsáveis) e realizar compras na internet (10% entre crianças e 5% segundo pais ou responsáveis) (Cetic.br, 2020, p. 82).

Ainda de acordo com a pesquisa, 77% dos responsáveis afirmaram que ensinam seus filhos a usar a internet com segurança; 57% disseram que se sentaram junto enquanto a criança ou o adolescente usava a internet, conversando ou participando do que estava fazendo; e 55% auxiliaram no uso da rede para alguma atividade que a criança ou adolescente tinha dificuldade (Figura 13).

Figura 13 – Pais orientam os filhos no uso da internet

ORIENTAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA O USO DA INTERNET

% de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos usuários de Internet (2019)



Fonte Cetic.br

A literatura traz diferentes tipos de mediação parental no uso da tecnologia, mas neste trabalho vamos focar apenas na restritiva e na ativa (LIVINGSTONE et al., 2017). No caso da primeira, como diz o nome, os pais elaboram uma série de regras, estabelecem os limites e proíbem algumas atividades. No caso da segunda, há o encorajamento do uso da tecnologia, há discussões em torno do tema e orientação a respeito do uso.

Livingstone defende em vários estudos que, apesar do aumento dos riscos, os pais não devem restringir o uso da internet de seus filhos. Quando o fazem, as crianças acabam

se engajando em menos atividades e, conseqüentemente, desenvolvem menos habilidades digitais e menos resiliência inclusive para enfrentar os riscos oferecidos pela internet. Nesse sentido, os pais e mães devem promover uma mediação ativa, ajudando as crianças a estar *online* de forma a potencializar as oportunidades da vida digital. (LIVINGSTONE et al., 2017).

Dos pais e mães que responderam nosso questionário digital, 83% informaram ações de mediação do uso do celular a partir de diferentes estratégias para controlar e/ou orientar sobre o tipo de uso que a criança faz do celular. A análise das 107 respostas abertas trouxe informações interessantes. Categorizamos os tipos de controle para facilitar a análise e agrupar as respostas homogêneas. No caso da mediação restritiva dividimos os relatos em: controle tecnológico e controle invasivo.

O controle tecnológico nada mais é do que usar ferramentas e aplicativos existentes para monitorar, restringir ou mesmo proibir o acesso a conteúdos e/ou interações com outras pessoas, bem como permitir o acesso apenas “a aplicativos próprios para a idade”. O recurso costuma ser indicado para crianças mais novas para evitar, por exemplo, conteúdo sexual ou cenas de violência. Um aplicativo citado amplamente pelos pais é o Google Family Link, que permite aos adultos monitorarem e controlarem o uso dos aplicativos e as visitas a sites nos celulares de crianças menores de 13 anos e que dá acesso, por exemplo, apenas ao YouTube Kids, ponto de reclamação constante das crianças. Chamou a atenção o relato de uma mãe sobre o desespero da filha, quando ela “brincou” que iria instalar o Family Link.

Um dia que ela estava assistindo no YouTube uma live do Felipe Netto e ele falava sobre aplicativos diversos e deu alguns exemplos. Um era o Family Link. Eu estava passando por perto e fiz uma brincadeira, até para puxar o assunto. Ela olhou para mim e disse séria: ‘mamãe, você não vai colocar isso no meu celular, né?’ E eu disse, brincando: ah, você olha tanto celular, que eu vou pagar uma versão premium para dar choque depois de algumas horas do uso. Mas era num tom jocoso e rindo. Para ela não foi uma brincadeira e ela falou: ‘eu não quero, eu não admito que você faça isso, que você coloque controle parental no meu celular.’ Quando eu falei que era brincadeira, ela me disse: ‘você sabia que teve criança que já se suicidou por causa disso? Pois é, mãe, isso é muito grave.’ Essa situação me deixou cabreira. É um assunto que merece atenção e cuidado. Ela ficou muito abalada, ela chorou. Eu não quis conversar naquele momento, disse que voltaríamos ao assunto depois, conversar sobre a questão da privacidade, de que ela encarava aquilo como uma invasão da privacidade dela, sobre privacidade na internet. A gente não voltou a conversar ainda, estou esperando um momento mais apropriado. É um assunto delicado e eu sinto que eu devo me informar mais sobre isso,

porque eu já vi filhos de conhecidas minhas colocando coisas no Instagram e FB fazendo abaixo assinado contra o Family Link, por isso eu conhecia. Eu fiquei sabendo a partir de filhos de amigos, sobre isso, mas não sabia que estava nesse pé, de falarem de suicídio. (F.L., mãe da A., 11).

O TikTok, segunda rede social mais usada pelas crianças no universo do nosso questionário, também oferece a possibilidade de os pais gerenciarem a função de busca e até mesmo restringir as mensagens que eles enviam ou recebem: “Eu permito o compartilhamento de vídeos no TikTok apenas dentro de um grupo específico e permito contato via WhatsApp apenas com parentes e colegas”, escreveu um responsável no questionário. “Eu nem gosto que ele veja YouTube no celular, prefiro que veja na TV, que a tela é maior e eu consigo acompanhar o que ele está acessando. O celular é mais fácil, mais rápido de mudar a tela”.

O acesso à senha das crianças também é comumente relatado: “a senha para qualquer tipo de uso é dos responsáveis”; “temos as senhas de todos os aplicativos que ele usa”, bem como o monitoramento do conteúdo acessado: “por vezes observamos o que ele faz durante a utilização, abordando com curiosidade”, “sempre vejo os históricos e o Instagram é conta profissional da minha empresa, eu que controlo.” Nestes casos, os pais ressaltaram que o acesso (a senhas e aos históricos) é feito de comum acordo com a criança “ele sabe que temos esse monitoramento por questão de segurança dele”, “o monitoramento foi acertado desde o início e foi condição para que ganhasse o aparelho”. Ao estabelecer a mediação restritiva, os pais estão demonstrando que não acham os filhos preparados para lidar com a tecnologia, como vemos nos relatos abaixo.

*Demos para ele um celular sem chip. Eu acho que **não é o caso de deixar a criança se comunicar tão livremente assim**. Então ele usa o meu WhatsApp para entrar em contato com os amigos. Você vê claramente que as crianças que já têm WhatsApp têm muita dificuldade de se engajar de uma forma sadia. Tem muita discussão, as crianças brigam, elas não entendem muito a etiqueta da comunicação online. Vi casos de crianças ficando chateadas de verdade com a outra porque não respondeu, porque saiu da chamada, sei lá. E sem conseguir elaborar isso, porque são crianças, né. É difícil. Se já é difícil pessoalmente, imagina online. Enfim, não tem chip. (T.P, mãe do A., 9 anos).*

*[Depois que descobri que minha filha acessou sites pornográficos], eu acabei baixando um programa, o Family Link e bloqueei alguns aplicativos. Não tem mais acesso, para eu poder ter o controle. A gente vai bloqueando o que dá, mas toda hora tem uma coisa nova que a gente vai descobrindo. Aplicativo de jogos violentos, eu também não deixo. **Eu sei as senhas dele e na hora que eu quero dar uma blitz, tem***

que ser permitido, isso é combinado. Embora meu filho fique muito revoltado, diz que é invasão de privacidade. (S.C. mãe da A., 9).

Observamos também um outro tipo de controle, ainda na mediação restritiva, que nomeamos como controle invasivo. Diferentemente do acesso a senhas e histórico já relatado anteriormente, neste caso, os pais e mães fazem usar esse tipo de estratégia sem o conhecimento (muito menos anuência) da criança ou para pegá-lo em flagrante, como demonstraram as respostas dos questionários: “olho [o telefone] quando ele está no banho, ou dormindo”, “minha estratégia é chegar sempre de surpresa para ver o que ela está assistindo”, “verificamos sempre o que ele tem assistido no YouTube e em outros *streamings* e eventualmente as conversas no WhatsApp”. Nas entrevistas individuais, os responsáveis deram mais detalhes de como fazem este acompanhamento.

*A minha estratégia, que eu acho que é uma estratégia frágil, é monitorar. Sei que tem outras coisas que eu posso fazer, que é criar aqueles filtros, escolher coisas que ela não possa acessar, mas eu não faço nada disso. **Eu de tempo em tempo, de x em x minutos eu entro de supetão no quarto para ver o que ela está vendo.** É uma estratégia que eu acho que funciona, mas por outro lado não inibe o fato de que ela pode estar acessando algum conteúdo inadequado em outro momento. (J.L., mãe da H., 9).*

***Eu tomo da mão dele o celular, para ver de surpresa o WhatsApp:** ‘me dá aqui que eu quero ver agora’, de surpresa. Tem que fazer isso. Ele joga muito online e eu monitoro. Hoje, o inimigo vem na tua casa. Na minha época, para conhecer a coisa errada eu tinha que ir à rua, hoje não. Hoje, o troço mudou de figura. Hoje, é tudo online (...) Tem que olhar o celular pelo menos uma vez na semana, para ver o que está fazendo, o que está escrevendo no WhatsApp, porque em um segundo, abaixou a guarda... É igual droga, pode usar uma vez e não fazer efeito, ou virar o maior viciado. (F.C., pai do H., 8 anos)*

Eu não instalei o WhatsApp no celular dele, instalei o Telegram, que eu também consigo instalar no meu o mesmo número e então eu acompanho todas as conversas que ele tem. (T.T., mãe do J.M., 9).

A mediação restritiva, apontam pesquisadores, não contribui para a aquisição dos conhecimentos que levarão ao desenvolvimento da atitude crítica no uso dos dispositivos. O excesso de regras, de um lado, impede o uso e, de outro, instiga ao uso proibido, este passível de gerar riscos e até mesmo danos. A mediação ativa, por outro lado, é baseada no diálogo, na troca, na conscientização crítica. Até o ganho da autonomia, essa mediação é feita progressivamente e incessantemente. A mediação ativa pressupõe o uso mais intenso e, até por isso, exposição maior a riscos. Por outro lado, defende Livingstone em

vários estudos, tende a fazer com que os riscos não se transformem em danos e ainda prepara a criança a enfrentar esses riscos de forma a empoderá-las.

Não é fácil, dizem os pais, “demanda muito diálogo e dá muito trabalho”, porque é preciso “estar sempre de olho e sempre pronto para conversar”, de forma que seja possível “estabelecer uma relação de confiança” Estes são relatos colhidos nos questionários. Segundo os responsáveis, é preciso entender o que interessa às crianças para que se tornem tópicos “de conversas frequentes sobre os conteúdos que estão sendo visitados e os tipos de cuidados que devem ser tomados” e ainda “deixar sempre o canal do diálogo aberto”.

Conversar especificamente “sobre os perigos da rede”, “tratar das *fake news* e dos sites de notícia que não são confiáveis e ensinar a checar o que é verdade ou não” também aparece no relato dos pais e mães. “Ela não é proibida de usar nada, explicamos porque não deve acessar alguns sites, mostramos vídeos, lemos matérias, resumo de artigos sobre questões relacionadas a tecnologias em geral. A tecnologia é boa, o problema é o uso inadequado”, avalia uma mãe.

Nas entrevistas individuais, também ouvimos, com alegria, narrativas semelhantes, voltadas ao diálogo, ao respeito e à conscientização crítica. Nessa linha, foi ainda curioso perceber que alguns responsáveis queriam justificar para a pesquisadora o fato de não exercerem, por exemplo, um controle rígido do tempo ou do tipo de uso que a criança faz do dispositivo. Em alguma medida, para eles, estas seriam as estratégias mais bem avaliadas, talvez.

*Nem sei se eu sou a pessoa certa para tratar disso, porque eu não controlo nada. (...)Meu modelo é: eu converso muito, mas eu não acompanho rigidamente. (...)Acho **que a gente tem que preparar a criança antes** e não necessariamente durante o monitoramento. Essas conversas têm que ser frequentes, porque ter a senha, monitorar o que escreve, essas coisas eu não faço. (G.M, mãe da A., 12).*

*Assistimos Black Mirror, Dilema das Redes... o tempo todo estamos trazendo essa questão: jogo x vida ou sobre a naturalização de coisas que são absurdas. Que fiquem **conscientes** sobre isso. Nunca peguei celular de nenhum dos dois pra checar histórico de busca. (C.S., mãe do I., 11).*

Para tudo existem prós e contras, existe o bom uso e o mau uso. De acordo com as suas escolhas, mas também com as orientações que tiverem. Por exemplo, eles vão me perguntar com quem eu estou conversando agora e eu vou aproveitar e tratar desse assunto com eles, entendeu? (risos). (M.P., mãe do L., 9, e da M., 12).

Falo abertamente sobre pedofilia, sobre depressão na adolescência, sobre os que ficam fragilizados e têm na tecnologia a única forma de se conectar com pessoas no mundo real. Eu tenho a tendência a ser muito aberta com ela e ela mesmo diz: eu ainda sou criança, calma. (risos). (P.G., mãe da J., 11).

Tento oferecer para ela um olhar mais crítico sobre certos assuntos, que ela acaba tendo acesso por meio do celular. *Assuntos do cotidiano e também questões polêmicas, como o caso da Mariana Ferrer⁵⁴. Ela veio me perguntar se eu conhecia, se eu sabia quem era. A gente conversou sobre isso. Ela demandou um esclarecimento e a gente conversou. Normalmente é o que ela traz, a partir do que ela vê nas redes e demanda esclarecimentos. Eu tenho plena convicção de que eu não tenho controle sobre o que ela está vendo, o que ela está tendo contato e informação. Mas tudo o que ela trás, o que ela conta, eu procuro conversar e trazer algum esclarecimento ou informação complementar. (F.L., mãe da A., 11)*

A mediação ativa também inclui o ensino do comportamento *online* para se proteger e proteger o outro, bem como saber usar as linguagens da tecnologia, tão diferentes da vida social. Como mencionamos anteriormente, muitas crianças passaram, só depois da pandemia, a usar aplicativos de mensagem e a usar o dispositivo para se comunicar com amigos. Por isso, alguns pais precisaram ensinar a criança a se portar nesses ambientes. O WhatsApp foi a rede mais mencionada, com histórias de desavenças entre amigos e de áudios extensos, mas também com relatos do estreitamento dos laços em meio à pandemia. Situação que se assemelha a enfrentada pelos adultos em seus grupos de amigos, família ou mesmo acadêmicos, diga-se de passagens.

Ele não tinha muito filtro do que falava na mensagem de voz. A linguagem que ele usava não era adequada. Primeiro que ele usava áudios imensos, aí vinha um amiguinho e falava: olha, eu não tenho a menor paciência para ouvir áudio. Aí ele ficava ofendido. E tem também o jeito de escrever, né. Não pode escrever “tô nem aí”. Uma coisa é estar na frente de alguém e falar isso, outra coisa é escrever. Então tem que pensar antes de mandar mensagem, tem que saber usar essa ferramenta. Tem que ter calma para se colocar no WhatsApp. Ele é muito criança ainda. (A.B. mãe do E., 11).

Notamos ainda, ao avaliar os relatos, que há pais que intercalam os dois tipos de tipos de mediações, conversam sobre certos assuntos (riscos ou oportunidades), mas não se furtam de avaliar o histórico de mensagens no WhatsApp, ou dos sites navegados. É o caso de A.B., mãe do P., de 11 anos. Apesar de afirmar que conversa muito com garoto,

⁵⁴ O caso de estupro da *influencer* Mariana Ferrer ganhou notoriedade em 2020 a partir das publicações da própria modelo nas redes sociais.

principalmente sobre a exposição de sua vida, o respeito e a empatia aos amigos nas centenas de trocas de mensagem com os grupos do WhatsApp, ela afirma que olha sempre as mensagens trocadas. “É para ver se ele não está sendo irresponsável fazendo comentários sobre outras pessoas que podem ser ofensivos, se outras pessoas estão comentando coisas [ofensivas] e ele nada faz, ou faz coro. Para não ser exposto, nem para expor ninguém”, explicou ela em nossa conversa virtual.

Nesse sentido, ponderamos ainda que foi possível observar diferenças entre abordagens de responsáveis que preconizam o respeito à intimidade e à privacidade da criança, nas conversas com amigos, dos pais que preferem um controle mais sistemático e que avaliam que eles “não têm maturidade para ter privacidade”.

Outros, como é comum no universo materno e paterno, têm dúvidas. Afinal, atesto, nem sempre pais e mães têm as informações necessárias para tomar as decisões de forma objetiva. Além do mais, em muitos casos ainda estamos aprendendo a lidar com as situações, à medida que elas aparecem. “Às vezes, é difícil transitar entre respeitar a privacidade da criança, o que é fundamental para a relação de confiança, e o conhecimento que os pais precisam ter sobre o que o filho acessa, mas estamos todos em constante aprendizado”, resume uma mãe, no questionário digital.

Cabe ainda mencionar que chamou nossa atenção o fato de que cada responsável acaba focando em ensinar sobre o que mais lhe aflige, sem que tenhamos percebido que haja uma formação mais completa ou holística diante da quantidade de riscos e oportunidades oferecidas pelo uso do celular.

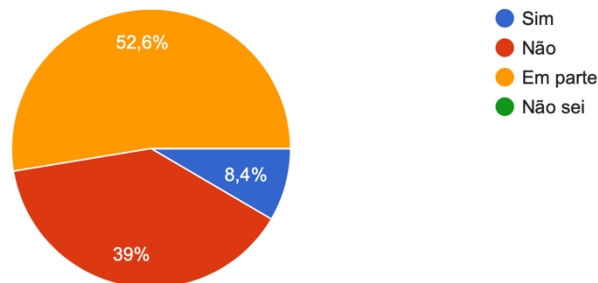
Ainda sobre o caso das mediações mistas, elas se apresentam mais restritivas quando os responsáveis ponderam que a criança não está preparada para lidar com um ou outro tipo de uso. Talvez a explicação para esse fato tenha relação com a faixa etária definida como recorte para esta pesquisa. Crianças entre 8 e 12 anos ainda estão em pleno desenvolvimento físico e amadurecimento psíquico. Mesmo usando formas de controle parental, por exemplo, lembramos que a orientação para atingir a CCI alinha-se com a mediação parental mais ativa, calcada no diálogo que tem por objetivo auxiliar no ganho da autonomia no uso dos dispositivos, consciente dos riscos e resiliente para enfrentá-los, bem como preparado a criança para o melhor aproveitamento das oportunidades do uso das TICs.

Independentemente das estratégias que usam ou do tipo de mediação que escolhem, pais e mães têm dúvidas sobre a capacidade de seus filhos e filhas de fazer uso responsável do *smartphone* (Figura 14).

Figura 14 – Pais consideram que a criança faz uso responsável do celular

Você considera que a criança é capaz de ser responsável no uso do celular?

154 respostas



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

Mais da metade dos que responderam ao questionário avaliaram que “em parte” a criança é capaz de se proteger de alguns riscos, principalmente ao avaliarem os ensinamentos que têm em casa. “Ela tem referências importantes na vida e acho que em algum ponto ela leva essas referências para o uso do celular também”, disse P.G., mãe da J. 11. Mas nos relatos colhidos nas entrevistas individuais, houve maior convergência para o fato de que a imaturidade, própria da idade, corrobora a importância do acompanhamento dos pais na formação da competência crítica em informação dos filhos para o uso do dispositivo.

Ele não tem capacidade de usar sozinho, não tem maturidade. As próprias plataformas dizem que tem que ter 13 anos. E há uma certa inocência que eu gostaria de ver preservada. Depois você perde essa inocência, é normal. Mas há muita vulnerabilidade nesta idade. (T.P., mãe do A., 9 anos).

Acho que ele não é capaz de fazer uso seguro e responsável sozinho, porque ele é criança. A criança tem curiosidades. A gente tem curiosidade sendo velha (risos). Quem me garante que o que vai atrair ele não vai levar ele para algo impróprio ou errado ou ilegal. Eu não posso ter essa certeza (A.B., mãe do P., 11).

Precisa de orientação sim. Ele é criança. Como ele vai saber se está sendo manipulado, como vai saber quais sites escolher para pesquisar. Eu acho que eles precisam ainda de ajuda. (M.P., mãe do L. 9, e da M., 12).

Uma criança de 9 anos não tem discernimento para usar de forma cuidadosa e com segurança um aparelho celular. A gente não sabe quem está por trás da tela. Por isso que eu bloqueio, sou chata sim e

não me arrependo. Minha casa, minhas regras, eu falo para eles. Não acho que é invasão de privacidade, isso é zelo e cuidado de quem ama. Eu tento não fazer com exagero, mas às vezes bate neura. De certa forma ela não tem discernimento nem para usar o telefone sozinha, nem pra nada na vida. (S.C., mãe da A., 9)

Há entraves, no entanto, para o acompanhamento dos jovens no uso das TICs que, em alguma medida, passam pela própria falta de capacidade destes pais, pertencendo a uma geração ainda prioritariamente analógica. Em pesquisa exploratória, observamos que muitos responsáveis não têm, eles próprios, a capacidade crítica para lidar com a falta de segurança *online* (continuam, por exemplo, a responder a testes de entretenimento do Facebook que, hoje, já sabemos, têm como pano de fundo a coleta e comercialização de informações pessoais).

Pais e mães, inclusive, se valem da habilidade instrumental dos filhos para aprender com eles sobre as novidades tecnológicas. O achado também foi encontrado na maior parte das entrevistas individuais que fizemos. No questionário *online*, dentre as 154 respostas, a maioria (56,5%) dos pais e mães também admitiram que os filhos têm mais habilidade técnica, contra 37% que acham que não (6,5% não souberam opinar).

Ela ensina coisas para a gente (risos), principalmente em relação às redes sociais. Eu não sabia que podia passar os Stories do Instragam de frente para trás. Ela me ensinou isso clicando nas bordas das telas. Outro dia, a gente estava assistindo Netflix e estávamos na dúvida sobre quem era o ator que aparecia no filme. Ela acionou os créditos e viu. Ela se vira muito bem. (A.M., pai da H., 9)

Com certeza ele sabe [usar] mais do que eu. Às vezes, ele pega e faz umas arrumações [no meu celular], que ficam ótimas. Abriu pastas e organizou as fotos: fotos dele com amigos, foto da família etc. (A.B., mãe do P., 11)

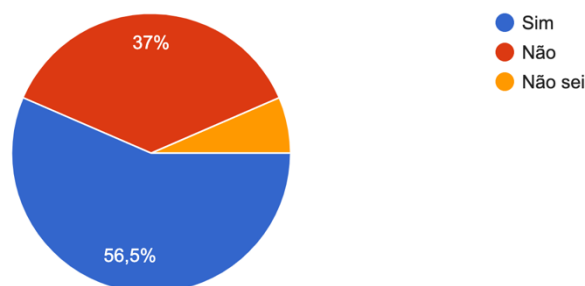
A pesquisa TIC Kids Online 2019 divulgada em junho de 2020 trouxe resultados, pela primeira vez, sobre o tema. No questionário, foi perguntado às crianças e adolescentes se elas têm o hábito de auxiliar os pais em atividades *online* e 29% responderam que o fazem todos os dias ou quase todos os dias, enquanto outros 28% oferecem apoio pelo menos uma vez por semana. “Buscar ajuda com os filhos pode ser um caminho para se estabelecer este importante diálogo entre pais e filhos sobre o uso seguro da Internet.” analisa Alexandre Barbosa, gerente do Cetic.br.⁵⁵

⁵⁵ Disponível em <https://cetic.br/pt/noticia/criancas-e-adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/> Acesso em: 21 dez. 2020.

Dos que responderam ao nosso questionário, bem como nas entrevistas individuais, a maior parte afirmou achar que a criança tem mais habilidade técnica para usar o dispositivo, do que ele(ela) próprio(a), como vemos na Figura 15.

Figura 15 – Crianças têm mais habilidade técnica que os responsáveis

Você sente que a criança tem mais habilidade técnica no uso do aparelho celular do que você?
154 respostas



Fonte: Dados de Pesquisa (2021)

No entanto, ainda que pais peçam ajuda dos filhos para atividades como baixar programas, fazer um cartão virtual, ou editar uma foto na rede social, não podemos nos esquecer de que, quando falamos em competência crítica em informação, vamos muito além das habilidades instrumentais. Estamos tratando do comportamento *online* baseado em atitudes que levam ao uso seguro, ético e saudável, culminando no uso crítico das tecnologias. Essas atitudes, que veremos adiante, devem ser forjadas a partir da mediação dos pais. Mas, reconhecendo também a desigualdade educacional no país, que tem 6,6% de sua população acima de 15 anos analfabeta (11 milhões de pessoas)⁵⁶ e outros milhões analfabetos funcionais, destacamos a importância de se estabelecer um amplo programa nas escolas do país que seja voltado para o preparo do uso técnico e crítico dos dispositivos digitais conectados à internet.

4.4 ATITUDE CRÍTICA

Atitude é a maneira de se comportar, agir ou reagir perante determinada pessoa ou objeto. Como sinônimo podemos usar as palavras ato, conduta ou mesmo ação. No

⁵⁶ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação, divulgada em julho de 2020. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf Acesso em: 22 de jan. 2021.

caso desta pesquisa, a atitude crítica envolve o conjunto de ações práticas que queremos fomentar nas crianças ao usar o celular. O uso crítico dos dispositivos tecnológicos está diretamente correlacionado ao termo crítica do conceito de CCI, ou seja, faz referência à teoria crítica da Escola de Frankfurt e à pedagogia crítica de Paulo Freire. Nessa medida, leva em conta o contexto histórico/político/socioeconômico contemporâneo, pressupõe o conhecimento desta atualidade para, conhecendo-a, tornar-se capaz de transformá-la – a práxis emancipatória e transformadora de que falam Marx (2001), Horkheimer (1980) e Freire (2019a).

A intenção é fazer com que a criança, ao desenvolver o pensamento crítico, seja levada a refletir sobre os riscos e oportunidades que as TICs oferecem, a fim de que ganhe, paulatinamente, autonomia para que possa tomar suas próprias decisões, assumindo protagonismo em seu caminhar. É importante mencionar que defendemos, a exemplo de especialistas de várias áreas, a necessidade de que responsáveis monitorem o uso destes equipamentos por crianças enquanto ainda estão adquirindo essas habilidades, usando esse monitoramento para o diálogo e a conscientização.

Estimular o pensamento crítico no uso dos dispositivos móveis de uma criança significa, por exemplo, fazê-la entender que, por trás do influenciador digital que ela tanto gosta, há marcas que pagam pelo conteúdo exposto; que há diferentes tipos de informação (e desinformação) correndo no *feed* das redes sociais e que nelas há os mais variados interesses econômicos e políticos. Trata de ensiná-las que seus cliques e *likes* são usados para *microtargeting* e que é por isso que surgem as propagandas diretamente ligadas ao que ela tem buscado.

Pode ainda incluir o entendimento de que a pulseira digital que está em seu braço conta muito mais do que os passos dados durante a partida de futebol. Além dos quilômetros percorridos durante um jogo com os amigos, a pulseira, assim como todas as perguntas que faz aos assistentes pessoais (Siri, Alexa, Google Assistente) e basicamente todo o seu comportamento *online*, está sendo vigiado pelas empresas donas das plataformas e aplicativos. Significa ainda saber que há um universo cultural muito maior do que as sugestões que os aplicativos de *streaming* (seja música ou filmes) oferecem.

Estimular a controvérsia, o conhecimento de outras realidades, de outras opiniões, incentivá-la a questionar o que está sendo propagado pelas mídias digitais são também alguns dos pontos que contribuem para o uso crítico. Como pondera Freire (2019a), é criar as possibilidades para que a criança construa seu conhecimento.

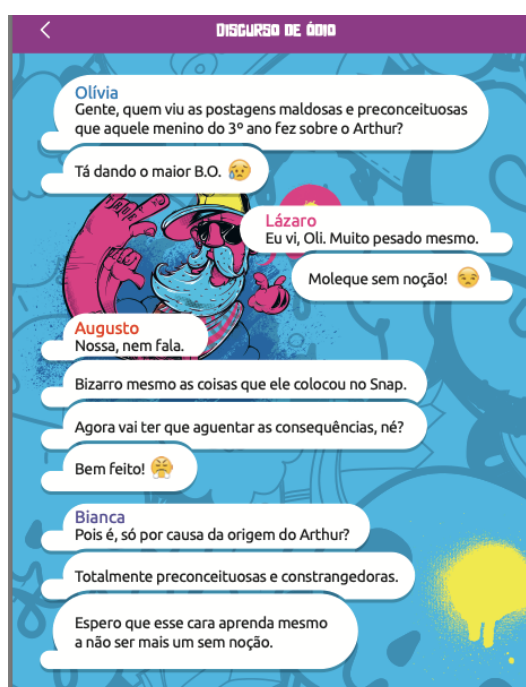
Não menos importante, é também saber como procurar, localizar e usar a informação certa, de forma eficiente e eficaz, para ser capaz de tomar as melhores decisões; saber usar os dispositivos, para tirar deles o maior proveito tanto para educação e cultura, quanto para entretenimento e socialização. Para finalizar estas poucas linhas, o uso crítico dos dispositivos tecnológicos reflete ainda a consciência das desigualdades e da necessidade inclusão digital, mostrando, por exemplo, que há milhões de outras crianças sem acesso aos conteúdos, aos equipamentos e a todas as oportunidades que advêm deles.

Para nos aproximarmos de uma atitude crítica de forma ampla, consideramos ser necessário observar três modalidades de uso: o uso seguro, o uso ético e o uso saudável.

4.4.1 Uso seguro

Neste tópico, incluímos o uso responsável tanto para a segurança da própria criança quanto para que ela não seja responsabilizada juridicamente por ações indevidas, uma vez que, ao praticar um ato considerado crime ou contravenção, a criança pode ter que responder pelo ato infracional atos perante um Juiz da Infância e da Juventude. Há casos, no entanto, em que até os pais podem ser responsabilizados. Em relação à própria segurança, trata-se de conscientizar a criança, por meio do diálogo, para sua proteção, como usar senhas fortes, não abrir e-mails ou baixar programas de sites não confiáveis, não compartilhar informações que facilitem a identificação do local onde estudam ou moram, não conversar com estranhos na internet, cuidar da exposição de sua própria imagem (do corpo e das ideias).

Figura 16 – Cartilha ensina sobre discurso de ódio



Fonte:Internetsegura.br

No segundo quesito do uso seguro, alertamos para as consequências legais de atos considerados crime. Criar perfis falsos para atacar alguém é crime de falsidade ideológica e difamação, enviar fotos de nudez parcial ou total (os chamados *nudes*) de terceiros (amigos, namoradas ou ex) é crime, segundo o Código Penal. Manipular foto de um professor de quem não se gosta pode gerar processo judicial e pedido de indenização por dano moral. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lista as medidas socioeducativas para punir crianças e adolescentes que praticam atos infracionais também no ambiente digital. Nesse sentido, é importante que crianças saibam que podem ser responsabilizadas por sua conduta *online* em atos como racismo, *ciberbullyng*, compartilhamento de imagens íntimas, entre outros. Segundo a pesquisa TIC Kids Online (2019), 43% das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos viram alguém ser discriminado na rede e 7% deles já se sentiu discriminado na Internet.

Existem iniciativas voltadas para crianças que abordam esses temas em linguagens adequadas a este público. Entre elas, destacamos a série de cartilhas Internet Segura feitas em parceria pelo Nic.br e CGI.br. Há informações para crianças, para pais e para professores que incluem indicações de onde procurar ajuda ou denunciar em caso de eles estarem sofrendo, por exemplo, agressões virtuais.

Figura 17 – Cartilhas ensinam sobre o uso seguro da internet



Fonte: Internetsegura.br

4.4.2 Uso ético

A ética é o estudo da moral e dos costumes de uma sociedade, pretende fundamentar os preceitos de cada sociedade em relação aos seus valores, à interpretação do bem e do mal, do certo e do errado. E ainda da felicidade, das virtudes, da sabedoria, da justiça, da coragem, da liberdade, do poder, da solidariedade, da autonomia, entre tantas outras questões. Ensinar o uso ético a crianças passa, por exemplo, pelo entendimento das diferenças entre liberdade de expressão e injúria ou difamação. Passa pela tolerância com o diferente, pela empatia com o outro. Inclui a orientação sobre o impacto que pode ter num amigo, um certo comentário, uma foto ou mesmo o compartilhamento de uma informação.

As crianças que estão conectadas devem ser instruídas de que ao postar um conteúdo ela está se tornando produtora de informação (ou desinformação) e, com isso, é responsável por este conteúdo e pelo que ele pode gerar. Nesse caso, está ainda o entendimento dos graves problemas causados pela criação e disseminação de boatos / *fake news* / desinformação (com consequências que vão do aparecimento do surto de doenças como o sarampo⁵⁷, à definição de uma eleição⁵⁸). Ou ainda a disseminação de fotos

⁵⁷ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-identifica-185-focos-de-fake-news-e-reforca-campanhas,70002510310> Acesso em 23 jan. 2021.

⁵⁸ Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/24/brasil-eua-brexite-noticias-falsas/> Acesso em 23 jan. 2021.

constrangedoras de outras pessoas. Trata também de ensinar sobre plágio e a importância de não somente checar as fontes de informação, mas referenciá-las corretamente nos trabalhos escolares. Fazê-la entender sobre privacidade – não se pode, por exemplo, entrar nas contas privadas de redes sociais ou e-mails de outras pessoas para ler as mensagens, nem se fazer passar por outra pessoa (crime de falsidade ideológica).

Figura 18 – Cartilha ensina sobre nudes



Fonte: Cartilha Internet com resposta – Nic.br/CGI.br

4.4.3 Uso saudável

Neste tópico incluímos as discussões sobre os aspectos do corpo físico, como problemas de postura, de visão, de psicomotricidade, bem como as condições mentais que podem ser desencadeadas pelo uso do celular, como irritabilidade, ansiedade, vício, problemas psicológicos advindos da superexposição da imagem. Oftalmologistas recomendam monitorar a distância e iluminação adequadas para o uso dos equipamentos. No caso do corpo físico, pediatras e ortopedistas indicam a observação constante da postura da criança e o estímulo ao exercício físico.

Figura 19 – Inclinação da cabeça pressiona a coluna cervical



Fonte: Imagem da Internet

O tempo de uso do celular é a questão que mais aflige os pais e mães ouvidos na pesquisa, tanto no questionário digital, quanto nas entrevistas individuais. E que consideram, na grande maioria (76%), que os filhos poderiam passar menos tempo conectados. Muitos controlam o tempo de uso (57,8%), outros tantos tentam, sem sucesso (30,5%) e poucos são os que não o fazem (11,7%). Não causa surpresa o fato de a pandemia ter aumentado o tempo de uso das crianças (81,2%).

Figura 20 – Tempo de uso do celular por crianças

Em média quanto tempo a criança usa o celular por dia?
154 respostas

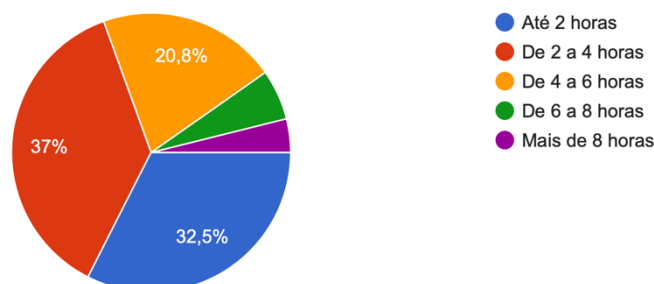
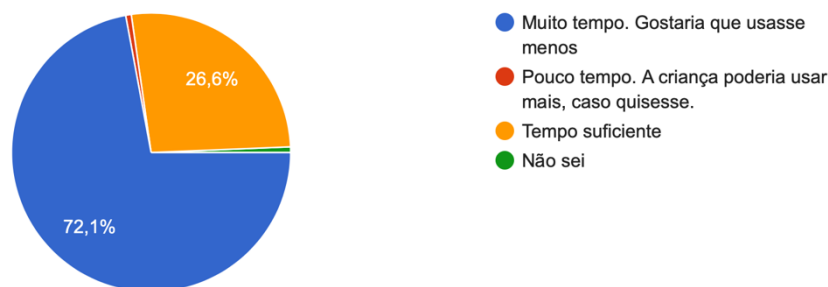


Figura 21 – Avaliação do responsável quanto ao tempo de uso do celular pela criança

Você considera muito/pouco tempo?

154 respostas



Segundo relatos colhidos nos questionários digitais, há diversas formas de controlar o tempo de uso das crianças, como o uso do cronômetro do próprio celular (principalmente para jogos e vídeos de *streaming*), bem como os relatórios diários e semanais dos aplicativos de redes sociais e telefones. Há, por outro lado, pais e mães que usam formas mais incisivas de monitorar o tempo de uso do celular.

Eu desligo o WiFi da casa sem que ela saiba. Não entro em conflito, não preciso me explicar. Coloco crédito apenas para manter o número e quando acaba fica sem até que a operadora começa a ameaçar de cortar a linha.

Berros.

Pego o celular e só devolvo quando acho necessário.

Quando percebo que ela está há muito tempo, eu pego o aparelho e deixo ela sem acesso.

Só funciona quando vira um tipo de castigo

Há ainda os responsáveis que desistiram do “estresse” de controlar o tempo de uso durante a pandemia ou, em baixíssimo grau, cujos filhos não se interessam muito pelo dispositivo e, por isso, não necessitam de controle.

Tópico que mais preocupa os pais, o controle do tempo de uso das TICs é um dos elementos que deve ser abordado e pode ensinado desde cedo. Está intimamente ligado a algumas condições mentais, como o vício. Por isso, desativar as notificações dos jogos, das redes sociais e desinstalar aplicativos que não são necessários são dicas fáceis de

serem assimiladas por crianças de todas as idades. Saber onde se pode acessar (na mesa do almoço? Na hora de dormir? Logo que abriu os olhos pela manhã?), administrar o tempo que permanece em atividades *online* (algo que se tornou muito mais complicado de mensurar e limitar a partir da pandemia) e entender a importância do *offline* são aspectos que merecem uma atenção maior nesta pesquisa.

4.5 ESTE CELULAR ESTÁ FORA DA ÁREA DE COBERTURA

Na contemporaneidade, vivemos o que Han (2015) chama de sociedade do cansaço. O filósofo entende que não experimentamos mais a sociedade disciplinar (Foucault), nem do controle (Deleuze). Atualmente, estaríamos inseridos na sociedade do negócio (negação ao ócio). O desempenho é premiado a tal ponto que sua falta ou sua perseguição insone desencadeiam frustrações, depressão e dezenas de novas doenças psíquicas, a serem diagnosticadas e medicadas para que não deixemos de produzir, produzir, produzir.

Inseridas no contexto da hipervelocidade com que o sujeito desempenha mil papéis, a criança da contemporaneidade nem aprende a usufruir do ato contemplativo. Torna-se habitual ouvir crianças pequenas pedirem para usar o celular, porque “não tem nada para fazer”, neste ou naquele ambiente. Hiperestimuladas, se mostram entediadas quando não estão em alguma atividade (também produzindo) e muitas acabam usando jogos ou redes sociais no dispositivo móvel como forma de se distrair. A triste perspectiva é detalhada por Crary (2016):

Uma das formas de incapacitação em ambientes 24/7 é a perda da faculdade de sonhar acordado ou de qualquer tipo de introspecção distraída que costuma ocorrer nos interregnos de horas lentas ou vazias. Uma das atrações dos sistemas e produtos atuais é a velocidade da operação: tornou-se intolerável esperar que um dispositivo carregue ou se conecte (CRARY, 2016, p. 97).

Relatos como perda do sono, prejuízo escolar, ansiedade, ataques de fúria, perda de empatia, desinteresse pela vida social, depressão e redução da sociabilidade são alguns dos relatos dos pais de crianças e adolescentes ouvidos nesta pesquisa, contando um pouco do que presenciam em casa. Um dos entrevistados, pai de uma menina de 9 anos, atribui as mudanças comportamentais da filha ao uso excessivo das telas.

Ela tem menos capacidade de concentração hoje do que tinha antes. Eu atribuo isso um pouco ao estímulo excessivo das telas. Ela tinha mais gosto pela leitura antes, do que tem agora. Também atribuo isso ao uso excessivo das telas. Irritabilidade também percebo. Uma vez que a gente ameaçou tirar o celular dela a força, ela chorou desesperada. Disse que aquilo é importante para ela. A gente fica meio dividido, sabe. (...) Quando a gente tira pra ela poder dormir, ela não quer dormir. Ela quer conversar, quer socializar, fazer coisas que ela não fez o resto do dia, aproveitar o tempo perdido. (A.M., pai da L., 9).

A.M. conta que ele próprio teve a concentração afetada, o que percebeu ao ingressar num curso de mestrado recentemente, que não conseguiu levar adiante. O excesso de tela e a conexão ininterrupta fizeram com que tivesse dificuldade de compreender os textos, segundo relatou. Ele também já teve problemas com vício em jogos e por isso reclamou quando a filha ganhou da avó, aos 8 anos, seu primeiro celular. “Eu tenho tendência. Já passei muito tempo da minha vida jogando jogo eletrônico, antes da invenção do celular. Eu já tive alguns problemas com isso na minha fase adolescente e na minha fase adulta. Então é um risco”, disse A.M.

O vício em jogos e em telas são comumente os diagnósticos entregues pelos psicólogos infantis. Aqui cabe lembrar que, em 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu o “*gaming disorder*” na lista dos novos distúrbios mentais. Já a nomofobia, outra nova síndrome descrita, é o medo irracional de ficar sem o seu telefone celular ou ser incapaz de usá-lo por algum motivo, como a ausência de sinal, o término do pacote de dados ou a carga da bateria.

“Me preocupo com vício de jogo. Ele até disse outro dia: ‘você acha que eu sou viciado?’ E eu respondi: Não, porque eu não vou deixar você ser (risos). Eu acho que esse é um problema que não é só da criança. É um exercício para ele e para mim. A gente não sabe mais ficar sem esses recursos. Numa fila de banco, a gente não fica parado, a gente fica incomodado se não tem essa distração. Eu quero que ele saiba estar só, ou inventar algo para fazer. Não quero que use a solução mais fácil. (T.T., mãe do J.M., 9)

Neste momento, é pertinente questionar: as crianças mimetizam o comportamento dos pais? Estão os adultos hiperconectados? Responder a uma pergunta do filho enquanto “zapeia” ou corre o dedo nas postagens do Instagram costuma ser alvo de reclamações das crianças, conforme pesquisa realizada em 2019 com 500 famílias, pela ONG americana Common Sense Media.

Aproximadamente quatro em cada dez adolescentes (39%) acham que os pais extrapolam no uso da tecnologia. Enquanto isso, caiu, entre 2018 para 2019, o número de

crianças que vê o uso de celulares por seus responsáveis de forma equilibrada: de 64% para 42%. A pesquisa indica ainda que os próprios adultos reconhecem o fato: 45% dos pais entrevistados dizem se sentir viciados em *smartphones*.

Parte dos responsáveis com quem conversamos revelou também achar que faz uso excessivo do dispositivo.

O que eu me preocupo para mim, me preocupo para ela. A gente, eu me incluo nesta questão, a gente não está mais acostumado a ficar sem fazer nada. Eu vou ao banheiro e levo o celular para jogar paciência. Eu paro no sinal, dirigindo, e pego o celular. Isso é uma coisa que me incomoda. Por que eu não posso parar no sinal e olhar para o lado, andar de metrô e olhar as pessoas? Por que que a gente tem que estar o tempo todo fazendo alguma coisa, qualquer coisa que seja? Então, o que eu quero para ela, é de não ter essa necessidade de estar sempre no celular. Você está na cama, está com ele, está no carro, está com ele, está no banheiro, está com ele. É muito viciante demais da conta (...) Eu converso com ela sobre essas coisas, mas ela não fica muito convencida não (risos). Eu mostro pra ela o meu esforço: olha filha, meu celular está na bolsa. Eu não estou usando, vamos conversar, vamos bater um papo. Ela diz que é besteira e fala: 'diz aí, sobre o que você quer conversar?' (risos). (G.M., mãe da A., 12).

Acho que todos somos meio vulneráveis a esse vício da tela. Eu, por exemplo, tenho como escape, quando estou muito ansiosa, o joguinho. Joguinho besta, tipo Candy Crush, daqueles que não se faz pensando em nada. (...) Tenho tentado melhorar o meu próprio uso e eu acho que este mês de janeiro eu consegui melhorar, pensando nele (T.P, mãe do A., 9)

Empenhar-se em mostrar às crianças os riscos sobre o excesso de tempo do uso do celular, pode ser boa oportunidade para se autoavaliar, para rever os hábitos adquiridos por meio da imposição de um cotidiano de excessos (de informação, de estímulos, de disponibilidade laboral) e de superexposição de uma vida que nem sempre é, na verdade, aquela que é mostrada.

Tanto a depressão quanto o TDAH ou a Síndrome de Burnout apontam para um excesso de positividade. A Síndrome de Burnout é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um 'excesso de igual. O hiper da hiperatividade (...) representa apenas uma massificação do positivo" (HAN, p.20, 21).

Para o filósofo, a vida contemplativa pressupõe uma pedagogia do ver: “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si” (NIETZSCHE *apud* HAN, p. 51). Pensamos um pouco diferente. Avaliamos que, na verdade, a criança já nasce com essa capacidade, com olhar questionador, dúvidas quase científicas verbalizadas nas

dezenas ou centenas de “por quês” que repetem sem parar. Ao longo dos anos, nos esquecemos das dúvidas.

Perder momentos de brincadeira livre, priorizando os usos de tecnologias, preocupa grande parte dos pais ouvidos nas entrevistas, mas também os que responderam o questionário digital, como observamos nos relatos abaixo.

Precisamos urgentemente mostrar para as crianças que o nosso tempo é precioso e deve ser utilizado de forma consciente: o que não significa estar conectado o tempo todo, mas sim estar presente, se dedicar integralmente ao que quer que você se disponha a fazer. O celular deve ser utilizado para o que ele se presta: garantir acesso à comunicação entre pessoas, com mobilidade. Mas não podemos nos deixar ser dominados pela necessidade de inserção no mundo virtual.

O celular deixa eles cegos, eles dão de cara na parede, olhando pra tela o tempo todo. Os meninos de 12 não conseguem esticar a mão para apertar tua mão, não sabem falar com outra pessoa real. É um troço de louco. Eu fico agoniado só de olhar, não sei como os pais não veem isso. Eu acho que a criança de correr, brincar, conversar, ter essa interação. Aqui é um bando de alienado e isso vai do moleque de 3 anos até o de 15 (F.C., pai do H., de 8 anos).

Manter-se *offline* tem sido difícil para parte das crianças e adolescentes ouvidos pela TIC Kids Online2019. Em média, 25% deles disseram que tentaram, sem sucesso, passar menos tempo na rede. Há também relatos de quem passou menos tempo do que deveria com a família, amigos ou fazendo lição de casa por ter ficado muito tempo na Internet (24%); navegou sem estar interessado(a) no que via (21%) e até ter deixado de comer ou dormir por causa da Internet (20%), como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Crianças têm dificuldade em controlar o tempo de uso do celular

CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR SITUAÇÕES VIVENCIADAS AO USAR A INTERNET NOS ÚLTIMOS 12 MESES E FAIXA ETÁRIA (2019) – USO EXCESSIVO

Total de usuários de Internet de 11 a 17 anos (%)

	De 11 a 12 anos	De 13 a 14 anos	De 15 a 17 anos	Total
Tentei passar menos tempo na Internet, mas não consegui	20	25	27	25
Passei menos tempo que devia com a minha família, amigos ou fazendo lição de casa porque fiquei muito tempo na Internet	17	24	29	24
Me senti mal em algum momento por não poder estar na Internet	13	21	27	21
Me peguei navegando na Internet sem estar realmente interessado(a) no que via	8	22	28	21
Deixei de comer ou dormir por causa da Internet	13	19	25	20

Fonte: Cetic.br

Levantamento da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) feito com mais de 2 mil adolescentes apontou que um em cada quatro (25,3%) são viciados moderados ou graves em internet. Mais do que o tempo que permanecem conectados, o diagnóstico aponta para os impactos do uso excessivo da internet na vida pessoal e pedagógica/profissional das pessoas. O dado está em reportagem do jornal O Estado de S. Paulo que traz assustadores relatos de pais desesperados. A mãe de um garoto de 12 anos contou que a criança se revoltava quando era obrigado a ficar algumas horas sem usar a internet: xingava, gritava e arremessava objetos. “Ele tinha um ódio no olhar, ficava totalmente transtornado”, disse ela à repórter. Outra mãe, de um adolescente de 14 anos, contou que o filho ficava irreconhecível e “até espumava” quando era obrigado a desligar os jogos. Ambas as famílias procuraram ajuda profissional.

O aumento da procura fez a oferta de serviços especializados surgir. Universidades e consultórios particulares já têm atendimento específico para estes casos. Na UFRJ, o Instituto Delete oferece Detox Digital e conta com profissionais da área da saúde, comunicação e educação para oferecer suporte e tratamento aos usuários abusivos de tecnologia. Outras universidades, como a Ufes e Universidade de São Paulo (USP) também têm recebido pais e mães preocupados com a mudança comportamental dos filhos. A desintoxicação virtual também já é oferecida em retiros e colônias de férias. O

psicólogo e diretor da clínica Centro de Mindfulness, Victor Friary, associa o uso excessivo e a realidade hiperveloz a transtornos típicos dos adultos, mas atualmente bastante observados em crianças. Ele ensina práticas de meditação e relaxamento para que os mais novos consigam lidar melhor com as emoções.

Hoje, as crianças e os adolescentes têm pouca capacidade de regular emoções, são impulsivos e com baixa tolerância ao desconforto. No celular, se você não gosta de um jogo, vai para outro. Se não curte um vídeo, passa para o seguinte, sempre buscando bem-estar. Isso é negativo porque dificulta o amadurecimento.⁵⁹

Psicólogos e pediatras indicam que os pais devem impor limites ao tempo de uso e sugerem, por exemplo, não deixar a criança dormir com o celular ligado, para evitar que acessem o equipamento, caso acordem de madrugada. Outra dica é deixar o aparelho em outro cômodo, enquanto fazem as refeições. Tempo de tela é algo que tem chamado a atenção até dos gigantes da tecnologia e das empresas de telecomunicação que criaram ferramentas para controlar a duração da conexão dos usuários. Apple, Facebook, Instagram, TikTok e YouTube são alguns que têm alertas sobre os minutos consumidos nestas plataformas. A Vivo, líder em telefonia móvel no país, faz campanhas publicitárias em prol dos momentos de desconexão: “Tem hora pra tudo”, dizem os filmes. Claro que as empresas respondem a questionamentos da sociedade, mas, como lembra o professor Edney Souza, da ESPM, a atitude é também uma estratégia de negócios: “Se as pessoas não estiverem bem, as plataformas não conseguem reverter acessos em, por exemplo, compras para seus anunciantes”⁶⁰.

Diante do que vimos expondo, afirmamos que o uso saudável da tecnologia inclui entender o tempo dedicado à vida *online*. O que observamos nos relatos dos responsáveis entrevistados individualmente foi **a dificuldade maior de controlar o tempo de uso das crianças, por elas terem um dispositivo próprio**. Quando as crianças fazem uso dos dispositivos do pai e/ou da mãe, há um limite de tempo mais tangível: o aparelho tem de ser devolvido.

Quando ele passou a ter o dele, ficou mais difícil controlar o tempo que ele passa conectado, justamente porque parece ser uma continuação do nosso corpo. O que me incomoda é que eu acho que ele está deixando de viver outras experiências ricas fora da internet. Ele deixa de interagir com a gente também. Com os colegas, por outro lado é a

⁵⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/mindfulness-para-criancas-adolescentes-entenda-como-tecnica-pode-controlar-ansiedade-desconforto-1-24067254>. Acesso em: 09 nov. 2019.

⁶⁰ Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,empresas-de-tecnologia-lancam-recursos-para-combater-uso-excessivo-de-celular,70002493764>. Acesso em: 25 jul 2020

única forma de interagir. Eu não sei o que fazer! Eu não digo que me arrependo de ter dado, porque estamos na pandemia. Mas eu penso no cenário posterior e aí vejo que não vou mais conseguir tirar. Estou demonstrando uma fraqueza para você, mas acho que não vou mais conseguir tirar. (A.B., mãe do P., 11).

Como disse A.B., a pandemia do coronavírus que levou todas as relações da criança (escola, cursos extras, entretenimento, socialização) para o mundo digital, em razão do isolamento social, fez extrapolar ainda mais o que os próprios responsáveis consideram saudável ou desejável. Houve uma grande “flexibilização” do tempo de uso, para usar uma palavra bastante mencionada pelos entrevistados. No entanto, eles reconhecem a dificuldade de controlar o período de uso e também de manter os combinados. Mesmo pais e mães que afirmam restringir o número de horas de jogos, por exemplo, dizem não ter sucesso, porque “a criança não marca a hora que começa a jogar”, “a criança não vê o tempo passar” e faz do controle “um estresse”. Muitos relatam que a criança não tem nenhuma noção do tempo que passa *online*, que não tem capacidade de, sozinha, desligar o aparelho.

“Desde pequeno a gente tem regras e os combinados funcionam muito bem aqui e em casa. Exceto para o celular; para os eletrônicos de uma forma geral. É um ponto de atrito constante. Pré-pandemia era mais fácil. Mas [na pandemia] aumentou absurdamente o tempo de tela. Eu meio que tenho que tomar uma decisão: ou eu entro em conflito todo dia e a gente fica o tempo todo brigando ou eu finjo que não vejo. Ou vejo e não falo todos os dias, até que dia eu dou um ataque. São coisas que a gente tem que conciliar o tempo todo pra gente não viver num inferno, onde as pessoas brigam o tempo inteiro por causa de uma merda de um telefone (risos). Então tem horas que eu prefiro deixar e entrar em briga só quando está over, quando está passando do limite, quando está deixando de fazer alguma outra coisa, não está respondendo quando você fala. Aí eu dou um ataque.” (C.S., mãe do I., 11)

É terrível: eu tenho que dizer o tempo inteiro: pelo amor de Deus, sai do telefone! [aumentando a voz]! Só que eu fui deixando. No fim das contas foi pior, porque ele foi pensando cada vez menos em fazer outras atividades. Acho que afrouxei muito nesse período de férias, justamente porque a gente não tinha muitas opções de lazer. T.P., mãe do A., 9

Alguns relatam culpa, por não poderem dedicar mais tempo à criança, diante do trabalho remoto, do acúmulo de afazeres domésticos, entre outras tantas atribuições que ficaram ainda mais desafiadoras durante a pandemia. O telefone, na visão de alguns deles, substitui a presença, e equivale a uma chupeta eletrônica, ou uma babá eletrônica.

*Eu sei que é super errado, mas eu não controlo o tempo de uso. Mas eu quero ver se começo agora a colocar um horário. É com muita vergonha [que eu digo isso], mas é isso mesmo, é o dia inteiro. Tenho vergonha porque tem muitas horas que, para eu ter um tempinho para mim, para eu poder fazer as minhas coisas, poder estudar, **eu coloco o celular de babá**. Aí, eles me deixam em paz... [Tenho vergonha] de colocar num utensílio, uma função que é minha, de estar com eles. (S.C., mãe solo de duas crianças, A., de 9 e H. 13).*

*Eu fico pensando **que às vezes a gente não tá muito afim, de dedicar um tempo de qualidade, porque exige que a gente se envolva, até fisicamente**. Dispor de tempo, de paciência. Essa questão do tempo na mídia é uma questão muito complexa. Não é só a capacidade de a criança tem de parar ou não, mas de que os pais têm de se ocupar dos seus filhos. (P.G. mãe da J. 11).*

***A gente se sente também meio culpado porque a gente não tem tempo para dar atenção que ela merece**, o dia inteiro. A gente meio que deixou de mão e a situação hoje em dia está meio fora de controle. Se deixar ela fica o dia inteiro no telefone, jogando joguinho ou vendo vídeo no YouTube. A gente está tentando dar um basta nisso, agora nas férias. É nossa promessa para 2021 (risos). Vamos ver se a gente consegue ou não (risos) (...) A gente tentou fazer combinados, mas não deram certo, então a gente está fazendo uma abordagem mais direta, mais restritiva mesmo, de proibir e limitar o uso, mas mesmo assim funciona por um tempo curto e depois volta tudo ao que era. Não tem sido muito fácil não. (...) O problema é que ela fica entediada e isso tem levado ela a procurar o celular como mecanismo de recompensa toda hora que se sente entediada. Ela faz outras atividades com a gente também. A gente propõe atividades de desenho e pintura para ela, propõe leitura. Mas já foi mais fácil do que é hoje. Hoje, quando fica à toa vai para o celular. São coisas que a gente não está conseguindo lidar neste momento. (A.M., pai da L, 9 anos.)*

Várias são as estratégias usadas no controle do tempo, sendo a principal delas sugerir que a criança faça outras atividades, o que nem sempre dá certo. As mediações restritivas (com horários estipulados e regrados) foram, em sua maioria, deixadas de lado na pandemia. Ou porque os pais passaram a perceber a importância do dispositivo para preencher outras lacunas da vida durante o isolamento, ou porque eles próprios precisam “escolher as batalhas”.

Ele passa muuuuito [ênfase] tempo no aparelho, muito mais tempo do que eu gostaria. Aí você pode me perguntar: ‘ah, você é mãe, você não gosta então, porque você não corta?’ Eu corto. E às vezes tenho uma dor de cabeça absurda. E aí, às vezes eu faço vista grossa mesmo, porque eu também estou no meio de uma pandemia, eu também sou gente, e vou deixar ele ficar no celular. Eu também não quero causar

embate todo dia, desgaste todo dia por causa do celular. (M.P. mãe do L., 9).

Os responsáveis se inquietam pelo fato de as próprias crianças ficarem tão absortas, quando estão *online*, que não vislumbram alternativas, necessitando de um estímulo paterno ou materno para encontrar outras possibilidades de entretenimento. Eles não conhecem o tédio”, “não sabem lidar com o fato de não ter o que fazer”. É comum, aliás, que os responsáveis precisem oferecer opções às crianças, com programas em conjunto com a família, com “jogos e brincadeiras”; sugerir “brincar de alguma outra coisa”, “desenhar, ler, ouvir música”, foram alguns dos relatos que surgiram.

A gente procura interagir com ela. Chamar pra brincar, desenhar, jogar forca. O pai colocou uma rede de ping pong na mesa da sala pra gente brincar com ela. Como ela gosta de jogar bola, a gente deixa bater bola na sala. Esquece sala arrumada, parede limpa... Deixa brincar. Pra ela ter saúde mental e pra gente também. Aqui ela também tem tarefas de casa, como tirar a mesa, lavar a louça. É um estresse, ela reclama, mas ela tem. Com isso já ganha um tempo [longe do celular]. E quando não tem jeito, e não tem mais o que fazer, eu vou ali e desligo a internet. Eu baixo o que eu preciso pra eu ler naquele momento e pronto. Aqui em casa temos uma vantagem, que é ponto cego, então não pega 3G, nem 4G. Então a gente faz isso. Se ficar duas horas sem, já é um adiantado. A gente é que nem o Saci Pererê, faz traquinagem (risos). (C.F. mãe da I, 12)

A dificuldade em lidar com o tédio e a incapacidade de gozar um tempo de ócio absoluto foi registrada, em alguma medida, em vários relatos. Alguns pais inclusive disseram se sentir incomodados com o fato de precisarem sugerir brincadeiras. A questão do uso excessivo preocupa os pais por causa dos danos físicos (principalmente aos olhos e à postura), bem como por roubar o tempo de ser criança, de brincar livre, de exercitar o corpo e a criatividade.

Eu sempre tento oferecer alternativas, convido para fazer outras coisas. Mas agora falando com você, eu me questiono: por que ela própria não cria as suas alternativas? Talvez a coisa de limitar o tempo e ela ter que ter um tempo ocioso para inventar alguma coisa para fazer, possa ser interessante. (...) Ficar vendo só imagens na tela enferruja o cérebro. Teve um artigo que eu li dizendo que o QI das crianças está caindo. Falou uma coisa interessante em relação à linguagem: eles estão lendo menos, estão escrevendo menos, o vocabulário é cada vez mais restrito e a capacidade de resolver problemas mais complexos está reduzindo. O campo virtual está empobrecendo a linguagem e isso tem impacto. (P.G., mãe da J. 11)

É interessante notar que, diferentemente dos casos da mediação ativa relacionados aos tipos de uso do celular, ligados aos riscos e oportunidades, no caso do tempo de uso os relatos foram em menor grau.

Converso com ela sobre o tempo de uso e as consequências do uso prolongado (efeitos como a “irritação” que ela sente quando passa muito tempo no celular), procurando mostrar alternativas quando ela se sente “entediada”. Não considero isso como uma estratégia de controle, mas de “gestão” do tempo de uso”.

Observação, conversa frequente com ênfase na conscientização sobre os riscos e danos do exagero na realização de qualquer atividade.

Em vez de uma conscientização para o uso saudável o que observamos é uma tendência de controle para o que poderíamos chamar de “não uso”. Mesmo os pais cujos relatos mais se aproximaram do que vislumbramos com formação da CCI dos filhos no uso do celular, também relataram dificuldades em fomentar o uso saudável, imprescindível para ter uma atitude crítica no uso dos celulares. Nessa medida, faz-se necessário estimular um engajamento consciente da criança com o dispositivo para ele ela própria consiga reduzir o uso, hoje tão prolongado.

Quem caminha com crianças na rua se impressiona com a capacidade que elas têm de encontrar uma borboleta camuflada numa árvore, uma formiga carregando uma pétala de flor ou o novo sabor do sorvete num anúncio da banca de jornal. As descobertas do caminhar nas ruas, seja indo de casa para a escola, ou numa ida rápida ao supermercado com os pais, são importantes para que ela se aproprie dos ambientes de sua comunidade, reconheça sua vizinhança. Nada disso acontecerá se a criança estiver, ainda que sentada num carrinho de bebê, com os olhos vidrados em uma tela de celular.

Somos nós, inseridos nesta cultura da pressa, vítimas da sociedade descrita acima, que perdemos essas notáveis habilidades. Esgotados, não temos a capacidade de oferecer resistência a tantos estímulos (entre eles o som contínuo das mensagens de todos os aplicativos instalados no celular). Nós, como máquinas, tornamo-nos incapazes de fazer uma pausa, de lidar com o tédio, de contemplar o nada. “Os ativos rolam como a pedra rola, segundo estupidez mecânica” (NIETZCHE *apud* HAN, 2015, p. 53).

Voltando à Marx, lembramos que, para ele, as máquinas deveriam ser usadas para diminuir o tempo de trabalho necessário, de forma que pudessem liberar o homem para viver. O que observamos hoje, também no meio infanto-juvenil, é um exército de quase escravos da tecnologia a serviço do enriquecimento das *big techs*.

Entendemos ainda que o adulto que acompanha de perto a formação da competência crítica em informação de seu filho ou de seu aluno no uso das tecnologias se beneficia, ele próprio, do aprendizado e de uma educação crítica no uso dos aparelhos móveis. Ponderamos que ao se depararem com estudos que versam, por exemplo, sobre o tempo de permanência na rede de uma criança, o adulto em questão pode começar a atentar para o tempo que ele mesmo desperdiça também nas redes. Fazemos ainda uma provocação e os convidamos a refletir um pouco sobre a sua própria relação com o celular.

Tendo em vista este cenário, além da segurança e ética, para atingirmos a atitude crítica destacamos ainda a necessidade de se forjar o uso saudável dos dispositivos móveis. Entre as competências ensinadas às crianças, deve estar a de reconhecer o momento de se afastar do ritmo alucinante dos jogos, das redes sociais, da conexão *online* e partir em busca das conexões *offline*, dos momentos contemplativos e de ócio a fim de evitar, ou ao menos postergar, os efeitos nocivos da sociedade do cansaço descrita por Han (2015).

5 CONCLUSÃO

*“Eu nunca joguei bola, nunca andei de patinete
o quintal da minha casa, cabe dentro da internet
pera, uva ou maçã, não tem sabor virtual
soltar pipa, rolimã, açara e o digital
se você no pique-esconde, usa a tecla do delete
cabra cega está aonde? Escondido na internet.*

(Pique Esconde Na Internet - Moacyr Luz e Luiz Carlos da Vila)

Esta dissertação se propôs a investigar e analisar o estímulo à competência crítica em informação (CCI), presente nas estratégias de mediação parental de pais e mães, para forjar uma atitude crítica em seus filhos (crianças de 8 a 12 anos) com vistas ao uso seguro, ético e saudável dos aparelhos celulares conectados à internet (*smartphones*).

Cumprindo o primeiro objetivo específico, procedemos com a fundamentação teórica dos conceitos ligados a este tema, como CCI, ética, teoria crítica e pedagogia crítica, valendo-nos dos escritos dos campos da Ciência da Informação e da Comunicação Social, bem como da Filosofia e da Educação. Também apresentamos os contextos social, político e econômico no capitalismo vigente que influenciam a relação dos seres humanos com as mídias digitais e alguns dos efeitos que elas têm na subjetividade e nas relações dos sujeitos com outros sujeitos, levando a cabo o segundo objetivo específico deste estudo.

Para apontar e descrever os riscos e oportunidades do uso do celular por crianças, terceiro objetivo específico desta pesquisa, além de recorrer a fontes secundárias (como a pesquisa TIC Kids Online) e a fontes bibliográficas (acadêmicas e ainda reportagens de mídia), foi realizada uma pesquisa empírica com questionários digitais e entrevistas semidirigidas, realizadas em formato remoto. Os achados dos 154 questionários digitais e o conteúdo das narrativas das 15 entrevistas em profundidade, feitas com 13 mães e dois pais de crianças de 8 a 12 anos, permitiram captar a percepção dos pais sobre alguns dos riscos e das oportunidades inerentes ao ambiente digital da contemporaneidade. Posteriormente, detalhamos e analisamos não apenas as estratégias que pais e mães usam ao mediar o contato dos filhos e filhas com o celular, mas ainda tivemos a chance de relatar um pouco da visão que estes responsáveis têm sobre este tema. Os dados de pesquisa foram apresentados por meio de alguns gráficos; mais importante, porém, foram as narrativas colhidas nas respostas abertas do questionário e nas entrevistas individuais

para arrematar o quarto e último objetivo específico: enunciar e analisar algumas das estratégias de mediação parental, bem como expor suas visões sobre o tema.

A partir do material empírico, percebemos que as crianças ganham um celular para chamar de seu cada vez mais cedo e, nem sempre, com a concordância de um ou dos dois responsáveis. Pais e mães, por sua vez, têm suas estratégias para mediar o tipo de uso e o tempo de uso do dispositivo – que nem sempre funcionam, diga-se de passagem – e, na maior parte das vezes, é baseada no que podemos chamar de *feeling* desses responsáveis a respeito dos riscos e oportunidades que consideram mais relevantes. A mediação parental, conforme percebemos, é principalmente focada nos riscos, em detrimento das oportunidades.

Antes da pandemia, afirmaram os pais e mães, não era comum ver suas crianças usando o dispositivo para se comunicar com amigos ou parentes e o *smartphone* era prioritariamente voltado para o entretenimento deste público – jogos, vídeos de *streaming* (Netflix, Youtube) e redes sociais (TikTok e Instagram). Por isso, muitos dos primeiros celulares dessas crianças nem possuíam *chip* com número de telefone. Dar um *smartphone* para a criança, na maior parte dos casos, aconteceu diretamente por causa da chamada obsolescência programada: pai ou mãe trocaram de aparelho por um mais moderno, o antigo funciona, regala-se à criança. Nesse sentido, quanto mais novos, menos motivos para usar o dispositivo para se comunicar com os outros, naquele tempo em que os encontros com amigos e amigas se davam no pátio da escola, no parque, na praia, no play. A partir da pandemia, muitos ganharam linha telefônica, outros, aparelhos ainda mais modernos, aumentando a possibilidade de acesso aos riscos, mas também às oportunidades – como destacam especialistas da área.

Supomos que também pesa o fato de a faixa etária de nosso interesse ser de crianças de 8 a 12 anos. Antes de março de 2020, os grupos de WhatsApp e as conversas por chamada de vídeo não eram tão usuais, sendo comportamentos mais típicos dos adolescentes. Nesse sentido, foi interessante observar pais e mães que relataram terem ensinado as crianças a se relacionar por meio do WhatsApp, no que se convencionou chamar de netiqueta: atentar para os áudios imensos, o envio excessivo de figurinhas, o “tom” da escrita na hora de iniciar uma conversa ou de encerrá-la foram tópicos mencionados. Possivelmente influenciados pela aproximação social proporcionada em meio ao isolamento, a comunicação foi, na maioria dos questionários e em todas as entrevistas, descrita como a mais importante oportunidade oferecida pelo celular.

Na pandemia, além do (novo e constante) uso do celular para a comunicação, o acesso às plataformas escolares também esteve entre as novidades relatadas – às vezes em substituição a um PC ou notebook, outras como complemento. Ainda a respeito dos tipos de uso, não causou surpresa ouvir de pais e mães que as crianças alongaram o uso do *smartphone* para entretenimento, por meio de jogos e YouTube, para desespero dos pais que se disseram incapazes de acompanhar de perto os conteúdos acessados na plataforma.

O receio narrado tinha como fontes principais dois tipos de riscos diferentes: o acesso a material impróprio (pornográfico e violento, principalmente) e ainda a conteúdo inadequado aos valores daquela família. Foi gratificante para a pesquisadora observar o fato de alguns responsáveis mencionarem este último fato, incluindo aí as críticas aos discursos neoliberais, como o da meritocracia, além, é claro, de discriminação e deslegitimação das pautas sociais (com o que se convencionou chamar de ‘mimimi’). Também neste tópico estão as inquietações a respeito da superexposição dos corpos infantis e o efeito da superficialidade e consumismo propagados em larga escala nas plataformas (valorização das curtidas e acesso ininterrupto a mensagens publicitárias, muitas vezes escondidas nas falas dos influenciadores digitais). Para os pais e mães, a repetição dessas narrativas por *gamers* e *influencers* pode ser facilmente incutida nas cabeças imaturas das crianças.

A dificuldade de monitorar o conteúdo tem relação direta com o fator que mais aflige os pais e mães entrevistados pela pesquisadora, tanto por meio do questionário digital, quanto nas conversas individuais: o tempo de uso do celular. Como detalhado no capítulo 4, mais de três quartos dos responsáveis assevera que suas crianças poderiam (ou deveriam) passar menos tempo conectados. Mas são as contingências da contemporaneidade (descritas no capítulo 2) que dificultam a necessária mediação parental no uso do celular. A falta de tempo de estar com as crianças para cumprir todas as obrigações (do trabalho, do lar, acadêmicas) e ainda a necessidade (legítima) de dedicar um tempo para si próprio (ler, ver um filme, cuidar da saúde, socializar mesmo que em plataformas *online* como o Zoom) fazem com que muitos requeiem aos eletrônicos a função que às vezes vai para uma babá. O celular substitui a presença.

Não há, na descrição acima, absolutamente nenhum juízo de valor; ela representa fielmente o relato de algumas mães e pais colhidos pela pesquisadora. E aí, continuam estes responsáveis, “bate a culpa”. A culpa pelo excesso de trabalho proporcionado pela conexão 24 horas por dia e 7 dias por semana, pelo fato de sentirem necessidade de

dedicar um tempo para si, de admitirem não conseguir acompanhar de perto o que fazem os filhos e filhas no ambiente digital, mesmo que reconheçam muitos riscos, e ainda o medo do julgamento dos outros pais e até mesmo da pesquisadora, como pudemos observar em algumas falas. Como mãe, não poderia, em hipótese alguma, julgar as necessidades de outra mãe (nem mesmo de um pai).

Esses pais e mães reclamam que o celular rouba dos filhos e filhas a infância. As crianças não querem brincar de jogos de tabuleiro, preferem jogos *online*. Deixam de lado as bonecas e criam vídeos no TikTok. Fogem do exercício físico e preferem assistir as dicas de *gamers* sobre como dar aquele drible. E se incomodam, sobretudo, com o fato de que muitas vezes não parte da própria criança alternativa à tela. Simplesmente não sabem do que brincar. São os pais e mães que precisam oferecer outras opções: “vai desenhar”, “vem jogar um jogo”, “vai ler um livro”, “vai montar um lego”, “pode fazer embaixadinha na sala mesmo”, “pode andar de patins no corredor”.

Foi interessante notar que, nas entrevistas individuais, os responsáveis contaram muito das suas próprias experiências e aflições, em relação ao tempo de uso que eles mesmo fazem. Muitos se sentem, eles próprios, perdendo parte da vida ao correr o dedo pelo *feed* da rede social por incontáveis minutos ou horas, ou abrir o WhatsApp a cada notificação. Por isso, valoriza-se neste trabalho o uso saudável tanto quanto o uso seguro e ético dos dispositivos móveis entre as competências que precisam ser ensinadas às crianças. Reconhecer o momento de desconexão é fundamental, também para os adultos.

E talvez seja justamente pelo fato de os responsáveis usarem muito de suas experiências, as mediações acabam por basear-se muito na avaliação que eles próprios fazem sobre as oportunidades e os riscos do ambiente digital, sem que tenham relatado especificamente conhecimento mais aprofundado sobre o tema, na maior parte dos casos. A mediação é mais restritiva tanto para tipo de conteúdo quanto no tempo de uso, com tentativas ineficientes nas próprias palavras deles. Assim, em vez de uma conscientização para o uso saudável, ético e seguro, com vias para o uso crítico, eles acabam por priorizar o “não uso”. Em vez de focar no ganho de autonomia para que, criticamente, as crianças sejam capazes de desenvolver uma atitude crítica, os pais tentam, sem sucesso segundo eles, medir as horas que os filhos passam *online*.

O “não uso” ou a redução do uso por meio de aplicativos de controle parental diminuem as chances de a criança se beneficiar de uma série de oportunidades, por exemplo, criativas e, posteriormente, de engajamento político e social, no uso dos celulares. Lembramos que a orientação para atingir a CCI alinha-se com a mediação

parental mais ativa, calcada no diálogo que tem por objetivo auxiliar no ganho da autonomia no uso dos dispositivos, consciente dos riscos e resiliente para enfrentá-los. Ainda sobre este aspecto, notam-se diferentes abordagens entre responsáveis que preconizam o respeito à intimidade e à privacidade da criança (nas conversas com amigos, por exemplo), e pais que preferem um controle mais sistemático no que pode até ser considerado invasão de privacidade, causando grande animosidade entre as crianças e seus genitores.

Se o ganho de autonomia é algo a ser atingido aos poucos, aqui também o diálogo deve estimulado. Ler escondido as mensagens no WhastApp da criança para ver como ela está se comunicando (que pode ser considerado antiético) traz menos ganhos do que conversar e dar exemplos claros do que não é permitido (inclusive por lei) ou não é razoável no trato com amigos. O agir corretamente faz parte da dimensão do uso ético, que também apareceu em menor grau nas falas dos entrevistados. O uso crítico, vimos com Marx, Horkheimer e Freire, tem a ver com a perspectiva da conscientização, mas também do agir.

Os pais e mães ouvidos nesta pesquisa acabam por priorizar o diálogo sobre o uso seguro, diminuindo uma série de riscos que as crianças podem encontrar quando estão conectadas. No entanto, entende-se que, para promover o uso crítico, não basta restringir o acesso ao que é impróprio e coibir atos ilícitos, mas cabe aos pais, por meio da mediação ativa ajudá-los a trilhar o caminho das oportunidades oferecidas no mundo digital, prover conteúdos adequados, trocar experiências sobre o que está sendo propagado nas plataformas. Há raras menções a relatos sobre como as crianças entendem o contexto do ambiente digital e da maneira como elas usam.

Como apontamos acima, em relação aos entrevistados há um grupo de pais que não vislumbram oportunidades no uso das tecnologias e resumem seus benefícios à comunicação (socialização), o que limita ainda mais o potencial de uso do celular pelas crianças, reduzindo tanto as competências instrumentais, quanto o desenvolvimento de uma atitude crítica no uso do dispositivo. Presumimos que, por isso, entre as crianças que não têm celular próprio, há grande variação nas idades em que os responsáveis planejam dar a elas dispositivo: um quarto deles (25,5%) afirma que só depois dos 12 anos e outro quarto a partir dos 13 (também 25,5%). É curioso porque vai na contramão do que temos percebido, que é da antecipação etária. A maior parte das crianças que têm celular próprio, no universo dos 154 questionários respondidos, o ganharam com 8 anos.

Mesmo os pais cujos relatos mais se aproximaram do que vislumbramos ser o início da formação da CCI dos filhos no uso do celular também relataram dificuldades em fomentar o uso ético e, principalmente, o uso saudável, imprescindível para ter uma atitude crítica no uso dos celulares. Dessa forma, faz-se necessário estimular um engajamento consciente da criança com o dispositivo para que ela própria consiga reduzir o tempo de uso, hoje tão prolongado. Uma mãe (ou um pai), ao preconizar a CCI, poderia basear-se, quem sabe, na mediania aristotélica, buscando um ponto virtuoso de equilíbrio entre dois extremos. “Pode jogar online, meu filho, mas não esqueça os jogos de tabuleiro”. “Pode assistir ao *gamer* no YouTube, mas aproveite a chance de fazer embaixadinhas na sala de casa”. “Pode gravar vídeos divertidos, mas não deixe de lado o desenho no papel, o lego, a boneca”. “Pode conversar por mensagens, mas não troque pela chance de colocar a máscara e pedalar ao lado do amigo”.

Estes são alguns dos achados desta dissertação, concluída nestes dois anos de mestrado, metade deles durante uma pandemia mundial que nem acabou, nem mostra, no nosso país, perspectiva de melhora neste março de 2021. A crise sanitária, cabe destacar, teve impacto direto não apenas na construção deste texto, mas, em alguma medida, em mudanças das perspectivas de pais e mães, a pesquisadora incluída, para outras formas possíveis de uso do dispositivo por seus filhos e filhas, para novas dúvidas e novas investigações.

As pesquisas em ciências sociais estudam os fenômenos da nossa sociedade, que são não apenas protagonizados por sujeitos, mas que também afetam esses sujeitos. Nessa medida, gostaria de salientar a importância de ter entrevistado individualmente as mães e pais, que permitiram que eu sáísse do conforto de minhas convicções para ser apresentada a novas possibilidades e discursos. Não nego, a quem inicia a vida de pesquisador, que o trabalho é grande e que foi desafiador conciliar as agendas de uma pesquisadora mãe durante as férias escolares, e em meio a uma pandemia, com outros responsáveis por crianças também em férias e também confinados.

Ainda assim, os 15 encontros virtuais que se seguiram foram ouro. Foi fascinante ouvir os relatos destas 13 mães e dois pais que compartilharam um pouco de suas visões de mundo, suas convicções e suas dúvidas acerca de um fenômeno que afeta, posso asseverar, seus bens mais preciosos. Correndo o risco de ser piegas duas linhas seguidas, afirmo ter gratidão pela confiança que depositaram em mim, ao abrir detalhes de suas vidas e da forma como conduzem a criação de seus filhos. Menciono ainda o fato de estas

participações serem uma confirmação à importância da ciência, que tanto tem apanhado nos dois últimos anos.

Destaco, contudo, que há limitações de tempo para a conclusão de uma pesquisa de mestrado, metade dele afetada pelos efeitos (inclusive psicológicos) da pandemia do novo coronavírus. Ao fim desta dissertação, vislumbro uma série de outras novas possibilidades que podem ser descortinadas para o mesmo tema. Entendo ser preciso investigar melhor a diferença de opinião entre pais e mães, em um recorte no qual ambos sejam ouvidos em número igual. É possível ainda apurar se as estratégias dos responsáveis mudam no caso do gênero da criança, o que em um primeiro momento não pareceu acontecer, mas como não foram feitas perguntas específicas sobre o tema, não há como afirmar. Definir novos recortes que possam abranger nacionalidade, regionalidade, classe, etnia, religião podem trazer novos elementos à discussão do tema. Também é relevante ouvir o que têm a dizer as crianças. Tanto em relação ao seu uso, às considerações sobre o tempo que dedicam às telas, a descrição de sua relação com o dispositivo, bem como entender como avaliam o comportamento e a mediação feitas pelos pais.

O tema do uso do celular por crianças é amplo. Além de recortes diferentes deste mesmo trabalho, outra questão que pode ser debatida diz respeito à privacidade de dados das crianças *versus* a privacidade pessoal como direito fundamental da criança e do adolescente. Enquanto crianças pleiteiam privacidade e reclamam com pais e mães a respeito do uso de aplicativos de controle parental, por exemplo, alguns responsáveis vasculham os dispositivos das crianças sem que elas tenham conhecimento disso, algo que pode quebrar a confiança entre eles e vai em direção oposta à mediação ativa e à pedagogia freiriana, que miram o diálogo na resolução dos conflitos e no encaminhamento da conscientização crítica.

Diante do que vimos expondo nas páginas acima e ainda de todas as inquietações que ainda permanecem, o que concluimos é que fomentar a atitude crítica, por meio do uso seguro, ético e saudável das TICs, pode ser um caminho exitoso para que as crianças de hoje se tornem jovens preparados para atuar criticamente com o necessário engajamento político e social em defesa da democracia; sempre. Antes disso, é preciso se afastar do senso comum tanto repetido de que as crianças são nativos digitais. Assumir que as inegáveis competências instrumentais demonstradas credenciam crianças para fazer uso do *smartphone* sem mediação parental é algo que nem os protege dos riscos que

tanto assustam os responsáveis, nem os aproxima das oportunidades sustentadas por especialistas.

Não é fácil e são claras as dificuldades dos pais em conduzir sozinhos esses processos, principalmente em um país onde há imensa desigualdade de distribuição de infraestrutura tecnológica, de renda e de educação. Daí a necessidade de ter professores e professoras como maiores aliados das famílias na condução do processo de formação da CCI de seus filhos e filhas no uso das TICs, por meio de políticas públicas bem definidas e realmente implementadas. As crianças agora estão *online* até quando estão “na” escola. Nessa medida, como preconiza a pedagogia crítica e também a CCI, as diferenças de contexto (regionais, etárias, econômicas) devem ser levadas em consideração. Não há padrões ou fórmulas prontas, mas há dicas e orientações de entidades que podem ser usadas como um norte, em meio ao veloz e constante avanço tecnológico, com novas redes sociais, novas legislações etc. Afinal, conhecimento é poder.

O que se precisa ter claro é que esta é a realidade da vida contemporânea e do cotidiano das nossas crianças. A mediação parental para o uso do celular é apenas mais uma das formas de estar próximo delas, de entender suas dúvidas, seus questionamentos, seus anseios, seus gostos. De protegê-los, ao ensinar sobre os riscos, e de dar-lhes asas e autonomia, ao incentivar que se aventurem nas oportunidades do ambiente digital. Assim, por mais paradoxal que possa parecer, a tecnologia pode ser uma ferramenta de aproximação. Ao estimular a atitude crítica, pelos usos seguro, ético e saudável da tecnologia, podemos aprofundar vínculos com nossos filhos. É como nos relata P.G., uma das mães entrevistadas, ao falar por que não se preocupa tanto em controlar o uso do celular pela filha: “ela tem referências importantes na vida e acho que em algum ponto ela leva essas referências para o uso do celular também”. O caminho para a conscientização crítica, como defendido em toda a presente dissertação, deve ter como alicerce o diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita. Informação, saber vivo e trabalho imaterial In: ALBAGLI, Sarita. **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013.

ALBAGLI, Sarita.; MACIEL, Maria Lúcia. Informação, poder e política: a partir do Sul, para além do Sul. In: MACIEL, M.L.; ALBAGLI, S. **Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2016.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information literacy Competency Standards for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2000.

BARIFOUSE, Rafael. "Tenho horror de quem pensa como eu pensava. Evoluí", diz carioca que chamou pobres de sub-raça nos anos 1980. **BBC Brasil**, 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150923_angela_moss_video_internet_rb Acesso em 13 fev. 2020.

BARLOW, John Perry. A Declaration of the Independence of Cyberspace. **Electronic Frontier Foundation**. Davos, Suíça, 8 de fevereiro de 1996. Disponível em: <https://www.eff.org/cyberspace-independence> Acesso em 11 de out. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação** [online]. 2017, vol.22, n.4, pp.68-81. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362017000400068&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 23 jul. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho; BELONI, Aneli. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 208-228, maio/agosto, 2019.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In: BEZERRA, A., SCHNEIDER, M., PIMENTA, R., SALDANHA, G.S. **IKRITIKA: Estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BEZERRA, Arthur Coelho; FIGUEIREDO, Talita. COMPETÊNCIA TÉCNICA E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS. In: **VIII Encontro da Ulepcc-Brasil - UESC/Virtual**, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/8ulepiccbr/trabalho/136424>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho, SCHNEIDER, Marco, SALDANHA, Gustavo S. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.29, n.3, pp. 5-22, julho/setembro 2019.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/923>. Acesso em 23 jul. 2018.

BEZERRA, Arthur Coelho, CAPURRO, Rafael.; SCHNEIDER, Marco. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em Revista**, v. 13, n.2, p. 371–380, 2017.

BORTOLO, Kizzy. Adolescente que montou 7 bibliotecas este ano sonha com "crianças munidas de livros". **Marie Claire**, São Paulo, 29 de setembro de 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2020/09/adolescente-que-montou-7-bibliotecas-este-ano-sonha-com-criancas-munidas-de-livros.html> Acesso em: 28 jan. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 18 dez. 2019.

BRASIL tem 424 milhões de dispositivos digitais em uso, revela a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia. **Portal FGV**, São Paulo, 8 de junho de 2020. <https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia> Acesso em: 10 jun. 2020.

BIELBY, Jared. **Information Ethics I: Origins and Evolutions**. Edmonton, Canadá, 2014. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/today/post/article/20140625225908-299816747-information-ethics-i-origins-and-evolutions?trk=mp-details-rr-rmpost>> Acesso em: 25 mai. 2019.

BRYMAN, Alan. **Social research methods**. New York: Oxford university press, 2012.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**. 2010; p. 37-58, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3172/317227078004> Acesso em 21 jan. 2021

BYUNG-CHUL, Han. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CAMBRICOLI, Fabiana. 1 em cada 4 adolescentes brasileiros é dependente de internet, aponta estudo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 de outubro de 2019. <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,1-em-cada-4-adolescentes-brasileiros-e-dependente-de-internet-aponta-estudo,70003047747> Acesso em: 13 out. 2019.

CAMBRICOLI, Fabiana. Ministério da Saúde identifica 185 focos de fake news e reforça campanhas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 de setembro de 2018. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-identifica-185-focos-de->

[fake-news-e-reforca-campanhas,70002510310](#) Acesso em 23 jan. 2021.

CAPURRO, Raphael. HJORLAND, B. O Conceito de Informação. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s.l.], v. 37, n.8, p. 343–411, 2004.

CAPURRO, Rafael. Digital ethics. In: **Global Forum on Civilization and Peace**. p. 207-216. Disponível em: <http://www.capurro.de/korea.html> Acesso em 02 fev. 2021

COMBESSIE, Jean-Claude. **O método em sociologia. O que é, como faz**. São Paulo, Loyola, 2004.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids OnlineBrasil 2017**. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor] - Comitê Gestor da Internet do Brasil no Brasil, 2018. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf Acesso em 10 jun. 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL NO BRASIL. **TIC Educação 2018 - Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras**. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor] - Comitê Gestor da Internet do Brasil no Brasil, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic_edu_2018_livro_eletronico.pdf Acesso em 17 dez. 2019.

COMO as empresas usam as redes sociais para recrutar e analisar o comportamento dos seus colaboradores. **Cyberh**. Disponível em: <https://cyberh.com.br/levantamento-analise-perfis-colaboradores-funcionarios-candidatos-recrutamento-midias-redes-sociais>. Acesso em 13 fev. 2020.

CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo. Ubu Editora, 2016.

DANTAS, Marcos. Informação como trabalho e como valor. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, 2006, no 19, pp. 44-72. Disponível em: <http://marcosdantas.com.br/conteudos/wp-content/uploads/2013/03/informacao-trabalho-valor.pdf> Acesso em 02 dez. 2019.

DANTAS, Marcos. The Financial Logic of Internet Platforms: The Turnover Time of Money at the Limit of Zero. **Triple C**. 17(1): 132-158, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=The+Financial+Logic+of+Internet+Platforms:+The+Turnover+Time+of+Money+at+the+Limit+of+Zero.&ie=UTF-8&oe=UTF-8> Acesso em 02 dez. 2019

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: eBooksBrasil.com; 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf> Acesso em 17 out. 2019.

DONALD, Brooke. Stanford researchers find students have trouble judging the credibility of information online. **Stanford Graduate School of Education**, Stanford, 22

de novembro de 2016. Disponível em: <https://ed.stanford.edu/news/stanford-researchers-find-students-have-trouble-judging-credibility-information-online> Acesso em 13 fev. 2020.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Políticas de competência em informação: leitura sobre os primórdios e a visão dos pioneiros da information literacy. In: ALVES; F. M. M.; CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R. O. (Org.) **Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 19-50.

DUVANEL, Talita. Mindfulness para crianças e adolescentes: entenda como técnica pode controlar ansiedade e desconforto. Revista Ela, **O Globo**, 2019. Disponível em : <https://oglobo.globo.com/ela/gente/mindfulness-para-criancas-adolescentes-entenda-como-tecnica-pode-controlar-ansiedade-desconforto-1-24067254> Acesso em 09 nov. 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

EGAS, HELOÍZA. “Estratégias para a proteção integral de crianças e adolescentes no mundo digital”. In: **TIC Kids OnlineBrasil 2016. Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 2017. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf Acesso em: 13 fev. 2020.

EIRAS, Natália. Os filtros do Instagram estão mudando nossa aparência na vida real? **Elle**, 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais> Acesso em: 15 jan. 2021.

ELMBORG, James. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The journal of academic librarianship**, v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006.

FANTIN, Monica. “Nativos e imigrantes digitais em questão: crianças e competências midiáticas na escola – **Revista Passagens** - PPGMC/UFC Volume 7. Número 1, 2016.

FIALHO, Janaína Ferreira. ANDRADE, Maria Eugênia Albina. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão de literatura estrangeira. **Ciência da Informação**, Brasília, D. F., v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr.,2007. Acesso em: 29/08/2018.

FIGUEIREDO, Talita. “Desafio Momo alerta para os perigos na "maior praça pública do mundo". **Escritos**, Rio de Janeiro, 01 de abril de 2019. Disponível em: <http://escritos.ibict.br/section/entrevista/?page=2> Acesso em: 25 ju. 2020.

FIGUEIREDO, Talita; BEZERRA, Arthur Coelho. Celular não é brinquedo: autonomia, ética e liberdade para crianças. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, n. XX ENANCIB, 2019. **Anais [...]**. Santa Catarina, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123803>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FLORIDI, Luciano. Information ethics: an environmental approach to the digital divide. **Philosophy in the Contemporary World**, v. 9, n. 1, p. 39-45, 2002. Disponível em:

<https://uhra.herts.ac.uk/bitstream/handle/2299/1833/902041.pdf?sequence=1> Acesso em 02 fev. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FROHMANN, Bernard. **Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory**. In: 23rd Annual Conference of the Canadian Association for Information Science. 7-10 de jun., 1995, Edmonton, Alberta.

FUCHS, Christian. Towards a Critical Theory of Information. **TripleC**, 7(2): 2009, pp.243-292.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, Dec. 2010.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARDY, Jonathan. **Critical Political Economy of the Media: An Introduction**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Edições Loyola: São Paulo, 1992.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, M; BENJAMIN, W; ADORNO, T. W; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

JENKINS, Henry. **Reconsidering Digital Immigrants...** 04 de dezembro de 2007. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2007/12/reconsidering_digital_immigran.html Acesso em 19 dez. 2020.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martin Claret, 2019.

LEVY, Pierre. O inexistente impacto da tecnologia. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 17 de agosto de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170803.htm> Acesso em: 01/08/2020.

LIVINGSTONE, Sonia.; MASCHERONI, Giovanna.; STAKSRUD, Elisabeth. European research on children's internet use: assessing the past and anticipating the future. **New Media and Society**, 20 (3). pp. 1103-1122, 2018.

LIVINGSTONE, Sonia; KARDEFELT WINTER, Daniel; SAEED, Mariam. **Global Kids Online Comparative Report, Innocenti Research Report UNICEF**, Florença, 2019.

LIVINGSTONE, Sonia, ÓLAFSSON, Kjartan, HELSPER, Ellen J., LUPIÁÑEZ-VILLANUEVA, Francisco, VELTRI, Giuseppe A., & FOLKVORD, Frans. Maximizing opportunities and minimizing risks for children *online*: The role of digital skills in emerging strategies of parental mediation. **Journal of Communication**, 67(1), 82-105, 2017

MACKINTOSH, Eliza. Finland is winning the war on *fake news*. What it's learned may be crucial to Western democracy. **CNN**. Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2019/05/europe/finland-fake-news-intl/> Acesso em: 13 jun. 2019.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo editorial, 2015. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Karl_Marx_-_Grundrisse_\(boitempo\)_completo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Karl_Marx_-_Grundrisse_(boitempo)_completo.pdf) Acesso em: 15 set. 2019.

MATTOS, Laura. Contra fake news, sociedade tem que ser alfabetizada para a mídia, diz pesquisador. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/08/contra-fake-news-sociedade-tem-que-ser-alfabetizada-para-a-midia-diz-pesquisador.shtml> Acesso em 19 ago. 2019.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MATSUURA, Sérgio. "Filhos reclamam que pais passam muito tempo com os *smartphones*". **O Globo**. <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/filhos-reclamam-que-pais-passam-muito-tempo-com-os-smartphones-23704974> Acesso em 20 out. 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Report on Project in Understanding New Media**. A Report to the United States Office of Education. National Association of Educational Broadcasters (NAEB). 30 de junho de 1960. Disponível em: <http://blogs.ubc.ca/nfriesen/files/2014/11/McLuhanRoPiUNM.pdf> Acesso em 24 de jan. 2021

MEDIAÇÃO Parental. **Safernet**. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/mediação-parental> Acesso em: 12 dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

O que os recrutadores analisam em suas redes sociais. **Época Negócios**, Rio de Janeiro, 3 de abril de 2018. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2018/04/o-que-os-recrutadores-analisam-em-suas-redes-sociais.html> Acesso em: 13 fev. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Padrões de competência em TIC para professores: marco político.** Paris: Unesco, 2008. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000156210_por Acesso em 22 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias.** Brasília : UNESCO, Cetic.br, 2016.

PANORAMA MOBILE TIME/ OPINION BOX. **Crianças e smartphones no Brasil.** Outubro, 2020. Disponível em: <https://panoramamobiletime.com.br/criancas-e-smartphones-no-brasil-outubro-de-2020/> Acesso em: 23 nov. 2020. Acesso em 04 jul. 2020.

PARRA, Henrique Zoquei Martins. Laboratório tecnopolítico do Comum: protótipos, reticulação e potência da situação. **dois pontos:**, Curitiba, São Carlos, volume 16, número 3, p. 111-120, julho de 2019.

PÉREZ ÁLVAREZ, Miguel Ángel. **Hacia una filosofía de la cultura digital.** Ética y sociedad en red. México, 2017. Disponível em https://www.academia.edu/35934094/Tesis_Etica_en_la_Sociedad_en_Red_v_final.doc Acesso em: 23 dez. 2019.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, October, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 01 out. 2020.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 1998.

ROSIE, Rachel. More people want surgery to look like a filtered version of themselves rather than a celebrity, cosmetic doctor say. **Independent**, Londres, 06 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/cosmetic-surgery-snapchat-instagram-filters-demand-celebrities-doctor-dr-esho-london-a8197001.html> Acesso em: 15 jan. 2021.

RÜSCHE, Ana e SANTINI, Daniel. Plataformas de solidariedade: A diferença entre transformar tudo em objeto de lucro e compartilhar de maneira inteligente. In: SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma.** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 1, n. 1, 1996.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. *In*: BEZERRA, A., SCHNEIDER, M., PIMENTA, R., SALDANHA, G.S. **iKRITIKA: Estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

SEALE, Maura. The Neoliberal Library. *In*: **Information Literacy and Social Justice: Radical Professional Praxis**. Library Juice Press, 2013, pp. 39-61.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Ludmila. Famílias têm papel fundamental na relação da criança com mundo digital. **EBC**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/familias-tem-papel-fundamental-na-relacao-da-crianca-com-mundo-digital>. Acesso em 10/07/20.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TARDÁGUILA, Cristina. Brasil importou o que houve de pior na eleição dos EUA e no referendo do Brexit. **Piauí**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 2018. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/24/brasil-eua-brexite-noticias-falsas/> Acesso em 23 jan. 2021.

TEWELL, Eamon. A decade of critical information literacy. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 2, 2015.

TRUCCO, Daniela; PALMA, Amalia. **Infancia y adolescencia en la era digital: un informe comparativo de los estudios de Kids Online del Brasil, Chile, Costa Rica y el Uruguay**. 2020. Documentos de Proyectos (LC/TS.2020/18), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2020. Disponível em <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20200310164440/Infancia%20y%20adolescencia%20en%20la%20era%20digital_es.pdf> Acesso em 2 fev. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n.3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em 12 set. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação**. Santa Catarina: Editora USFC, 2019.

ZURKOWSKI, Paul G. The Information Service Environment Relationships and Priorities: report 5. Washington, D.C., **National Commission on Libraries and Information Science**, Nov. 1974. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED100391> Acesso em 15 dez. 2020.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “*Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças*”, projeto de mestrado da pesquisadora Talita Figueiredo do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI/IBICT-UFRJ). Por meio desta pesquisa, gostaríamos de compreender quais são as estratégias de mães e pais para gerenciar o uso do celular por seus filhos, levando em consideração os riscos e benefícios do dispositivo na vida de crianças entre 8 e 12 anos. Para realizar o estudo será necessário que você se disponibilize a responder um questionário enviado por meio de um formulário eletrônico. Caso você aceite participar da segunda etapa da pesquisa, será convidado(a) para uma entrevista posterior (agendada a sua conveniência) por meio virtual, levando em conta o momento da pandemia que ainda inspira preocupação.

Benefícios aos participantes e para a sociedade: a partir deste estudo poderemos conhecer as estratégias de mães e pais na formação da competência crítica em informação de seus filhos no uso do celular e traçar um diagnóstico dos principais problemas enfrentados por estas mães e pais. Esse estudo poderá ainda gerar novos pressupostos para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) por crianças.

Riscos: Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Durante o preenchimento do questionário e, na posterior entrevista virtual, aspectos desagradáveis podem ser evocados. Entre os riscos estão o de constrangimento, arrependimento pelas respostas, cansaço pelo tempo dispendido no processo do preenchimento do questionário ou da entrevista. Há ainda o risco de quebra de sigilo.

Para minimizar os riscos adotamos os seguintes procedimentos:

Garantia de liberdade: a sua participação neste estudo é absolutamente voluntária. Dessa forma, todos os participantes estão integralmente livres para, a qualquer momento, negar o consentimento ou desistir de participar e retirar o consentimento, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização.

Garantia de acesso aos pesquisadores: em qualquer fase do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pelo projeto, Talita Figueiredo. Devido ao momento de pandemia, o acesso poderá ser feito por telefone (21) 994123809 ou por e-mail: talitaf@hotmail.com. Havendo necessidade, será possível, ainda, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) no endereço: Avenida Horácio de Macedo S/N - Cidade Universitária, que fica no bairro da Ilha do Fundão no Rio de Janeiro (RJ); pelo telefone (21)3938-2598 e ainda pelo e-mail: cep@iesc.ufrj.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição (UFRJ) e tem como uma das principais funções proteger os participantes da pesquisa de qualquer problema.

Direito de confidencialidade e acessibilidade: os dados colhidos na presente investigação serão utilizados para elaborar artigos científicos. Porém, todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o absoluto sigilo de sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação do participante e ninguém, com exceção dos próprios pesquisadores, poderá ter acesso aos resultados da pesquisa. Por outro lado, você poderá ter acesso aos seus próprios resultados

a qualquer momento, desde que nos forneça um contato após o preenchimento do questionário, para que possamos identificá-lo.

Despesas e compensações: você não terá, em momento algum, despesas financeiras pessoais. Também, não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

Caso venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você terá direito à indenização por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Cabe enfatizar que a questão da indenização não é prerrogativa da Resolução CNS Nº 466 de 2012, estando originalmente prevista no Código Civil (Lei 10.406 de 2002), sobretudo nos artigos 927 a 954, dos Capítulos I (Da Obrigação de Indenizar) e II (Da Obrigação de Indenizar), Título IX (Da Responsabilidade Civil).

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Em razão da pandemia do novo coronavírus solicitamos que o aceite seja feito por meio eletrônico. Leia abaixo a declaração e marque a caixa de texto do aceite, caso tenha vontade de participar da pesquisa. Esclarecemos que o documento assinado poderá ser enviado por email, quando solicitado. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) sob o número de parecer 4.472.009 e CAAE: 39063520.0.0000.5286.

Desde já agradecemos!

() Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo e tive a oportunidade de discutir as informações do mesmo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via será arquivada por 5 anos pelo pesquisador. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o:

Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da UFRJ
Avenida Horácio de Macedo S/N Cidade Universitária
Bairro: Ilha do Fundão - Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 21.941-598
Telefone: (21)3938-2598 E-mail: cep@iesc.ufrj.br

Seção 1 de 7

Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças

✕ ⋮

Seção 2 de 7

Responda às questões se você for responsável por uma criança entre 8 e 12 anos.

Descrição (opcional)

Identificação do respondente *

☐ Mãe

☐ Pai

☐ Outros...

Quantos adultos moram na sua casa? *

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ 5 ou mais

Quantas crianças moram na sua casa? *

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5 ou mais

Escolha uma das crianças dentro da faixa etária entre 8 e 12 anos para responder as próximas questões. Qual o sexo da criança? *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

Quantos anos tem a criança? *

- ☐ 8
- ☐ 9
- ☐ 10
- ☐ 11
- ☐ 12

A criança tem celular próprio? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Tem celular próprio

Descrição (opcional)

Quando a criança ganhou o celular?



Múltipla escolha

- ☐ Antes da pandemia do novo coronavírus
- ☐ Durante a pandemia
- ☐ Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)



Obrigatória



Com quantos anos a criança ganhou o celular? *

- ☐ antes dos 5
- ☐ 6
- ☐ 7
- ☐ 8
- ☐ 9
- ☐ 10
- ☐ 11
- ☐ 12

Por que a criança ganhou um celular? *

Texto de resposta longa

Não tem celular próprio



Descrição (opcional)



Se a criança não tem celular, ele usa o de outras pessoas? (É possível marcar mais de uma opção). *

- ☐ Não
- ☐ Sim, o do pai
- ☐ Sim, o da mãe
- ☐ Sim, dos avós
- ☐ Sim, do (s) irmão(s)
- ☐ Sim, de amigos
- ☐ Sim, de outra pessoa
- ☐ Outros...



Com que idade você pretende dar um celular próprio para a criança? *

- ☐ Não sei
- ☐ Não pretendo dar
- ☐ 9 anos
- ☐ 10 anos
- ☐ 11 anos
- ☐ 12 anos
- ☐ A partir dos 13 anos

Usos



Descrição (opcional)

A criança usa aparelho celular sozinha? *



☐ Sim

☐ Não

Em qual(is) rede(s) sociais a criança está inscrita? (É possível marcar mais de uma opção) *



☐ Nenhuma

☐ Facebook

☐ Instagram

☐ TikTok

☐ YouTube

☐ Snapchat

☐ Outros...

...

Quais os principais usos que a criança faz do celular? (É possível marcar mais de uma opção) *

- ☐ Jogos
- ☐ Tarefas de escola
- ☐ Conversar com amigos/amigas e parentes
- ☐ Assistir a vídeos (YouTube, Netflix, Amazon Prime etc)
- ☐ Ouvir música
- ☐ Acessar redes sociais
- ☐ Atividades educativas extra curriculares (pesquisas, aplicativos)
- ☐ Outros...

...

Em média quanto tempo a criança usa o celular por dia? *

- ☐ Até 2 horas
- ☐ De 2 a 4 horas
- ☐ De 4 a 6 horas
- ☐ De 6 a 8 horas
- ☐ Mais de 8 horas

...

Você considera muito/pouco tempo? *

- ☐ Muito tempo. Gostaria que usasse menos
- ☐ Pouco tempo. A criança poderia usar mais, caso quisesse.
- ☐ Tempo suficiente
- ☐ Não sei

Você controla o TEMPO de uso do celular pela criança? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Tento controlar, mas não tenho sucesso.

...

Durante a pandemia, houve mudança no TEMPO de uso que a criança fazia do celular? *

- ☐ Sim, usa mais tempo
- ☐ Sim, usa menos tempo
- ☐ Não houve mudança
- ☐ Não sei

Caso use alguma estratégia de controle do TEMPO de uso, descreva brevemente?

Texto de resposta longa

...

Você controla o TIPO de uso que a criança faz do celular? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Tento controlar, mas não tenho sucesso

Caso use alguma estratégia de controle do TIPO de uso, descreva brevemente?

Texto de resposta longa

Durante a pandemia, a criança mudou o TIPO de de uso que ela/ela fazia do celular? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Após a seção 5 Continuar para a próxima seção

Seção 6 de 7

Mudança no tipo de uso na pandemia

Descrição (opcional)

...

Que mudanças você observou no TIPO de uso do celular pela sua criança durante pandemia? (É * possível marcar mais de uma opção)

- ☐ Passou a usar para acessar a plataforma da escola e fazer atividades pedagógicas
- ☐ Passou a usar para entretenimento com jogos e aplicativos
- ☐ Passou a usar para se comunicar com amigos/parentes
- ☐ Passou a usar para acessar redes sociais
- ☐ Passou a usar para acessar sites de streaming (Spotify, Deezer, Netflix, Amazon Prime, Globo Play ...)
- ☐ Outros...

Seção 7 de 7

Benefícios e Riscos

Descrição (opcional)

Quais os possíveis benefícios que você considera que sua criança tem ao usar o celular? *

Texto de resposta longa

Quais os possíveis riscos que você considera que sua criança pode correr ao usar o celular ? *

Texto de resposta longa

Você já conversou sobre esses riscos com a criança? *

☐ Sim

☐ Não

Você acha que sua criança está preparada para lidar com estes riscos? Por quê? *

Texto de resposta longa

Você modificou sua percepção de riscos e de benefícios do uso do celular por sua criança a partir da pandemia do novo coronavírus? Explique brevemente. *

Texto de resposta longa

...

Você considera que a criança é capaz de ser responsável no uso do celular? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Em parte

☐ Não sei

Você sente que a criança tem mais habilidade técnica no uso do aparelho celular do que você? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Quanto tempo VOCÊ usa o celular por dia? *

- ☐ Até 2 horas
- ☐ De 2 a 4 horas
- ☐ De 4 a 6 horas
- ☐ De 6 a 8 horas
- ☐ Mais de 8 horas

Você considera muito ou pouco, o tempo que você usa o celular? *

- ☐ Muito, gostaria de usar menos
- ☐ Pouco, gostaria de usar mais
- ☐ Não sei.

...

Você se considera preparado (a) para ensinar sua criança sobre riscos na internet? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

...

Você se considera preparado (a) para auxiliar sua criança a obter benefícios na internet? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Há algum comentário extra que você gostaria de fazer sobre o uso do celular por sua criança?

Texto de resposta longa

...

Qual o seu grau de escolaridade?

- ☐ Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Superior Completo
- ☐ Pós-Graduação Completo

...

Qual a renda familiar mensal na sua casa aproximadamente?

- ☐ Nenhuma renda
- ☐ Até 3 salários mínimos (R\$ 3.135)
- ☐ Até 5 salários mínimos (R\$ 5.225)
- ☐ Até 9 salários mínimos (R\$ 9.405)
- ☐ Mais de 9 salários mínimos
- ☐ Prefiro não declarar

...

Gostaríamos de conversar rapidamente com você sobre o tema, no horário que for mais conveniente. Se puder participar desta próxima etapa, por favor deixe o seu email e/ou celular e entraremos em contato para agendar uma entrevista virtual.

Texto de resposta longa

APÊNDICE C – Guia para as entrevistas semidirigidas

- 1 Conte-me um pouco sobre a história do primeiro celular da sua criança? Quando ela ganhou e qual foi o motivo?
- 2 Fale sobre a relação dele com o celular. Quanto tempo ele usa e para que que ele usa?
- 3 Houve alguma mudança relevante durante a pandemia? A sua percepção do uso do celular, de uma forma geral, mudou alguma coisa depois da pandemia?
- 4 Qual a sua avaliação sobre o tempo que sua criança passa no celular e o tipo de uso que faz?
- 5 Quais são as principais oportunidades que sua criança tem ao usar o celular?
- 6 Quais são os principais riscos do uso do celular por sua criança?
- 7 Você conversa sobre esses riscos? Como você se informou sobre essas questões? O que vocês já conversaram? (Como foi a reação dele? Ele já te contou alguma coisa que o preocupou?)
- 8 Quais as suas estratégias para controlar (tempo e tipo) do uso do celular? Você sente que as estratégias funcionam?
- 9 Você já pediu ajuda da sua criança para usar o celular? (instalar app, acessar algum conteúdo etc.)
- 10 Você considera que sua criança é capaz de fazer uso responsável e seguro do celular? Explique
- 11 Você acha satisfatório o tempo e tipo de uso que seu filho (a) faz do celular ou gostaria de mudar algo?
- 12 Conte-me um pouco sobre a sua relação com o seu celular em termos de tempo e tipo de uso? Gostaria de mudar algo?

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS

ENTREVISTA 1 - A.M., Pai da L., 9 anos

Primeiro celular

Foi um presente, uma surpresa. Minha mãe comprou um celular novo e deu pra ela o antigo. Foi até uma surpresa pra gente, porque a gente não esperava. A gente não foi consultado para saber se era bom, era ruim, era a idade certa, não era. Simplesmente ela ganhou o celular e a gente não tinha como dizer não. Como não tinha chip, ela usava basicamente só para jogo. Foi no aniversário de 9 anos, ou seja, tem um ano, porque ela faz 10 na semana que vem. Eu achava que era cedo demais, mas não tive liberdade de escolha não (risos).

Eu achava cedo porque a gente fica receoso com essa coisa de vício em jogo eletrônico. Eu mesmo tenho tendência. Já passei muito tempo da minha vida jogando jogo eletrônico, antes da invenção do celular. Eu já tive alguns problemas com isso na minha fase adolescente e na minha fase adulta. Então é um risco. Na verdade, a gente sempre tentou educar a L. como uma pessoa menos dependente dos dispositivos, mas aí veio a pandemia e estragou tudo (risos). A gente pensava em dar uma educação para ela que não envolvesse as telas, para que ela desenvolvesse um gosto maior pela leitura. Ela lê bastante. Depois que ela ganhou o celular, ela passou a ler menos. Esse tipo de coisa já tinha acontecido, mas com a pandemia foi agravado.

Tipo de uso

[Na pandemia] ela passou a assistir no YouTube vídeos relativos aos jogos que ela jogava. Começou a desenvolver outra relação com a tecnologia. Até então ela não tinha acesso a YouTube. Ela não tinha computador, não tinha nada. Acho que o YouTube talvez tenha causado um impacto até maior do que os jogos em si. Hoje em dia ela é fã da Luluca, uma *youtuber* de 12 ou 13 anos. Ela assiste a todos os vídeos da Luluca. Ela é fissurada na Luluca. Assiste também vídeos de outros *gamers*, os canais de jogos que ela joga. Ela joga muito Minecraft, Among Us, PKXD. Ela joga até uns joguinhos que são adequados para a idade delas, mas ela tem passado mais tempo fazendo isso do que o desejável, por causa da pandemia.

Tempo de uso

A gente se sente também meio culpado porque a gente não tem tempo para dar atenção que ela merece, o dia inteiro. A gente meio que deixou de mão e a situação e hoje em dia está meio fora de controle. Se deixar, ela fica o dia inteiro no telefone, jogando joguinho ou vendo vídeo no YouTube. A gente está tentando dar um basta nisso, agora nas férias. É nossa promessa para 2021 (risos). Vamos ver se a gente consegue ou não (risos).

A gente tentou fazer combinados, mas não deram certo, então a gente está fazendo uma abordagem mais direta, mais restritiva mesmo, de proibir e limitar o uso, mas mesmo assim funciona por um tempo curto e depois volta tudo ao que era. Não tem sido muito fácil não. Por um lado, eu entendo. A gente está fazendo isolamento, estamos em pandemia, ela se sente solitária. O celular também é um mecanismo de ela se comunicar

com a turma dela. Ela joga com os amigos. Então a gente sabe que é importante esse momento de socialização pra ela.

Oportunidades

O principal é a socialização com os amigos de escola. Quando estava fazendo videoaula, ela usava bastante para isso. Depois de um tempo, ela ganhou um desktop do meu pai, mas ela usou muito o celular para aulas.

Riscos

Percebi mudanças comportamentais nela. Ela tem menos capacidade de concentração hoje do que tinha antes. Eu atribuo isso um pouco ao estímulo excessivo das telas. Ela tinha mais gosto pela leitura antes, do que tem agora. Também atribuo isso ao uso excessivo das telas. Irritabilidade também percebo. Uma vez que a gente ameaçou tirar o celular dela a força, ela chorou desesperada. Disse que aquilo é importante para ela. A gente fica meio dividido, sabe.

Eu tiro por mim. Eu trabalho no computador o dia inteiro, olhando pra uma tela. Eu acho que isso afeta a minha capacidade de concentração. Eu comecei a fazer mestrado há pouco tempo, mas não consegui levar adiante, porque estava com dificuldade de compreender os textos. Acho que é por excesso de informação talvez, por usar tela o tempo inteiro. Eu também temo que isso afete a socialização dela no presencial. A gente assume personalidades diferentes quando a gente está atrás da tela. Irritabilidade é uma característica que eu acho real. A falta de concentração também. E o gosto pela leitura.

Já falei com ela sobre isso. Ela diz que entende, até concorda, mas não adianta muito, ela volta para isso. Ela passa quase todo o tempo livre dela no celular, essa é que é a verdade. Se deixar ela não dorme, dorme tarde, acorda tarde. Está começado a afetar a vida dela fora da tela. A tela [a] deixa superestimulada. Quando a gente tira pra ela poder dormir, ela não quer dormir. Ela quer conversar, quer socializar, fazer coisas que ela não fez o resto do dia, aproveitar o tempo perdido. E também fica superestimulada, com dificuldade para dormir. E é um problema pra gente, que tem que acordar cedo, que tem compromisso pela manhã.

Ela é uma pessoa muito responsável para a idade que ela tem, uma pessoa inteligente, se comunica bem. Ela sabe dos riscos também. O problema é que ela fica entediada e isso tem levado ela a procurar o celular como mecanismo de recompensa, toda hora que se sente entediada. Ela faz outras atividades com a gente também. A gente propõe atividades de desenho e pintura para ela, propõe leitura. Mas já foi mais fácil do que é hoje. Hoje, quando fica à toa vai para o celular. É mais difícil manter a concentração por mais tempo. A gente propõe jogar jogo, mas ela prefere ficar no celular. Ela faz as escolhas dela. São coisas que a gente não está conseguindo lidar neste momento.

A mãe é professora e está também tendo que lidar com as questões de tecnologia, tendo que aprender a usar as plataformas diferentes para conseguir dar aulas online. Isso tem sido sofrido também. Ela costumava passar muito tempo com a mãe e a mãe não está tendo essa disponibilidade para ela. E ela compensa isso com o celular, eu acho”.

Uso pessoal

A tecnologia me causou alguns danos. Eu estou com problema para me concentrar na leitura e estou tentando retomar meus estudos. Tentei fazer mestrado e tive muita dificuldade inicial. Atribuo grande parte da dificuldade que eu estava tendo no mestrado, socialização, acompanhamento das aulas, atribuo isso ao excesso de informação oriundo do uso excessivo de tela. Eu sempre fui muito conectado, buscando muitas informações sobre o que está acontecendo e acabei desenvolvendo algumas paranoias. Acabei precisando fazer um tratamento e foi difícil para mim. Acabei me isolando muito dos meus amigos, porque ficava muito focado em trabalho e na tela o dia inteiro. Agora estou tentando me recuperar. Aí veio a pandemia (risos) e estou tentando administrar.

Ela ensina coisas para a gente (risos), principalmente em relação às redes sociais. Eu não sabia que podia passar os Stories do Instagram de frente para trás, ela me ensinou isso clicando nas bordas das telas. Outro dia, a gente estava assistindo Netflix e estávamos na dúvida sobre quem era o ator que aparecia no filme. Ela acionou os créditos e viu. Ela se vira muito bem, porque cresceu inserida nessa cultura. E isso é bom, é importante.

2) ENTREVISTA 2 - G.M, mãe da A. 12

Primeiro celular

Ela ganhou com 10 anos. Ela é a terceira de três filhos e os dois mais velhos já tinham. Aí começava uma necessidade de se comunicar com a gente quando ia no clube, saía com amiguinhos. Mas era o celular de alguém, que comprou um novo, e ela foi herdando. O problema é que cada vez mais aumenta o uso do celular, que é a parte que me preocupa.

Mediação parental

Eu nem sei se eu sou uma boa pessoa para ter essa conversa, porque eu sou muito pouco restritiva em relação a isso. Eu não tenho a senha, eu não olho. Eu não olho, não é verdade. Eu sigo ela nas redes, então eu vejo o que acontece. Até porque, ela participou de um seriado de televisão e houve uma discussão aqui sobre o perfil, se ela poderia ter um perfil aberto, para as pessoas seguirem ela. A gente conversou muito sobre isso. Meu modelo é: eu converso muito, mas eu não acompanho rigidamente. Ela ficava toda preocupada, chegou a bloquear algumas pessoas, vinha me mostrar algumas coisas. Teve um esquisito que queria conversar no privado: “então vamos bloquear”, eu disse. No final das contas, ela desistiu do perfil aberto porque dava muito trabalho. Ela tinha que ficar muito (com ênfase) atenta ao que ela postava, muito (com ênfase) atenta ao que as pessoas comentavam e ela achou que não valia a pena. Então ela preferiu ter o perfil só com as amigas e os amigos, que ela podia ficar mais soltinha. Achei que ela teve uma decisão correta.

Tempo de uso

Agora com essa questão da pandemia, tudo ficou muito mais flexibilizado, para minha tristeza. Mas também a pessoa fica doida né: Não sai pra ir pra escola, as férias são dentro de casa, a gente tem que trabalhar e não pode ficar entretendo a criança o dia inteiro. Ela tem que se auto entreter e aí o entretenimento passa pelo telefone também, né. Agora, a

A. faz três coisas ao mesmo tempo. Está no telefone vendo alguma coisa, está pintando um quadro e cortando um papel. Ela não fica só no telefone, mas o telefone faz parte de tudo o que ela faz. No ano passado, ela assistia a aula no computador e ficava no telefone com uma amiga a aula inteira. Para ter essa coisa de “contato humano”. Nos intervalos batiam papo. Agora temos que tentar fazer o caminho oposto. As aulas dela vão voltar este ano presencial. Agora com ela na escola, o celular vai ficar fora da jogada.

Acho que a gente só trocou uma tela pela outra. Quando eu era criança, a discussão era a televisão. Nem sei se tem uma diferença tão grande de tempo, mas como é portátil, você pode levar ele pra qualquer canto, não tem descanso. Você está na cama, está com ele, está no carro, está com ele, está no banheiro, está com ele. É muito viciante demais da conta”.

Tem umas brigas né. O celular não pode ir pra mesa, mas aí vem o meu marido, que está sempre trabalhando e fura o bloqueio. Aí ela diz: ‘o papai tá no telefone, por que eu não posso’? Acho que tem momentos que o telefone não pode entrar na equação. Esse é um esforço.

Uso pessoal

Eu também sou viciada no celular. O que eu me preocupo para mim, me preocupo para ela. A gente, eu me incluo nesta questão, a gente não está mais acostumado a ficar sem fazer nada. Eu vou ao banheiro e levo o celular para jogar paciência. Eu paro no sinal, dirigindo, e pego o celular. Isso é uma coisa que me incomoda. Por que eu não posso parar no sinal e olhar para o lado, andar de metrô e olhar as pessoas? Por que que a gente tem que estar o tempo todo fazendo alguma coisa, qualquer coisa que seja.? Então, o que eu quero para ela, é de não ter essa necessidade de estar sempre no celular.

Minha relação com a tecnologia é péssima. Eu vou no Instagram de hora em hora para ver se tem algo novo, apesar de eu mesma não postar nada. Vejo bastante, ao longo do dia. Se o computador demora pra carregar alguma coisa, eu vou no celular e olho o que tem nas redes de novidade. Se tem um lugar que não tem internet, eu vou jogar paciência, mas alguma coisa eu vou fazer. Faço Duolingo, aprendo espanhol no telefone. Eu estou tentando escapar disso. Eu gostaria de estar no metrô e não pegar o telefone, de parar no sinal e não pegar, de deixar a vida passar na minha frente. Pensar na vida. É o que eu estou tentando fazer. E a gente dá exemplo, né. Se eu estou com ela e todo momento estou pegando, ela está vendo isso e acha que pode fazer a mesma coisa.

Eu converso com ela sobre essas coisas, mas ela não fica muito convencida não (risos). Eu mostro pra ela o meu esforço: olha filha, meu celular está na bolsa. Eu não estou usando, vamos conversar, vamos bater um papo. Ela diz que é besteira e fala: diz aí, sobre o que você quer conversar mãe (risos).

Riscos

Vejo dois riscos: um é o que meu oftalmologista diz: antigamente numa turma de crianças de 12 anos tinham duas de óculos; hoje 90% já usam óculos por causa do celular. Fico também preocupada com a questão postural. E em uma medida menor, de com quem está falando e sobre o que está falando. Mas, nesse quesito, eu acho que a gente tem que

preparar a criança antes e não necessariamente durante o monitoramento. Essas conversas têm que ser frequentes. Ela tem dois irmãos mais velhos que fiscalizam também o que ela posta e perturbam ela, estão sempre olhando também (risos). Essas conversas eu acho que temos que ter antes, porque ter a senha, monitorar o que escreve, essas coisas eu não faço. Espero que funcione”.

Talvez todo pai, toda mãe, ache isso... Mas eu acho a A. bastante madura e esperta para a idade dela. Não acho que ela corra esse tipo de risco não. Mas com o caso do perfil aberto, por exemplo, aqui foi uma discussão longa, até que acontecesse. Então ela ficou atendida e ela mesmo decidiu fechar. Em relação ao tempo de uso ela não faz nenhum esforço, não leva isso em consideração.

ENTREVISTA 3 – T.P. MÃES DO A., 9 ANOS

Primeiro celular

Como toda criança de hoje em dia, ele usava o nosso celular eventualmente, desde os 7 mais ou menos. Sabia como funcionava e tal. Ter o próprio aparelho veio com a pandemia. Não tinha antes e não tinha nem demanda para isso. Por conta da lição de casa, começou a ser necessário. Apesar de ele usar o computador, era muito difícil entregar as tarefas e eu acabava tendo que fotografar e mandar com o meu celular. Aí achei que com essa idade já era possível começar a fazer esse processo sozinho, ensiná-lo e ter algum tipo de autonomia, naquele momento que estava o tempo inteiro enfiado em casa, né. Foi muito frustrante esse período para todos nós, né. Aí pegamos um celular antigo do meu marido e demos para ele, sem chip. Por que acho que não é o caso de deixar a criança se comunicar tão livremente assim. Mas era realmente era muito velho. Quando quebrou a tela do meu [na pandemia] e eu troquei rapidamente por outro. Aí decidi trocar a tela do que quebrou e dar este mais novo para ele, porque era mais fácil de operar. E também ficou mais fácil para fazer download de joguinhos, porque funcionava bem melhor.

Tipos de uso

Ele usa o meu WhatsApp para entrar em contato com os amigos. Você vê claramente que as crianças que já têm WhatsApp têm muita dificuldade de se engajar de uma forma sadia. Tem muita discussão, as crianças brigam, elas não entendem muito a etiqueta da comunicação online. Vi casos de crianças ficando chateadas de verdade com a outra porque não respondeu, porque saiu da chamada, sei lá. E sem conseguir elaborar isso, porque são crianças, né. É difícil. Se já é difícil pessoalmente, imagina *online*. Enfim, não tem chip. Ele usa o WiFi da casa, [o WhatsApp é um aplicativo que está atrelado a uma linha de telefone].

A função primordial é entregar a lição de casa e ter algum uso de aplicativos, YouTube, jogos. Neste telefone, eu coloquei a conta infantil, com controle parental. Com a data de nascimento dele, não tem como ter uma conta padrão. Com isso, ele não consegue baixar vários aplicativos, só tem acesso ao YouTube Kids, que ele não gosta. No anterior, ele usava a conta do pai e acessava o que interessava a ele. Acontece que ele tem também o computador, então acaba migrando de um dispositivo para outro.

Agora, o mundo da internet está liberado. Seja pelo celular, seja pelo computador, ele está livre para usar a internet. Esse mundo vasto ele não sabe nem controlar os próprios impulsos, se deixar ele fica o dia inteirinho grudado nas telas. A gente tem dificuldades de controlar os impulsos, imagina a criança. Ele joga no celular, Among Us, Minecraft e YouTube. Quando trocou o celular, passou a usar o YouTube no computador. Antes, usava pouco. Ele é uma criança tranquila. Ele teve, quando era menor, um iPad. Acho que as coisas são planejadas assim né. Você compra um aparelho, fica obsoleto e você dá para a criança. Então ele usava o iPad pra ver filmes e séries no Netflix, mas não acessava nenhum outro conteúdo, nem YouTube.

Tempo de uso

Deixando bem claro que eu acho negativo o uso do celular, todo tempo é muito tempo. Mas sim, eu acho muito tempo. Se a gente pensar no tempo de tela de uma maneira geral, é ainda pior. Porque ele sai de um dispositivo e vai para outro. Na pandemia, durante um tempo, a gente passou meses na casa de praia do meu sogro. Então tinha quintal, tinha espaço para correr. Não dava para ir para a praia, mas tinha piscina de plástico, corriam pela casa. Agora, que meus sogros estão lá e a gente está trancafiado dentro de um apartamento, nas férias, ficam poucas as opções. Então é terrível: eu tenho que dizer o tempo inteiro: pelo amor de Deus, sai do telefone!

A. não é uma criança que tem um interesse muito definido. Ele ainda não se encontrou. O que ele gosta de fazer? Não sei. Ele teve uma época desenhando bastante, mas depois parou. E aí foi ficando muito quieto, depois que acabaram as aulas, e eu fui deixando. No fim das contas foi pior, porque ele foi pensando cada vez menos em fazer outras atividades. E eu falo de atividades de interesse dele mesmo, para tentar tirar esse vício. Eu sei que é vício. É muito claro esse comportamento de vício que o YouTube traz, que a tela traz de uma maneira geral. E aí a gente propõe outras atividades. Alternativas fora da tela e melhores alternativas dentro da tela também.

Eu não tenho tirado o aparelho dele. Acho que afrouxei muito nesse período de férias, justamente porque a gente não tinha muitas opções de lazer. Aí coloquei o horário para desligar à noite, às 10 da noite. Não que seja cedo, eu acho tarde, mas ainda assim é um horário estabelecido. De manhã, tem que fazer algum tipo de exercício físico, nem que seja na sala. Eu mesma faço também e isso ajuda eles a ver que é importante. Também falo para ler alguma coisa no meio do dia. Ler não é uma atividade para fazer apenas antes de dormir. Aí a gente vai tentando balancear. E também usando a tela para coisas positivas. Eu comprei um curso de desenho para ele online. Tudo é meio dúvida, mas é melhor que YouTube.

Riscos

Sobre riscos, primeiro o mais fácil de falar, que é a visão. O meu filho tem sete graus de hipermetropia, então é severa. E ficar muito tempo em frente à tela é prejudicial mesmo. Mas em termos de questão emocional... o meu filho, ele é uma criança que se enfia no mundo dele e beleza. Estou até procurando ajuda especializada, porque ele não sofreu, praticamente, na quarentena. Ele está com saudades da escola, mas não é aquela coisa de angústia que outros pais falam, de crianças surtando sem os amigos. Ele tá tranquilo, ali no mundo dele. Então a tela garante pra ele uma ocupação da cabeça que não é lá muito

produtiva, eu digo produtiva n sentido da imaginação, coisas legais que ele poderia fazer, não estou falando de coisas de estudar, de conteudista.

O que ele assiste no YouTube são os *gamers* e a gente não sabe muito da qualidade, né. O YouTube tem todo um arcabouço de visão de vida que eu não sei qual é. E isso me preocupa. O Felipe Netto se retratou, mas e os outros? Uma vez eu passei e ouvi um fazendo piada de gordo. Eu parei e falei com ele: meu filho, você tem gente gorda na família. O seu tio é obeso, você ama o seu tio e sei que você jamaisalaria um negócio desse do seu tio. Eu não sei se ele está internalizando [esse tipo de discurso]. Ele é uma criança que não fala muito o que está sentindo, não troca muito. Então eu fico tentando ver o conteúdo.

Resumindo, de riscos é isso: tira a criatividade, o conteúdo é preocupante, não dá pra ter o controle o tempo todo. Então quanto mais tempo ele está, mais tempo ele fica vulnerável a um conteúdo que eu não tenho certeza do que é. Embora eu tente ouvir, não é o tempo todo.

A internet é o mundo para a criança. Tudo está acessível lá. Tanto por uma questão de segurança, quanto por excesso de informação e não saber lidar, sem ter maturidade para entender como aquilo está batendo em você, psicologicamente. Se está moldando a sua visão de mundo, sem ter o contraponto. É uma visão de mundo que é dominante e com a qual eu não concordo. Essa coisa da meritocracia crua dá agonia, dá arrepios. Então ele vai ficar ouvindo que o *gamer* fala que quem não conseguiu é porque não se esforçou direito. É uma visão de mundo, é uma construção. Isso acontece no YouTube com muita diversidade, mas com discursos parecidos. E aí fica parecendo que é uma única visão de mundo. Eu acho que isso é super prejudicial.

Mediação parental

Eu converso com ele, mas com menos detalhes, falo coisas que são para a idade dele. Eu digo que ele não vai ter um chip, como os amigos, porque eu acho errado. Mas ele também é uma criança que não questiona muito, sabe. Mas a gente ainda está aprendendo a ser mãe de uma criança nessa idade. Eu até acho que sou over, porque fico querendo explicar muitas coisas, que ele nem pergunta.

Oportunidades

Autonomia. A ideia de que ele pode fazer coisas sozinho, como enviar as tarefas. Não em relação ao uso do dispositivo, porque usar o dispositivo é muito fácil. Buscar conteúdos, aprender coisas novas. Mas assim... é bom e não é, né. Porque, quais as repostas que vêm do Google têm um filtro, algumas aparecem antes que outras. Ele sabe se aquele conteúdo é de fato relevante? Então tem que ensinar isso, nortear isso. Eu sei que é difícil, é um letramento que tem que ser aos poucos. Positivo tem poucos pontos, é isso, porque até o positivo tem lado negativo também.

Ele não tem capacidade de usar sozinho, não tem maturidade. As próprias plataformas dizem que tem que ter 13 anos. Imagina, a gente está tendo que se adaptar muito rápido às novas mudanças. Com a pandemia tudo parece que ficou ainda pior. Ele não é nem a pau preparado para tomar decisões ali. E é uma inocência que eu gostaria de ver preservada. Eu não queria nem que ele aprendesse a mexer, porque eu acho que há uma

certa inocência da infância que tem que permanecer até o fim da infância. Depois você perde, é normal. Há muita vulnerabilidade nesta idade.

Uso pessoal

Eu não tenho como fazer com que meu trabalho aconteça fora do WhatsApp. Acho que todos somos meio vulneráveis a esse vício da tela. Eu, por exemplo, tenho como escape, quando estou muito ansiosa, o joguinho. Joguinho besta, tipo Candy Crush, daqueles que não se faz pensando em nada. Eu tenho que lidar com as minhas dificuldades emocionais, na pandemia fiquei sem fazer exercício, que para mim é fundamental. E eu acho que estou melhorando agora para ser um exemplo para eles também. Então passei a fazer exercício em casa. Tenho tentado melhorar o meu próprio uso e eu acho que este mês de janeiro eu consegui melhorar, pensando nele

ENTREVISTA 4 – C.S. mãe do I., 11

Primeiro celular

Ele usa desde os cinco anos, primeiro foi um *tablet*, depois nos celulares do pai ou meu pra jogar. Daí, a gente trocou de telefone, pegou um celular antigo que a gente tinha e deu pros dois filhos dividirem (além de I., ela tem outro menino de 13). Há dois anos, eles dois juntaram dinheiro que eles ganham de aniversário, de Natal, de parente. Juntaram os dois dinheiros e compraram numa promoção dois celulares. Um para cada um. Desde os 9 então ele tem seu próprio telefone, onde ele joga, fala com amigos no WhatsApp e agora também usa para as aulas.

Tempo de uso

Mudou depois da pandemia. Mudou porque antes era mais fácil o combinado do tempo de jogo. Desde pequeno a gente tem regras e os combinados funcionam muito bem aqui e em casa, exceto para o celular, para os eletrônicos de uma forma geral. É um ponto de atrito constante. Pré-pandemia, era mais fácil. A regra era: uma hora de jogo, um dia na semana. Duas horas em um dia na semana. E um dia na semana detox. Eles organizavam isso bem e era mais fácil de gerenciar. Agora ferrou. Primeiro porque todas as atividades escolares são no telefone ou computador e depois porque está em casa totalmente. A gente ainda tem o privilégio de morar num sítio com espaço para andar de bicicleta, jogar bola. Mas aumentou absurdamente o tempo de tela. Eu meio que tenho que tomar uma decisão: ou eu entro em conflito todo dia e a gente fica o tempo todo brigando ou eu finjo que não vejo. Ou vejo e não falo todos os dias, até que dia eu dou um ataque. Fica três dias direito e depois volta a sacanagem de novo. São coisas que a gente tem que conciliar o tempo todo pra gente não viver num inferno, onde as pessoas brigam o tempo inteiro por causa de uma merda de um telefone (risos). Então tem horas que eu prefiro deixar e entrar em briga só quando está *over*, quando está passando do limite, quando está deixando de fazer alguma outra coisa, não está respondendo quando você fala. Aí eu dou um ataque.

Mediação

Hoje, eu não controlo o tempo, com horas específicas. Quando eu tiver que checar se eles estão fazendo o que a gente combinou, a gente faliu como família. Minha premissa é a da confiança. Espero que eles ajam assim. Eu tenho que trabalhar e não vou ficar controlando tempo de jogo de criança de 11, de 13 anos. Mas quando eu percebo que estão muito tempo dentro de casa, aí eu interfiro. Aí eles se ligam e vão. Mas pra eles mesmo é difícil se desconectar. O mecanismo todo desses aparelhos é feito para que você fique conectado. Então pra eles a dificuldade de desconectar é grande. Aí é isso: jogo online não tem pause, se eu não terminar essa partida eu não salvo... Ah, eu tenho que responder meu amigo... Então vai esticando. Não é uma guerra, mas é um incômodo que a nossa geração de pais tem que aprender a lidar. Talvez, quando vierem os filhos deles completamente idiotas, eles vão achar que é assim mesmo e vão achar o máximo (risos). Como a nossa geração foi *offline* e aprendeu a ser uma geração híbrida é muito chocante a gente ver isso.

Tipo de uso

O tipo de uso é igual. Ele voltou a desenhar online. Faz desenho digital, comprou mesa digitalizadora, então passou a usar para isso também. Mas fora isso é conversar ou jogar. Ele está curtindo a aula online, está continuando render bem. Eu continuo achando que o uso tem as mesmas vantagens e desvantagens de antes. Agora um pouco mais tolerante por causa do contexto.

Oportunidades

A gente mora num sítio, então a socialização é facilitada pelo celular, porque os amigos estão todos a 20 km de distância, isso já antes da pandemia. Então a gente já achava bom para isso.

Riscos

Fora isso, só vejo desvantagem. Tem uma preguiça mental muito grande, que acostuma. O fato de saber que está tudo na mão, faz você não ter curiosidade sobre as coisas. No momento que você precisar, você vai conseguir consultar. Isso gera a falsa sensação de que você tem informação. Mas não tem, porque não sabe nem buscar, muitas vezes. A principal desvantagem é a distorção do que é o mundo lá fora. Pelo YouTube, pelos *youtubers*, *influencers*. A gente vê essa distorção a começar pelo vocabulário. Todas as gírias são de São Paulo. E algumas questões que me incomodam muito... opiniões formadas sobre tudo que claramente não são próprias. Isso me incomoda muito. É uma consequência do primeiro ponto, que é isso de não ter curiosidade. A gente lia livro, era onde o nosso universo se expandia. A gente ouvia música, a gente criava enredos, histórias. Hoje, é uma dificuldade enorme de fazer isso, porque é tudo pronto. O universo do jogo é pronto, num ambiente controlado. Quer ver um filme, a oferta é enorme. Essa coisa de reproduzir discursos inseridos nesse ambiente me incomoda.

Mediação

Conversamos muito sobre isso, assistimos Black Mirror, Dilema das Redes, o tempo todo estamos trazendo essa questão. Jogo x Vida. Naturalização de coisas que são absurdas. Eles são ligados, na medida do possível para a idade deles. Que fiquem conscientes.

Eles contam tudo para gente. Sabem dos perigos. Quando tem alguma coisa pra clicar de aceito ou não aceito, ele pergunta, não sai dando ok. Quando entra alguém estranho no jogo, eles avisam.

Nunca peguei celular de nenhum dos dois pra checar histórico de busca. Eu confio muito neles e acho que por causa disso, acredito que eles têm preparo. Do hábito deles, do que a gente conversa, do jeito que a gente conversa. Acho que fazem uso responsável.

Uso pessoal

Eu era 24 horas conectada, mas agora eu tento me policiar bastante. Fins de semana eu tento ficar *off*. Tem momentos do dia que eu me afasto, porque se a gente pega para checar alguma coisa, numa rede por exemplo, você gasta pelo menos meia hora respondendo, interagindo. Durante o dia, meu uso é muito intenso, por causa do trabalho que já era remoto antes da pandemia. Mas eu não me considero das pessoas piores. Não fico horas no TikTok, no Instagram. Meu tipo de uso não é recreativo.

ENTREVISTA 5 – C.F. mãe da I., 12

Primeiro celular

Ela ganhou o celular próprio na pandemia. Antes, usava um *tablet* só em casa. No início não fizemos nenhum aplicativo de controle parental, sempre procuramos ter uma relação de confiança. Antes da pandemia era mais fácil controlar o tempo online. Ela fazia aula de música, fazia aula de futebol, ia para o inglês, então era mais fácil. Quando a pandemia começou, ela continuou usando só o *tablet*, mas passou a ter necessidade de usar o WhatsApp para ter informações da escola, falar com os colegas, até para ter interação social, nesse momento. Combinava de jogar jogos com amigas. Precisava ter isso.

Tipos de uso

Tudo era online né. Ela passou a usar a internet para as aulas de música. Tanto a de teoria, quando a aula de instrumento também. Então ela passava umas 9 horas online. Tinha a escola, com cinco horas de aula, as aulas de música, mais uma hora e meia por dia, mais os deveres de casa, pesquisando no computador. Aí a criatura precisa jogar, ver um filme, um desenho... A gente tentou minimizar, mas é muita coisa, né... muitas obrigações.

Ela usa muito para ver vídeos no YouTube, ver séries, alguns livros que baixa, ele lê também no celular. Como ela não tinha celular antes e não tinha esse hábito, no começo foi até difícil. A gente é que incentivava ela a falar com as meninas, pra não ficar tão isolada. E ela falava: mãe, eu gosto de encontrar pessoalmente. Como a gente nunca tinha incentivado antes, quando precisou desse, digamos, engajamento, não teve muito. É um problema e ao mesmo tempo não é. Até procurei uma terapia, porque fiquei achando que tinha uma coisa errada. Porque ela não tem muitos amigos nas redes, não fica falando. Ela tem poucos amigos. Ela usa mais sozinha mesmo, para jogar. No dia a dia, ela é moleca, gosta de brincar, subir em árvore.

Riscos

Ela usa óculos né e por ficar muito tempo na tela está piorando. Ela me diz que está piorando a visão, que a dois metros de distância não vê mais o rosto das pessoas. Essa quantidade de horas de tela pra tela, computador, pra celular, pra tablete... Só o tempo escolar já é muito. O que a gente procura fazer é interagir com ela. Chamar pra brincar, desenhar, jogar forca. O pai colocou uma rede de *ping pong* na mesa da sala pra gente brincar com ela. Como ela gosta de jogar bola, a gente deixa bater bola na sala. Esquece sala arrumada, parede limpa, deixa brincar. Pra ela ter saúde mental e para a gente também, porque vai dando um negócio na gente isso.

Eu e o pai sempre fomos muito ativos, de sair para ir à praia, à Floresta da Tijuca. A gente vive no Rio de Janeiro e sempre procurou aproveitar a parte mais humana da cidade... Aqui todos os dias a gente podia fazer um passeio.... andar de bicicleta, fazer alguma coisa por meia hora, não importa. E de repente a sua filha, numa fase super importante, saindo da fase de ser criança para ser adolescente, com essas misturas todas que eles vivem, de ter uma cabeça de criança num corpo já de adulto... Aí começamos a ver que ela não estava ficando bem. Ela foi ficando 'deprê' mesmo. Ela gosta muito de jogar bola, muito, muito. Como as aulas de futebol dela voltaram em outubro e ela viu no grupo do WhatsApp as fotos dos amigos jogando, ela quis ir.

Ela é muito alérgica, tem asma. A gente ficou com medo, fomos criticados, mas ela precisava ir. Ela vai de máscara, mas é único contato que ela tem como o mundo lá fora. E mudou completamente a vida dela. Ela voltou a rir, a brincar, a querer fazer as coisas em casa. Agora em janeiro a gente conseguiu passar 23 dias num sítio. Ela parecia uma fênix, que ressurgiu das cinzas. Não é que não tem contato nenhum com o mundo digital, mas fica sendo pouquíssimo, porque você pode caminhar, correr. Acordar de manhã e ver o sol. Mas quem não teve essa chance, tem que ficar confinado o tempo todo, tem mesmo problemas psicológicos.

A pandemia mais do que nos aprisionar e fazer achar que a gente morrer, fez muitos de nós morrerem psicologicamente. Durante as aulas dela, as crianças tinham DRs com os professores, se mostravam angustiados. Tinha dia que eu ouvia as crianças falando que estava com saudade do cheiro da comida da minha avó, do perfume. Coisas simples, sabe, que a gente não se dá conta no dia a dia. Muita criança falando que não estava bem, que acordava muito tarde e dormia tarde. Isso começou a nos preocupar muito. Como a gente mora perto da praia, a gente começou a acordar 5h da manhã e ia pedalar. De máscara, mas a gente passou a fazer isso. Era um respingo de vida.

A gente sempre teve relação de confiança (...) Meu receio maior e do pai é alguém postar uma foto, dizer que é amigo e ela começar a falar com uma pessoa desconhecida. Isso até já aconteceu. Apareceu para ela no WhastApp a foto de um cara bonitão num barco. Ele perguntou como ela estava, mas ela veio mostrar para gente. Quando eu olhei, até achei que era um ex-namorado da tia dela, mas não era. Então esse é o nosso maior medo. E também de alguém acessar os dados dela. A gente sabe que pode ter uma invasão no WhatsApp, pode ter uma invasão no e-mail. Ela não tinha e-mail antes e agora tem por causa da escola.

A gente pede sempre que ela mostre para gente, se tiver alguma coisa estranha. A gente não quer invadir a privacidade dela. Mas a gente pensa que criança nessa idade não tem privacidade. Muita gente pode até não concordar. Mas eu sou daquela geração que pensa que, como a criança vai ter privacidade se ela não tem maturidade para lidar com algumas coisas? Então, nosso receio é esse: ter contato com um agressor virtual que pode se tornar pessoal. Dar acesso da sua vida para uma outra pessoa. Estamos sempre falando sobre isso e procurando manter relação de confiança. Mas a gente não tem certeza de nada, né. Quem tem filho e educa está sempre buscando fazer escolhas que nem sempre depende só de você, mas também da influência de outros.

Oportunidades

Olha, facilita muito a vida da gente. Para quem estuda, tem muitos benefícios, porque encontra muita informação ali. Ainda é caro, mas é muito mais barato para poder falar com as pessoas. Antigamente para ligar para um parente em outro estado tinha que ser domingo, à noite, num certo horário. Nossa, ela nem imagina isso (risos). Porém, tem que dizer também que muita informação que não tem que estar ali. Tem muita mentira, muita coisa distorcida. O problema não está nos meios, mas é o uso que nós fazemos dos meios. Por isso, temos que ensinar essa nova geração a fazer o bom uso.

Nossa, só de pensar que você pode ter acesso a livros e mais livros. Penso que é mais positiva, que negativa. Eu sou professora por formação, então acho que a escola tem um papel importante nisso hoje. As escolas têm que pensar na educação digital, instruir o aluno a como utilizar os meios. Não é ficar dizendo que não pode usar nessa aula, ou naquela.

Tempo de uso

Aqui ela tem tarefas de casa, como tirar a mesa, lavar a louça. É um estresse, ela reclama, mas ela tem. Com isso já ganha um tempo. E quando não tem jeito e não mais o que fazer, eu vou ali e desligo a internet. Eu baixo o que eu preciso pra eu ler naquele momento e pronto. Aqui em casa temos uma vantagem, que é ponto cego, então não pega 3G, nem 4G. Então a gente faz isso. Se ficar duas horas sem, já é um adianto. A gente é que nem o saci Pererê, faz traquinagem (risos).”

Só é capaz [de fazer uso seguro] sob supervisão. Se não tiver, a criança se empolga. A gente mesmo é assim. Eu não sou de redes, mas é necessário para eventos, para outras coisas. Aí entro e começam a aparecer coisas no Stories e você quer ver. De repente eu percebo: meu Deus, eu estou há 30 minutos vendo a vida dos outros. O que me interessa? Eu não quero saber! Aí eu fico refletindo sobre isso e falo com ela. Isso não é fazer bom uso. Bom uso é usar para um trabalho, pra uma diversão. Mas ficar ali sendo um número que está só gerando renda pra A, B ou C...

Eu não sei como vai ser daqui a um ano ou dois, porque a gente vai perdendo um pouco esse controle, com ela com 13, 14 anos. Mas o que a gente tem tentado é mostrar que você não precisa ficar grudado naquilo como não conseguisse viver sem aquilo. Embora a gente saiba que em breve a gente não vai conseguir fazer mais nada sem o celular.

Mediação parental

O que eu tento mostrar é o seguinte, não deixe de estar com os amigos, não deixe de querer ir ao cinema, à praia, de estar com as pessoas. Eu ouvi da professora de inglês dela, dois anos atrás, algo que me chocou. Ela dizia que estava felicíssima que a filha dela de 14 anos ficava em casa, só gostava de ficar em casa. Aí ela nem tinha que buscar em festinha, nem a garota sofria riscos. Mas, com a garota em casa, quando entra nas redes, quando está no celular, você está com o mundo. O mundo está dentro da sua casa. Então, sem querer ser assustadora, a gente diz isso para ela o tempo inteiro, a gente tenta se lembrar disso o tempo inteiro. Porque a gente também pode ser enganado. Por hora, a gente consegue controlar, porque ela fica muito tempo com a gente. Vai chegar uma hora que ela vai começar a andar sozinha. E aí a gente espera que o que a gente vem trabalhando como educação sirva para que ela seja um jovem saudável, um adulto saudável. Para que não tenha tantas doenças que a gente vê tanto a psicologia e a psiquiatria estudando em relação às tecnologias. Qualquer coisa que é exacerbado não pode ser saudável. Um jovem que nem olha para a comida, porque está colado no celular. Isso não é saudável.

Uso pessoal

Eu uso bastante para estudar, para trabalhar. Há momentos que a gente fica mais tempo do que precisa. Não é minha rotina. Eu me policio, para poder ser exemplo. Eu cuido da casa, lavo, passo, faço comida, cuido dela.

Ela entende muito mais do que eu (risos). E eu nem perco tempo, sabe. Se a criatura sabe, peço mesmo ajuda. Na escola dela tinha uma aula que davam milhões de dicas, eu aproveito.

ENTREVISTA 6 – A.B. mãe do P., 11

Primeiro celular

Ele ganhou na pandemia para poder interagir mais com os amigos, para poder ter facilidade de acesso às aulas remotas, embora ele tivesse um notebook disponível, às vezes acontecia de eu e o pai precisarmos usar, ou tinha que sair para resolver algo e ele ter que ouvir a aula. Então ele poderia ter o celular mais focado em interagir com os amigos, mas também para isso. No final de 2019, ele começou a pedir um celular e tínhamos dito que seria só quando ele saísse sozinho, para poder se comunicar com a gente e se virar com mais facilidade na rua. De vez em quando questionava, mas aí na pandemia a gente deu. É aquela velha história: o antigo de um dos pais foi para o filho. O problema é que quando ele passou a ter o dele, ficou mais difícil controlar o tempo que ele passa conectado, justamente porque ele parece ser uma continuação do nosso corpo.

Eu não digo que me arrependo de ter dado, porque tem a pandemia e ajudou na socialização, nas escolas. Mas eu penso no cenário posterior e aí vejo que não vou mais conseguir terra. Estou demonstrando uma fraqueza para você, mas acho que não vou mais conseguir tirar.

Tipo de uso

Ele só usava os nossos celulares, do pai e o meu, para joguinho ou vídeos no YouTube. Com a pandemia passou a usar WhatsApp nos grupos de amigos, para se comunicar com os amigos, a aula de violão passou a ser remota, ele usa para acessar as músicas. Tem ouvido muita música também, além da aula do violão.

Tempo de uso

Ele aumentou bastante a quantidade de tempo. Eu acho que é muito. E agora nas férias piorou ainda mais, porque estamos praticamente o tempo todo em casa. E ele acaba usando muito mesmo. E aí nas férias ficou pior, eu já vinha reclamando muito aí eu disse pra ele que ia, agora já na última semana de férias, que eu ia ter que impor o tempo limite de uso. Mas hoje mesmo ele pegou o celular para fazer o treino do violão e acabou olhando o WhatsApp pra ver se tem mensagem, voltou para o violão.

Oportunidades

O celular facilita o sistema híbrido de aprendizagem. A aula de violão ele faz cada hora num cômodo diferente. Eu acho que pela maturidade que ele tem e por conta das aulas, ele passou também a acessar conteúdo informativo. Ele gosta de tecnologia, então eu fiz ele assinar uma lista sobre notícias sobre o tema, já que agora tem um e-mail. E ele lê. E acessa notícias, até de política. Acho que é uma mistura das aulas à distância, as professoras incentivando a fazer pesquisa *online* e ele amadurecendo também. Tudo isso estimula. Nesse sentido foi bom.

Riscos

Ele continua usando o YouTube, que eu acho muito perigoso, é o que eu menos gosto. O WhatsApp eu dou um jeito de fiscalizar sem ele saber, mas o YouTube é o que eu fico mais receosa.

Acho que ele está deixando de viver outras experiências ricas fora da internet. Ele passou a ser uma criança menos ativa fisicamente. O pai diz que é o isolamento, mas ele era muito ligado a esporte. Hoje ele está preso ao celular, ao videogame, que ele nem ligava antes. Ele deixa de interagir com a gente também. Com os colegas, por outro lado é a única forma de interagir. Eu não sei o que fazer!

No consultório da oftalmologista, quando ele foi a uma consulta e estava usando o celular, ela o alertou. Disse que para visão é muito pior do que o vídeo game. Eu me preocupo muito com a visão, mas muito mais pelo que ele acessa na internet. O que ele vê, o que está sendo falado para ele. O que está sendo mostrado, o que está sendo falado para ele.

Mediação parental

Em relação ao WhatsApp, eu sempre dou uma olhada para ver se ele não está sendo irresponsável fazendo comentários sobre outras pessoas que podem ser ofensivos, se outras pessoas estão comentando coisas [ofensivas] e ele nada faz, ou faz coro. O WhatsApp dele é muito para grupos de amigos, então meu cuidado é mais sobre isso,

entender o que está sendo dito sobre eles mesmo. Para não ser exposto, nem para expor ninguém.

Polício ele também por conta do YouTube. Eu digo pra ele: P., quem são esses caras, será que eles não estão querendo vender? Presta atenção na quantidade de propaganda que eles fazem. Algumas coisas mais explícitas ele percebe, mas não é tudo. Ele já caiu nessa. Um *youtuber* elogiou um fone, disse que é o melhor fone do mercado e ele veio me contar. Mas aí falei pra ele, olha o cupom que ele está divulgando, ele está associado à marca!

Mas eu não tenho total certeza de que ele faz coisas que deve ou não. Converso com ele que mesmo que ele não fizer nenhum comentário [sobre algo que um amigo escrever], e ele escrever ‘kkkk’, rindo, é o mesmo que fazer coro. Aí ele diz que não faz isso. Mas eu já vi o P. fazendo kkkk em comentários idiotas de outros colegas. Mas nunca vi ninguém falando ofensas e ele fazer isso. Ele é bem legalzinho.

Sobre YouTube, ele me fala que está vendo só sobre videogame, ou então que está vendo Netflix. Ele entendeu o quanto é perigoso, depois daquele assunto [o garoto, quando mais novo, acessou conteúdo pornográfico e ficou traumatizado por um tempo, como explicamos no capítulo 2]. A escola dele já falou sobre os desafios. Eu digo para ele, que é como qualquer outro espaço público. Que vai ter coisa legal, mas tem quem gente também fazendo merda. Que tem que fazer bom uso. Eu vejo uns YouTubers tão bobalhões.

Sexo para a gente não é um tabu. A gente não supervaloriza, mas não é tabu. A gente trata como algo natural. Mas ele não toca nesse assunto e isso me preocupa. Eu não consigo entender completamente o jeito certo de agir. Eu não toco no assunto para respeitar e aí será que isso vai tornar o sexo um tabu.

Acho que ele não é capaz de fazer uso seguro e responsável sozinho, porque ele é criança. A criança tem curiosidades. A gente tem curiosidade sendo velha (risos). Quem me garante que o que vai atrair ele não vai levar ele para algo impróprio ou errado ou ilegal. Eu não posso ter essa certeza. Eu acho que ele já percebe em relação à propaganda, à questão de ridicularizar o outro, das minorias, de saber se o conteúdo é desrespeitoso às minorias, a gente fala muito sobre isso com ele. Eu falo muito que as meninas nesses grupos de WhatsApp da escola ficam se comparando muito. Quem é mais legal, a mais bonita, mais não sei o quê. Eu falo: P., não emita opinião, não aplauda esse tipo de coisa, não fale sobre o outro, não permita que o outro seja motivo de conversa de terceiros.

Eu só olho de vez em quando [o WhatsApp dele] não é todo dia. Mas eu dou uma passada com regularidade. Será que numa discussão mais acalorada entre os amigos não vai atrair a atenção dele a ponto de ele se colocar, se expor de uma forma que seja inconveniente. Mas é a vida né. Eu acho que ele não sabe que eu checo não. Engraçado, eu não checo os sites não, mas só o WhatsApp. Tenho muito medo do *bullying* virtual. É uma fase muito adolescente.

Uso pessoal

Ele sabe muito mais coisa do que eu. Fiz um Instagram por conta da agência de viagens da qual sou sócia e ele me ajuda, mesmo sem ter Instagram. Facebook ele teve, mas nem lembra a senha.

Eu me tornei *heavy user* depois da agência. E ele percebe. Ele dá uma força.

Eu faço uso no pior horário. Quando ele não está me vendo, como se eu fizesse escondido. Zapeio nas redes, leio as coisas que eu guardo no celular. De propósito passei a usar tarde pra ele não me ver. É quando eu vou responder as mensagens com calma, quando ele já está dormindo.

ENTREVISTA 7 – M.P., mãe do L., 09

Primeiro celular

Eles brincavam com o meu e o do pai, para jogos. No Natal de 2019, antes da pandemia minha filha, com 11, ganhou. Aí, o L. passou a usar um antigo que tinha aqui só para brincar de jogos. Aí veio a pandemia e o uso que a gente tinha um controle muito grande ficou perdido, porque passaram a usa mais o celular.

Tempo de Uso

A M. fica menos tempo, usa para o WhatsApp para falar com as amigas, mas o L., por conta de joguinhos, de brincadeiras, ele passa muuuito (ênfase) tempo no aparelho, muito mais tempo do que eu gostaria. Aí você pode me perguntar: a você é mãe, você não gosta então porque você não corta? Eu corto. E às tenho uma dor de cabeça absurda. E aí às vezes eu faço vista grossa mesmo, porque eu também estou no meio de uma pandemia, eu também sou gente, e vou deixar ele ficar no celular. Eu também não quero causar embate todo dia, desgaste todo dia por causa do celular.

Tipo de uso

No meio do ano passado, o celular que usava quebrou de vez e aí sim nós temos um novo pra ele. Hoje, ele brinca online com os amigos. Eu sinto falta de poder oferecer outras atividades para ele. Moramos num condomínio com piscina, mas não pode brincar. Mas mesmo em casa, ele poderia montar lego, desenhar, ler. O que me incomoda é que a brincadeira se resume ao celular. Isso me incomoda demais. O celular é o que tem mais despertado o interesse. Aqui em casa sempre deixei brincar de coisas que sujam. Faz argila, pinta, faz nhoque e suja a cozinha de farinha. Não faz mal. Mas o que eu percebo é que hoje eu tenho que chamar: vamos fazer isso? Vamos pintar um quadro? O interesse da criança é só o celular.

Ele usa muito o WhatsApp a para falar. Ele mesmo montou um “grupinho da família”, eu, ele, o pai e a irmã. Imagina, nós quatro presos em casa na pandemia e ele montou o grupo. Mas ele gosta de ficar mandando figurinha. Com os amigos ele fala também, mas não é demais, é mais pra jogar, para se comunicar durante os jogos.

Minha filha, de 12, usa mais para falar com amigas, mas grupos pequenos. Ela não participa de um grupo grande. Eu também ficava de olho. Ela tem só as meninas, que estão juntas há muitos anos na escola. Quero que se comunique com as amigas. Ela também joga e também acompanha os grupos de música que curte, imita coreografias. Não vejo interesse dela nas redes sociais, ela não pede.

Tempo de uso

Por conta das aulas, durante o ano letivo, eu conseguia restringir mais. Agora nas férias eles estão livres [de compromissos] e aí ficam mais tempo no celular. Durante as aulas, para manter uma rotina, tinha horário. No recreio, pela manhã, e das 16h às 18h para brincar com os amigos. Mas ainda assim, tinha dias que não funcionava, que ele enchia o saco porque queria antes. Aí tinha dias que a mãe está paciente e deixava, outros a mãe está estressada, aí surta e grita. Essas coisas normais (risos). Quero dizer é que não é fácil. Você pode colocar o horário, mas aquilo é forçado. Ele não vê a hora daquele horário chegar. Aí quando dá 18h fica pedindo: só mais um pouco, só mais um pouco. É sempre uma... Agora, estou me preparando psicologicamente para a volta da ditadura do horário, como o retorno das aulas. Nas férias, estou deixando correr frouxo.

Riscos

Sabe o que me incomoda? Olha, eu não sei sobre o que as pesquisas falam sobre coisas cerebrais, mas me incomoda muito como olho, com a saúde ocular da pessoa, mas muito, muito mesmo. Marquei hoje mesmo oftalmologista. Estar muito exposto à tela, uma tela pequena, cheia de cores, movimentos, sabe. Postura também. Eu não duvido que possam ter outras coisas, até mais graves do que isso, mas eu também acho que eles estão inseridos nesse mundo, não adianta querer que eles tenham uma rotina como eu tive. Eles não estão em redes sociais, então eu não me preocupo com os perigos da internet, com aquela influência. Agora, é um garoto que gosta de YouTube, então tem que ficar de olho. Então tem que acompanhar, dou orientação.

Oportunidades

Acho que existem muitas e eles estão inseridos nesse contexto. Pra tudo existe prós e contras, pra tudo existe o bom uso e o mau uso. De acordo com as suas escolhas, mas também com as orientações que tiverem. Acredito que tenham muitas coisas boas. Eu não acredito em teoria da conspiração, essas coisas. Eu vi aquele documentário das redes [Dilema das Redes]. Nisso eu acredito, eu acho que aquilo existe. Me incomoda isso. Você faz uma pesquisinha e depois começa a receber um monte de propaganda. Você está sendo mesmo monitorado. Então você tem a ilusão de estar ali sendo a protagonista da sua vida virtual e não é bem assim.

Mediação parental

Mas eu vou passando, de acordo com a idade deles, essas informações. Não sei como eles vão absorvendo isso, mas vou tentando passar essas informações também. Não é só aquela coisa de bicho-papão, do pedófilo. Eu falo dessa questão mesmo, dos dados. Igual a questão da propaganda enganosa. Desde pequenos, mostro isso, sobre a propaganda, que as coisas estão sendo colocadas daquela forma para serem vendidas, para a gente acreditar que aquilo é bom para vender. Então eu espero que eles, no futuro, entendam que a gente não tem uma vida tão privada assim, mesmo com as nossas senhas, mesmo com os nossos grupinhos fechados de família. Acho que existem prós e contras para tudo. Eu não acho que não pode [usar]. Eu acho que eles vão crescer, vão trabalhar, vão estudar com as tecnologias, sobre as tecnologias, então eles têm que conhecer. Agora, tem que ter visão

crítica. Hoje não tem como eles terem, com 9 e 12 anos. Mas a gente espera que eles desenvolvam.

A gente conversa. Tem horas que eu acho que eu falei e entrou por um ouvido e saiu pelo outro, mas tem vezes que eles me perguntam coisas. A minha filha assiste muitas séries e eu aproveito esses momentos. Essa é uma ferramenta muito boa para mim. Eu assisto coisas com eles e aí aparece alguma situação, alguma coisa rola e eu uso como deixa. Por exemplo, eles vão me perguntar com quem eu estou conversando agora e eu vou aproveitar e tratar desse assunto com eles, entendeu? (risos). Eu vou aproveitando essas situações para falar. Agora, como estão absorvendo, se estão absorvendo a gente não sabe, né. Eu não faço arguição depois não (risos).

Uso seguro

Eu não posso responder pelo filho dos outros, mas eu acho que as crianças não podem hoje... sei lá... As crianças podem escolher o corte de cabelo, mas não dá para escolher certas coisas. Precisa de orientação sim. Um exemplo bobo: meu filho tem 9 anos e viu no YouTube, num desses *influencers*, que colocar o telefone na melancia carrega o celular. Aí ele disse: dá para ver que o fio estava para fora, que não era direto. E o cara depois mostrou como era. Semana passada ele disse: mamãe, vamos tentar carregar o celular na batata? O da batata é de verdade. Por que ele imaginou que o da batata, que ele viu depois, não era mentira também? Ele é criança. É uma bobagem isso. Então imagina se ele tem responsabilidade... Como ele vai saber se está sendo manipulado, que sites escolher para pesquisar.

A gente tem o Family Link, que o pai é avisado quando o filho acessa algumas coisas. Eu acho que eles precisam ainda de ajuda.

Ele não tem muita habilidade instrumental. Jogo é jogo, ele sabe, mas o celular em si ele não usa todos os recursos, apesar de que eu mesma não sou muito bom nisso. Ele pede ajuda para meu marido. Minha filha, já entende de aplicativos e acaba me ajudando.

Uso pessoal

O celular tem que estar perto da gente, né. Mas porque eu preciso que ele esteja aqui? Às vezes não tem por quê. Acho que já estou inserida nessa coisa de estar com o celular. Eu vejo WhatsApp, vejo muito Instagram porque eu abri uma página do artesanato que comecei na pandemia. Eu posto sempre uma coisa por dia. Tenho também um site de maternidade. Mas eu posso sim passar o dia inteiro sem celular, não me causa problema. Eu acho que o celular é muito da rede social. Eu não tenho essa necessidade.

ENTREVISTA 8 – J.L. mãe da H., 9

Primeiro celular

Ela tinha um telefone sem linha e sem internet que usava só para jogos, para não usar o nosso, quando a gente ia a restaurantes e tal. Nossa ideia não era dar um celular próprio tão cedo, nem eu nem o pai, que somos separados. Na pandemia, começaram a rolar encontros dos amigos para jogar online o tal do Roblox. E eles criaram um grupo de

WhatsApp, umas 20 crianças que ganharam ou já tinham, para diminuir um pouco a angústia deles e conversavam, se viam. Tem um lado bem ruim disso, claro, mas dado o contexto de pandemia, a gente achou seria uma boa estratégia para lidar com isso.

Inicialmente a gente só colocou um chip no celular velho, mas depois, no aniversário, ela juntou os dinheiros que tinha ganhado e a mesada e comprou um celular dela. É o melhor da casa, o dela. E ela é toda ligada nessas coisas, o sonho dela é ter um iPhone. A gente nem é consumista aqui, ninguém tem iPhone, o meu telefone está todos quebrado, mas funciona para o que eu quero e tá ótimo. Eles têm muito essa coisa: “fulaninho tem um iPhone”, que se dane, né? (risos). Ela começou a ficar muito mais ligada nisso e fica toda prosa com o celular dela.

Tipos de uso

Eu não tinha notebook disponível para ela fazer as aulas online e ela usava o celular, acaba sendo providencial. A aula de violão dela, ela fazia no celular. O celular ajudou bastante nessa logística. O fato é que dá muito medo, a verdade é essa. Ela é muito responsável, mas só tem 9 anos né. Ela fica muito no TikTo , o que me dá uma certa angústia. A gente sempre tentou cercear bastante, ser bem pontual, né.

Na pandemia, ela ficou muito interessada em jogos e tinha até briga nos WhatsApp com um milhão e meio de mensagens. Aí um bloqueava o outro, excluía do grupo de WhatsApp, depois colocava de volta. Eles são pequenos e estavam descobrindo essa coisa. WhatsApp também era algo que ela não usava. Agora ela tem o dela. É limitado, só com família e amigos, mas tem. Aí do nada ela faz uma videoconferência que ela criou com um monte de gente da família. Ela já sabe um monte de coisa. Já sabe resolver as coisas do colégio, já sabe tudo. Ela me dá aula, mexe em tudo. Já aprendeu a gravar vídeo no TikTok. É muito intuitivo, já nasceram mexendo. Ela tem essa conta no TikTok que é minha e dela.

Tempo de uso

Ela perdeu um pouco o controle, mas ela sabe que eu sou bem chata, que se acordar e pegar logo o celular eu vou reclamar e vai ser pior para ela. Ela fica ali dosando. Mas se deixar, a primeira coisa que ela faz ao acordar é olhar mensagem, olhar o TikTok. É um pouco angustiante como mãe, ver o quanto ela é fissurada, o quanto ela fica ali horas. Aí eu digo, você já está aí há horas e ela fala: eu não, acabei de ligar. A sensação dela é sempre essa, de que acabou de ligar.

Riscos

Ela usa muito YouTube também, que ela gosta de assistir o Felipe Netto. Eu converso muito com ela. E ela me diz, se tem alguém falando muito palavrão, ou se tem alguém falando coisas erradas. Mas eu não acho que ela sabe se o conteúdo é apropriado para ela ou não. Tem umas coisas que ela sabe, mas outras não. Eu fico com muito medo principalmente da sexualização precoce. Ela é novinha pra isso, mas dependendo do que ela vê... Tem muita brincadeira de traição, de pegar o celular do marido para ver o que ele está vendo. E ela acha engraçadíssimo. Eu acho que isso não tem nada a ver com a idade dela. Não tem muito como filtrar né. No TikTok tem um monte de bobeira

engraçada e de repente tem uma bobeira desse tipo, que eu não sei se ela alcança, nem se deveria estar assistindo. Mas sinceramente eu não consigo acompanhar tudo. Eu ainda tenho um bebê pequeno, de 1 ano de 7 meses e ainda trabalho. É muita coisa para ver.

Tem coisas que ela não tem idade para entender, coisas que não são para a idade dela. Achar que é bonitinho determinadas danças, exposição do corpo que não está pronto. Agora estou começando a conversar com ela sobre essas coisas, mas devagar porque ela ainda fica chocada. Tem a coisa do vício né. O que me incomoda mesmo é a questão das pessoas valorizarem muito essa coisa das curtidas. ‘Ai, mãe, fulano tem tantas curtidas.’ Ela fica assim. É ruim achar que isso é importante. De ter como meta de vida ter um iPhone, umas coisas muito superficiais. Essa superficialidade dessas mídias é muito ruim. E ela chega rápido e domina rápido.

Como ela é muito nova, eu tenho medo que ela acabe sucumbindo a isso. Eu faço minha parte de dizer que acho isso uma grande besteira. Agora, eu sei que ela ainda me ouve, mas e na adolescência? Eu tenho medo que ela ache isso muito importante, enfim, o que as pessoas acham dos vídeos que ela posta, quantas curtidas ela teve. Isso é no mundo todo, com adultos também. Na idade dela é pior porque ela não tem maturidade para entender isso. A gente vê notícias de tudo. Outro dia foi uma que simulou o próprio sequestro para ver quantas curtidas ia ganhar. Foi uma loucura.

Eu converso com ela, eu falo que eu acho besteira. Ela tem uma cabeça boa para a ideia dela.

Ela que gostava de jogar um jogo de tabuleiro, hoje em dia tem que dar muita bronca. O apelo do vídeo, da tela são muito grandes. E também os brinquedos, as bonecas, não quer mais. Só faz isso. O que eu vejo se interessar fora é só o futebol. Até desenhar que ela gostava, é cada dia menos. Tem que ser só porque ficou de castigo e tirei o celular e aí ela faz (risos)

Qualquer coisa que faz de errado tiro o celular, opa (risos). Fico feliz da vida. Mas aí ela volta para a televisão ou para o YouTube no computador, então na adianta muito, não tira toda a tecnologia. Aí eu vou ampliando, tiro o celular e a televisão. Eles morrem de tédio. Cinco segundo sem ter o que fazer já tem tédio. Morre de tédio, fica desesperada.

Eu acho que criança tem que brincar na rua, pegar sol. Me dá desânimo, angustia ver a criança no celular. O tipo de uso ok, TikTok e joguinhos, é bem por aí. Ver os *youtubers*, é o que ela gosta. Mas se eles pudessem falar coisas que prestasse, talvez não teria tanto apelo. É engraçado como o celular, a internet vai tomando conta da vida deles.

Mediação parental

A minha estratégia, que eu acho que é uma estratégia frágil, é monitorar. Sei que tem outras coisas que eu posso fazer, que é criar aqueles filtros, escolher coisas que ela não possa acessar, mas eu não faço nada disso. Eu de tempo em tempo, de x em x minutos eu entro de supetão no quarto para ver o que ela está vendo. Nunca é nada demais, mas é uma estratégia que eu acho que funciona. Mas isso não inibe o fato de que ela pode estar acessando algum conteúdo inadequado.

Tempo de uso

Ela não tem horário estipulado para acessar, mas aqui ela sabe que se tiver oportunidade de ir para a rua, vai. Mas às vezes está em casa, foi pro futebol, almoçou, eu deixo ela ficar um pouco. Aí depois de um tempo falo, vai desenhar, vai brincar de outra coisa. Tento também tirar de casa, para ficar mais na rua do que em casa. Eu tento que ela faça exercício, que ela converse com a gente, com os avós. Mas é difícil, tem que ficar falando. Por eles, ficavam o tempo todo.

Oportunidades

Na pandemia teve a grande vantagem de manter o contato com os outros. Achei boa também essa coisa de eles aprenderem a se virar com os grupos de WhatsApp, eles mesmo irem se virando, bloqueando, desbloqueando, se estapeando, criando suas regras. Era muita mensagem no começo, depois eles mesmo viram que não dava para ser assim e combinaram de não mandar tanto emoji, figurinhas. Teve esse lado de eles se autogerenciarem. Dá um amadurecimento, aprender a usar a tecnologia. E para entreter também, porque a gente dentro de casa tendo que fazer comida, trabalhar, cuidar de bebê, não consegue dar a atenção que a criança precisa. De certa forma, ela conseguia atenção dos amiguinhos, o que também foi super positivo.

Mediação parental

Eu converso muito, falo que tem gente que se faz passar por criança, que mente, que não pode dar informação pessoal. Mostro casos na televisão, casos concretos que eu fiquei sabendo.

Eu não consigo filtrar o que ela vê, de vez em quando tem umas coisas bobas, umas bonintinhas, mas tem umas coisas que não são legais. Mas eu nem sei até onde ela se apropria dessa informação totalmente. Acho que ela acha engraçado e pronto. Eu sei que tem ferramentas que eu poderia usar mas eu não sou de tecnologia, acho chato tenho preguiça. Não quero ficar lendo, descobrindo como usar.

Uso pessoal

Uso muito e pra tudo. Pra comprar comida, pra chamar assistência técnica, para marcar horário na academia. Para tudo mesmo. Mas não ligo para o tipo de celular, não estou preocupada que não tem muitos recursos. Uso mais até do que eu gostaria. Às vezes eu me desligo, quando volto tem mil mensagens, um saco, preferia que fosse mais calmo.

9) ENTREVISTA 9 – S.C., mãe da A., 9

Primeiro celular

Por inveja do irmão, que tem 13 anos e já tinha um celular, ela tanto reclamou que ganhou. Ele usava mais para jogar e a irmã queria jogar também e ele não queria emprestar. Então causava atrito e eu tinha que emprestar o meu celular. Então o pai acabou dando. Além de falar bastante com o meio irmão, que é filho do pai dela, ela usa mais para jogos.

Tempo de uso

(Risos) Nossa, eu sei que é suuuuper errado, mas eu não controlo esse tempo. Se deixar, ela fica o dia inteiro, apesar de que ontem mesmo eu tive uma conversa com os dois porque eu acho que está interferindo nas relações sociais deles e do horário para dormir. Então quero ver se começo agora a colocar um horário. Pode anotar aí, é o dia inteiro. É com muita vergonha que eu digo, mas é isso, é o dia inteiro.

Meu filho deixa de socializar, de querer sair, de jogar uma bola na rua, na escola passa o intervalo no celular. Tenho vergonha, porque tem muitas horas que, para eu ter um tempinho para mim, para eu poder fazer as minhas coisas, eu coloco o celular de babá. Aí, eles me deixam em paz. Tenho vergonha de colocar num utensílio, uma função que é minha, de estar com eles.

Riscos

Eu tenho medo da questão da pedofilia e de uns jogos que incentivam as crianças a cometer o suicídio, como aquele Momo. Faziam uma ameaça à criança, falava que ia matar os pais e tinha crianças cometendo suicídio. Tenho medo do *bullying*, da troca de imagens. Meu filho está adolescente, não sei se ele pode ir para o quarto, tirar foto pelado e mandar para alguém. E para onde vai essa foto? Meus medos são esses.

Eu converso o tempo todo com eles. Com a minha filha eu já tive um susto de ela estar vendo sites pornográficos. Eu não esperava, mas acabei pegando. Fico tentando entender da onde ela aprendeu isso, como achou o link desses sites.

Tenho medo da pedofilia, porque ela é manipulável, muito mais do que ele. Ela é muito mais frágil. Tenho medo de alguém fazer uma ameaça e ela se submeter a chantagens, achando que está nos protegendo. Eu conversei com ela, falei que tudo tem a sua hora.

Mediação parental

Eu acabei baixando um programa, o Family Link, bloqueei alguns aplicativos. Não tem mais acesso, para poder ter o controle. Não tem condições. A internet é um mundo sem dono, entre aspas. A gente vai bloqueando o que dá, mas toda hora tem uma coisa nova que a gente vai descobrindo. Ela ficou sem graça quando eu descobri o site pornográfico. Ficou dando uma de sabonete, dando uma escorregada. Eu não consegui tirar dela de onde ela tirou isso. Ela disse que foi uma propaganda que ela acessou e levou ela pra esse site. Eu mesmo recebo no meu notebook, então eu acho que pode ser verdade.

Aqui em casa eu pego senha de todo mundo. Eu sei as senhas deles e na hora que eu quero dar uma blitz, tem que ser permitido. Embora meu filho fique muito revoltado, diz que é invasão de privacidade. Eles se acham os donos do mundo, que sabem de tudo, que a gente está ultrapassado, que nenhum mal vai acontecer, mas aqui eu pego senha. Nem eu tenho senha particular, eles podem ver o meu.

As crianças ficam revoltadas com o Family Link, para o meu filho foi a morte. Ele fica pedindo para liberar aplicativos e vou liberando às vezes, como se fosse uma moeda de troca. Eu bloqueio e desbloqueio. Aplicativo de jogos violentos, eu não deixo. Esses eu bloqueio e não tem conversa. Pra mim não rola.

Nenhum dos dois é capaz de fazer uso seguro, por isso que a mamãe aqui fica vendo o que fazem. Uma criança de 9 anos não tem discernimento para usar de forma cuidadosa e com segurança um aparelho celular. A gente não sabe quem está por trás da tela. Por isso que eu bloqueio, sou chata sim e não me arrependo. Minha casa, minhas regras, eu falo para eles. Não acho que é invasão de privacidade, isso é zelo e cuidado de quem ama. Meus filhos não são largados. Eu tento não fazer com exagero, mas às vezes bate neura. De certa forma ela não tem discernimento nem para usar o telefone sozinha, nem pra nada.

Oportunidades

Eles estão acompanhando de perto as mudanças das tecnologias. Eles me ajudam no que eu preciso fazer, eu acho esse um ótimo benefício. E também a questão de estudar. Na minha época, tinha que ir à biblioteca, tirar xerox, calo nos dedos para copiar e copiar. Então otimizou o tempo. Em contrapartida, eles às vezes nem leem o que eles mesmo pesquisaram. Porque está tudo tão pronto, tudo tão mastigadinho. É bom e é ruim, depende de como a criança vai usar a tecnologia.

A outra coisa boa é que o pai mora longe é que aproxima. Bate a saudade, eles fazem videoconferência. A aproximação com familiares que moram em outros municípios também foi boa. E espantou a solidão na pandemia. Hoje mesmo, estamos aqui nessa entrevista, utilizando essa tecnologia, estamos nos vendo. Se não fosse ela, talvez esse encontro não acontecesse.

ENTREVISTA 10 – A.B., mãe do E., 11

Primeiro celular

Ele ganhou um aparelho usado que já tínhamos em casa. A necessidade veio depois que me separei do pai dele, há uns dois anos. Ele ganhou antes da pandemia, para poder ter contato mais fácil com o pai ou comigo quando está com o outro.

Tipos de uso

Hoje, ele tem mais intimidade com o aparelho, que se tornou um canal de comunicação entre ele e os amigos. Na turma dele, as meninas tinham e os meninos não. É engraçado isso. Ele não tem rede social, só o WhatsApp.

Se ele vai jogar com um amigo, ele quer ouvir a voz do amiguinho pelo celular. É como se eles estivessem unidos, ele vê, conversa. E também aumentou a participação dele no grupo da família.

Eu olhava o celular unicamente como fonte de comunicação, mas depois da pandemia se tornou fonte de conexão e socialização. Aproximou muito, o uso WhatsApp. As crianças faziam trabalho de grupo e conversavam.

Eu passei a ensinar ele a usar o WhatsApp, ele não tinha muito filtro do que falava na mensagem de voz. Então eu disse pra ele que a gente tem que saber se comunicar pelo

WhatsApp. O adulto também tem que ter cuidado com isso. A gente não sabe como essa mensagem vai chegar para o seu amiguinho. Eu conversava e isso ajudou para unir os amigos, por questão de diversão, de cuidado, de saber como está, e para a escola, para fazer os trabalhos em grupos.

A linguagem que ele usava não era adequada. Primeiro que ele usava áudios imensos, aí vinha um amiguinho e falava: olha, eu não tenho a menor paciência para ouvir áudio. Aí ele ficava ofendido. Aí eu dizia, que ele tem que ser mais objetivo. Que cada um tem seu jeito, uns falam mais, outros falam menos, mas que tem que ter um filtro. E tem também o jeito, né. Não pode escrever “tô nem aí”. Uma coisa é estar na frente de alguém e falar isso, outra coisa é escrever. Então tem que pensar antes de mandar mensagem, tem que saber usar essa ferramenta. Teve uma vez que teve um conflito em sala de aula e depois foi pro grupo da escola, eu falei para ele tomar cuidado, para não ser movido pela emoção. Tem que ter calma para se colocar no WhatsApp. Ele é muito criança, ainda, muito criança.

Tempo de uso

Ele não joga muito no celular, eu coloco hora. Se anoitece, mando parar, porque não legal para os olhos e está na hora de começar a relaxar. Existe muito esse cuidado, essa disciplina. Mas sei que foi fundamental para ele se conectar com os amigos na pandemia, isso foi.

Se eu estou em casa e vejo ele muito quieto, pergunto e às vezes ele está. Mas ele não fica mesmo muito tempo. Ele não acorda e pega o celular, não tem esse tipo de hábito. Primeiro que eu não faço isso e segundo que temos um acordo. Em termos de tempo, no dia inteiro, sem falar na hora da interação com os amigos, acho que nem meia hora.

Ele usa para falar com amigos enquanto joga online no computador. E eu também não deixo passar de duas horas, mas ao mesmo tempo eu tenho um pouco de flexibilidade, por causa do contexto que estamos vivendo. Ele encontra muito pouco os amigos.

Riscos

Compartilhar conteúdos impróprios, compartilhar comentários dele mesmo com outra pessoa. Tirarem um *print* da tela e compartilhar o que ele disse, isso eles fazem com muita facilidade, enfim.

É um risco da exposição dele e o risco do que chega para ele, se é próprio ou não. Não sei se os outros pais monitoram ou não. Uma coisa que eu percebi e fiquei atenta é que uma menina da turma começou a mandar mensagem dizendo que ele é bonito, que gostava dele. E eu com muito jeito tive que tocar nesse assunto. Eu disse: criança de 10 anos tem que ser monitorada então eu vou olhar suas conversas. Então um belo dia, eu peguei essas mensagens dela. Ela mandou fotos dela para ele, dizendo eu te amo. Fiquei até um pouco assustada. Ele ficou envergonhado, depois entendeu. Para mim esse é um risco e tem que estar atento para poder conversar. Ele vivenciando uma situação se ele tem maturidade para viver. Uns diálogos que começam diferentes, com intimidade com uma amiga da escola. Não sei se é bem risco, mas é uma situação nova que vai acontecer, mas no contato pessoal. Como é isso pela foto. Ela tirou uma foto o quarto delas. Ela tinha 10 anos. E eu

falei que ele tem que ter cuidado com a imagem que estava chegando para ele. Pegava o gancho para falar para ele ter cuidado e não fazer e para dizer que ele não pode compartilhar essa imagem dela, sem autorização do outro. Que ele não pode tirar *print* pra mostrar pro amigo. Ela estava estabelecendo uma relação de confiança com você e aí a gente tem que ter cuidado. É um aprendizado para os pais e é cansativo.

Meu ex-marido tinha dependência pelo celular. Eu via nele um comportamento dependente e isso começou a me incomodar e me despertar para isso. Se o adulto estão se perdendo, imagina as crianças. É a busca para avaliar o nosso comportamento frente à tecnologia. Como a gente é manipulado. Ele assistiu comigo aquele documentário, o Dilema das Redes. Eu procuro estar atenta com os benefícios e os cuidados que a gente precisa ter.

Oportunidades

Os benefícios estamos vivendo agora, eu e você. É a gente poder se conectar, saímos daquele mundinho minha casa, minha família, meu bairro e viver numa globalização. Nem sei se você está no Rio. Poderia estar na Nova Zelândia. É a conexão, estar em diálogo. Não estamos sós, dentro de casa. A TV não estabelece diálogo, aqui estamos em diálogo.

Mediação parental

Controlo, sou chata, nem gosto que ele veja YouTube no celular. Falo pra ele, veja na TV, que a tela é maior e eu consigo acompanhar. O celular é mais fácil, mais rápido. Mas quer ver um vídeo, quer ver outro assunto que vai levar mais tempo, vai para a TV. Quando sai do jogo, eu digo, acabou a tela.

Eu converso muito com ele sobre *fake news*, de estar atenta por notícias falsas. Isso não é fácil, buscar fontes seguras. E de a gente não ser levado a propagar *fake news*.

De tudo o que eu converso, ele tem bastante informação sobre isso. Ele vê o quanto a gente leva a sério, as vantagens e desvantagens. Agora o que ele vai fazer com essa informação lá na frente, eu não tenho como garantir. Ele está tendo uma referência de como a gente deve usar. Na adolescência, ele vai ter que fazer as escolhas dele. O diálogo continuará aberto e também a nossa observação como mãe, ver as alterações de comportamento.

Uso pessoal

Com certeza ele sabe mais do que eu. Às vezes, ele pega e faz umas arrumações, que ficam ótimas. Abriu pastas e organizou as fotos: fotos dele com amigos, foto da família etc. Antigamente era só o meu celular, então tem muita foto. Ele tem muita facilidade. É incrível.

Eu gosto de usar a tecnologia, o celular para acompanhar os temas do meu interesse. YouTube de palestras, fico atenta com os canais que eu sigo, da política, da neurociência, tudo que envolve comportamento. O celular para mim é isso, assistir aos

meus vídeos e me comunicar pelo WhatsApp. É interessante que tem os *apps*, canal de comunicação coma escola, e-mail. É realmente facilitador em relação a comunicação.

ENTREVISTA 11 – A.J., mãe da A., 12

Primeiro celular

Na minha casa os celulares dos mais velhos foram sendo repassados pros mais novos. Acho que com uns 7 ou 8 ela recebeu o primeiro celular, de doação minha. Era para brincadeiras. Depois, esse celular passou a ser importante porque ela ia de condução para a escola.

Tipo de uso

Nós tínhamos regras, sempre tivemos regras em relação ao celular. A gente usa para comunicação. E antes da pandemia era isso. Na escola ficava desligado. Ela é atleta de nado, então de manhã treina, tem rotina de esporte, tem aula e fica cansada. Então ela nem tinham tempo.

Aí veio a pandemia, nós ficamos com muito medo e nos isolamos mesmo. Ela continuou fazendo esporte em casa, tudo *online*, tinha rotina, tinha horários. O celular para a escola não era importante e nós tínhamos como colocar o WhatsApp no computador. O celular passou a ser só nos momentos que não tinha o que fazer, que é pouco. Mas a regra é que às 22h todo mundo tem que estar dormindo. Tudo é negociado e eu tenho que dar exemplo também. Eu uso muito WhatsApp.

O celular é mais usado na rua, mas a gente tem ficado em casa. Eu não tenho passeado com ela, só uma coisa ou outra.

Agora, ela gosta do TikTok, quando ela quer ela usa o celular. Mas tudo aqui é negociado. Nós ficamos muito juntos e não dá pra um chatear o outro. Eles não querem chatear a mãe. Então ela usa muito para vídeos e aplicativos.

Ela gosta dos aplicativos. Tem um outro que ela edita uns vídeos tipo de mangá e tem um outro que ela gosta que é o Likee. Aí ela arrumou um namoradinho e ele fica falando comigo. Mas o tempo também é curto. É mais para isso.

Temos regras, na mesa de refeição, sem celular. Parada para os momentos que estamos em casa, para ficar junto. E no horário de dormir. Respeito aos horários comunitários e respeito ao horário do sono.

Riscos

Tenho medo dos riscos físicos. Fica mal sentada, com má postura, olhando muito pra tela. Visão, postura, a questão da segurança também. Tem uma coisa que eu tento conversar com ela sobre a opinião do que é passado nos vídeos do TikTok.

Na hora das refeições, a gente conversa muito, e eu aproveito para poder entender um pouco mais sobre o que ela está absorvendo. Esse TikTok é uma coisa de louco.

Apesar de ter 12 anos, eu acho ela bastante infantil, então eu acho que talvez se passou por ela algum conteúdo impróprio, ela não entendeu. Não sei se porque a gente está sempre conversando, a gente massifica isso.

Oportunidades

Acho que é uma boa forma de socializar. Para outras coisas, não sei se ela tem maturidade. Eu nunca dei uma liberdade total.

ENTREVISTA 12 – P.G., mãe da J., 11

Primeiro celular

Não lembro exatamente quando ela ganhou o primeiro. Ela devia ter 7 para 8 anos, o que eu considerei cedo demais. Foi uma decisão unilateral do pai e eu só fiquei sabendo depois que ele já tinha dado. Tinha essa vontade dela, tinha esse pedido, que eu acho que tinha relação com a mídia, que produziu esse desejo nela. O pai ouviu e, inadvertidamente, ofereceu aquele objeto de desejo. E assim foi. Aí ela ficou com ele por anos.

Mas foi uma coisa que eu forcei uma barra, critiquei muito na época, que ele não podia fazer isso sem me consultar, mas era o pai querendo oferecer. Então a gente não ficou atualizando essa mídia. Acho que a criança hoje em dia é tão conectada, que a gente tem que ter um meio termo. Não dá pra deixar totalmente desconectado, nem dá para apoiar tudo o que ela quer, nem o tempo todo.

Tipos de uso

A partir da pandemia a coisa ficou mais intensa. Teve o afastamento social, a escola demorou uns meses para começar a aula online, então sobrou tempo. A aula é pelo notebook, mas produz uma movimentação entre os alunos. Eles gostam de fazer videochamadas, tem os grupos de WhatsApp, agora tem o tal do Vine. Minha filha é uma escola para mim. Ela me atualiza com jogos e eu não ficar tão desatualizada no meu trabalho. Eu sou psicóloga.

É um espaço onde ela joga também o Among Us, já foi o Roblox. Ela não tem interesse de jogos violentos. Mas eu tenho pacientes, crianças de 13, 14 completamente adictas em alguns desses jogos, como o Free Fire.

Tem esse aplicativo de fãs clubes que se montam e eles montam vídeos, edições de fotos, vão fazendo efeitos, eles montam perfis no Instagram que são só para colocar essas edições de vídeos. E vão viralizando. E são muito bonitas. Ela com 11 anos sabe mexer num programa de edição, procura tutorial no YouTube e vai se aprimorando. Ela gasta boa parte do tempo produzindo esses vídeos, que são a partir de fotos, e conversando com amigas que também são interessadas e seguindo o impacto disso nas redes.

Riscos

Mas como são perfis abertos, e ela conseguiu me convencer porque não é foto dela, não é nome dela. As pessoas começam a se conectar, então ela tem amigas no Norte, no Nordeste e se falam no privado, não só naquele perfil. Fazem também chamada de vídeo. E isso levanta minha orelha, eu tento transmitir que a internet abre uma janela para o mundo, mas que tem riscos, perigos. Falo abertamente sobre pedofilia, sobre depressão na adolescência, sobre os que ficam fragilizados, tendo a tecnologia como única forma de se conectar com pessoas no mundo real, não só na pandemia. Eu tenho a tendência a ser muito aberta com ela e ela mesmo diz: eu ainda sou criança, calma (risos). Tenho medo das pessoas que se transvestem de adolescentes e vão mexendo com o psicológico das crianças.

O fato de ficar limitada me preocupa. Ficar vendo só imagens na tela enferruja o cérebro. Teve um artigo que eu li que fez uma conexão dizendo que o QI das crianças está caindo. Falou uma coisa interessante em relação à linguagem: eles estão lendo menos, estão escrevendo menos, o vocabulário é cada vez mais restrito e a capacidade de resolver problemas mais complexos está se reduzindo. O campo virtual está empobrecendo a linguagem e isso tem impacto. Essa foi uma preocupação. Eu falei sobre isso com ela.

Tempo de uso

O tempo é sempre excessivo. Ela não consegue ter controle. Se deixar por conta dela, ela fica da hora que acorda, até a hora que vai dormir. Então eu digo, vamos levantar, tomar café da manhã, arrumar a cama, conviver, cumprir os deveres... Aquela máxima da antiguidade: primeiro as responsabilidades, depois os direitos (risos). Não sei se está *démodé*, se tem o efeito contrário. Eu me questiono se isso é eficaz ou se isso só gera o desejo de afastamento, o velho “ai que saco, mãe”.

Na época que tem aula, tem as obrigações. Mas neste período de férias, eu liberei um pouco mais. Ao longo do ano ficou pesado com todas as atividades *online*, ela faz aula de música, escola, aula de inglês. Aí, agora, eu deixei ao Deus dará. Em alguns momentos eu falava, vamos fazer outra coisa, mesmo que seja que com a mídia, vamos ver um filme juntas, vamos jogar uma partida de dama. Eu fico pensando que às vezes a gente não tá muito afim, de dedicar um tempo de qualidade, porque exige que a gente se envolva, até fisicamente. Se dispor de tempo, de paciência. Essa questão do tempo na mídia é uma questão muito complexa. Não é só a capacidade de a criança tem de parar ou não, mas de que os pais têm de se ocupar dos seus filhos.

Oportunidades

Não vejo muitas, mas talvez seja uma dificuldade minha, por ser de outra geração. Quando ela encontrou algo de que ela se interessava [o Vine], ela foi buscar aprimoramento. Trocou com outras pessoas informações e achei interessante. Mas dizer que tem interesse por pesquisa, coisas da escola, isso não (risos). Ela buscou, procurou, encontrou, mas no que era do interesse dela, mas o que pode vir a despertar o interesse é que é a questão.

Mediação parental

A gente sabe que o celular está produzindo relações adictas não só na criança, mas no adulto também. Se pra gente às vezes é difícil modular o tempo que permanece online, imagina para as crianças. Não dá para ter extremos, precisa de permissão com mediação. A dose da mediação é que é o impasse: qual o momento de parar, porque, substitui pelo que, o que também pode produzir interesse.

Monitorar o tempo fica uma coisa mais intuitiva da minha parte. Sim eu sempre tento oferecer alternativas, convido para fazer outras coisas. Mas agora falando com você, eu me questiono: por que ela própria não cria as suas alternativas. Talvez a coisa de limitar o tempo e ela ter que ter um tempo ocioso para inventar alguma coisa para fazer, possa ser interessante.

Ela tem referências importantes na vida e acho que em algum ponto ela leva essas referências para o uso do celular também.

ENTREVISTA 13 – T.T., mãe do J.M., 9

Primeiro celular

Ele ganhou um celular antes, mas não tinha chip, era só pra jogar, com 8 anos. Mas aí quebrou. Ele queria jogar no nosso, então a gente deu esse no aniversário de 9 anos. É um celular mesmo com chip.

Mediação parental

Eu não instalei o WhatsApp, instalei o Telegram, que eu também consigo instalar no meu. E então eu acompanho todas as conversas que ele tem. Mas ele usa pouco pra isso, ele usa mesmo pra jogar. Ele fala comigo, com o pai, com a avó. Ele não tem amiguinhos no Telegram. Mas como foi na pandemia, nem teve muito como ele compartilhar isso com os coleguinhas. Eu sei que muitos têm celular, mas como já estava em pandemia, não deu nem para passar o número. Redes sociais ele não tem.

Com relação ao jogo, eu controlo os amigos. Tem alguns que ele joga online. Uma vez eu fui olhar e vi que tinha muita gente e ele não sabe quem são. Aí pedi que ele excluísse tudo e ficou só com quem ele de fato conhece. Eu oriento não conversar com ninguém. Ele joga em salas fechadas só com quem conhece, mas oriento que se tiver alguém querendo entrar na sala, não deixar.

Tempo de uso

Nas férias, ele tem duas horas para jogar. Ele joga no computador também, então ele tem que escolher. Quando tá em aula, tem uma hora para jogar. Agora nas férias, ele também vê vídeo de jogo no YouTube. Eu libero os vídeos, mas durante as aulas não. Fim de semana duas horas, durante a semana uma hora. Nas férias duas horas.

Mas esse controle é um estresse (risos). Porque ele começa a jogar e não sabe a hora que começou. E nem sempre eu vejo também, então tenho que calcular por estimativa. Ele não percebe o tempo. Ele diz: eu sentei agora! Não passaram duas horas. Ele não vê o

tempo passar. Às vezes ele negocia: mãe posso jogar mais meia hora hoje e tirar de amanhã? Mas é sempre um estresse, é um troço muito chato (risos).

Agora nas férias, a gente tem um combinado. Um dia por semana, em três semanas, sem nada de tela. Nem eu, nem ele. A gente foi fazer outras coisas. A gente cozinhou, a gente brincou, a gente jogou, a gente fez outras coisas que não a tela. Foi interessante que ele falou: nossa mamãe, o tempo passou tão rápido. Aí eu disse tá vendo, tem outras opções. É impressionante, quando está sem ver os vídeos, durante as aulas, no tempo livre diz que está entediado, como se não tivesse opção.

Quando ele joga e acaba o tempo, ele fica tão incomodado quem nem vê outras possibilidades. É uma oportunidade de ele perceber. Eles não conhecem o tédio. Elas não saem o que é não fazer nada. Elas saem de uma coisa, vai para outra. Acabou o computador, liga a TV. Não sabe o que é pensar estratégias criativas. Eles vão no mais fácil. Aí essa semana, nesse dia *offline*, eu o vi deitado no sofá, pensando. Coisa que ele não faz, normalmente. É interessante.

Riscos

Prejudica a vista, o celular, é algo bem ruim. Uma tela pequenininha o dia inteiro. Me preocupo com vício de jogo. Ele até disse outro dia: você acha que eu sou viciado? E eu respondi: Não, porque eu não vou deixar você ser (risos), é por isso que eu cuido. Eu acho que esse é um problema que não é só da criança. É um exercício para ele e para mim. A gente não sabe mais ficar sem esses recursos. Numa fila de banco, a gente não fica parado, a gente fica incomodado se eu não tenho essa distração. E olha que a gente vivia sem. A criança que já nasce imersa nisso, é pior. Ela não sabe mais estar só, porque ela tem sempre a companhia virtual. Eu quero que ele saiba estar só, ou inventar algo para fazer, não é a solução mais fácil.

Também tenho medo das relações com estranhos. Eu falo para ele não dizer nada sobre ele para ninguém. E ele é bem preocupado com essas coisas, ele é bem medroso. Então, eu acho que ele me escuta.

Outra coisa que me incomoda são os jogos violentos. E os jogos mais atraentes para as crianças são aqueles que se matam pessoas. Isso me incomoda. Ele joga, eu tento evitar, mas eu sei que ele joga.

Mediação parental

Eu tento conscientizar em vez de proibir. Acho que a gente não consegue ter controle, porque se não jogar em casa, vai jogar na casa dos amiguinhos. Então eu deixo jogar um pouquinho, peço para ver outras possibilidades, outros tipos de jogos.

Ele é pequeno, tem nove anos. Ele não é responsável. Eu estou tentando que isso aconteça, estou plantando agora para colher no futuro, mas tem que vigiar. Daqui a pouco ele vai crescer e vai levar o celular para escola, para os passeios. Eu tento conscientizar para o futuro, mas agora ele não tem discernimento. Quero que no futuro ele fique escutando minha vozinha falando. Ele tem que se proteger.

Ele fica vendo vídeos inúteis. É pegar o tempo e rasgar. Tem muitas coisas mais legais, até coisas engraçadas. Ele assiste pessoas jogando. Diz ele que aprende coisas em assistir, coisas sobre o jogo, mas são pessoas tão irritantes, são vozes tão irritantes, que dão dor de cabeça. Algumas gritam. Aí eu tento mostrar para ele que tem opções melhores, documentários sobre os bichos que ele gosta. Tudo bem, usar, mas tem coisas mais interessantes.

Oportunidades

Ele não é de ficar conversando. Ele ainda não usa dessa forma, mas tem a chance de se aproximar das pessoas, dos colegas, por exemplo dos colegas. Isso seria uma coisa boa.

Agora na pandemia, que passou o ano inteiro em casa, tinha coisas que eu não sabia explicar da escola, porque eu aprendei de outros jeitos, aí a gente ia ver os vídeos, de matemática, por exemplo. Isso é muito legal. Tem vídeos educativos. E tem coisas engraçadas também, divertidas.

Mas é preciso que a gente perceba que há vida sem o celular.

Uso pessoal

Ele usa melhor do que eu. Ele até me ensinou uns atalhos no Zoom, outro dia. Nem se compara. Eu não sou muito de redes sociais. Eu pouco entro, acho que ocupa muito o dia. Meu marido é o oposto, interage o dia todo nas redes, posta, comenta, compartilha. Uso para me comunicar, uso o básico, não sou de explorar muito.

ENTREVISTA 14 – F.L., mãe da A., 11

Primeiro celular

Já tem alguns anos que ela ganhou o primeiro, com 8 ou 9. A prima, seis meses mais velha, tinha um celular que ganhou da mãe. Quando a prima trocou, passou para ela esse antigo. Foi um presente da prima. Ela já usava o meu celular, eventualmente brincava de jogo. Usava pouco porque eu uso bastante, mas já tinha acesso ao aparelho. Quando ela ganhou, eu não me opus. Achei que, num primeiro momento, minha prima podia ter me perguntado, me consultado antes de a filha dela dar esse presente, mas isso não aconteceu e eu não recusei. Não proibi. Depois, ela queria um novo e eu falei para ela juntar o dinheiro e comprar. A gente dá uma mesadinha, pra ela ir comprando algumas coisas, e daí começou a juntar esse dinheiro e chegou um momento que tinha um valor bom e eu financiei parte do celular. Um pouco antes do celular. Ela pagou uma parte e eu a outra, mas uns presentes de avó, etc. Todo mundo que queria dar algo pra ela, ela pedia dinheiro para o celular.

Tipo de uso

Ela faz muitas edições com vídeos, desenhos, vinhetas. Ela aprende nos milhares de tutoriais que tem e vai fazendo, copiando e criando em cima disso. Antes já da pandemia.

Ela usava de forma mais moderada antes da pandemia, porque tinha outras atividades fora de casa. Usava em poucos horários. Na pandemia tudo mudou completamente. A gente em casa confinado, quarentemado, saindo pouco, só o essencial e sem vida social com outras crianças. Foi um período muito difícil. Ela é filha única. Acabou que o celular servia como instrumento para manter contato com amigas, as primas, as pessoas. Ela começou a usar o WhastApp, que ela não usava, começou a usar Google Meet. Esses aplicativos de comunicação e redes sociais: TikTok, que é o que ela mais usa, e tem um Instagram também.

Tempo de uso

A percepção que eu tenho é que eu tive que escolher as lutas. Se antes eu tinha preocupação com tempo de tela, tinha um controle maior, agora eu tive que liberar porque foi, em certa medida, um caminho que a gente encontrou, que ela encontrou para segurar a convivência com outras pessoas além das pessoas de casa. Eu tenho uma preocupação do efeito disso, mas seria de uma coisa mais geral. O tempo de tela é só um fato, dentro de todo esse contexto. A gente não sabe quais são os impactos, mas tive que escolher qual batalha valia a pena. E aí a gente liberou um pouco mais. Quer dizer, não colocamos limites de tempo.

Como eu me preocupo com efeitos do excesso... Não do uso em si, mas do excesso. Então a gente procura conversar com ela. Oferecer e propor outras coisas que sejam fora da tela e conversar sempre sobre as coisas que ela vê, sobre as coisas que ela acessa.

Mediação parental

Tentamos oferecer para ela um olhar mais crítico sobre certos assuntos, que ela acaba tendo acesso. Assuntos do cotidiano e também questões polêmicas, como o caso da Mariana Ferrer. Ela veio me perguntar se eu conhecia, se eu sabia quem era. A gente conversou sobre isso. Ela demandou um esclarecimento e a gente conversou. O gênero neutro ou indeterminado, também já conversamos. Normalmente é o que ela traz, a partir do que ela vê e demanda esclarecimentos. Eu tenho plena convicção de que eu não tenho controle sobre o que ela está vendo, o que ela está tendo contato. Mas tudo o que ela trás, o que ela conta, eu procuro conversar e trazer algum esclarecimento ou informação complementar.

Riscos

Até me afastei um pouco para te falar isso, porque ela está aqui perto. Que é um assunto um pouco mais delicado e que me preocupou. Eu acho que é como se ela estivesse numa rua e está vendo tudo o que está acontecendo ali, para o bem e para o mal. Ela é pequena, não tem senso crítico formado sobre tudo. Sobre algumas coisas eu percebo que ela já tem, como as questões de gênero, ela já tem um olhar. Mas tem outras coisas que eu acho que podem tocar ela, não tem não. O caso específico: um dia que ela estava assistindo YouTube uma live do Felipe Netto e ele falava sobre aplicativos diversos, deu alguns exemplos. Eram aplicativos diversos, carteira digital, aplicativos de comunicação e um era o Family Link, que é um aplicativo de controle parental e que ele dizia que era bom,

fazendo avaliação positiva. Eu estava passando por perto e fiz uma brincadeira, até para puxar o assunto. Eu disse: poxa, Felipe Neto, até tu, falando do Family Link, de controle parental! Ela olhou para mim e disse séria: mamãe você não vai colocar isso no meu celular, né? E eu disse, brincando: ah, você olha tanto celular, que eu vou pagar uma versão *premium* para dar choque depois de algumas horas do uso. Mas era num tom jocoso e rindo. Mas para ela não foi uma brincadeira e ela falou: eu não quero, eu não admito que você faça isso, que você coloque controle parental no meu celular. Aí eu falei que era brincadeira. E ela me disse: você sabia que teve criança que já se suicidou por causa disso? Aí eu falei, não, não sabia. Pois é, mãe, isso é muito grave. E eu concordei, que é grave. Mas que não é o aplicativo que fez com que a criança se suicidasse, deve ter sido outra coisa, eu disse para ela. Talvez também tenha pesado, mas a gente não sabe como foi a história. Ela não soube dizer onde viu, como ficou sabendo, se foi no TikTok. Mas o TikTok, pelo que ela me explica, são um zilhão de informações. Talvez em algum momento ela teve acesso aquilo. Essa situação me deixou cabreira. É um assunto que merece atenção e cuidado. Ela ficou muito abalada, ela chorou. Eu não quis conversar naquele momento, disse que voltaríamos ao assunto depois e conversar sobre a questão da privacidade, de que ela encarava aquilo como uma invasão da privacidade dela, e sobre privacidade na internet. A gente não voltou a conversar, estou esperando um momento mais apropriado. É um assunto delicado e eu sinto que eu devo me informar mais sobre isso, porque eu já vi filhos de conhecidas minhas colocando coisas no Instagram e FB fazendo abaixo assinado contra o Family Link, por isso eu conhecia. Eu fiquei sabendo a partir de filhos de amigos, sobre o Family Link, mas não sabia que estava nesse pé de falarem de suicídio.

Mediação parental

Eu acho que ela tem responsabilidade para lidar com o aparelho no caso das coisas que ela já sabe, mas nem tudo ela sabe. Por exemplo, estava no banheiro na hora que está tomando banho. Em que medida a imagem dela não está sendo capturada? A gente conversava sobre isso e aí parou de fazer. Mas a gente não sabe de onde pode surgir [o perigo]. A gente, eu e meu companheiro, a gente não conhece tudo. A gente alerta sobre se vir algo estranho, conversar com a gente. Que não fale com pessoas eu ela não conheça, que não passe dados pessoais. Na medida que a gente pensa em potenciais perigos, a gente vai alertando. Nesse sentido, acho que ela tem capacidade de tomar cuidado, o problema é o que a gente não consegue ver, nem prever. É uma janela e tanto para uma série de informações e principalmente desinformações, né. A ideia é sempre estar conversando. A gente vai aprendendo juntos. As coisas que eu desconheço, vou buscar me informar, para a gente poder conversar, mas é muito louco. Se eu for controlar, o controle é não usar, né. Não dá tempo de acompanhar tudo e também não dá para ficar olhando os sites que ela entrou, não tenho nem tempo. É impossível. Eu faço o que é possível dentro do que eu conheço, mas tendo consciência de que há coisas que nos escapam. E que ela vai ter que aprender como se estivesse saindo numa rua sozinha pela primeira vez, vai ter que aprender a olhar para os lados. Aprender ela por ela.

Oportunidades

Ela me ensina coisas. Se eu preciso fazer uma apresentação, eu peço ajuda a ela. Ela desenvolveu e vem desenvolvendo muitas habilidades. Ela tem uma capacidade de enxergar, por exemplo, nos jogos de Minecraft, de pixels, umas coisas que eu não consigo. Ela vê coisa, nos pixels, coisas que eu não enxergo. Ela, os primos, são uma geração que

têm uma habilidade que a gente não tem. Isso não é nem o futuro, é o presente mesmo. Eles fazem tudo pelo celular. Eles têm que ter acesso à tecnologia. Eu sou favorável a brinquedos de madeira, artesanato, mas não dá para ser tecnofóbico. Ela tem desenvolvido várias habilidades. Logo no início da pandemia, quando tudo passou para o online, comecei a pensar em direcionar para coisas mais positivas. Aí uma amiga fez um curso de cinema para crianças, que era virtual. No final do módulo, eles iam produzir um produto. Inscrevi, ela começou animada, mas a animação foi caindo e acho que ela não gostou porque tinha tarefas, não era tão livre e acabou não funcionando. O lado positivo é que vão desenvolvendo habilidades que são necessárias, que estão aí. Agora é [preciso] fazer bom uso.

Uso pessoal

Meu celular é sempre de doação, eu não ligo muito para tecnologia. Eu uso porque tenho que usar, para trabalhar, para cumprir essa necessidade, essa exigência de estar conectado o tempo inteiro, vira quase que a nossa coleira, é essa minha sensação, que rastreia e condiciona. Rastreia e direciona como a gente conduz nosso dia, mas que é necessário também. Mas é excessivo. Eu me canso. A partir de determinados horários eu não olho mais mensagens, mais e-mails, rede social eu entro pouco.

ENTREVISTA 15 – F.C., pai do H., 8

Primeiro celular

Eu sou separado da mãe dele e ele fica metade da semana aqui e metade com a mãe. Eu particularmente sou inteiramente contra essa questão de celular para criança da idade dele. A gente inicialmente tinha concordado que ele só teria um celular mais velho, com 11, 12 anos. Só que agora, por livre e espontânea vontade ela pegou o dela e deu pra ele, porque ganhou um novo da empresa que ela trabalha. Num primeiro momento, ela disse que era só para WhatsApp, para a gente se falar entre a gente, eu com ele e ela com ele, mas a coisa está tomando uma proporção muito maior e eu efetivamente estou muito contrariado. Acho que foi no início da pandemia, mas não lembro bem.

Tempo de uso

Aqui em casa é muito pouco, eu sou tirano no negócio. Eu deixo usar porque é algo da realidade dele, que a gente não consegue mais fugir. Aqui não fica nem uma hora. Na casa da mãe, eu não estou lá para ver, deve ser mais do que aqui, mas provavelmente muito menos do que eu vejo de outras crianças, de amigos dele. Lá, ela tem um pouco mais e dificuldades. Eu sou advogado e dono da empresa, então ele está comigo há uma semana de férias e eu estou sem fazer absolutamente nada. Ela não, é celetista, trabalha numa empresa de grande porte, fica com dois computadores de 4 da manhã, para se reunir com quem está na Europa, e vai até 10 da noite. Ela mora num quitinete, não é que nem aqui no meu condomínio que tem uma estrutura para entreter a criança.

Tipos de uso

Ele vê muito esses malucos de YouTube, esses caras loucos, né. E ele gosta muito de jogar no Play Station o Fifa, então vê no celular muito tutorial de Fifa e outros jogos. Tem

visto também muito daquele negócio nojento lá, o tal do TikToK e eu já falei para ele que se continuar vou quebrar essa porra e vai acabar celular. É uma coisa de maluco.”

Tempo de uso

Ele não usa mais por conta da pandemia. A gente passou um mês trancado em casa, mas depois disso eu passei a sair com ele. Comecei a descer aqui no condomínio primeiro, depois comecei a ir no Aterro. Ele teve a vidinha dele normal, jogava bola, ia à praia, fiz tudo normal. Com certeza, ele usa menos que os amigos porque eu não fiz essa loucura com ele [de isolamento social]. Eu ia matar esse moleque aqui dentro de casa. Eu acho que tem que tomar cuidado sim [com o coronavírus], inclusive eu vejo aqui no condomínio e vejo gente abusando, mas a gente brinca na rua todo dia. A nossa vida aqui em casa mudou muito pouco. Eu tenho amigo trancado em casa de março até hoje, janeiro, com duas crianças, uma de 5 outra de 9.

Riscos

Não vejo por que dar o celular. Se não é uma casa como aqui, que a gente tem um controle muito grande, que ele é muito educado, ele sabe o limite dele desde pequeno, as regras são claras.... É uma educação das antiga, né, o que eu mando fazer tem que fazer, pronto e acabou. É muito bem definida a coisa. Mas eu acho que ele é pequeno, ele tem que brincar de correr, brincar de War. O vídeo game tem restrição forte também. As crianças têm que brincar entre elas, têm que interagir. O que eu vejo aqui no condomínio são crianças cada vez mais alienadas. Os condomínios estão passando por um processo de mongolização. Eu vejo os moleques de 9 anos que parecem que tem 5. O celular deixa eles cegos, dão de cara na parede, olhando pra tela o tempo todo. Os meninos de 12 não conseguem esticar a mão para apertar tua mão, não sabem falar com outra pessoa real, um troço de louco. Eu fico agoniado só de olhar, não sei como os pais não veem isso. Eu acho que a criança de correr, brincar, conversar, ter essa interação.

Aqui é um bando de alienado e vai do moleque de 3 anos até o de 15. Ontem mesmo eu vi uma cena: o pai de uma menina de 12, uma hora se estressou, tomou o telefone e eu até achei que ele ia jogar na piscina. Eles estavam com visita de fora e a garota igual uma louca, vidrada, só olhava para o celular... o pai falando e ela não respondia.... Uma hora ele se emputeceu, pegou o celular e eu achei que ia quebrar.

Tempo de uso

O meu filho não tem um horário pré-determinado, ele pode pegar e usar, mas se eu achar que está muito, eu mando parar. Eu não fico controlando, até porque não é tanto. Uma coisa que me irrita hoje. Hoje, eles consomem o que eles querem. Antes, tinha um canal específico, uma hora específica para ver os desenhos. Hoje não, ele vê o que ele quer, na hora que ele quer, quantas vezes ele quer, pelo tempo que ele quer. Isso me irrita. E ele vê a mesma coisa 30 vezes, isso não entra na minha cabeça, não adianta. Eu faço um esforço muito grande, mas eu não entendo. Eles botam num cara que fica jogando e eles ficam assistindo. Eu brinco que eles vão ser tudo *voyeur*. Não existe isso, quer jogar, vai jogar, mas não, eles querem ver o cara jogando. Isso é um troço de maluco.

O celular está atrapalhando o processo de crescimento das crianças e eu tenho muito, não é medo, mas eu tenho muita preocupação com as pessoas próximas. Ele tem amigos que

você vê que não conseguem mais socializar, tem alguns pais que vão penar muito com essa situação. Isso tá começando agora, com 7, ou 8, mas tem até menos. Tem um moleque que mora aqui no condomínio, de 3, 4 anos que ia da creche até em casa [aproximadamente 2 km] no carrinho só no celular. O moleque não fala com ninguém até hoje, ele tem uns 5 e no play também, fica no celular. E tem vários aqui assim, não são pouco não. Aquilo ali vai dar dor de cabeça para os pais. Mas não sei como os pais não veem que a criança está virando um mongoloide mirim. Mas também os pais ficam tomando cerveja o fim de semana todo e deixam as crianças todas no celular.

Mediação parental

Acho que ele é responsável no celular, mas não faz uso seguro não. Ele não tem maturidade para ser. Eu tomo da mão dele o celular para ver de surpresa o WhatsApp: me dá aqui que eu quero ver agora, de surpresa. Tem que fazer isso. Ele joga muito. Hoje, o inimigo vem na tua casa. Na minha época, para conhecer a coisa errada eu tinha que ir na rua. Hoje, não. Hoje, o troço mudou de figura. Hoje, é tudo online. Hoje, tem o Fortnite, que não é para ele. Eu jogo muito, sou meio viciado jogo bem para caramba, mas não pode deixar a criança jogar. É um jogo viciante, tem compra online, você não consegue peneirar quem vai entrar. Então, numa sala você pode conhecer uma pessoa ruim. Se a mãe ou o pai está trabalhando e a criança no jogo, você não tem como controlar. O problema é que as pessoas acham que o pedófilo vai sair da câmera do computador, vai entrar no quarto, comer o moleque e voltar para a câmera. Não funciona assim, o cara conversa com ele, mando botar o dedo aqui ou ali, num trabalhinho de formiguinha. Aí, chega na escola e vai fazer com o amiguinho e quando vê, o troço já desandou. Então tem que ter um cuidado extremo, tem que ter um acompanhamento “policial”. Tem que olhar o celular pelo menos uma vez na semana, para ver o que está fazendo, o que está escrevendo no WhatsApp, porque é um segundo... Abaixou a guarda, já viu. É igual droga, pode usar uma vez e não fazer efeito, ou virar o maior viciado.

Oportunidades

Tem várias coisas legais. Um moleque de oito anos pega o celular e pergunta: Google o que é não sei o quê. Isso é bárbaro. Só que o problema é esse, ele pode pesquisar coisa boa e coisa ruim. Vai crescendo, fudeu, cara. Ali é sem limite, é o mundo sem freio, é o problema da história. Essa semana eu vi ele fazer uma coisa que eu fiquei orgulhoso. Ele queria aprender a dar um drible, no Fifa. Achou o tutorial, botou os vídeos, ficou assistindo, depois treinou e a gente foi jogar e ele conseguiu fazer. Todo o processo foi demais: pesquisou, baixou, treinou, teve perseverança e conseguiu. Foi magnífico, ainda mais pra uma criança de 8 anos. Mas é isso, tem que ficar atento, tem que acompanhar. Eu acompanho de perto, sei que sou um pai fora da curva. Levo e busco na escola, vejo caderno, brinco muito junto, sou exceção.

Brincar no celular é legal, no Play Station também, mas é legal jogar botão, bolinha de gude. Tem que mostrar que tem muito mais coisa para fazer. O problema é que aquilo ficou conveniente para os adultos. Tem uma mãe que me disse sobre o filho de 8 anos “ele prefere ficar em casa no celular do que brincar”, aí eu pergunto: é ele ou é a senhora? Na idade dele não tem negócio de preferir, você manda e acabou. O garoto fica em casa o dia inteiro sentado, comendo e jogando no celular. A mãe criou uma forma de blindar ele e que não dá trabalho para ela. Mas isso já está causando problemas para ele. Vai dar

merda. Aquilo pra mudar, vai ser difícil. E te falo mais uns três aqui dentro do condomínio. A criança vai pagar a negligência dos pais.

Uso pessoal

Eu uso o dia inteiro, o dia todo meu celular. Mas para mim é uma ferramenta de trabalho. Meu escritório é no celular, 24 horas. Eu tenho que ganhar dinheiro e ele me proporciona a facilidade de poder estar em casa e estar próximo do meu filho também. Me dá mobilidade. Mas eu não sou escravo dele. Eu me dou o prazer de ter horas para mim, em que o telefone está no mudo. Não respondo, não atendo. Quando eu estou brincando com ele, eu também fico com ele. Posso até dar uma olhada, mas não fico conectado.